

SAGA VERFLUCHT
VOLUME DOIS



Predestinados

Anne Holt Muller



PERIGOSAS

Predestinados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Verflucht, vol. 2

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Predestinados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

2ª edição

ANNE HOLT MULLER

NACIONAIS - ACHERON

Copyright © 2018 por Anne Holt Muller

Título original: *Star-crossed*

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Notas e preparação da capa

Anne Holt Muller

Imagem na capa

The Birds, Aleksandr Zavatskiy

Revisão

Camila Bergamini dos Reis

Distribuição

Amazon, Ltda.

Todos os direitos reservados. A duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quais quer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocopia ou outros), sem a autorização por escrito do autor é proibida e constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.360/98).

NACIONAIS - ACHERON

Dados Internacionais para Catalogação na publicação (CIP):

M958 Muller, Anne Holt, 1999 —

PREDESTINADOS (2ª Edição)/Anne Holt Muller — Rio de Janeiro: Amazon; 2018

320p. — (Verflucht, v. 2); 16x23 cm

Tradução de: Star-crossed. — 2ª edição.

Continuação de: Amaldiçoados

Continua com: Apaixonados

ISBN 978-15-20651-52-1

1. Realismo mágico. II. Fantasia. III. Romance. IV. Ficção. V. Título. VI. Série

CDD: B869

CDU: 821.134.3(81)

Saga VERFLUCHT:

1. [Amaldiçoados](#)
2. [Predestinados](#)
3. [Apaixonados](#)
4. [Despedaçados](#)
5. [Fragmentados](#)
6. [Entrelaçados](#)

Contos da saga Verflucht:

1. [Eternizados](#)
2. [Estilhaçados](#)
3. [Arrebatados](#) (prequel do Spin-of

“Encontre-me)

Spin-of da saga Verflucht:

1. [Encontre-me](#) (em breve à venda)

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Para Eliza Buscher.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Parte 1

Do início

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Prólogo

SALÉM, 24 DE DEZEMBRO DE 2014

Rolei na cama às seis da manhã e levantei.

Peguei uma calça de ioga e camiseta justa, coloquei os tênis e voltei quando notei que meu celular vibrava no criado-mudo.

Você tem lindos olhos, Srta. Hohenfels.

Mordi o lábio, entusiasmada com aquele charme todo, tão cedo. Antes que pudesse responder, escutei o som de um minúsculo cascalho contra o batente da janela atrás de mim. Caminhei até lá e abri-a, vendo Cedrico de pé uns dez metros abaixo da janela. Sorri e saí do quarto, andando rápido pelo corredor vazio até o lado de fora. Cedrico

NACIONAIS - ACHERON

absorveu o impacto do meu corpo e me levantou do chão, abraçando-me com tanta força que eu mal conseguia respirar. Era tão gostoso estar em seus braços enquanto ele afagava meus cabelos que eu podia esquecer as loucuras que se passaram pela minha cabeça pouco antes.

— Como está se sentindo? — ignorei sua pergunta durante alguns segundos. Afastei-me para ver seus olhos, controlando bem minha vontade de mordê-lo. Eu estava ficando boa naquilo de controlar a minha fome.

— Eu estou bem. Vamos fazer alguma coisa? Porque se marcamos algo...

— Não — meu coração se desfez naquele sorriso e relaxei, apertando o celular contra a palma — Não marcamos nada, só queria te lembrar do natal lá em casa. E de que eu não faço ideia do que te dar — ele franziu o cenho suavemente, ainda sorrindo.

— Não se preocupe com isso, eu também não sei o que te dar, mas vamos encontrar algo legal um para o outro — apoiei-me em seu ombro para me alongar — Vou correr agora, depois comprar os presentes. Vemo-nos mais tarde.

Ele me beijou e afastei-me, correndo por entre as
NACIONAIS - ACHERON

árvores numa velocidade humana normal para começar entrar em forma para as aulas de dança na quinta. Precisava de algo para me livrar daquele estresse todo, algo que envolvesse movimento e perda de energia, então dança era perfeito.

Você vem? Comprei uma coisa para você.

Suspirei ao ler aquela mensagem. Tinha acabado de sair do banho e peguei uma bolsa de sangue no frigobar e comecei a tomar, como se fosse suco de caixinha. O teclado surgiu na tela, mas eu não tinha uma resposta para digitar. Eu sabia que estaria lá, mas talvez confirmar fosse estranho. Digitei um sim e joguei o celular na cama, depois a bolsa de sangue no lixo. Coloquei um vestido e passei no quarto de Alex para que fôssemos às compras.

Duas horas depois, estávamos em um café no shopping, descansando depois de tantas compras. Ele parecia mais feliz do que eu estava acostumada a vê-lo, indo para Nova York em duas horas para ver a família.

— Espero que a Rosalie esteja bem — joguei uma sacola de papel com o presente dela no colo de

NACIONAIS - ACHERON

Alex e ele deu uma espiada — Diga a ela que nos vemos em breve.

Ele sorriu e tomamos suco de laranja em silêncio: — Você está bem? — levantei os olhos — Você consegue controlar a fome? — Estávamos juntos há horas, mas só naquele momento surgiu a pergunta. Mordi o lábio, meio indecisa, então assenti. Era difícil colocar as coisas daquele jeito.

Quando eu era bruxa, sentia o contato com a natureza. Sentia o poder de outros bruxos e até dos que não eram, embora fosse diferente. Era impossível explicar como aquele vínculo tinha se quebrado tão facilmente, mas eu não queria mais me alimentar de Alex. Ainda sentia seu coração, mas conseguia me controlar melhor do que na primeira vez. Melhor que nosso primeiro contato no cemitério.

— Eu consigo. Não estaria aqui com você se fosse o contrário — de alguma maneira, minhas palavras o fizeram relaxar na cadeira. Conversamos por mais alguns minutos e me prontifiquei a levá-lo até o aeroporto. Comprei batatinhas para nós dois e saímos do shopping, cheios de sacolas.

— Carro legal — ele apontou para o SUV da NACIONALIS - ACHERON

Mercedes. Ergui os ombros.

— Eu preferia o Range *e* não estar morta — falei num tom de ironia e Alex sorriu, plácido, antes de entrar no carro.

— O que vai fazer nessas semanas? — tentei me concentrar no trânsito, meio que ainda me ajustando a super audição de vampira. Buzinas por todo o lado, gritaria e eu ficando louca. Parei no sinal e respirei fundo, tirei as mãos do volante, sem ter feito nenhum plano.

— Vou desfrutar um pouco do meu namorado agora que não temos mais problemas. Vai ser bom para me adaptar — balancei a cabeça e Alex fitou-me, intenso. Antes que pudesse perguntar por que ele estava me olhando daquele jeito esquisito, o sinal abriu.

Dei um abraço nele, tão forte que quase quebrei algum osso seu, lembrando-me que eu era muito mais forte que ele agora. Deixei-o ir só depois de muita recomendação de que ele faria as coisas certas e voltaria logo. Já estava meio tarde, então fui direto para o apartamento de Jon para me arrumar. Ele e Izabel estavam quase deitados um

NACIONAIS - ACHERON

sobre o outro no sofá, bebendo vinho, sorrindo e vendo um romance todo fofo, mas os dois estavam fazendo comentários sobre como a coisa toda era impossível no mundo real e rindo.

— Vocês estão estragando *toda a coisa* — revirei os olhos e coloquei a chave na bancada da cozinha antes de ir até eles. Izabel me olhou, séria, e deu um gole no vinho.

— Esse filme extrapola todos os limites do aceitável, se você...

— Não, não me diga para eu sentar e assistir com vocês — Jon sorriu e colocou a taça de vinho na mesinha de centro e pausou o filme.

— Vai passar o natal com seu namorado? — assenti. Lembrei porque não deveria. Seria nosso primeiro natal e eu inventei de aceitar o convite de Cedrico.

— Oh, meu Deus... — arregalei os olhos suavemente e me sentei ao lado de Izabel, puxando o cobertor e me enroscando entre eles — Eu deveria ficar com vocês, não deveria? Tenho sido muito... egoísta nas últimas semanas. Monopolizando o tempo e a atenção de vocês e indo passar o natal com Cedrico.

NACIONAIS - ACHERON

Eu estava mais emotiva do que naturalmente ficaria, fora de mim e comecei a chorar. Izabel, ao meu lado, ficou boquiaberta, sem saber o que dizer ou fazer. Por fim, ela passou o braço pelos meus ombros e sequei as lágrimas na manga da camisa.

— Você só está com as emoções exaltadas, meu amor — engoli em seco enquanto ela me acalmava com sua fala suave — Vai para a casa dele e passamos o dia juntos amanhã — ela sorriu e deslizou os dedos pelos meus cabelos. Balancei a cabeça e me levantei, secando as lágrimas de uma vez por todas.

— Eu volto cedo — falei antes de sorrir e sair da sala.

Cheguei na casa dele às 19h23, ligeiramente atrasada. Saí do carro, respirando o sopro de vida da casa, algo que eu jamais havia sentido antes de me transformar. Meu salto afundou um milímetro na terra e parei, escutei aqueles sons aprazíveis. As folhas se movendo sob o vento e, concentrando-me bastante, pude escutar o som de tênis correndo pela floresta cinco quilômetros à frente. Meus lábios se entreabriram e sorri antes de ir até ele, em dois

NACIONAIS - ACHERON

segundos, alcançando-o em pleno movimento.

Empurrei-o contra uma árvore com meu antebraço na altura de seu pescoço, os saltos fazendo com que eu ficasse com altura equivalente a sua; Cedrico ficou sem fôlego, surpreso e até assustado, então sorriu. Tirei meu braço e ele expirou devagar.

— Você quase me mata de susto — sorri e avancei um pouco para beijá-lo. Seus dedos pousaram suavemente em minhas costelas antes de ele se afastar — Você está linda.

— Obrigada. Achei que estaria em casa quando eu chegasse, para eu não ter que me sentir deslocada...

— Tive que respirar um pouco, mas você não entrou em casa — ele começou a andar devagar e acompanhei-o; de saltos e vestido preto e caro no meio da floresta. Ele estava mais que gostoso com roupa de correr, mesmo que estivesse congelando para sair de casa — Todo mundo enlouquece com esse tipo de celebração. Mais que o normal.

— Como sabe que não entrei na sua casa? — ele ergueu a sobrancelha e fitei-o.

— Digamos que a mansão é uma enorme redoma,
NACIONAIS - ACHERON

mas de magia. Você não veio aqui desde que se alimentou pela primeira vez, então...

— Eu sei — falei devagar — Você precisa me convidar para entrar — ele sorriu, concordando.

Tempestades perfeitas^[1]

Balancei os pés debaixo da mesa enquanto Rafael me encarava.

Tentei comer, mas tudo me revirava o estomago. Por fim, tomei vinho e comi o purê, a única coisa que não me fez querer vomitar com meus novos gostos vampiros. Inclusive os Hamilton; a maioria deles, pelo menos. Eu achava incrível como Rafael e Lauren ainda estavam juntos depois de tanta coisa. Talvez fosse consciência pesada pelo fato de eu estar Cedrico tendo-o beijado.

Duas vezes.

Fingi que comia, mas mais bebia e conversava. Quando Renée, Cass e Alice saíram, seguidos por Joseph e Elena, o jantar estava oficialmente acabado. Nenhum de nós quatro tinha assunto

NACIONAIS - ACHERON

algun, então deixamos a bagunça para a empregada arrumar e Cedrico me convenceu a ficar com ele, embora meus planos fossem os mesmos que os dele. Subimos, Cedrico segurava minha mão gelada e cobriu meus olhos na porta do seu quarto, impedindo-me de ver qualquer coisa.

Mas já estava acostumada com metade do meu lado vampira para sentir o ambiente mais quente que o resto da casa, o cheiro suave das velas aromáticas espalhadas pelo ambiente. Relaxei e ele fechou a porta atrás de mim com o pé. Mordi o lábio, deixando-me seduzir pelos sentidos; ignorando a visão. Ainda tinha uma música, tocando bem baixa do lado esquerdo à porta.

Empurrei a parte da frente do salto no calcanhar e tirei os sapatos, largando-os ao lado da porta. Cedrico me soltou, ainda atrás de mim, entretanto, meus olhos permaneceram fechados. Ele segurou minha nuca, inclinando minha cabeça para o lado e mordendo meu pescoço; firme e eroticamente. Em seguida, seus dedos deslizaram pelo meu braço.

Meu corpo reagiu no mesmo segundo. Era como eletricidade pura correndo pelas minhas veias,
NACIONAIS - ACHERON

invadindo meu corpo e se apossando do meu coração. Virei-me e beijei-o, com toda a força que havia em mim, mal conseguindo conter o bastante para não machucá-lo. Seus braços me acolheram, calmamente, mas ele estava tão fora de si quanto eu. Havia tanto dentro de mim que eu sentia explodiria se não deixasse tudo aquilo ir. Minhas mãos impacientes foram se seu pescoço aos seus ombros, jogando seu paletó no chão; rasgando o tecido da sua camisa onde tinham tantos botões que seria absurdo tentar abrir todos.

Dei alguns passos para trás, puxando-o comigo. Beijando-o com tanta paixão, permitindo que ele visse como era enlouquecedor tentar me controlar, controlar a minha fome, com ele por perto. Qualquer beijo acendia uma faísca que tendia se transformar numa chama incandescente; seu toque me arrepiava. A proximidade do seu corpo ao meu me transformava em algo que eu não conhecia e não sabia controlar.

Finalmente abri os olhos, sentindo a dobra dos meus joelhos em sua cama, segurando-o pelas lapelas da sua camisa para puxá-lo para cima de mim, puxando seu corpo ainda mais. O quarto

NACIONAIS - ACHERON

estava iluminado unicamente por velas, espalhadas por todo o enorme cômodo, com uma luz vermelha sensual, os lençóis eram de algodão macio e negros; ele tinha aumentado a música, provavelmente com magia, e estava tocando *Ready for love*, naquela cadência perfeita, envolvendo o ritmo em que nos movíamos um no outro. Ele terminou de se livrar da camisa e da calça, enlancei-o com as pernas em torno dele, que se deitou sobre mim com eu braço sustentando o peso do seu corpo, enquanto o outro estava em minhas costas, buscando o zíper do vestido. Sob meu peso, ele o puxou, olhando em meus olhos enquanto o fazia, mas parou e mordeu o lábio, imaginando o que tinha dado errado enquanto eu lutava comigo mesma. Cedrico rosnou, frustrado e ajoelhou no colchão.

— Acho que acabei de emperrar o zíper do seu vestido — sorri e virei o braço para trás. Belo jeito ele tinha dado.

— Não tem problema — segurei seu rosto e ele voltou ao que estava fazendo. Uma coisa gostosa com a língua que me atenuava os sentidos de uma forma gostosa, que extenuava minha sede por sangue. Ele segurou o vestido em minha coxa e o

NACIONAIS - ACHERON

puxou para cima, enganchando os dedos na minha cintura e gemi, arqueando meu corpo. Meus lábios deslocaram-se até seu pescoço e ombros e meus dedos roçaram levemente sua pele.

De repente, meu corpo superaqueceu e minha respiração se tornou ofegante; o som do seu coração afogando o resto dos meus sentidos. Nada mais importava, só o som de o seu coração bater no peito. Sua jugular pulsando sob meus lábios e minha língua deslizando lentamente por sua pele enquanto meus dedos afundavam em seus cabelos.

— Julie, seu rosto... — ele se afastou e estendeu a palma até meu rosto enquanto minha pele se transformava. Fechei a boca, escondendo as presas, e as veias saltaram abaixo dos meus olhos. Ele me fitou por um longo momento e rolei para o lado, ficando de pé num pulo; ajeitei o vestido e meu rosto voltou ao normal, assim como minhas presas.

Cedrico se levantou e recuei até a quina da parede e ele desligou o som com um movimento na mão. Estendi o braço, tentando manter uma distância entre nós, tentando manter a linha tênue que equilibrava minha, já frágil, sanidade.

— É melhor eu ir embora... fique longe de mim
NACIONAIS - ACHERON

— ele cortou o curto espaço entre nós e ficamos de frente um para o outro, de uma maneira estranha e perigosa.

— Eu não tenho medo de você — ele murmurou e todo o meu corpo tremeu num espasmo e se arrepiou em seguida.

— Por favor, Você está tornando as coisas difíceis, não posso estar perto de você agora...— abaixei o braço, sem ser capaz de conter sua perigosa aproximação. Ele não parecia estar calculando os riscos de eu, por exemplo, rasgar seu pescoço e beber seu sangue.

— Você não vai a lugar algum, vamos resolver isso...

— Eu não consigo! — cuspi tais palavras e ele deu mais um passo até mim.

— Eu sei que você está assustada, que tem tentado controlar tudo sozinha nas últimas semanas, que está tentando ser forte de uma maneira que não consegue. Só me deixe ajudar — não respondi imediatamente e ele me puxou para si, firme e terno, afagando meus cabelos da maneira mais fraternal possível.

Seu corpo seminu estava quente e acolhedor,
NACIONAIS - ACHERON

talvez mais que isso.

— Eu não quero te machucar, nem posso...

— Eu não sou essa presa quente que você pensa. Eu sei me defender — ele se afastou para olhar em meus olhos — Se você precisa se alimentar, faça isso agora.

Limpei as lágrimas que se acumularam no canto dos meus olhos e me virei, Cedrico me fez girar nos calcanhares, de volta para ele.

— Onde você pensa que vai? — a confusão se formou em meu rosto e franzi o cenho. Ele me puxou pela cintura, pressionando meu corpo contra o seu o mais eroticamente possível — Quero que se alimente de mim.

Fitei-o, perplexa demais para dizer qualquer coisa pelos primeiros segundos, então me afastei.

— Me diga que você bebeu demais no jantar ou não é você mesmo me pedindo para fazer isso — mordi o lábio quando sua resposta foi apenas um olhar intenso e cortante — Você enlouqueceu?

— Você começou a se transformar *comigo*, só quero satisfazer sua fome — eu não estava totalmente convencida do por que não deveria fazê-lo, por mais loucura que fosse. Eu queria, mas

NACIONAIS - ACHERON

ainda tinha uma parte racional.

Coisa que Cedrico tinha perdido, aparentemente.

— Eu não vou fazer isso. Acho melhor eu ir embora e voltar quando você voltar a ser você mesmo — alcancei a maçaneta em dois segundos e ele me fez girar, tão próximo que quis esquecer as loucuras que ele tinha acabado de dizer e voltar para onde estávamos.

— Não vá, fique comigo — um junco se formou entre suas sobancelhas e tive que me esforçar mais do que achei que pudesse quando me afastei e saí.

— Não posso — descí os degraus de dois em dois, notando que tinha esquecido os sapatos no quarto de Cedrico. Alisei o vestido amassado e tentei consertar o cabelo, mas estava nervosa demais para conseguir qualquer um dos dois. Parei no meio da sala, vasculhando por onde eu tinha deixado minha bolsa e achei-a na poltrona.

Peguei-a, irritada e trêmula. Com meu coração na mão também, por sair da casa de Cedrico tão puta com ele e tão culpada também. Rafael estava certo da última vez em que nos vimos. A culpa só me corroía por dentro e minha fome me matava profundamente, assim como meu amor. Fui até a

NACIONAIS - ACHERON

porta com meu coração batendo acelerada e minhas veias como lixas ásperas em meu corpo, então Cedrico apareceu na minha frente.

Seminu na minha frente.

Tentei desviar os olhos dele, a fome e a atração misturavam-se a algo mais letal com o que eu poderia lidar. Ele estava exasperado, assim como eu, mas manteve uma curta, e descente, distância entre nós. Respirei fundo, esperando não ter que repetir as mesmas palavras ou ter que continuar aquela briga. Ter que continuar insistindo que as coisas eram de um jeito quando nós dois sabíamos que não era; que eu mal podia manter minhas presas escondidas perto de qualquer sinal de sangue a minha frente.

— Saia da minha frente — as palavras saíram sem controle e senti meus olhos mudarem, ficarem negros.

— Você me fez prometer que não procuraria por nada, que nem tentaria fazer alguma coisa, mas espera que eu cruze os braços... — voltei ao normal com muito esforço.

— Você quer me salvar, mas não quer aceitar o fato de que não pode fazer mais nada.

NACIONAIS - ACHERON

Senti as lágrimas em meus olhos antes de elas caírem, sentindo-me fraca por chorar o tempo inteiro.

— Eu só quero protegê-la... — ele pareceu estar mais magoado do que achei que pudesse fazê-lo; seus olhos brilhavam sob o brilho do abajur, na penumbra.

— E adivinhe o que mais, as pessoas que você acha que está protege... mais as machuca que faz bem, então pare o que estiver fazendo — me arrependi antes de terminar de dizer. Ele se moveu para o lado e meu coração afundou no peito, mas tudo que eu conseguia pensar era em ir embora.

— Eu sinto muito — antes que eu respondesse, ele saiu e deixou meus saltos no chão.

Eu preciso de sangue fresco; direto da veia, foi meu primeiro pensamento. O segundo foi que eu deveria sair dali o mais rápido possível quando Cedrico recuou e se afastou. Mas fiquei parada ali por dois longos minutos antes de calçar os sapatos e sair para a noite fria. Esqueci-me de pegar meu casaco, em pleno inverno, mas disse a mim mesma que estaria melhor sem ele. Entrei no carro, quase

NACIONAIS - ACHERON

sem fôlego e esperei alguns segundos antes de pegar a chave.

— Preciso falar com você — escutei o som de sua voz e Rafael abriu a porta do meu carro, sentando no banco ao lado do meu.

— Saia do meu carro, não tenho nada para falar com você.

— Bem, eu tenho. E você vai me escutar, querendo ou não — seus olhos faiscaram e soltei o ar em meus pulmões. Certamente, eu estava perigosamente tentada a recorrer a força e passar com meu carro por cima dele, mas ele parecia estar falando a sério demais para eu ser idiota o bastante para ignorar.

— Primeiro, você está começando a ficar pálida — ele me estendeu uma bolsa de sangue. Quando não peguei, ele a colocou em meu colo.

— Eu estou bem — mas eu não estava. Rafael franziu o cenho e peguei a bolsa, deixando de hesitar quando nós dois sabíamos que eu estava faminta. Ele enfiou a mão no bolso enquanto eu esvaziava seu conteúdo com uma sede voraz e assassina.

— Você não quer matar ninguém — terminei e
NACIONAIS - ACHERON

levantei os olhos para ele, com meus olhos meio arregalados por ele ter conseguido adivinhar o óbvio.

— Conseguiu descobrir isso sozinha? — meu tom foi frio, o oposto de como eu queria soar, mas estava cansada de joguinhos e perdas de tempo inúteis.

— Venha comigo e eu te ensino o que você tem que saber para se controlar. Você sabe que, mais cedo ou mais tarde, vai ter que se alimentar de algo mais que isso — ele gesticulou para o plástico vazio em minha mão. Ergui o queixo, avaliando-o com cautela.

— O que está sugerindo?

— Nós vamos a uma *have*. Você se alimenta, cura e apaga — franzi os lábios, desconfiada e me virei, girando a chave.

— Você não sabe nada sobre ter que se alimentar, então não finja. Agora saia do meu carro — ele não saiu e expirei, exasperada. Dei a ré, virei o carro e saí pela estrada de terra em alta velocidade até chegarmos a pista — Onde quer que eu te deixe?

— Uns três quilômetros a leste, depois do centro da cidade — ele colocou o cinto enquanto eu

NACIONAIS - ACHERON

acelerava bruscamente na estrada vazia, soltando o ar em seus pulmões. Fiz o que ele disse, dando umas voltas descabidas pelo centro da cidade, depois mais uma volta, como se estivéssemos num maldito labirinto.

Os pneus cantaram contra o asfalto quando parei no meio da rua. Reduzindo, bruscamente, de oitenta ao ponto morto.

— Me diz logo para onde devo ir ou eu te deixo aqui, no meio dessa rua — gritei e ele sorriu.

— Só dirija mais alguns metros — seu sorriso foi provocador e sexy. Fechei os olhos e segui em linha reta. Repentinamente, um som começou a vibrar no chão, perto dos limites da cidade, no que parecia ser um armazém abandonado. Coloquei o cabelo atrás da orelha e enfiei o carro numa vaga. Encarei-o.

— O que está esperando?

— Você vir comigo. Vamos lá, vai ser divertido.

Virei a cabeça para o lado de fora, observando o ambiente. Nada de seguranças, apenas um enorme galpão enorme com música alta o suficiente para se escutar do outro lado da cidade.

Respirei devagar e observei minha aparência no
NACIONAIS - ACHERON

retrovisor e soltei o ar.

— Vamos lá — saímos do carro e respirei fundo antes de entrar.

O lugar era uma loucura, cheia de luzes piscando a nossa volta e foi impossível não mover meu corpo em direção aquela música cheia de vida. A cadência era diferente do que eu sentia quando era humana, assim como o ritmo e a pulsação que percorria meu corpo de maneira elétrica.

— Vamos lá — chamei Rafael, que estava atrás de mim e nos aproximamos do bar. Inclinei meu corpo na bancada de madeira antiga e pedi duas tequilas. Rafael deslizou uma nota de vinte e peguei as bebidas, entregando a dele antes de virar a minha.

— Você está faminta — Rafael falou mais alto que a música e finalmente assenti. Ele já sabia disso há muito tempo, mas queria que eu confirmasse. Ficamos de costas para o bar, encarando a multidão de corpos naquela dança frenética e até um pouco sem sentido, mas não se você estava bêbado ou chapado — Escolha alguém, se alimente, depois o cure e apague. Todo mundo

NACIONAIS - ACHERON

aqui está drogado demais para reparar suas presas no pescoço de alguém.

Então eu hesitei. Minha mão tremulou e limpei as palmas no vestido, com o cenho franzido. Rafael estava me observando com cuidado; as luzes quase nos cegavam e o barulho atrapalhava meus pensamentos. Eu não estava certa sobre me alimentar de alguém. Não estava certa se eu teria algum controle quando o fizesse, e se eu machucasse alguém...

— Como foi quando me alimentei de você? — estava certa de que estávamos perto demais um do outro, mas se outra maneira ele não teria me escutado. Eu tinha dado meu sangue a Rafael depois do impacto de ter acordado no meu quarto, com aquele anel e as lembranças.

— Doeu. Mas não foi o tipo de dor que sinto normalmente — ele estava olhando em meus olhos, nossos lábios próximos demais... — Eu queria que você o fizesse e saber que meu sangue te manteria viva, de certa maneira, me fez ignorar essa dor. Era intensa e me senti fraco, morrendo... então você parou e senti vida em mim novamente — ele se aproximou ainda mais, o som da música eletrônica

NACIONAIS - ACHERON

ensurdecadora me deixando maluca, assim como seu toque quando ele estendeu o a mão, pousando-a em meu braço.

— Eu não quero machucar ninguém.

— Tudo que você precisa é saber quando parar. Sentir a cadência do coração da sua vítima — ele pousou a mão exatamente onde meu coração batia acelerado e, naquele momento, olhando em seus olhos, senti como se não tivesse mais ninguém a nossa volta; o som também parecia ter diminuído até quase cessar e sua voz era a única coisa que eu podia escutar— Sua respiração se torna mais fraca, seu corpo vai perdendo a vida. Então, você deixa seu lado humano assumir o controle, ignora o predador dentro de você e se lembra de que há mais centenas de corpo a sua volta. Esperando para serem experimentados.*E você para.*

A música voltou com tudo, o som das conversas e todo o tipo de ruídos das pessoas a nossa volta, mais alto do que nunca e Rafael se afastou. Duvidei que tivesse aquele controle todo, mas era como se ele me inspirasse a tentar porque eu precisava daquilo. Respirei devagar e meus olhos ficaram negros ao invés de verdes, sem que eu realmente

NACIONAIS - ACHERON

começasse a me transformar; caminhei ao ritmo da música, permitindo seu envolvimento sobre mim. Fechei os olhos, sentindo a eletricidade pulsar pelo meu corpo, guiando-me até o meio da multidão e quando os abri já sabia quem seria minha primeira vítima. Sabia que Rafael estava bem atrás de mim, dançando de maneira sensual e magnética, atraindo a atenção das mulheres em torno dele.

Estava muito cheio, lotado e caminhei até o cara que eu tinha escolhido, sentindo Rafael me acompanhava com o olhar, mesmo de costas, e comecei a dançar mais sensualmente perto dele, jogando meu cabelo para o lado. Nenhum cara resistia aquilo. E ele veio até mim. Charmoso, chapado e bêbado; uma conveniente combinação. A música mudou e ele chegou ainda mais perto, meio que empurrado pela multidão, mas ele queria também. Meus olhos voltaram ao verde e mordi o lábio sentindo o calor da sua pele mesmo que ele usasse uma camisa preta de mangas sob seu corpo irresistível. Dançamos no mesmo ritmo por cerca de 30 segundos e ele se aproximou ainda mais. Aquela presença me inebriava, a promessa do sangue. Sua jugular pulsando irresistivelmente

NACIONAIS - ACHERON

acelerada pelo álcool e a excitação. Envolvi sua nuca com uma das mãos, da mesma altura que ele por conta dos saltos e olhei em seus olhos castanhos e escuros.

— Isso não vai doer nem um pouco, portanto não grite — lambi os lábios e senti minhas presas se alongarem um segundo antes de afundá-las em seu pescoço macio. Diferente da primeira e única vez que me alimentei de sangue direto da veia, de Rafael, senti a sensação do que era realmente fazê-lo.

Primeiro, o álcool, depois a cocaína que fazia seu sangue ter um gosto diferente. Mas não senti aquela eletricidade percorrer meu corpo, me intoxicando. Era apenas sangue, como os outros. Desliguei-me do resto, tentando aproveitar, mas estava sendo o contrário do que pensei; não foi a mesma coisa de quando provei o sangue de Rafael e me dei conta de que jamais seria. Segurei sua nuca com mais força, sugando mais dele, sem me importar com nada. Deixei o lado predador assumir, inconsequentemente bebendo mais do que devia e seus batimentos começaram a diminuir. Larguei-o, abruptamente e ele cambaleou vários passos, NACIONAIS - ACHERON

esbarrando em Rafael atrás dele. Andei, predatoriamente até ele, farta daquilo tudo.

— Esqueça o que aconteceu — falei sem emoções e ele assentiu, desaparecendo em meio a multidão.

— Você não o curou — a voz de Rafael fez com que eu me virasse e percebi, só naquele momento, que estava com raiva.

Raiva por um cara qualquer não conseguir fazer com que eu me sentisse como quando ele era a presa. Inspirei longamente, sem olhá-lo nos olhos, e limpei o sangue que escorria pela lateral da minha boca com o polegar e o lambi.

— *Eu não o matei* — meu olhar encontrou o seu e Rafael permaneceu inabalado e neutro. Falei como se fosse algo que ele devesse agradecer e lhei as costas.

Por favor, não me diga se te machuquei^[2]

Ele foi atrás de mim até o bar depois de tanto tempo dançando. Só precisava de uma bebida para atenuar o efeito dele sob meu corpo. Ou deixá-lo me extenuar de vez.

— Vamos embora — eu disse primeiro, mas sabia que era o que ele diria. Ele concordou e caminhamos em direção a saída. A energia do lugar ainda pulsava pelo meu corpo, assim como o sangue de três caras dos quais eu havia alimentado-me

Peguei minhas chaves com Rafael, visto que ele tinha bebido tanto quanto eu e que a tolerância humana era mais barata que a minha. As coisas
NACIONAIS - ACHERON

pareciam mais vivas a minha volta; tinham mais cor como se tudo estivesse coberto por um filtro do Instagram. Sentia-me viva em vários sentidos, pela primeira vez desde que tinha completado a transição e Rafael era, de certa maneira, responsável por conseguir fazer com que eu me sentisse daquele jeito. Inebriante e, de várias formas, indescritível.

Ir para casa estava completamente fora de cogitação para mim, assim como deixar Rafael em casa ou deixá-lo ir sozinho. Fomos para o colégio e ele estava rindo sozinho antes mesmo de entrarmos no meu carro. Quando saímos, ele abriu a porta sorrindo, completamente bêbado.

— Para de fazer barulho — murmurei e deixei o carro parado na lateral do colégio. Ele riu ainda mais alto e vi-me obrigada a sorrir de nada em particular. Só pelo fato de chegarmos bêbados no colégio às 2h23 da manhã, em pleno natal.

Peguei a bolsa e bati a porta com cuidado. Não tinha quase ninguém por conta do feriado, mas não era bom arriscamo-nos demais. Ele ficou fazendo barulho enquanto íamos até a porta e comecei a rir

NACIONAIS - ACHERON

também.

— Você acha que consegue não matar ninguém?
— se a circunstancia fosse outra, eu responderia seriamente, mas tudo era engraçado depois de dezesseis dozes de tequila.

— Quer apostar? — falei mais baixo que ele enquanto subíamos as escadas estreitas até nossos respectivos quartos.

— Um mês. Cinquenta dólares — voltei a rir, tentando conter o riso ainda mais quando não tinha graça nenhuma. Rafael apoiou-se na lateral da parede e olhou para a bifurcação a nossa frente que levava a nossos quartos; o corredor quase que totalmente escuro me fazia sentir meio tonta em alguns sentidos.

Eu deveria ir para a esquerda e ele para a direita, segundo as normas de separação por sexos. Ele jogou a cabeça para trás e parei a sua frente. Ele tinha aquele sorriso silencioso de tirar o fôlego e arrepiar todos os pelos do meu corpo que eu amaldiçoava veementemente, mas naquele segundo só queria me aproximar mais e mais. Amaldiçoava também a vontade de agarrá-lo ali, aproveitando-me de seu estado de embriaguez.

NACIONAIS - ACHERON

— O que foi? — murmurei, olhando para todos os lados, até meu olhar encontrar o seu. Quando o fiz, sua mão agarrou meu pulso com força e me puxou até ele, sem se afastar da parede. Ele segurou meu braço estendido, a única coisa que nos separava, segurando a respiração enquanto o mundo girava, no escuro a minha volta, a toda velocidade.

— Eu não faço a menor ideia de como chegamos aqui — tentei encontrar o significado de suas palavras em seu olhar, mas estava distante pela bebida.

Meu corpo estava mole e quis me aproximar, mas sorri, sem quebrar o contato.

— Eu te trouxe. É melhor irmos para nossos quartos — ele assentiu e me soltou.

Senti falta de seu toque; daquele contato tão abrupto de alguns segundos atrás. Meus braços caíram ao lado do corpo e captei seu movimento quando ele deslizou pela parede, segurando-a como a um bote salva-vidas em alto mar, inutilmente. Ele se virou outra vez e deslizou facilmente até o chão. Sentado, com o rosto enfiado entre os joelhos, ele me olhou mais sério, com aquele ar de cãozinho

NACIONAIS - ACHERON

abandonado.

— Rafael... — suspirei, fitando-o com os lábios levemente franzidos — Levanta daí.

— Não posso! — ele murmurou e abaixou os olhos. Equilibrei minha bolsa no ombro e estendi a mão para ajudá-lo. Ele a segurou e puxei-o para cima sem esforço algum. Até que ser vampira tinha suas vantagens às vezes.

— Vou te levar até seu quarto — meu esforço não era nem um pouco físico. Seus braços em torno do meu pescoço só me fez sentia mais vontade ainda de agarrá-lo e dei tudo de mim para não sucumbir aos desejos da minha carne fraca.

Ele se afastou na porta do quarto e enfiou a mão no bolso. Depois no outro e revirou os olhos, estendendo a mão até a maçaneta e murmurando algo em latim. Tinha me esquecido de todos os truques e das vantagens de ser bruxo também.

Passei o braço em torno dele para ter certeza que ele não iria cair no caminho entre a porta e sua cama. Fechei a porta com o pé e não acendi a luz para não denunciar a ninguém nossa presença ali, principalmente pelo fato de eu estar lá com ele.

NACIONAIS - ACHERON

Larguei a bolsa no chão ao lado da porta. Ele precisava de um banho frio, mas primeiro que não seria eu a dar e segundo que tudo que ele conseguiria fazer naquele momento seria dormir. Ele caiu na cama e, ao invés de me soltar, me puxou e caí em cima dele. Literal e constrangedoramente *em cima*. Minha perna direita entre as suas, nossos corpos se tocando em todos os lugares possíveis, meu braço direito era a única coisa que me mantinha acima dele, impedindo que eu cedesse à tentação que era beijá-lo, e o esquerdo estava dobrado; meu cotovelo apoiado em suas costelas. Ele sorriu com o canto dos lábios, não da mesma maneira bêbada; completamente lascivo e libidinoso. Pecaminoso, imoral... uma lista enorme de adjetivos para aquele olhar que ele me lançou. Ele ergueu a cabeça e prendi o fôlego, incapaz de me afastar ou pensar. Ou falar, ou fazer qualquer coisa que não fosse esperar que ele fizesse ou dissesse algo.

— Você tem aspirinas? Deixei as minhas em casa — meu cérebro parou por dois segundos; meu sistema cognitivo entrou em pane e fechei os olhos rapidamente, como se me ajudasse a pensar, mas

NACIONAIS - ACHERON

fiquei em silêncio por um longo momento.

— Tenho — consegui responder.

Apoiei o braço esquerdo no colchão e virei, mas não senti como se meus membros funcionassem, então fiquei sentada na borda da cama antes de conseguir levantar de fato. Minha cabeça girando e acho que, só naquele momento, senti o álcool em minhas veias. Meus olhos arderam e meu corpo não respondia aos meus comandos.

— Está se sentindo bem? — seus dedos roçaram meu braço gentilmente e respirei devagar, sem forças para continuar naquela luta interna. Levantei-me e caminhei até minha bolsa, sentindo-o acompanhar meus movimentos com o olhar.

— Eu não deveria estar aqui — inclinei meu corpo e estendi a mão para pegar a bolsa, jogando-a no ombro antes de me virar para ele — Você vai ficar bem?— Rafael assentiu.

Ai, merda.

Rolei para fora da cama quando vi as horas, mesmo a contragosto. Já eram 9h03 e eu disse a Jon que estaria em casa para o café da manhã e para abirmos os presentes de natal. Escovei os dentes e

NACIONAIS - ACHERON

penteei o cabelo ao mesmo tempo, depois me enfiei num jeans e camisa de mangas, sem tempo para um banho até eu estar em casa.

Enfiei o celular no bolso detrás do jeans e consegui achar a chave do carro caída num canto ao lado da porta, junto à minha bolsa. Antes de sair, lembrei-me de deixar as aspirinas com Rafael. Era muito provável que ele ainda estivesse. Fechei a porta e fui até o quarto dele. A porta ainda estava aberta, logo concluí que ele estava dormindo, então empurrei a porta para deixar as aspirinas lá e sair em seguida.

Obviamente, ele tinha acordado em algum momento durante a madrugada. Ele estava deitado de bruços na cama, só de cueca e com o cabelo úmido. A toa-lha estava jogada casualmente sobre a cabeceira da cama. Ele deveria estar meio bêbado quando se levantou para tomar banho, porque tinha feito uma enorme bagunça. Um monte de coisa jogada no chão e um vidro de perfume quebrado que espalhava o cheiro dele por todo o quarto. Coloquei a aspirina no criado-mudo atrás da cabeceira da cama, anotei um bilhete rapidamente e não consegui resistir a chance de dar uma boa

NACIONAIS - ACHERON

olhada nele. Ele podia ser mais agradável dormindo às vezes, e mais gostoso também. Todos os seus músculos eram firmes, bem definidos e voluptuosos; como sua bunda sob a cueca boxe preta, por exemplo.

Tinha uma tatuagem feita a pouquíssimo tempo. Não consegui definir o que era, inicialmente, depois dei a volta e parei ao lado da cama para observá-lo. Uma ave. Sua cauda meio esfumaçada em suas omoplatas e seu corpo ia subindo, melhor definido até chegar ao ombro; um corvo. Um bem assustador. Era, propositalmente, esfumaçada e de contornos mal definidos, quase um borrão, mas profunda e perturbadora.

Minha cabeça estava inclinada para o lado direito, fitando-o libidinosamente, então ele se moveu, gemendo suavemente e se virou milimetricamente. Antes que ele o fizesse, porém, eu já não estava lá.

Agradei aos deuses por ser vampira, mas só por dois segundos, para poder dar o fora do quarto de Rafael antes que ele me visse, porque quase esbarrei em Cedrico antes de conseguir chegar até meu carro. Ele tinha acabado de descer da Harley e

NACIONAIS - ACHERON

tirou o capacete.

— O que está fazendo aqui? — tentei parecer tranquila e sorrir e pareceu funcionar quando ele sorriu de volta, tirando meu fôlego.

— Vim pegar umas coisas que deixei aqui. Achei que estaria em casa — ele se aproximou ao mesmo tempo em que eu.

— Estou indo para lá — abaixei os olhos, sutilmente, sem conseguir olhar em seus olhos — Queria pedir desculpas pelo modo como falei com você — seu olhar era cortante e intenso sobre mim — eu não quis dizer aquelas coisas.

— Você está bem? — ele tocou meu ombro e ergui o queixo, surpresa com a pergunta.

— Estou — balancei a cabeça, sutil.

— Então esquece a noite passada.

Ele sorriu e seus dedos foram do ombro à minha nuca, lentamente, enquanto eu me aproximava e o beijava. Imediatamente meu coração começou a acelerar e fiquei na ponta dos pés para agarrá-lo, puxando-o para mim com força. Meu corpo implorava por mais dele e ele me deu, intensamente, segurando-me contra ele. Afastei minha boca da dele por um segundo e percebi que

NACIONAIS - ACHERON

ele estava sem fôlego.

— Eu preciso ir. Continuamos depois? - ele assentiu, beijando-me um adeus.

Assim que entrei em casa, meu celular notificou uma nova mensagem. Fechei a porta antes de pegá-lo.

Onde estive com ontem à noite?

Meu coração ficou gelado quase que literalmente. Jon e Izabel estavam na cozinha preparando o café da manhã e me sentei num banquinho. Eu não podia dizer que tinha enchido a cara com Rafael na noite passada, podia? Na verdade, o que eu *não* podia era ficar mentindo para Cedrico, mas aquele realmente não um bom momento, ainda mais quando eu não sabia por que ele estava perguntando aquilo. Esperei por algo, com o celular na mão, até que Jon tirou-me daquele transe arrancando, desinteressadamente, o celular da minha mão. Sua sobrancelha levemente arqueada.

— Vamos deixar isso de lado por hoje — sorri, tentando relaxar. Era meu primeiro natal com os NACIONAIS - ACHERON

dois e não seria eu a estragar as coisas.

— Quando, exatamente, vocês voltaram? — Izabel se virou repentinamente, com os olhos arregalados — Tem uma escova a mais no armário do banheiro de meu pai e seu cheiro está nos lençóis dele.

— Como sabe disso? — voltei-me para Jon com um sorrisinho presunçoso.

— Super sentidos vampirescos — Izabel revirou os olhos e deu a volta na bancada com uma caneca de café e pegou outra, colocando café para mim.

— Primeiro, não voltamos porque nunca estivemos juntos — minha mãe pontuou, mas eu estava feliz por eles. Que estivessem se dando tão bem e ela parecia mais feliz, assim como meu pai. Mais do que eu já tinha visto em toda a minha vida.

— Anotado — franzi o cenho e tomei o café, olhando para Jon do outro lado da bancada; encarando-me sem disfarçar. Mordi o lábio e peguei uma baguete deliciosa que praticamente se desfazia na boca.

— Quanto *exatamente* você bebeu ontem à noite? — seu cenho estava franzido numa expressão que me dizia que uma bronca viria logo a seguir. Ele
NACIONAIS - ACHERON

queria me controlar depois de estar crescida e aquilo era simplesmente ridículo.

Ergui o queixo.

— Não sei. Muito?

Ele girou nos calcanhares, irritado. Minha mãe ficou em silêncio e apenas esperei.

— Juliette, eu entendo que seja tudo eufórico agora; seus sentidos são mais intensos, assim como seus sentimentos, mas faça um esforço antes que me enlouqueça. Vampiros vivem nas sombras, não só literalmente. Eles tomaram *séculos* de precaução para que ninguém soubesse da existência deles. Onde há *vampiros*, sempre há *caçadores* — ele se inclinou sobre a bancada, exasperado, murmurando lentamente, como se fosse uma assombrosa profecia.

— Eu tomei cuidado — falei lentamente com a intenção de acalmá-lo e senti o calor que emanava de sua pele em chamas.

— Espero mesmo que tenha tomado — ele se virou e saiu.

Depois de nos acalmarmos e relaxarmos, decidirmos ver um filme natalino completamente
NACIONAIS - ACHERON

ridículo, mas que mesmo assim me deixou feliz por estar com minha família. Estranhamente, senti falta de Friedrich. Era difícil vê-lo com a imagem que todo mundo tinha pintado para mim; o próprio diabo na terra. Para mim ele sempre tinha sido bom; toda a minha família, um lar que eu jamais teria renunciado. Mas é claro que tinha muita coisa que eu não sabia sobre minha própria família.

E se fosse como meu pai tinha dito, ele era o caos; um cataclismo esperando para acontecer, e por isso, era melhor que permanecesse no mundo prisão.

— Vou pegar mais pipoca — falei e levantei com a tigela na mão. Peguei o celular na bancada e chequei as mensagens enquanto a pipoca ficava pronta no micro-ondas.

Está acontecendo alguma coisa muito estranha com a energia em torno da mansão e acho que talvez seja uma ondulação de energia do lado em que Friedrich está. Sei que é feriado, mas o celular de Jon está desligado e preciso muito dele aqui.

Aquilo sim era algo preocupante. Meus olhos
NACIONAIS - ACHERON

ficaram fixos na mensagem de Alice por longos segundos, até o micro-ondas anunciou que a pipoca estava pronta e voltei para a sala.

— Tem algo errado acontecendo — falei e Jon se virou, assim como Izabel — Alice me mandou uma mensagem — olhei para meu pai por longos segundos, nervosa demais para conseguir continuar, e quando o fiz, minha voz soou como um sussurro quase inaudível: — Ela precisa de você.

—Alice, o que está acontecendo? — ela abriu a porta um pouco mais.

— A energia está ondulando, não faço a menor ideia de como, mas alguém a está roubando, assim como a minha — seu cenho estava franzido e dizer que ela estava nervosa seria eufemismo.

A mansão estava vazia, ao menos a sala de estar e a cozinha não tinha o mesmo som de conversas e não pude ver ninguém. A lareira estava acesa e Jon se sentou no sofá ao lado de Alice enquanto eu permanecia de pé. Caminhei até a mesinha de centro e abaixei para ver o grimório aberto, com o cenho franzido. Por mais que eu tivesse sido uma bruxa para lá de inexperiente, reconheci aquele

NACIONAIS - ACHERON

feitiço assim que o vi.

Os desenhos, as formas, o modo como as palavras se alinhavam nas páginas pareciam gritar em reconhecimento. Tinha sido copiado do original porque a tinta era fresca, assim como o papel; ambos tinham um cheiro recente. Toquei a página com cuidado, observando como o desenho, feito a lápis, de um círculo com quatro raios em direções nada ligadas uma a outra. Na outra, além de desenhos e dialetos havia inscrições numa língua que concluí ser búlgaro.

— Cuidado com isso — ergui os olhos para ver que ele estava falando comigo — grimórios podem ser amaldiçoados; a maioria é.

Não me afastei do livro, duvidando que suas páginas realmente pudessem conter alguma maldição.

— Precisamos conversar — ergui o queixo e Cedrico parou, apoiando o cotovelo no fim do corrimão. Sua sobrancelha estava levemente arqueada quando me levantei e fui até ele.

— Precisamos? — senti o olhar de Jon e Alice em mim mesmo de costas — Porque até agora você estava de acordo em continuar mentindo sobre o
NACIONAIS - ACHERON

que anda fazendo.

— Achei que confiasse em mim — meu pulso acelerou enquanto eu me aproximava, sutil e hesitantemente.

— Achei que *você* confiasse em mim ao invés de confiar no meu irmão e sair com ele. Para se alimentar.

— Foi algo que eu precisei fazer, você viu o que aconteceu ontem a noite, e...

— E o quê? — seu tom foi incisivo.

— Se eu ficasse... — respirei fundo e recomecei — Eu ia te contar quando nos encontrássemos mais tarde — eu deveria ter dito mais cedo. Ele estava certo, em parte, mas estava agindo como se eu fosse culpada por algo grave ter acontecido e aquilo me matava por dentro. Aquele tom acusador e o frio que seu tom duro me causava na espinha.

— Mas você não contou — ele desceu o último degrau e se aproximou; uma proximidade mais que assustadora — Sabe como eu descobri? Quando entrei no quarto do meu irmão. Ele estava apagado e tinha um bilhete seu ao lado da cama — eu estava prestes a chorar, embora não fosse o que eu queria fazer.

— Eu sei, você merecia mais de mim, mas Rafael só estava tentando me ajudar com isso e...

— Não foi *só* isso. Você está me afastando — ele diminuiu o tom de voz, fitando-me intensamente a ponto de doer quando vi a dor em seu olhar. Como se ele estivesse tão machucado que fosse um sacrifício fazê-lo — E, pior, você nem tem noção disso. Talvez porque você não me queira por perto. E eu entendo que isso tenha mudado você, depois de tudo.

— Não mudou o que eu sinto por você — mordeu o lábio tentando, inutilmente, conter as lágrimas.

— *Mudou você!* Não só o que sente por mim, mas o que sente por ele — ele cuspiu as últimas palavras como se fosse uma ofensa. Antes que eu pudesse esbravejar, Cedrico se virou e subiu as escadas, deixando-me. Em dois segundos, lembrei que Jon e Alice estavam atrás de mim, mas não era assim. Não importava. Subi as escadas atrás dele.

— Juliette... — escutei o som débil da voz de Jon, mas não me virei. Ignorei-o.

Ceguei a porta do quarto de Cedrico; ele tinha acabado de entrar e estava aberta.

— Que direito você acha que tem de dizer essas
NACIONAIS - ACHERON

coisas e me dar às costas? — falei mais alto do que seria educado. Ele não disse nada, apenas parou e me olhou de volta — Eu escolhi você, tipo, umas mil de vezes e você é simplesmente incapaz de fazer o mesmo por mim uma vez. E eu sou vampira agora por contas dessas escolhas. Talvez ridículas e exacerbadas, mas não me arrependo por um segundo, então não me diga que isso me mudou. Isso mudou você.

— Você disse que não fazia diferença — ele apontou, aproximando-se, gesticulando sutilmente.

— Mas fez! E não estou te culpando, nem pedindo que seja condescendente, só que pare de achar e agir como se eu fosse um brinquedo quebrado que precisa ser consertado — seus olhos se arregalaram por um segundo.

Senti que estávamos perto demais, senti que iria implodir se não saísse dali ou se não resolvesse aquilo. Era tudo intenso demais e eu precisava dele mais do qualquer coisa; precisava que ele me entendesse, que entendesse o que eu sentia e o porquê das minhas atitudes. Precisava que estivéssemos bem para que eu estivesse bem também.

— Deveríamos dar um tempo — ele falou em tom firme, não deixando transparecer nada em sua voz — Você precisa de tempo para descobrir o que sente agora e eu preciso pensar. Acho que ficaremos melhor separados, ao menos por enquanto.

Mordi o lábio até sentir o gosto de sangue e fechei os olhos com força por dois segundos, permitindo que uma lágrima solitária rolasse pelo meu rosto. Então respirei fundo, tentando ser mais forte do que eu conseguia ser.

Segurando firme e deixando ir^[3]

Acordei cedo na quinta para a aula de dança contemporânea.

Forcei-me a continuar vivendo, embora eu sentisse como se estivesse sem um órgão vital; o coração por exemplo. Tomei banho, coloquei uma saia preta rodada e blusa justa sem mangas, dizendo a mim mesma que eu estava bem sem Cedrico. Prendi o cabelo num rabo de cavalo alto com um elástico e saí.

O salão era enorme e vazio. Cheio de espelhos e de piso era de madeira; bem iluminado. Fora isso, não tinha nada de singular ou notável. A professora

NACIONAIS - ACHERON

loira com pinta de ex bailarina era extremamente gentil e tinha veias saltadas que me deixavam com fome. Principalmente a do pescoço e a da testa quando ela sorria.

— Sou Julianne Walsh. Você deve ser a Srta. Hohenfels — ela sorriu e engoli em seco.

— Pode me chamar de Juliette, é um prazer — estendi a mão e ela me abraçou ao invés de um aperto de mão. Prendi o fôlego. O cheiro do sangue dela era delicioso e meus olhos ficaram negros. Afastei-me educadamente, torcendo para que ela não tivesse notado meus olhos quando me virei para colocar a bolsa no chão.

Ela não viu, disse a mim mesma quando me voltei para ela, que sorria.

— Quando começamos? — ela olhou no relógio.

— Escolhi um rapaz para ser seu par. Ele está dois minutos atrasado, mas...

— Eu estou aqui — virei e vi um cara parado atrás de mim. Cabelo castanho curto, olhos amendoados e claros, corpo de tirar o fôlego... e estiloso. Fiquei com a boca aberta, pronta para dizer alguma coisa tão gentil que perdoaria minha falta de educação inicial.

NACIONAIS - ACHERON

Mas então senti o cheiro dele. Não de um perfume, mas de sua pele. Cheirava a algo selvagem e refrescante; como a liberdade, nuvens ou o oceano. Comparações idiotas, mas foi exatamente o que senti naquele momento. Quase uma promessa ou um convite do quanto seu sangue devia ser. De que ele devia ser experimentado.

— Juliette — estendi a mão, cordialmente tentando ignorar todos os meus sentidos e não começar a me transformar na frente dele.

— Jackson. Pode me chamar de Jack se dançaremos juntos até o verão — sorri. Ele não era o tipo de cara do qual eu teria me alimentado, mas sentir seu cheiro e proximidade era insuportável.

Eu sentia o som e sentia seus movimentos; seu corpo me guiava e seus braços mantinham meu corpo longe do chão. Jackson segurou-me e jogou-me para trás, girando e me puxando. Cada movimento seu era incrível e fazia meu corpo pulsar, minha respiração ficava fora de compasso e eu conseguia sentir cada veia do meu corpo. Embora eu quisesse mordê-lo e finalmente descobri o gosto que ele tinha, fiquei extasiada com o toque,

NACIONAIS - ACHERON

esquecendo todo o resto.

— Vocês são ótimos — Julianne sorriu e senti uma fina camada de suor se formar em minha pele. Sorri de volta e fingi o máximo que pude que estava cansada depois de uma 1h. Só para não parecer esquisito e para que ela não desconfiar.

— Ela não é tão mal quanto achei que seria — sorri de volta para Jack quando percebi que ele estava brincando — Achei que tivesse dito que nunca tinha dançado na vida.

— E nunca dancei — tomei um longo gole de água.

— Você tem muito controle sobre seu corpo.

— Obrigada, eu acho.

— Está bom por hoje — Julianne desligou a música que tocava, *Salvation*, e nos dispensou antes de sair.

— Ei, quer tomar alguma coisa mais tarde? — arqueei a sobrancelha e peguei minha bolsa — É meio que uma boate.

— Preciso checar meus compromissos — eu queria ir, na verdade. Pensei por dois segundos e ele franziu o cenho. *Atraente*, pensei — Que horas?

— Às nove — trocamos os números e ele disse
NACIONAIS - ACHERON

que me mandaria o endereço.

—Pai — chamei e coloquei as chaves na tigela oval e moderna, que nem poderia ser chamada de tigela, ao lado da porta — Tem alguém em casa? — falei num tom meio cantado e larguei minha bolsa no sofá antes de ir até a cozinha.

— Surpresa! — escutei aquela voz doce e quase deixei cair o copo que tinha acabado de pegar. Ana praticamente se atirou sobre mim, abraçando-me com força — É melhor começar me abraçar agora mesmo antes que isso fique constrangedor.

— Não posso, você prendeu meus braços — ela me soltou e coloquei o copo na bancada antes de abraçá-la. Na verdade, aquela aparição repentina me deixou sem reação, porém, estranhamente feliz — O que está fazendo aqui?

— Jon me chamou — ela se afastou e avaliou o que eu estava vestindo. Ana era minha pequena consultora de moda e aquilo, nos termos nova-iorquinos, era um trapo digno de uma mendiga — Ele disse que você tinha terminado com aquele seu namorado que parece um Deus, mas você está melhor do que imaginei.

NACIONAIS - ACHERON

Sorri e me virei para pegar a água.

— *Ele* terminou comigo, na verdade. E não estou tão bem assim — dei um gole na água, desviando meu olhar do seu para procurar um café da manhã decente — Eu achei que teríamos nosso *felizes para sempre*, bem piegas, e ele disse que era melhor darmos um tempo — soltei o ar em meu peito. Seria difícil entender se ela não soubesse o que estava rolando. Ana fitou-me com uma expressão pensativa enquanto eu preparava um misto quente; que ela olhou como se fosse lixo, e mordeu o lábio por um segundo.

— O que aconteceu, exatamente?

— Cedrico acha que estou apaixonada pelo irmão dele, não sei se o conheceu... — ela deu um gritinho agudo de interrupção.

— Espera aí! Estava dando mole para o irmão dele? Desculpa, Jules, mas eu também *daria um tempo* se fosse comigo — dei uma mordida no sanduíche gelado mesmo enquanto a fuzilava com o olhar.

— Eu não estava dando mole para ele, só saímos juntos... — ela arqueou a sobrancelha como se aquilo já fosse evidencia o bastante — E Cedrico
NACIONAIS - ACHERON

acha que eu o estava afastando. Não quero falar nele.

— Não finja como se não estivesse apaixonadinha, escutando *All Too Well*^[4] antes de dormir — revirei os olhos e passei por ela.

— Isso não muda nada — peguei minha bolsa — Vou tomar um banho, temos um lugar para ir mais tarde.

CEDRICO

Tive uma migalha de esperança de que ela não me visse, mas ela o fez e deu um passo para o lado. Não ia ser mal-educado o bastante para ignorá-la, então a cumprimentei.

— Oi — ela maneou a cabeça sutilmente e pediu dois cafés enquanto eu esperava o meu com os cotovelos apoiados no balcão — Tudo bem?

Ela estava agindo estranhamente, mas minha pergunta foi totalmente esquisita, levando em conta que eu mal a conhecia. Só sabia que ela era nova-iorquina, que não trocava aquela cidade por nada, rica, mas não mimada e era loira, com uma expressão firme, mas era delicada. E era a melhor

NACIONAIS - ACHERON

amiga de Juliette.

— Sim — ela sorriu e peguei meu café, deslizando uma nota pelo balcão. Eu queria perguntá-la sobre Juliette, e aquilo estava me corroendo como soda caustica. Tomei um gole do café forte, como se me inspirasse coragem e voltei-me para Ana.

— Juliette... como ela está?

— Um desastre?! — soou como uma pergunta, mas seu tom era irônico.

— Eu não sei o que ela te contou, mas...

— Sobre ela e seu irmão. O bastante — a garçonete colocou os dois cafés no balcão e ela pagou, dando-me as costas.

Peguei dois cafés para a viagem e voltei para o SUV, onde Rafael me esperava e entreguei um a ele, sentando ao volante.

— Onde Alice está? — ele perguntou e coloquei-nos em movimento.

— Em casa, eu acho. Preciso falar com Lauren.

— Alice não pode selar o mundo prisão sozinha — mas eu tinha dúvidas mesmo antes de pronunciar as palavras. Ela era mais forte que
NACIONAIS - ACHERON

qualquer um de nós, mas não poderia haver brechas para aquele feitiço.

— Ela pode canalizar de mim. Nós vamos conseguir — ele bebeu o café e mexeu no celular, ligando para Lauren — Vou te esperar — ele confirmou algo e desligou.

— Mesmo assim — eu estava evitando seu olhar, fingindo que estava mais concentrado na estrada vazia do que realmente estava — Ela pode não conseguir, pode criar uma brecha cheia de magia e Friedrich sai de lá, pronto para nos infernizar até o fim de seus dias...

— Você está dando mais importância para isso do que deveria. Só está tentando se distrair do fato de ter terminado com Juliette... — voltei-me para ele.

— Não quero falar nisso — fui curto e grosso. Se terminar com ela era ruim, falar disso com Rafael era pior ainda.

— Você é um idiota — ele falou, olhando para o celular e dei uma olhada nele — Você a tem; ela te ama e você terminou com ela — ele se virou para mim com o cenho suavemente franzido.

— Isso não é da sua conta — apertei o volante
NACIONAIS - ACHERON

com força.

— Você não quer escutar a verdade. Nem quer escutar que ela estava certa quando disse que você a vê como algo quebrado; ela não precisa ser consertada, só precisa que você a ajude passar por isso. Você sabe que ela vai ficar bem...

— Cala a porra da boca — acelerei quase que involuntariamente e voltei meus olhos para a estrada, respirando fundo e me controlando — Você deveria estar feliz, afinal você pode ficar com ela pra você — girei o volante e entrei na estrada de terra que levava a mansão.

— Não seja um idiota, não se trata disso — e ele ficou em silêncio.

Alice estava do lado de fora da mansão, andando de um lado para o outro e foi até meu carro antes mesmo de eu abrir a porta.

— Eu não consigo — saí do carro e ela me abraçou com força.

— Alice...

— Quero dizer, eu acho que consigo. Mas se acontecer alguma coisa, se o feitiço não funcionar, eu vou ser a responsável por ter dado a Friedrich o
NACIONAIS - ACHERON

poder para sair — ela estava tremendo. Rafael saiu do carro e andamos até a porta.

Um SUV da Mercedes derrapou na terra e me virei para ver Juliette sair dele. Ela estava mais linda do que eu conseguia me lembrar. Usando vestido preto com florzinhas cor-de-rosa e jaqueta de couro; suas pernas longas e botas de salto quadrados. Seu cabelo estava solto, cacheado, caindo em ondulações perfeitas pelos seus ombros, agitando-se com o vento enquanto ela caminhava.

— Alice, o que aconteceu?

— Preciso que compre umas ervas para mim, nada que atrapalhe seu dia — Alice tirou um pedaço de papel dobrado do bolso de trás do jeans.

— Tudo bem, eu volto logo — ela pegou o papel e se foi. Fiquei parado por dois segundos antes de abrir a porta e entrar.

JULIETTE

Ignorei-o o melhor que pude e saí dali, indo até a loja onde, segundo Alice, eu encontraria tudo que estava na lista. Empurrei a porta e um sino soou; fechei-a e peguei o papel amassado do bolso, NACIONAIS - ACHERON

passando os olhos por ele. O único ingrediente, por assim dizer, que reconheci foi a salvia e as velas enormes que Alice tinha rabiscado. Levantei os olhos e a mulher me olhou com uma expressão cortante; reconheci-a no mesmo segundo. Era a vidente que tinha me dito que só havia escuridão na minha alma ou algo assim.

— Achei que não voltaríamos a nos ver — seu sorriso foi amargo, mas sorri de volta e entreguei a lista a ela.

— Preciso disso — ela olhou com cuidado e começou a colocar algumas ervas no balcão. A loja cheirava a sândalo, salvia e verbena, além de outros aromas que não pude identificar.

— Isso é tudo? — assenti e peguei a carteira na bolsa — Espero que não tenha escolhido ficar com aquele cara só porque achava que era certo — ela falou com uma enorme intimidade e hesitei antes de entregar o dinheiro e pegar a sacola.

— Não que eu te deva satisfações, mas não estou mais com ele.

— Nem com o outro — franzi o cenho, intrigada com suas conclusões. Fiz que não com a cabeça e a mulher sorriu — Quer que eu leia sua mão mais

NACIONAIS - ACHERON

uma vez?

Hesitei e por fim assenti e estendi a palma esquerda. Ela traçou a linha do meio da minha, dando-me calafrios gelados na espinha.

— Eu já sei que você é uma vampira, então não se preocupe com isso.

— Não estou — ela segurou-a firmemente e suspirou.

— Você parece feliz agora, mas ainda não se habituou a ser tirada da sua zona de conforto, ainda teme. Ainda tenta proteger a si mesma do amanhecer — ela fechou os olhos por dois segundos — Tem uma escolha óbvia a sua frente e ela *tem* de ser tomada. Mas... é só. Não há nada para ver — ela soltou minha mão e pareceu ficar sem fôlego.

— O que isso quer dizer?

— Que você vai morrer, os ancestrais... — seu olhar era assustado.

— Eu já estou morta, o que isso quer dizer, exatamente? — franzi o cenho, sentindo que ela só queria me assustar com aquelas frases de efeito.

— Eu não sei, não pude ver... mas... — ela levantou os olhos — Vai acontecer. Acho melhor
NACIONAIS - ACHERON

você ir — hesitei. Ela parecia estar tendo um ataque cardíaco, mas deixei-a. Eu nem sabia o nome daquela mulher e ela provavelmente podia se virar com suas profecias malignas bem longe de mim.

—Tenho duas notícias — fechei a porta e Alice virou a cabeça de onde estava,sentada aos pés da mesinha de centro, de costas para mim — A boa notícia é que consegui o que você precisa — ergui a sacola e me aproximei, colocando-a sobre a mesinha. Cedrico e Rafael me encavam sem nem tentar disfarçar — A ruim é que os ancestrais ainda me querem morta, mesmo tendo obtido sucesso na primeira.

— Isso não tem graça — o olhar de Rafael perfurou minha pele e sorri, no mesmo tom irônico.

— Não tem mesmo — sentei-me ao lado dele depois de avaliar as opções. Ele e Cedrico. Alice se levantou e saiu, depois Cedrico. Rafael levantou e queimou algumas ervas — Posso ajudar com alguma coisa? — ele pegou alguma coisa que não pude ver o que era antes que estivesse no ar, depois em minha mão.

— Acenda as velas — levantei e ajudei-o a tirar os sofás do lugar.

— Acha que pode dar errado? — murmurei ao lado dele. Rafael despejou um tipo de pó cinzento, formando um círculo e coloquei as velas em torno dele.

— Alice consegue, acredito nela, mas ela está nervosa demais em ser responsável caso ele saia do mundo prisão — comecei acender as velas e ele pegou um punhado de salvia, queimando-a enquanto contornava o círculo a passos lentos.

— O que ela tem que fazer? — abaixei para acender a última e fitei-o.

— Um pouco do sangue de uma descendente direta da família, o seu, e algumas ervas... o feitiço é complexo e criará uma enorme onda de energia.

— Alice tem essa energia toda? — ele se aproximou, agitando a salvia.

— Não, por isso ela vai canalizar de mim.

— Isso não é perigoso? — franzi o cenho e me vi assustada de repente. Ele sorriu somente para me tranquilizar.

— Eu vou ficar bem, Julies — ele colocou a salvia queimando num recipiente de pedra sobre a

NACIONAIS - ACHERON

mesinha de centro — Você vai ficar?

— Não, acho melhor não. Só vim trazer o que Alice me pediu... um frasco do meu sangue. Não serei útil aqui — ergui os ombros, aproximei-me e sentei no sofá, agora num canto perto da lareira, peguei a adaga sobre a mesa de centro e ergui o olhar até Rafael — Onde posso fazer isso?

Ele olhou em volta e pegou um copo de uísque, entregando-me. Pousei-o na mesa e fiz um corte diagonal em minha palma, deixando sangrar enquanto curava.

— Eu vou encontrar um jeito — ele murmurou, apoiando-se em uma pilastra — de deter os ancestrais.

— Eles não podem ser detidos, até eu sei disso. O que eles querem, eles tomam — meu tom foi mais emocional do que eu quis que soasse.

— Então irei pará-los, eu prometo. Eles não vão machucá-la, nem a mais ninguém — ele se afastou e saiu. Usei as duas mãos para encher o copo até a metade, depois o deixei ali, levantei e fui até a cozinha lavar as mãos.

De volta a sala, peguei minha bolsa para dar o fora dali antes que algum deles voltasse.
NACIONAIS - ACHERON

Infortunadamente, Cedrico se materializou na minha frente, diante da porta.

— Preciso falar com você.

—Você quis terminar, então não me obrigue a fazer isso.

Tentei passar por ele, mas Cedrico continuou no caminho.

— Talvez eu tenha me precipitado com relação a isso. Eu fui um idiota, eu não devia ter agido daquele jeito. Eu... te devo desculpas, principalmente pelo modo como me comportei depois da sua transição — fechei os olhos com força por um longo segundo e ele deu um passo um minha direção e olhei-o com cuidado.

— Eu sinto sua falta. Esses últimos dias foram um inferno — mantive seu olhar por longos segundos antes de continuar—, mas não posso passar por cima do que dissemos um para o outro. Talvez você sinta minha falta como eu sinto, mas talvez você estivesse certo. Nós precisamos de tempo; não só para pensar — aproximei-me e, tomada por um rompante, segurei seu rosto entre as mãos e beijei-o.

NACIONAIS - ACHERON

Meu coração afundou no peito; estar em seus braços era como voltar para casa depois de muito tempo na estrada. Ele me envolveu e me manteve contra seu peito até que precisássemos nos afastar, sem fôlego. Eu estava tremendo, e beijei-o mais uma vez antes que precisasse ir.

— Eu preciso... — coloquei uma mecha do cabelo atrás da ore-lha e virei, abrindo a porta.

— Não diga.

Ana terminou de se vestir bem antes de mim e apareceu na porta do meu quarto. Peguei o vestido preto, bem básico e sem graça, enfiei os pés nele e subi-o pelo corpo.

— Onde estava hoje de manhã? — deixei o cabelo soltou e distraidamente o penteei com os dedos.

— Na casa de Cedrico. Mas não estava correndo atrás dele nem implorando para voltarmos, só ajudando a prima dele, que a propósito é irmã de Jon, e minha tia.

— Em que bela complicação você se meteu? — ela franziu o cenho como se esperasse que eu respondesse. Ergui os ombros e passei o gloss

NACIONAIS - ACHERON

vermelho que deu um aspecto rosado natural aos meus lábios — Para onde estamos indo mesmo?

— Um galpão onde rola uma espécie de *have*. Bebida barata e uns caras... gatinhos — terminei a maquiagem e meu celular tocou. Peguei-o e vi uma mensagem de Jackson.

Espero que não tenha que voltar a meia noite, porque as coisas ainda nem começaram.

O lugar não estava nem um pouco diferente de quando eu tinha sido apresentada a ele, com Rafael. Saí do carro e Ana me seguiu. Ela tinha se arrumado mais; vestido verde-escuro justo e de mangas, saltos de trezentas pratas, estava claro que ela era uma típica nova-iorquina. Embora eu tivesse marcado com Jackson às nove, demorei para começar a me arrumar e quando chegamos lá já passava das dez.

Cedrico me mantinha inquieta, o feitiço de Alice, a ideia dela canalizando de Rafael ou que ele se machucasse no processo. Tentei ignorar tudo, inclusive a profecia da bruxa mais cedo. Nada daquilo se comparava com a doce promessa de

NACIONAIS - ACHERON

sangue. Mas eu teria que me controlar agora que estava com Ana, Jack e os amigos dele. Ele disse que estaria me esperando e ele foi a primeira pessoa que vi em meio a multidão. Seu olhar faiscava em meio a multidão de corpos; sua energia pulsava mais radiante que a de qualquer humano e questionei-me naquele segundo sobre sua natureza. Ele podia bem ser um bruxo, mas duvidava muito. A não ser que fosse outra coisa. Ele me cumprimentou, sempre muito gentil e educado, mas deu mais atenção a Ana e eu não o culpava. Três caras apareceram atrás dele com bebidas e Jack se virou para nos apresentar.

— Juliette, estes são Joshua, Derek e Nathanael, meus amigos — o que ele indicou ser Nathanael me cumprimentou com um meio abraço bem rápido, mais receptivo que os outros que se limitaram a apertos de mão.

— Quando ele falou de você achei que estava exagerando — sorri e fui beber alguma coisa, só depois de ter certeza que Ana tinha de enturmado com os rapazes — Me deixa te pagar uma bebida — pedi uísque barato, o único do lugar, e me virei para ele.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu pago minha bebida — dei um gole no uísque e pedi outra dose, deslizando uma nota pelo balcão. Nate ergueu os ombros e pediu tequila — Mas... aceito se me chamar para dançar — falei mais alto que a música e ele sorriu de volta.

Seis dozes depois, eu estava faminta. Tentando me controlar e dançando com Jackson enquanto tentava controlar meus impulsos assassinos. Estávamos grudados demais, mas menos do que eu gostaria de estar; mordendo-o, sugando seu sangue, imaginando como seria sentir aquela eletricidade em minhas veias.

— Preciso de uma bebida — falei com Jack antes de me afastar. Ele maneou a cabeça. Achei que ele fosse pegar para dançar, mas ele me seguiu até o bar.

— Nunca perde o fôlego, hein? — ele pediu duas tequilas e pagou antes que eu pudesse protestar, fazendo com que a bebida deslizesse pelo balcão até minha mão — Eu sei o que você disse sobre pagar sua própria bebida, mas eu não estou interessado em você como Nate.

— E você está interessado na minha amiga — ele arqueou a sobrancelha antes de virar a tequila e fez
NACIONAIS - ACHERON

o mesmo; a queimação passando longe, assim como a embriaguez. Nate encostou ao meu lado, entre Jack e eu, com um sorrisinho sedutor e pediu uma bebida de nome esquisito.

— Vejo que sua política sobre bebida só serve para mim — ergui os ombros, pronta para outra, mas me controlei, lembrando que aparência ainda era tudo e que eu não podia virar uma garrafa de tequila, não ficar bêbada e agir como se fosse imune ao álcool sem parecer estranho.

— Eu quero dançar — passei o braço direito em torno do seu pescoço —, me acompanha?

Divinamente entrelaçados^[5]

Girei nos calcanhares e bati as mãos espalmadas no peito de Rafael.

— Vem, eu vou te levar para casa — ele agarrou meu cotovelo e franzi o cenho, querendo saber se ele estava mesmo falando comigo. Tentei afastar-me educadamente, tanto quanto eu poderia fazê-lo em meio a tanta gente. As pessoas continuaram a se mover, frenéticas, no ritmo da música, ignorando nossa ceninha.

— Desculpe, mas está falando comigo? — ele riu com escárnio e se aproximou.

— Você vem comigo *agora* — ele continuou segurando meu cotovelo, mas antes que eu
NACIONAIS - ACHERON

conseguisse pensar em me desvencilhar, Nate o empurrou, fazendo-o cambalear, graciosamente sobre um cara que praguejou. Rafael se recompôs e Nate se colocou entre nós de uma maneira protetora.

— Eu não sei que merda você pensa que é, mas não vai encostar um dedo nela — tentei sair de detrás de Nate, mas a multidão se aglomerou em torno deles dois e fui empurrada para longe. Rafael o lançou algum olhar mortal e foi cego nele.

Passei por uma dezena de pessoas e cheguei onde uma roda tinha se aberto. Rafael estava por cima de Nate, mas ele rapidamente inverteu as posições; ele acertou um chute em Rafael, que cambaleou para trás e voltou até ele, acertando-lhe um soco. Saltei entre eles antes que eles se matassem.

— Parem com isso, vocês dois — a música parecia mais alta, mas falei mais alto que ela; meu peito subia e descia enquanto eu tentava parecer humana e frágil na frente de Nate. *Merda.*

Minha vida normal tinha ido por água abaixo tanto rápido quanto eu tinha tentado construí-la. Rafael estava ofegando, mas Nate estava em perfeito estado, pronto para outro *round*. Embora

NACIONAIS - ACHERON

seu nariz sangrasse, não parecia haver nenhum ferimento, quase como se ele tivesse se curado...

Abaixei os braços que eu tinha erguido entre eles, respirando mais lentamente, tentando associar algumas coisas vitais. Rafael tinha acertado uns bons socos e a pele de Nathanael começou a voltar ao bronzeado, abandonando as marcas arroxeadas em torno de seus olhos; ele estava se curando *bem diante dos meus olhos*. Arquejei e fiquei sem ar por um longo momento, fitando-o, sentindo meu sangue gelar.

Ele não se parecia um vampiro. E nem era.

—Você é...

— Eu posso explicar — ele ergueu as sobrancelhas lentamente e todo mundo se virou, voltando as atenções para a dança erótica e vulgar. Eu estava de queixo caído, literalmente, então Ana apareceu atrás de mim. Senti seus dedos em meu cotovelo e me virei, com os olhos arregalados.

— O que aconteceu aqui?

— Era o que eu estava tentando explicar... — Rafael começou a falar, mas Nate se aproximou, não me dando oportunidade para responder a

NACIONAIS - ACHERON

pergunta de Ana, que eu nem sabia se tinha resposta.

— Posso falar com você? Sozinha — seu tom foi doce, mas eu estava assustada pela segunda vez. Se ele não era vampiro...

— Você não tem nada para falar com ela — Rafael passou por mim para chegar até Nate e mais uma vez tive que me colocar entre eles.

— Vamos sair daqui.

Saímos da pista de dança e vi Jackson conversando com Derek e uma garota perto do bar, bebendo cerveja. Ele veio até nós, mas me afastei de Rafael, Nate e Ana. Disse a Ana que estava tudo bem e fui, a contragosto, até o bar com Rafael.

Eu esperava que ele me explicasse o que tinha acabado de fazer, mas, antes do interrogatório, pedi um gelo ao bartender e entreguei a ele, que me ignorou.

— Você precisa avaliar melhor suas companhias — franzi o cenho, olhando para minhas próprias mãos; meu cotovelo apoiado no balcão.

— O que ele é? — falei mais alto que a música, mas antes que Rafael pudesse responder, Nate surgiu detrás dele.

NACIONAIS - ACHERON

— Um lobo. Eu sou um lobo, Juliette — fiquei um longo minuto olhando para ele, boquiaberta, surpresa demais para conseguir falar. Enfim, soltei o ar em meu peito e bebi uma tequila, para relaxar.

— Uau, isso é demais — Rafael finalmente pegou o gelo e colocou sobre o lábio. Não dava para ver direito a extensão do quanto ele tinha se machucado; virei a bebida na boca e fechei os olhos, desejando desesperadamente poder me embebedar com mais facilidade — Eu nunca quis machucá-la — ele se virou para Rafael, exasperado — Não pense por um segundo que eu faria isso.

— Me machucar...

— Veneno de lobisomem é letal para um vampiro, não quero que fique perto dele — Rafael falou e seu tom me deixou mais perturbada do que achei que poderia.

— Acha que eu *a morderia*? — Nate franziu o cenho e Rafael recuou.

— Eu não confio em você — Rafael começou a se alterar e revirei os outros, intervindo outra vez entre eles. Estendi o braço, pousando-o no peito de Nathanael.

— Vocês se conhecem?

NACIONAIS - ACHERON

— Vagamente — Rafael desviou os olhos dos meus e soltei o ar preso na garganta — Isso não vem ao caso. Quero que venha comigo agora mesmo.

— Tudo bem, acho que não tem mais clima aqui mesmo — relaxei e me despedi de Nate.

Apesar de tudo, eu tinha gostado dele. Gentil, carismático, bonito...

Parei o carro na porta do meu prédio.

Rafael estava me seguindo e parou seu carro ao atrás do meu quando saí com Ana. Eu estava cansada demais para discutir com ele sobre Nate ou sobre qualquer outra coisa, mas eu precisava saber como tinham sido as coisas.

Bati a porta depois de Ana e Rafael saiu do carro, enfurecido.

— Não quero que se encontre com aquele cara. Nem pense em chegar perto dele... — sua voz foi aumentando gradualmente e ele me colocou entre ele e o carro. Ana deu a volta até nós e fuzilou-o com o olhar, ao contrário de mim, que fiquei sem reação diante da ira em seus olhos.

Ana pigarreou.

NACIONAIS - ACHERON

— Com todo o respeito, você não é ninguém para dizer o que ela deve ou não fazer — Rafael se virou lentamente, com um olhar predador e atraente que deixou minhas pernas bambas — Se me der licença, Juliette precisa dormir.

— Fica fora disso. Juliette, nós precisamos conversar — ele falou com ênfase, franzindo o cenho com suavidade; inocentemente.

— Tudo bem — abaixei debilmente a cabeça, pensando.

— Julies, você não vai conversar com ele, vai?

— Me espera em casa, só vai levar um minuto — joguei minha chave para ela e Ana ficou parada por um longo momento, fitando-me, então ela assentiu e saiu.

Só voltei a respirar quando tive certeza que ela tinha ido mesmo. Caminhamos juntos até o café do outro lado da rua e pedi um café forte ao nos sentarmos e Rafael pediu o mesmo.

— O que aconteceu com o feitiço? — consegui relaxar e raciocinar sobre aquilo tudo, soei bem mais calma e Rafael sorriu cruelmente para si mesmo.

NACIONAIS - ACHERON

— Não aconteceu; não teve feitiço — fiquei um pouco mais ereta e Rafael ficou em silêncio enquanto a garçonete colocava o café na mesa e se retirava — Eu não consegui me concentrar muito bem.

— O que quer dizer? — segurei a caneca com as duas mãos quando a levei aos lábios e franzi o cenho com cuidado. Não sabia onde ele queria chegar e algo me dizia que talvez eu não fosse gostar da resposta.

— Eu precisava que você estivesse lá — ele tinha aquele olhar frustrado e perturbado que me fazia sentir borboletas no fundo no estomago — Não consegui fazer isso, por isso fui até você... queria que estivesse comigo. Isso é ridículo — ele fez uma abrupta menção em se levantar e pousei a palma na parte de cima de sua mão, fazendo-o ficar.

— Não. Não é. E embora eu tenha ficado puta com você por ter aparecido daquele jeito e ter brigado com Nate... fiquei feliz por ter aparecido — apertei ainda mais sua mão — Eu tenho tantas coisas para te dizer — escutei uma música lenta e baixa começar a tocar, substituindo o piano suave. Era *I Will Love You*, da Gin Wigmore.

NACIONAIS - ACHERON

— Então diga — ele meio que sorriu e afrouxei meu toque em sua mão. Mantive seu olhar por tanto tempo que pareceu uma vida inteira — Você não está pronta. Tudo bem — ele tirou a mão de debaixo da minha e a cobriu com a sua, delicadamente — Só me prometa que estará lá...

— Eu precisaria de uma vida inteira — pausa — para encontrar palavra que explicassem o que eu sinto neste momento e em todos os outros. Mas eu não tenho esse tempo — afastei minha mão de seu toque; as lágrimas estavam prestes a transbordar — então só preciso que saiba que eu me importo. Se você souber... é tudo que importa. E estarei lá se precisar, quantas vezes precisar.

Ele manteve meu olhar por tanto tempo que pareceu ter perdido as palavras, assim como eu. Ele se levantou e fechou os olhos com força, parando ao lado da mesa com o olhar perdido.

— Eu sei.

Eu não podia fazer absolutamente nada, mas se Rafael precisava que eu estivesse lá, eu estaria. Fiquei parada com o tronco apoiado sob uma pilastra enquanto Alice fingia que estava pronta,
NACIONAIS - ACHERON

mesmo nervosa demais. Rafael ficou de frente para ela e Alice fechou os olhos, murmurando numa língua desconhecida, pousou o polegar em sua testa e ele caiu de joelhos.

Do outro lado da sala, Cedrico parecia aproveitar-se de seu sofrimento e quase pude vê-lo sorrir enquanto eu mordia o lábio com tanta força que feriu a parte interna da minha bochecha. Rafael soltou um gemido baixo e quase inaudível; as velas se acenderam, altas e comecei a tremer ainda mais. Rafael tinha me dito exatamente o que aconteceria. Que ele ficaria fraco demais, vulnerável demais e talvez aquela parte me deixasse mais assustada. Friedrich estaria dentro do círculo antes que Alice o trancasse permanentemente; era um feitiço complexo demais para que eu não roesse minhas unhas, esperando que tudo finalmente desse certo para que eu conseguisse respirar direito outra vez. Alice entoou as palavras mais altas e assustadoras.

Ela agarrou a mão de Rafael com força e falou mais alto. As velas tremularam e Rafael caiu desacordado. Meus olhos se arregalaram, mas eu sabia que não podia fazer nada; pelo menos enquanto ele estava dentro do círculo. Então

NACIONAIS - ACHERON

lembrei que ele tinha dito que eu não precisava me preocupar caso ele desmaiasse, porque Alice teria de consumir grande parte de sua força; sua magia.

Alice ergueu as palmas para cima, seus olhos ainda fechados, sua voz alta e assustadora. As luzes piscaram e enfraqueceram, de modo que me senti tonta só de sentir a onda de energia que senti naquele espaço tão pequeno. Senti os braços de Joseph me colocarem de pé e demoraram-se em torno da minha cintura até ter certeza de que eu conseguia me equilibrar sozinha.

— Ele vai ficar bem — senti como se ele pudesse ler o que eu estava pensando. Assenti, sentindo as lágrimas bem no fundo dos meus olhos. Não tinha mais ninguém na sala além de Alice, Rafael, Joseph, Cedrico e eu; ninguém queria acompanhar o que quer que pudesse acontecer ali. Nem eu, na verdade.

Eu não queria olhar naqueles olhos negros de Friedrich e ver aquela pessoa que eu tinha conhecido a minha vida inteira e tentar associá-lo a imagem que todos tinham pintado dele. Eu não fazia a menor ideia do que sentiria ao vê-lo e estava com medo que ele pudesse machucar Rafael

NACIONAIS - ACHERON

naquela posição tão vulnerável. Era o que mais me apavorava, o que afundava meu coração no peito; cada vez mais fundo como um corte profundo e incurável.

Então aconteceu. Rápido como uma brisa, Alice ergueu as mãos e as luzes explodiram, espalhando as fagulhas por todo o lado. Num segundo, Friedrich estava praticamente a minha frente. Com uma expressão dura no rosto, porém amável, ele sorriu e piscou, como se se adaptasse a iluminação do ambiente. Alice parou e encarou-o com aquele olhar arregalado, que me fez duvidar se ela conseguiria, quando ele se voltou para ela: — Já faz um longo tempo — sua voz era como seda. Eu não conseguia ver nele nenhum monstro do tipo que se encontra nas histórias infantis, mas não conseguia parar de tremer. Alice estava fora do círculo, mas Rafael ainda estava desacordado dentro dele.

O cabelo castanho de Friedrich estava curto e espetado, exatamente como antes, gritando jovialidade e apontando que ele não podia ter a idade que dizia ter; um típico Sebastian Roché alemão. Minha pele formigou por debaixo da

NACIONAIS - ACHERON

jaqueta e ele ficou parado por um longo tempo, e talvez Alice estivesse calculando seu próximo passo quando fechou os olhos e repetiu as primeiras palavras do feitiço, mas antes que ela terminasse, Friedrich moveu os dedos no ar. Escutei aquele som de algo se quebrando e ela caiu. Algo passou pelos meus lábios, mas não pude dizer exatamente o que era; só senti meus pés sob o piso quando dei a volta e meus joelhos caíram sob o piso de madeira.

— Não, não, não... — quase perguntei por que ninguém estava fazendo nada até perceber que Cedrico e Joseph, assim como Elena, que eu não tinha visto até aquele momento, eram quem estavam mantendo o círculo intacto para que Friedrich não saísse dele.

— Engraçado — ele sorriu e segurei o rosto de Alice entre minhas mãos cálidas. Ela estava fria e seu rosto sem vida — Vocês não podem me conter, mas tentam *bravamente*. É um belo esforço, mas inútil.

A voz de Cedrico atrás de mim se tornou audível e ele estendeu a mão; Friedrich caiu de joelhos com as mãos e pousou a mão no peito de Rafael. As

NACIONAIS - ACHERON

lágrimas voltaram aos meus olhos e o pânico invadiu meu peito numa onda arrasadora e mortífera.

— Eu tenho uma fonte de poder... que só acaba quando a vida dele acabar — ele cuspiu sangue e permaneci de joelhos ao lado do corpo de Alice. Alguma coisa estava errada. Rafael estava ficando pálido e me concentrei em sua respiração. Lenta e irregular; quase inaudível. Seu coração batia tão devagar que tive que me esforçar para escutar.

— Por favor... por favor não o machuque.

Friedrich ficou um pouco mais sério e Cedrico parou. Quando mais ele o machucava, mais perto da morte Rafael ficava. Friedrich deu uma batidinha em sua camisa, como se estivesse suja e me olhou de cima. Meu rosto estava repleto de lágrimas, a cabeça de Alice estava em meu colo e eu ainda estava de joelhos no chão.

— Eu esperei por isso — ele cerrou o maxilar e mordeu o lábio — Esperei que se tornasse algo como eu. Poderosa, inatingível, indestrutível. Esperei que se tornasse *melhor que eu* — ele gritou, fora de si. Eu conhecia bem aqueles acessos de raiva repentinos que ele tinha; ele começou a gritar do

NACIONAIS - ACHERON

nada, coisas incoerentes e quase sem sentido antes que comesçassem a se ligar entre si.

— Eu nunca serei como você — cuspi aquelas palavras, sem conseguir contê-las.

— Você é uma vampira — ele esbravejou chegando ainda mais perto do que eu gostaria, fazendo com que as lágrimas fluíssem descontroladas — *Você não é nada* do que eu queria que fosse. Eu te criei para ser uma evolução; a melhor da nossa espécie, *uma necromante* nascida em mil anos.

— Você está louco — murmurei.

— Você amaldiçoou tudo isso — ele abaixou, pousando um dos joelhos no chão. Eu via a raiva brilhar no negro dos seus olhos — *Ele* valeu a pena? — achei que ele estaria falando de Cedrico, mas seu gesto foi sobre Rafael. Sua voz foi baixa e assustadora, mais do que antes.

— Sim, ele valeu — falei com toda a coragem que me restava. Friedrich ficou de pé.

— Tenho uma última proposta a fazer — ele olhou para Elena e Joseph — Me deem a chave e eu o poupo e estou sendo muito benevolente. Eu deveria matá-los todos depois desta enorme traição,
NACIONAIS - ACHERON

mas estou disposto a pensar nisso.

— Eu não vou lhe entregar a chave — Elena franziu os lábios durante um segundo — E estou cansada das suas chantagens ridículas — ela se aproximou pelo outro lado, cheia de ira — Eu sou a regente dos nove *covens* de Salém, eu tenho todo o poder para matá-lo com minhas próprias mãos se ameaçar encostar um dedo no meu filho. Eis o que eu vou fazer: vou quebrar o círculo — eles ficaram cara a cara —, completar o feitiço e te mandar de volta para aquele buraco de onde você nunca sairá e poderei sentar e vê-lo apodrecer. Sozinho e para sempre.

Elena ergueu a mão e Friedrich caiu outra vez, de joelhos e ela abaixou de frente para ele com o olhar sádico.

— Você vai se arrepender... você não pode me deter, Elena. Minha doce e gentil *Elena* — ele tossiu, espalmando a mão no chão e ficando de joelhos; seus gritos ecoaram pelo cômodo quando Elena se levantou com a mão erguida num gesto assustador que parecia ser capaz de arrancar seu coração.

— Enquanto você apodrece, enquanto os vermes
NACIONAIS - ACHERON

o comem — ela se inclinou e sua mão penetrou o círculo, porém, Friedrich não se moveu. Ele gritou quando ela enfiou a mão em seu peito — quero que se lembre de mim, que se lembre do meu rosto, pois será a última coisa que você vai ver. Quero que se lembre que *fui eu* quem tirou tudo de você — num movimento com o punho, ela arrancou impiedosamente seu coração.

Segurando um coração^[6]

Os olhos dele se abriram lentamente e meu coração foi invadido por uma coisa mais forte do que eu podia e queria controlar.

Permaneci de pé ao lado da sua cama, sem me mover, embora eu quisesse abraçá-lo com tanta força que quebraria seus ossos; queria que ele soubesse o quanto eu estava feliz por vê-lo e saber que ele estava bem: — Juliette... — ele piscou vagorosamente, fitando o teto e virou a cabeça para mim. Sentei-me ao lado dele, soltando o ar preso em meus pulmões.

— Você está bem? — havia aquela tristeza irrefreável em meu peito e dor, algo que eu nunca tinha sentido antes, mas tudo era reprimido pela sensação de estar com ele outra vez. Rafael se

NACIONAIS - ACHERON

sentou, a cor voltando lentamente a seu rosto e apoiou a palma com força no colchão.

— Alice... onde ela está? — de repente meu coração afundou e as lágrimas voltaram aos meus olhos. Eu não queria ser a pessoa a contar a ele o que tinha acontecido; era como se não fosse mesmo verdade até que eu dissesse aquelas palavras. Mas não precisei. Ele não era idiota e captou a nuance em meu olhar.

Mesmo no escuro parcial do quarto, o brilho dos seus olhos era feroz e selvagem. Ele fez menção em se levantar e pousei a mão direita em seu peito, fazendo-o se deitar outra vez.

— Julie, eu preciso...

— *Não* — murmurei, desabando ao seu lado e comecei a chorar — Só fique aqui — limpei as lágrimas; minhas pernas do lado de fora de sua cama. Ele me estudou com cuidado, ainda muito irado, mas respirou fundo antes de sair da lá. Não queria parecer fraca, mas me permiti chorar, finalmente — Eu queria ter podido fazer alguma coisa, mas...

Ele não disse nada e deixei que minha voz se perdesse. Quando fiquei de pé outra vez, a mão

NACIONAIS - ACHERON

dele envolveu meu pulso e fui parar do seu lado. Ele me abraçou com força e relaxei profundamente em seus braços; senti sua respiração fraca, seu pulso irregular e as lágrimas que saíam de seus olhos timidamente. Suas mãos espalmadas em minhas costas me apertavam com tanta força contra seu corpo que eu sentia como se pudesse quebrar a qualquer momento; ou quebrá-lo.

Estava nevando, não apenas geando. Era mesmo um tapete denso de neve que cobria toda a cidade, como um manto. Só Rose estava chorando, mas parecia-se somente contrariada, não genuinamente triste por Alice. A ponte estava vazia e estávamos reunidos, inclusive eu que nem deveria estar ali, mas estava. O frio era cortante mesmo contra todos os casacos que eu usava.

Emarie, Cassandra, Renée, Rose e Joseph disseram algumas palavras sobre se importarem e terem-na amado, mas a verdade era que todos pareciam distantes demais; como se aquilo não importasse. Eles foram embora e fiquei num canto, amaldiçoando o fato de Jon ter se recusado a participar daquilo, levando Izabel com ele, que ele

NACIONAIS - ACHERON

considerava um ato leviano. Ele achava que ela deveria ser consagrada, como todas as bruxas têm que ser, mesmo não pertencendo àquele lugar, e enterrada em Essex, embora ela tenha escolhido ser cremada antes de morrer.

Eu lutei para que ao menos este último desejo dela e, pela primeira vez, alguém me deu ouvidos. Então lá estávamos nós, três bruxos e uma vampira, jogando cinzas de uma ponte ao rio que ela gostava, o lugar que ela escolheu para descansar. Cedrico se recusou a fazer aquilo, mas eu entendia seus motivos. Ele não queria que as palavras que ele dissesse sobre ela se tornassem eternas e finais, ignorando todo o resto; ignorando que ela tinha sido uma pessoa de carne e osso que viveu e amou. Suas palavras foram uma despedida, de certa maneira, quando tudo aquilo parecia automático demais. Rafael pegou as cinzas com uma expressão sombria no rosto.

— Eu queria dizer que haveria vingança — ele ergueu o queixo, observando o movimento das águas—, e você foi vingada. Você me deu muito do que eu me transformei agora e, enquanto meu coração bater... você não será esquecida — ele

NACIONAIS - ACHERON

jogou as cinzas e elas foram levadas pelo vento — quando terminou, ele me passou o objeto e encarei-o surpresa e boquiaberta. Por fim, peguei a escultura maia que ela amava, onde Rose tinha escolhido para colocar suas cinzas, temporariamente e subi no primeiro nível de proteção da ponte; peguei um punhado de cinzas.

— Eu queria que hoje fosse mais do que está sendo, queria que pudéssemos dizer mais do que palavras bonitas sobre que você foi ou o que nos tornou — balancei a cabeça, incapaz de conter as lágrimas, então pisquei para afastá-las — Se você pudesse escolher como seria esse dia, tenho certeza que não haveriam lágrimas ou corações partidos; você diria que deveríamos seguir em frente e estaríamos escutando Smiths em algum lugar que você gostava — fiz uma pausa, sem ter certeza se poderia continuar — Mas não sei se podemos seguir em frente quando não restou muita coisa — abri a mão e suas cinzas foram carregadas pelo vento.

Fomos todos embora e achei melhor ir para casa, sem disposição para nada. Eu tinha me apegado a Alice de um jeito estranho e saber que ela não

NACIONAIS - ACHERON

estaria mais lá, nunca mais, me fez sentir uma coisa estranha por dentro. Um vazio enorme, uma tristeza profunda. Ela só tinha quinze anos. Joguei-me na cama e peguei no sono.

A brisa entrou pela janela aberta, mesmo que eu tivesse certeza que tinha fechado antes de dormir. virei a cabeça para o lado e vi uma silhueta assustadora que fez meu peito bater acelerado.

— Foi o aniversário dela ontem — a voz de Rafael fez com que eu pudesse respirar outra vez. Ele olhava para o lado de fora, embora eu não pudesse ver seu rosto, tinha ciência de sua melancolia pelo tom de sua voz — Ela não quis comemorar antes que o feitiço estivesse pronto. Ivy ainda está por aí. Pergunto-me quando poderei respirar outra vez sem que essas ameaças parem sobre nossa família — ele fechou a cortina, mas a janela permaneceu aberta quando se virou.

Tudo que pude distinguir no escuro foram seus contornos sensuais e acendi a luz do abajur, projetando sobre ele uma meia luz sombria. Rafael franziu o cenho, como se eu tivesse feito algo que não deveria. Meu olhar arregalado pousou em seu

NACIONAIS - ACHERON

rosto, que não deixava transparecer nada. Sentei-me mais ereta e ele se sentou ao meu lado, pegou minha mão direita entre as suas e a manteve, aquecendo-a enquanto seu olhar penetrava minha alma.

— Você não tem se alimentado desde a quarta-feira — não me surpreendeu que ele soubesse, só que se incomodasse com aquilo mesmo com todos os problemas que tinha para lidar.

— Eu estou bem — minha voz não passou de um murmúrio lento e arrastado, como se me forçasse e doesse muito ter que usá-la.

— Está pálida, precisa se alimentar.

— Farei isso amanhã — engoli em seco. A garganta seca assim como minhas veias, que pareciam lixas. Eu *realmente* precisava me alimentar, mas minhas bolsas de sangue estavam no colégio, já que eu tinha passado mais tempo lá. E nem pensar em sangue fresco, seria como querer chamar atenção para mim quando o que eu queria era me afastar dos holofotes — O que está fazendo aqui?

Procurei seus olhos, mas sua cabeça estava baixa, e eles estavam distantes demais.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu precisava te ver, saber que está segura — seu indicador percorreu uma das veias na parte de cima da minha mão e inclinei a cabeça para o lado, observando seus cautelosos movimentos — Quero lançar um feitiço aqui. Ninguém poderá entrar a não ser que seja convidado.

— Como é para mim — concluí e ele assentiu, erguendo seu olhar até o meu. Ele assentiu, gentilmente.

— Só assim vou ter certeza que Ivy não poderá entrar aqui e que estará segura. Izabel também — ele se levantou.

Levantei, sentindo-me fraca e tomei um banho, deixando Rafael no meu quarto. Eu estava mesmo pálida num tom cadavérico quando me olhei no espelho. Terminei e coloquei uma calça folgada de moletom e camiseta folgada de flanela roxa; meu cabelo estava liso, num corte reto e molhado, partido quase no meio quando entrei na sala, com pantufas engraçadas, e fui até a cozinha procurar alguma coisa para comer para compensar a sede por sangue, pelo menos por enquanto.

Rafael estava queimando salvia e andando de um
NACIONAIS - ACHERON

lado para o outro da sala, nervoso e pensativo. Peguei as coisas na geladeira e decidi fazer panquecas com queijo. Misturei a massa, incomodada com o silêncio, já que Izabel e Jon tinham ido jantar fora e deixado um bilhete, peguei uma frigideira e dei uma olhada em Rafael, com um livro na mão e um ramo de salvia queimando na outra. Despejei um monte de panquecas num prato, coloquei o queijo nelas e enrolei, feito um rocambole antes de colocar para derreter uns vinte segundos no micro-ondas.

— Está com fome? — Rafael balançou a cabeça, negativamente, de frente para mim, mas sem levantar os olhos do livro.

— Aceito um pouco de cafeína — peguei uma xícara para servi-lo e levei minhas panquecas para o sofá da sala.

— Deveria relaxar um pouco — ele me olhou como se eu devesse calar a boca e me inclinei um pouco para pegar o controle da TV na mesinha de centro e olhar em seus olhos — Eu sei o quanto importante Alice era para você, nem estou desmerecendo isso, mas vai enlouquecer se não se sentar e respirar por cinco minutos.

NACIONAIS - ACHERON

Ele soltou o ar no peito e se sentou ao meu lado.

— Eu estou enlouquecendo com tudo isso...

— Só... respire um pouco, tudo bem? — olhei para ele e liguei a TV, procurando um episódio de *The Vampire Diaries* que eu tinha gravado. Não era exatamente uma boa hora, mas eu não podia me deitar e ficar lamentando; eu queria poder fazer alguma coisa, mas não podia, então fiquei sentada ao lado dele sem reproduzir o episódio, apenas fitei Rafael por um longo momento enquanto ele bebia o café.

— Eu quero saber se ela está bem — falei de repente e Rafael se virou para mim. Coloquei o prato sobre a mesinha de centro e cruzei as pernas em posição de lótus, coloquei o cabelo atrás da orelha e tentei explicar o que eu quis dizer — Podemos invocá-la e... quero dizer, *você*... — ele deu um meio sorriso e abaixou a caneca.

— Você está certa. Eu já deveria ter tido essa ideia.

— Amanhã — disse finalmente e ele assentiu, débil — Você tem alguma dúvida sobre isso? — franzi o cenho.

— Não, vamos fazer isso. Só preciso encontrar o
NACIONAIS - ACHERON

feitiço certo; depois de enfeitiçar o apartamento — ele se levantou e foi até a porta.

Depois da minha dose necessária de sangue, eu estava pronta para outra. Rafael bateu na porta do meu quarto e abri no mesmo segundo. Estava vestido informalmente; a calça era preta, assim como sua camisa e botas, e tinha um sorriso torto. Sua barba de fios claros começava a crescer e seu cabelo também estava maior que o habitual.

— Você está...

— Bonito? — ele sorriu e fez o mesmo, revirando os olhos e dando-lhe as costas e pegando minha bolsa, dando espaço para que ele entrasse e ele o fez.

— Vivo — meu sotaque saiu carregado quando me virei para dizer. Ele estava tão perto que fiquei sem fôlego. Meu olhar arregalado encontrou seus olhos e minhas pernas ficaram bambas; aquele verde-musgo fazendo-o acelerar.

Aquele olhar meigo e intenso me fez derreter e quase cair para trás.

— Está pronta? — assenti e percebi que minha respiração tinha se perdido entre meu peito e a

NACIONAIS - ACHERON

garganta.

— Sim — soltei o ar.

—O solo é consagrado — Rafael fez a milésima curva para fora da cidade — o que significa que tem magia nele — ele fez aquela última anotação para me tornar ciente, como se eu não soubesse.

— Eu sei — revirei os olhos e ele sorriu. Rafael estava estranhamente feliz desde o dia anterior e eu ficava feliz, mas algo me incomodava, algo que sempre me lembrava meus latentes sentimentos por ele.

Ele sempre tinha aquele jeito manso e o sorriso maroto, suas piadas para me seduzir e ele conseguia. Ontem, tudo que ele falou sobre mim foi o fato de eu precisar me alimentar e agora estava diferente de novo, e estava ficando difícil acompanhar as mudanças.

— Vou invocá-la através do mesmo círculo que ela usou com Friedrich, depois vejo o que vou fazer.

— Para onde estamos indo, exatamente? — mordi o lábio, mexendo no porta-luvas do seu carro. Um maço de dinheiro, preservativo e um

NACIONAIS - ACHERON

amuleto. Ou foi o que me parecem. Uma pedra azul e triangular, com a ponta para baixo, presa em prata e uma correntinha.

— Não toque nisso — fiquei mais ereta e o pingente ficou pendurado no ar. Coloquei-o de volta no porta-luvas e achei uma bombinha, que segurei e esperei que fosse mais do que parecia — O que foi? Bruxos não podem ter asma? — ele desviou os olhos da estrada, sorrindo e ergui os ombros.

— Tudo bem — observei o plástico e sua textura sob meus dedos antes de colocar de volta no lugar.

— Então, vamos para a rota. Uns dois quilômetros a direita e estaremos numa enorme mansão da época da Guerra de Secessão. Um lugar marcado por magia de centenas de bruxas mortas em um massacre — ele tamborilou os dedos no volante e olhei para o lado fora. Só tinha árvores de um lado e do outro.

— Parece ótimo. O que é essa pedra? — virei-me para ele e Rafael franziu o cenho, delicadamente.

— É uma pedra enfeitiçada com... magia negra. Lauren me deu isso.

— Objeto enfeitiçado por magia negra... por que
NACIONAIS - ACHERON

manteria algo assim? — franzi a testa, sutilmente e ele sorriu.

— Às vezes é preciso. Posso usar para prender uma alma enquanto ela continua conectada ao corpo. Pode parecer ruim, mas... — ele ergueu os ombros e assenti suavemente, voltando-me para o outro lado; as árvores passavam por nós numa velocidade vertiginosa.

Ele parou o carro e saímos.

O terreno era levemente inclinado e a casa tinha pilastras enormes, embora estivesse caindo aos pedaços, suja e empoeirada. Não parecia ter sido habitada há ao menos um século e tropecei num galho enquanto subia e Rafael me agarrou no mesmo segundo.

Ele me segurou por alguns a mais que o necessário e fiquei de pé rapidamente, caminhando a frente dele. Tirei alguns galhos da nossa frente, quebrando-os e arranhando minhas mãos quando o fiz; com raiva por estar ali com ele daquele jeito esquisito. Eu queria falar para ele o que estava sentindo, mas deveria me concentrar em Alice.

Eu queria me aproximar um pouco mais dele e
NACIONAIS - ACHERON

sentir o calor que emanava de sua pele contra a minha; que permanecia fria. Quis ir até ele e segurar seus cabelos, gentilmente, enfiando meus dedos gradativamente entre seus fios sedosos e beijá-lo com cuidado o bastante para não machucá-lo. Mas lá estávamos no meio do nada, num lugar onde centenas de bruxas tinham sido massacradas para invocar uma. Chegamos ao meio do terreno cheio de folhas secas e terra que sujava minha bota cara.

Rafael bateu no meu ombro, sutilmente e sorriu.

— Está pronta? — sorri falsamente e ele passou por mim. Claro que eu não podia entrar na casa, então fiquei do lado de fora enquanto Rafael fazia uns rituais dentro da casa. Dei uma volta por ela enquanto ele o fazia.

Tudo era coberto de uma camada de poeira, coisa velha, e ervas para feitiços. Ficava no meio da floresta, nada em volta; apenas uma leve subida na entrada e floresta completamente fechada ao fundo em uma descida que enganava ser um terreno regular pela quantidade de plantas.

— Juliette — escutei Rafael da frente da casa e parei a sua frente em menos de meio segundo, com

NACIONAIS - ACHERON

minha vampiresca velocidade. Seu peito inflou de ar e ele soltou-o quando nossos olhares se encontraram bruscamente — Estamos pronto — ele falou depois de um longo segundo.

Caminhei até a varanda da casa da cama e vi o mesmo pó cinza-escuro e as velas apagadas. Parei ao lado; ao menos na varanda eu podia entrar, ao contrário da casa, já que bruxas não curtiavam muito os vampiros e claro que os ancestrais não me convidariam para entrar. Rafael passou a adaga pela palma mão num corte horrível e sangrou no círculo.

— O que você está fazendo? — perguntei, inquieta, mexendo nas mãos e ele levantou os olhos com aquele sorriso perfeito e sensual.

— Preciso de um agente de ligação para o feitiço; meu sangue. Vou usar minha ligação emocional com Alice, além dos laços de sangue, claro.

— E os sexuais — resmunguei e ele colocou um pé para fora do círculo, em minha direção, com um sorriso lascivo e sensual no canto dos lábios.

— Alguém está com ciúmes aqui — ele passou a adaga para a mão cortada e tocou minha bochecha afetivamente com a outra.

— Só... preocupada — afastei-me relutante de seu toque íntimo e caloroso — Transou mesmo com ela? Alice era meio que uma criança para você, sabe?!

— Relaxe, Juliette. Sempre tive tudo sob meu controle — ele recuou alguns passos, desviando da minha pergunta, antes de se virar e continuar o que estava fazendo. Guardou a adaga na mochila e pegou o papel, relendo e guardando-o no bolso detrás de jeans.

Era horrível vê-lo fazer tudo aquilo e só poder ficar num canto remexendo em meus dedos, mas em algum momento admiti que não podia fazer nada e ele começou a recitar as palavras num cântico eloquente; naquele tom rouco sexy. Fechei os olhos por dois segundos e quando os abri, Alice estava à minha frente. Do mesmo jeito como eu me lembrava dela. Algo atingiu meu peito; como um vento forte ou uma bala. Eu não me sentia culpada, claro que não, mas algo dentro de mim sempre me lembrava que Friedrich a tinha matado.

— Rafael — ela sorriu e caminhou até a borda do círculo erguendo a palma, mas parando-a e tocando a parede invisível que os separava. Rafael ergueu a

NACIONAIS - ACHERON

dele também antes de eles abaixarem ao mesmo tempo e sorrir, radiante — Eu estou bem aqui, se é isso que você quer saber. Eu *ainda* acho que vocês dois merecem uma chance, se quer saber também...

— Alice — ele tentou falar na brincadeira, mas seu tom era sério. Rafael soltou o ar em seu peito e me aproximei.

— Está mesmo bem aí... do outro lado? — um junco se formou entre minhas sobrancelhas e Alice se dirigiu a mim e colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— Eu estou mesmo bem, não preciso que se preocupem comigo — ela se virou novamente para Rafael — Só com vocês. Por que ainda estão agindo como se algo os impedisse? — ele tinha uma expressão carregada no rosto.

— Como estão te tratando aí? — o pergunta me intrigou, mas não sua abrupta mudança de assunto.

— Como se fosse uma deles. E eu sou, graças a um de vocês que teve a brilhante e idiota ideia de consagrar meu corpo. Tenho certeza que foi Cedrico... — ela tinha uma raiva divertida no rosto. Algo que quase me fez rir, mas me lembrei que ela estava morta, dentro de um círculo que a

NACIONAIS - ACHERON

tinha invocado e rindo enquanto falava sobre Rafael e eu, então rir estava definitivamente fora de questão.

— A ideia foi de Elena e Rose, claro, mas uma boa ideia. Eu sabia que eles a acolheriam por todos os esforços que você fez... e fico mais que feliz em saber que você está bem deste lado — ela parou de sorrir, mas sua expressão era suave como antes.

— Eu sei. Tenho uma última coisa a dizer... — ela recuou até o meio do círculo, franzindo o cenho; preocupada — a magia do círculo está se consumindo rápido demais... acho que alguém não me quer deste lado — ela levantou os olhos — De qualquer maneira, quero que diga a Cedrico que eu estou bem e que ele não precisa procurar por nada; eu gosto de onde estou agora — ela se virou para mim, depois olhou para ele — Posso falar com ela por um segundo? — ela maneou a cabeça em minha direção e ele assentiu.

— Claro — Alice chegou mais perto quando Rafael desceu as escadas e se embrenhou no mato.

— Eu não tenho muito tempo — ela ficou o mais perto que pode sem ultrapassar os limites do círculo — Diga a Cedrico que eu estou bem e que ele é a

NACIONAIS - ACHERON

única coisa da qual eu sinto falta deste lado. Ivy ainda está buscando uma vingança pessoal, mesmo tendo conseguido te matar da primeira. Tome cuidado, ela pode usar qualquer um... — sua imagem tremulou e assenti — E uma última coisa — ela estava sem fôlego — Cuide de Rafael. É muito importante. Ele pode enlouquecer se não tiver ninguém para dizer a ele a diferença entre certo e errado... eu sei o que sente por ele; todo mundo sabe — sua imagem tremulou mais uma vez — Diga a Rose que sentirei a falta dela, mas que está tudo bem.

E ela se foi. Demorei um segundo para pensar sobre o que ela tinha acabado de me dizer. Sobre Rafael, sobre Ivy e as palavras de Alice. Engoli em seco e fiquei olhando para o lugar onde ela estivera a pouco antes de sair; desci as escadas da varanda e fui atrás de Rafael junto ao seu carro. Ele estava encostado no capô do carro, olhando para um ponto vazio a minha frente.

— Está tudo bem? — ele assentiu.

— Sim, só curioso com o fato de Alice querer falar sozinha com você.

— Ela disse que... — aproximei-me com o olhar

NACIONAIS - ACHERON

baixo, ainda remexendo em minhas mãos, nervosamente — eu deveria cuidar de você.

— Ela sabe — ela fechou os olhos com força antes de se virar para mim — Ela sempre soube do que eu sinto por você...

— Rafael, eu não acho... — dei mais dois passos, agora perto demais dele; estávamos quase de frente. Ergui o olhar até o seu e quando eu ia continuar, uma sombra surgiu de repente e pulou sobre Rafael, jogando-o no chão.

Outra caiu sobre mim, lançando-me no chão também, imobilizando meus braços acima da cabeça. Tentei lutar para me soltar, mas aquela pessoa não era humana, tamanha sua força em me segurar até quase quebrar meus ossos.

— Podem me culpar, eu obriguei os lobos a fazerem o trabalhinho sujo. Estou cansada de vocês, na verdade — Ivy estava de pé enquanto aquele cara me segurava.

Rafael deu um soco no lobo que o segurava e se livrou dele com magia, colocando-se de pé num segundo antes que o cara o jogasse sobre o capô do carro com um baque surdo. Lutei para me soltar, deixando de observar o que estava acontecendo

NACIONAIS - ACHERON

com o canto dos olhos. Ergui a perna e chutei seu abdome, fazendo o toque de seus dedos afrouxar em meus pulsos e fiquei de pé. Mais deles surgiram; algumas dezenas deles, provavelmente uma matilha inteira. Ofeguei, pronta para outra e Rafael me lançou aquele olhar feroz quando tinha acabado de se livrar do primeiro lobo.

— O que você quer de mim, deixe-o. Rafael não tem nada com isso — ergui a sobrancelha.

— Ele lutaria por você. E qual seria a graça? Quero que o veja morrer antes que eu acabe com você — joguei o cabelo para trás e me preparei.

Ivy gesticulou e eles vieram até e Rafael. Eu acabaria com cada um deles.

Embora eu não tivesse a menos intenção de matar ninguém, não foi preciso. Rafael ergueu as mãos em um preciso e hábil movimento, e quando as abaixou, os lobos caíram com a mão na cabeça, gritando. Parei, sem saber o que fazer.

— Venha, vamos dar o fora daqui — fui até o carro e vi que Ivy já não estava lá.

Ele estava do lado do passageiro e abriu a porta para mim, olhando em volta. Apoiei a mão na porta

NACIONAIS - ACHERON

e fiz o mesmo antes de pensar em entrar no carro. Rafael deu a volta e algo surgiu do meio da mata; um lobo não totalmente transformado pulou sobre Rafael, jogando-o no chão. Dei a volta no carro, correndo a uma velocidade vampira e o lobo passou as garras enormes pelo pescoço dele.

Fiquei paralisada no mesmo segundo, além de qualquer reação antes de chutar o lobo de cima dele e, instintivamente, e ele veio para cima de mim, empurrando-me contra o carro com força e cravando os dentes na parte interna de meu antebraço. Livrei-me dele com um empurrão e quebrei seu pescoço. Rafael demorou um pouco para respirar e se levantar. Minhas mãos estavam tremendo com o que eu tinha acabado de fazer; meus lábios entreabertos e meu olhar arregalado. Rafael se levantou e engoli em seco, olhando para o corpo ao atrás dele, que veio até mim e pousou as mãos em meus ombros, olhando o mais fundo possível em meus olhos.

— Você está bem? — demorei mais que o suficiente para conseguir raciocinar.

— Sim, você está... — toquei seu pescoço e meus dedos ficaram ensopados pelo sangue.

NACIONAIS - ACHERON

Minhas íris ficaram negras e a parte branca, vermelha, assim como as veias saltaram abaixo dos olhos, assustadoramente. As presas se alongaram e fiquei olhando para aquele sangue na ponta dos meus dedos, quase que hipnotizada, esquecendo-me completamente que eu tinha acabado de matar alguém.

— Juliette. Julies, olha para mim — ele segurou meu pulso e abaixou meu braço, fitando-me ainda mais intensamente. Afastei-me do seu toque e dei um passo para trás, voltando ao normal no mesmo segundo.

— Eu estou bem, não vou te atacar — sua expressão se suavizou. Ele sabia que eu não iria atacá-lo, então dei a volta no carro e entrei, esperando que ele fizesse o mesmo.

Irei beijá-lo um adeus^[7]

— Está tudo bem? — ele murmurou, me entregando uma caneca com café e agachando a minha frente; colocando a palma suavemente em meu joelho para se apoiar.

Rafael ergueu a sobrancelha e esperou pela minha resposta: — Eu estou bem, por que não estaria? — ajeitei a manga da jaqueta que tinha acabado de colocar e segurei a caneca com as duas mãos, olhando para meu colo na tentativa de evitar o olhar dele.

— Obrigada — ergui os olhos para ele, surpresa e ergui a sobrancelha, voltando a mim aos poucos — Pelo que fez por mim lá. Eu não teria conseguido sozinho.

Ergui os ombros e sorri.

NACIONAIS - ACHERON

— Tudo bem, eu só...

— Julies, você está bem? — Cedrico apareceu atrás de mim e em um segundo ele estava ao meu lado. Rafael se levantou e se sentou no sofá quase ao meu lado.

— Eu estou bem — e ficando cansada de repetir aquilo, mas de certa maneira eu estava feliz em vê-lo. E estava ficando louca com aqueles sentimentos por ele e por Rafael. Literalmente louca.

— Nos vemos depois — Rafael levantou e se foi.

— O que aconteceu? — respirei fundo e pressionei os lábios um contra o outro. Tomei um gole do café antes de me virar para Cedrico, que se sentou ao meu lado.

— Eu matei alguém — senti algo de ruim por dentro quando disse aquilo, como se meu lado humano estivesse surgindo e finalmente tomasse ciência do que eu tinha feito — Eu matei um lobo para salvar Rafael. Foi... eu não senti nada, mas agora, eu... — comecei a chorar. Eu não sabia por que, nem queria, mas eu comecei a chorar.

Eu me sentia culpada, me sentia horrível pelo que eu tinha feito, mas foi o único jeito. E, de jeito nenhum, eu o teria deixado machucar Rafael.

NACIONAIS - ACHERON

Sequei as lágrimas rapidamente e Cedrico passou os braços pelos meus ombros e encostei a cabeça em seu ombro.

— Está tudo bem. Você se machucou? — fiz que não com a cabeça, feliz por estar em seus braços, mais do que eu podia negar. Segurei sua camisa com força e fiquei quieta por um longo momento.

Elena entrou na sala cinco minutos depois e fechou a porta, franzindo o cenho ao me ver agarrada a Cedrico. Afastei-me e sentei ereta, passando os dedos da mão esquerda pelo cabelo enquanto segurava a caneca com a outra.

— O que aconteceu...

— Os lobos tentaram matar Rafael e Juliette, a uns dois quilômetros do lago — Elena deu a volta no sofá e parou a minha frente.

— Você está bem? Rafael...

— Ele está bem, eu... — meu olhar estava em meu colo. Eu nem conseguia manter o olhar nela. Nem em ninguém, na verdade.

— Ela matou um deles — o tom dele foi neutro, o que ele estava tentando manter com esforço, mas Cedrico parecia abalado também.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu vou para casa — levantei e coloquei a caneca na mesa de centro.

— Eu te deixo lá — Elena pegou as chaves pouco depois de jogar na bolsa.

Eram pouco mais de duas da manhã quando saí de casa. Tudo estava girando e a febre me fazia delirar quando saí do prédio e peguei o carro. Dirigi por algumas ruas, mal conseguindo chegar até lá e desci, fechando a porta. Entrei na clínica onde Joseph trabalhava e meus pés se arrastaram até a sala dele e bati duas vezes.

— Entre — quando girei a maçaneta, quase caí lá dentro. Joseph se levantou rapidamente e me segurou — Juliette, o que aconteceu com você?

— Acho que... estou morrendo.

Ele me ajudou a sentar na cadeira de frente para sua mesa e pegou um copo de água, sentando ao meu lado.

— O que houve? — bebi um gole da água e tentei me acalmar, mas o mundo ainda estava girando a minha volta.

— Eu sei que é letal, mas não pode me dar
NACIONAIS - ACHERON

alguma coisa para a dor e as alucinações... — falei quase que sem ar. Coloquei o copo na mesa e Joseph franziu o cenho, esperando que eu explicasse e tirei a blusa longa de lã, colocando-a em meu colo, depois puxei a manga da blusa preta e mostrei a ele.

A mordida horrível, sangrenta no interior do meu antebraço que ficava cada vez pior com o passar do tempo; minhas veias estavam ficando pretas, abandonando o tom azul-claro habitual. E se espalhavam conforme o tempo. Poucas horas e se espalhavam por todo o meu antebraço e ficava pior. A mordida tinha se transformado em uma ferida que iria me matar até o fim do dia.

— Rafael sabe? Ele viu? — seu tom era cauteloso quando meu olhar encontrou o seu e abaixei a manga da minha blusa.

— Não, eu não falei com ele. Não queria que se sentisse culpado — ele se levantou, dando a volta na mesa.

— E por que ele se sentiria culpado? — Joseph abriu uma gaveta — Vou fazer um curativo nisso.

— Eu fui mordida quando o salvei e não acho que ela precise saber disso — ele levantou os olhos

NACIONAIS - ACHERON

— Só me dê algo para a dor.

— Juliette, escute — ele sentou novamente ao meu lado e girei para ficarmos de frente. Ele puxou meu braço esquerdo e ergueu a manga da blusa com cuidado e limpou com cuidado sob meus protestos — Você tem que contar a ele. Se não existir mesmo uma cura... ele vai querer estar com você.

Ele pegou uma faixa e enrolou-a em torno do meu antebraço depois de limpar e colocou o esparadrapo o mais cuidadoso possível. Abaixei a manga e respirei fundo.

— Só preciso de algumas drogas. Para as alucinações, por favor — um junco se formou entre minhas sobrancelhas e ele anuiu, levantando-se outra vez e pegando algo em um armário atrás de mim.

— Vou te dar alguma coisa para a dor. Vai aliviar a dor, mas você estará consciente — ele me entregou algumas agulhas — Vou falar com Rafael sobre algumas ervas que possam inibir os sintomas, mas...

— Não precisa me dizer, Joseph — peguei as injeções e ele pousou a mão em meu ombro — Eu
NACIONAIS - ACHERON

sei que não existe cura.

— Eu sinto muito.

— Eu falei com Alice ontem. Ela queria que todos vocês soubessem que ela está bem — ele se virou e pegou minha blusa de lã atrás de mim. Estendi o braço para pegá-la e Joseph aplicou algo no meu pescoço; perdi a consciência no mesmo segundo.

— Sinto muito, mas não posso deixá-la ir.

Acordei num quarto de hospital; o mesmo que eu tinha estado da última vez. Mas não tinham mais tubos nem agulhas em mim porque não havia nada que Joseph pudesse fazer daquela vez. Eu não estava com roupas de hospital e tinham se passado horas desde que ele tinha me sedado com qualquer coisa, menos sedativo humano. Não teria funcionado comi-go. As luzes estavam apagadas e me levantei, piscando para me adaptar e pisei no chão com cuidado, procurando por algum interruptor, arrastando-me pelo quarto. A luz acendeu de repente no meu rosto e vi Rafael sentado no sofá ao lado da porta.

— Quando pretendia me contar? — senti o suor

NACIONAIS - ACHERON

se formando numa camada em minha pele e ele se levantou, vindo até mim com uma expressão implacável e dura no rosto. Minhas pernas ficaram bambas e coloquei a mão na maçaneta e ele colocou os braços em torno da minha cintura para me ajudar a ficar de pé.

— Eu não ia — sorri pela ironia da situação e passei o braço direito por ele e coloquei a palma esquerda em seu peito, sentindo a dor latente nele — Não queria que achasse que foi sua culpa. E não foi — eu estava ficando sem fôlego como se tivesse corrido cem quilômetros sem parar — Eu fiz uma escolha e estou bem com isso.

Ele me colocou na cama e sentei, colocando a cabeça no travesseiro alto, sorrindo, mesmo que não tivesse graça. Eu estava morrendo e rindo daquilo.

— Do que você tá rindo? — ele perguntou, rudemente e se sentou na cama ao meu lado.

— Dessa situação. Aqui estou eu, de novo. *Morrendo*, de novo. E você está aqui, esperando que *de novo* haja alguma cura milagrosa... — fiquei sem ar e tive que fazer uma pausa para respirar — quando não há — sentei ereta e coloquei

NACIONAIS - ACHERON

as palmas em suas coxas, aproximando meu rosto do seu e ficamos a poucos centímetros — Eu vou morrer...

— Pare — passei os dedos da mão direita pelos seus cabelos e pousei-os em sua nuca — Eu vou voltar para casa e procurar alguma coisa que consertar isso.

Ele se levantou abruptamente e fui atrás dele até a porta: — Espere, não me deixe aqui sozinha. Eu não quero ficar sozinha — ele inclinou a cabeça para o lado e me puxou, passando o braço pela minha cintura.

— Vou te levar para minha casa, mas quero que fique quietinha enquanto eu faço umas pesquisas, tudo bem? — assenti.

Ele me sentou no sofá da biblioteca com cuidado e observei o sol alto pela janela. Rafael me deixou ali, ofereceu café e voltou com ele, procurando livros e lendo-os. Ele pegava um, largava aberto sobre o piano e sobre a mesa de madeira, sua expressão era cada vez mais irritada e carregada enquanto eu acompanhava com o canto dos olhos, ficando mais nervosa a cada segundo que se

NACIONAIS - ACHERON

passava.

— Pare! — gritei de repente com ele e fiquei de pé. Ele se virou para mim com o cenho franzido — Você sabe que não existe cura, então pare de desperdiçar o tempo que eu tenho fingindo que vai encontrar alguma coisa nesses malditos livros. Eu estou cheia disso... — Rafael soltou o livro no exato momento em que a caneca caiu no chão. As coisas começaram a girar numa velocidade vertiginosa e eu caí.

O quarto de Rafael estava aberto e arejado quando acordei em sua cama. Ele tinha me coberto até a cintura e me aquecido, embora tremesse e a febre tivesse se elevado a uma temperatura insuportável. Ivy estava a minha frente quando olhei para frente. Joguei os cobertores para o lado e ela fechou a porta.

— Não acredito que ainda está viva — ela riu, jogando a cabeça para trás — Na primeira você teve sorte por ter sangue de vampiro no organismo, mas agora nada pode te salvar, nem os Hamilton. E Deus sabe que eles tentam.

— Você não é real. Saia da minha cabeça —
NACIONAIS - ACHERON

aproximei-me sem ter medo dela. Ivy agarrou meus braços empurrando-a com força e ela caiu do outro lado do quarto. Fechei os olhos com força, apoiando-me na parede e cobri o rosto com as mãos por um momento, perturbada demais. Quando tirei, vi Rafael a minha frente e arregalei os olhos.

— Juliette... sou eu.

— Não, ela... ela estava... — permiti que ele se aproximasse e passasse os braços em torno de dos meus ombros, puxando-me para si — Ela estava bem aqui — eu estava tremendo e fechei os olhos, apertando-o contra mim. Larguei-o e dei um passo em direção a porta — Fique longe de mim, eu não posso te machucar.

— Está tudo bem, Julie — abracei-o com força demais por tempo demais por tempo demais até que meus tremores passassem.

Voltei para a cama, com frio e me enrolei nas cobertas.

— Você pode pegar minha bolsa? — ele tinha levado minha bolsa e a vi tinha levado e estava sobre a poltrona. Ele fez o que eu pedi e pedi que ele pegasse meu iPod — Agora, coloque a primeira música.

NACIONAIS - ACHERON

Ele franziu o cenho e fez o que eu disse, caminhando até o suporte. *Terrible Love*, da Birdy, começou a tocar naquele tom completamente melancólico do qual eu me recordava.

— Por que quer escutar isso?

— Porque eu estou morrendo e eu quero escutar uma música que eu gosto. Quero estar com você, se eu puder...

— Você não vai morrer — ele deixou a música tocando e se sentou ao meu lado, tirando algo do bolso — Trouxe isso para ajudar com a dor. Posso? — sorri e estendi o braço, apoiando o cotovelo em minha barriga. Ele levantou a manga da minha blusa até o cotovelo e olhei para o pela janela com o canto dos olhos.

— Há quanto tempo estou aqui? — perguntei num tom meio sonolento.

— São 3h48 da tarde, deixei-a dormir por algumas horas desde que você desmaiou na biblioteca — ele olhou para o relógio e começou a tirar a faixa com cuidado. Minhas veias estavam negras por toda a extensão do meu braço e tremi por um segundo, controlando os espasmos quando ele terminou.

NACIONAIS - ACHERON

Rafael arquejou e olhou para o ferimento. A simples mordida tinha se alastrado por todo o meu braço, que parecia estar apodrecendo. Fechei os olhos para não olhar para aquilo. Ele pegou algumas coisas que tinha colocado sobre o criado-mudo e limpou o melhor que pode antes de colocar uma espécie de pasta que queimou. Mordi o lábio com tanta força que sangrou.

— Aí, isso queima. O que é?

— Algumas ervas. Vão diminuir os sintomas e aliviar dor e alucinações por um tempo enquanto eu procuro algo definitivo — ele passou com cuidado e franzi o rosto diante da dor.

— Rafael, me escuta — ele colocou outra faixa e passou o indicador pela veia que ia do antebraço ao pulso, delicadamente — Você sabe que não existe uma cura, só está desperdiçando nosso tempo — suspirei e seu olhar encontrou o meu — Eu estou cansada. Só não me deixe aqui sozinha, eu não quero ficar sozinha.

— Você não está — ele segurou minha mão direita com cuidado e me avaliou com cuidado — Eu estou bem aqui.

— Então... só me escute — endireitei-me — Eu
NACIONAIS - ACHERON

tenho feito muitas escolhas e uma delas me trouxe até aqui, mas eu estou pronta. Às vezes, passamos muito tempo sem ver o que está bem debaixo do nariz e talvez eu tenha desperdiçado um bocado de tempo, mas eu quero ser sincera agora e espero que faça o mesmo por mim. Eu estou morrendo, é a sua última chance — ergui as sobrancelhas e ele anuiu a contragosto.

— Eu prometo que vou te escutar — fiquei mais ereta, aproximando-me.

— Eu sei que muita coisa aconteceu entre nós. E desde que eu coloquei meus olhos em você — eu estava ficando sem ar outra vez e a cada palavra vinha com uma pausa para que eu pudesse inspirar lentamente — naquele refeitório, naquele dia... eu só *soube*. Que eu me apaixonaria por você, e... não foi justo... bem, nada do que aconteceu foi justo, mas com você... eu sinto como se o conhecesse a minha vida inteira e talvez — desviei o olhar do seu, olhando para o meu colo, tentando encontrar as palavras certas — seja pelas coisas pelas quais passei ao seu lado, mas talvez porque é assim que você sabe que ama alguém. E, não importa onde você esteja ou o que você está fazendo, nem

NACIONAIS - ACHERON

mesmo com quem você está... eu, sincera, verdadeira e totalmente, sempre amarei você.

Ele ficou em silêncio por tanto tempo, apenas deslizando o polegar pela veia do meu pulso com uma delicadeza enorme, que achei que ele talvez não fosse dizer nada ou talvez não houvesse nada a ser dito. Eu deveria ter ficado quieta, mas a ideia de levar aquilo para o túmulo comigo era assombrosa.

— São palavras difíceis de seguir — ele sorriu e eu ri do nada. De repente, a fraqueza tomou conta do meu corpo e fechei os olhos, colocando a cabeça no travesseiro — Juliette. Você está bem?

— Sim, estou. É só... tudo está girando — abri os olhos e ele colocou minha mão cuidadosamente sobre minha barriga antes de se levantar.

— Eu posso dizer que te amo amanhã, porque você *não vai* morrer hoje — ele girou e caminhou até a porta enquanto eu escutava as últimas notas de *Terrible Love* e, por fim, o violoncelo deprimente no fim. Fechei os olhos e uma lágrima solitária escorreu pelo meu rosto e encontrou o algodão frio do travesseiro.

Fechei os olhos com força logo depois de abri-lo,
NACIONAIS - ACHERON

só para confirmar que eu tinha desperdiçado mais de três horas e estava escuro. A luz da lua entrava pela janela e iluminava o quarto. Peguei meu celular e vi as centenas de chamadas de Jon e Izabel e retornei.

— Julie, como você está?

— Você deve ter falado com Elena.

— Sim, eu falei — seu tom era desesperado e triste — Estou preso em NY. Tentei pegar o primeiro avião, mas está nevando e...

— Está tudo bem — suspirei, falando no melhor tom que pude para acalmá-lo. Apoiei o celular com o ombro e ergui a manga da blusa, tirei a faixa e avaliei a ferida que fazia minha pele ter um aspecto apodrecido, fazendo-me pensar que poderia descolar a qualquer momento — É melhor que não esteja aqui, Jon. Eu... não quero que me veja assim. Só preciso que você e minha mãe saibam o quanto eu amo vocês dois.

— Eu não sei o que te dizer — sua voz era mais emotiva do que eu tinha visto em toda a minha vida — Eu só... gostaria de fazer qualquer coisa para salvá-la, mas eu não posso, e estou enlouquecendo aqui. Você é a pessoa mais importante da minha

NACIONAIS - ACHERON

vida — aí meu Deus, ele estava chorando — e eu jamais pensei que iria perdê-la um dia. Eu amo você e não penso em como em como poderei viver em um mundo no qual você não faça parte dele.

— Eu também amo você — com isso, desliguei. Levantei-me, limpando as lágrimas e saí do quarto, abaixando a manga da blusa com cuidado. Eu estava praticamente dissecando com a fome e nem lembrava a última vez em que tinha me alimentado.

— Juliette — me virei e vi Cedrico. Sorri e me virei completamente, aproxi-mando-me dele — Está tudo bem? — seu tom foi cauteloso quando ele se aproximou.

— Estou, podemos conversar? — ele assentiu e desceu as escadas atrás de mim, observando-me como se estivesse sendo cauteloso com um objeto frágil.

E o beijarei novamente por entre as barras^[8]

— Onde está todo mundo?

— Procurando por alguma cura, eu acho — eu sentia o perfume dele permear meu caminho enquanto meus pés se arrastavam lentamente até a biblioteca. Ainda estava bagunçada com tudo que Rafael tinha revirado e os livros que estavam jogados em todas as direções.

— E onde *você* estava? — sentei em um sofá e ele se sentou no outro, de frente para mim, separando-nos como se buscasse uma distancia segura, pela mesa de centro.

— Em Amsterdã, curtindo o fim das férias de inverno...

NACIONAIS - ACHERON

— Amsterdã é linda no inverno — sorri e ele me olhou como se eu fosse maluca por falar no inverno enquanto um veneno se espalhava lentamente pelo meu corpo, matando cada uma das minhas células — Você pode me fazer um favor? — ele assentiu — Quero que escreva uma coisa para mim — ele se levantou e pegou um caderno e uma caneta, aderindo a minha ideia maluca, e se sentou ao meu lado.

— O que quer que eu escreva? — respirei lentamente.

— Eu não sei — falei, olhando para o vazio a minha frente e me virei para ele — Não é engraçado estar morrendo.

— Nunca achei que fosse, ainda mais morrer tão devagar — sua voz começou a se afastar, mas me esforcei para permanecer focada nele.

— Eu não sei o que dizer, quando eu disse que estava pronta, achei que seria mais fácil, mas agora... eu não consigo me despedir nem encontrar palavras apropriadas para dizer a todo mundo que eu amo — franzi o cenho e Cedrico passou o braço pelos meus ombros. Afundei o rosto em sua camisa.

— Você não precisa dizer nada, Julie — ele assentiu como se estivesse tão cansado daquilo como eu.

— Não, eu preciso... eu tenho uma última chance e preciso que... — afastei-me cuidado e fitei-o — Eu sempre amei essa esperança que você tem em mim e em todo o resto. Eu te conheci em uma fase ruim da minha vida e você me mudou, mais do que eu queria e mais do que pude perceber. Fez-me mais esperançosa... fez de mim uma pessoa melhor. Obrigada por me oferecer um baseado naquela festa — ele sorriu, assim como eu, embora meus olhos estivessem marejados pelas lágrimas — Essa é a pior parte... então, não importa onde você esteja daqui a cinco ou dez anos. Eu só *exijo*... que você seja feliz — Cedrico ergueu a mão e limpou uma lágrima na minha bochecha.

— Você só faz com que eu me sinta pior por não poder fazer nada, mas...

— Juliette — virei e Rafael estava parado na porta da biblioteca. Levantei num pulo e terminei de secar minhas próprias lágrimas, sorrindo.

— Chega de lagrimas, eu estou cansada.

—Você quer que eu saia? — balancei a cabeça, surpresa com a pergunta.

— Não, quero que fique comigo — suspirei e ele sorriu, segurando minha mão quando fechei os olhos, concentrando-me no calor do seu toque. Eu estava de volta a cama de Rafael, sem conseguir encontrar força para mover um músculo sequer.

Rafael se sentou e colocou minha cabeça em seu peito, apagou a luz quando eu pedi que ele o fizesse porque a luz machucava meus olhos e fez cafuné em meus cabelos.

— Sabe, eu me senti horrível quando matei aquele homem ou lobo. Mas depois, impedi a mim de sentir qualquer tipo de culpa. Ele teria te matado se eu não tivesse feito...

— Onde quer chegar com essa conversa? — ele cortou minhas palavras e meu tom nostálgico bruscamente.

— Não quero que desperdice essa chance — ele se moveu milimetricamente e suspirei, sentindo que ele estava se poupando de dizer algo por conta do meu estado final — Quero que viva e que seja feliz. Faça isso por mim.

— Pare com isso — ele murmurou e seus dedos

NACIONAIS - ACHERON

pararam em meus cabelos; senti seus lábios em meu ombro — Você está agindo como se não significasse para mim tudo que sabe que significa. Eu vou sentir a porra da sua falta como o inferno; não é como você está achando que é. Eu não vou acordar amanhã ou no verão como se você nunca tivesse existido — ele falava num tom sussurrado e emotivo — Você falou mais cedo sobre ter desperdiçado nosso tempo juntos, mas eu também fiz isso. Se eu pudesse fazer diferente acho que não estaríamos aqui agora. Eu queria ter dito antes o que eu sentia por você, naquele dia em que nos conhecemos e talvez eu tenha adiado demais...

— Me diz agora — murmurei quase sem forçar; meus braços sem vida. Rafael me segurou com mais força e quase senti como se ele pudesse fazer com que eu me sentisse viva e ele fazia, mas não do jeito que eu precisava — Eu não tenho um outro amanhã, então...

Rafael me segurou com mais força e fechei os olhos.

— Eu amo você — e depois de um longo momento, ele acrescentou: — E acho que para sempre — ele beijou meu ombro calmamente,
NACIONAIS - ACHERON

como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

— Que música é essa?

— *Lucky You...*

— The National — murmurei, escutando com calma as últimas palavras.

The letter's in your coat, but no one's in your head, cause you're too smart to remember.

— É muito triste...

PERIGOSAS

Parte 2

Ao fim

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Manterei você distante^[9]

— É muito triste... — aquele breve sussurro que passou pelos seus lábios foi a última coisa que ela disse antes que seu corpo começasse a acelerar o processo. Sua pele ficou acinzentada com as veias saltadas e foi completamente estranho vê-la daquela maneira, mas eu esperava que as coisas tivessem dado certo.

Ao menos por um lado. Deitei-a com cuidado e peguei o celular.

— Funcionou? — Cedrico soltou o ar em seus pulmões.

— Sim, é claro que funcionou. Precisamos manter o corpo dela seguro em algum lugar... — franzi o cenho. Eu não tinha pensado naquilo de guardar o corpo dela, mas eu certamente podia

NACIONAIS - ACHERON

pensar depois.

— Claro, talvez um caixão...

— Chego aí em meia hora — recoloquei o celular no bolso, observando Juliette com cuidado. Ela parecia adormecida, tão bela que cada músculo do meu corpo protestava ter que admitir que ela estava além do meu alcance. Duas batidas na porta e soube que era Elena antes mesmo de ela entrar.

— Precisamos colocá-la em algum lugar seguro — ela esperou minha sugestão.

— Eu sei. Acho que um caixão seria o mais apropriado, depois podemos colocá-la no cemitério. Ela ficará segura lá — ela me chamou para fora e fechou a porta.

— Eu sei que a ideia do feitiço foi minha, mas quero que mantenha suas expectativas alinhadas a realidade de que ela pode não acordar ou que você pode não achar uma cura durante muito tempo.

— Mãe... — fiz com que ela olhasse para mim e não para o rodapé. Era a primeira vez em muito tempo que eu a chamava daquele jeito. Pousei as mãos em seus ombros e fiz com que ela olhasse para mim — Eu vou encontrar uma cura e trazê-la de volta em poucos meses, confie em mim.

NACIONAIS - ACHERON

— Você nem sabe se existe uma cura...

— Eu sei que eu preciso encontrá-la, nem que eu precise extrair das presas de um lobo. Agora se acalme, não é isso que vai me enlouquecer. Preciso de um favor — ergui as sobrancelhas e ela franziu o cenho. Tirei as mãos dela com cuidado — Preciso que enfeitice a cripta.

— Vai colocá-la lá... você está certo. É o lugar mais seguro — ela se virou para sair, mas voltou — Jon não pode saber de nada disso. Ele vai voltar de NY assim que o tempo melhorar. Vou tentar convencê-lo que ela precisa ficar enterrada aqui e colocar o nome dela em algum lote no cemitério. Isso fica entre nós — assenti. Ela nem precisava dizer muito.

—Vamos acabar logo com isso — Cedrico inspirou lentamente e aproximou-se dela. Senti-me tomado por uma coisa estranha; um sentimento esquisito de possessão que começou a me dominar aos poucos. Ele segurou a mão dela com cuidado e beijou seus dedos antes de colocar sua mão ao lado do corpo e se afastar.

Foi minha vez de chegar mais perto e segurar sua
NACIONAIS - ACHERON

mão fria por um longo minuto, perdendo-me nela; em seus contornos suaves e sutis, tomados pela paz que parecia me dominar também. Ela parecia em paz, mas não estava. Arquejei e coloquei a mão sobre os lábios, fechando os olhos e cruzando seus dedos delicadamente sobre o peito.

— Acha que ela vai ficar bem no cemitério? — a voz de Cedrico soou como um sussurro assustador, me tirando do transe.

— Sim, falei com Elena para enfeitiçar o caixão, assim ninguém poderá abri-lo, depois à cripta. Ela vai ficar bem enquanto procuramos a cura — passei por ele e Cedrico se aproximou do caixão, fechando a tampa com um doloroso pesar. O homem se aproximou e puxou-o até a porta, depois até o rabecão, levando-a. Peguei a gravata e dei o nó, seguido pelo paletó. Cedrico fez o mesmo com um pesar em seu rosto ainda mais evidente que no meu.

Alex enfiou as mãos nos bolsos do sobretudo depois do suposto enterro e caminhou até mim no único momento em que eu estava sozinho. Ele estava irritado, e ele a amava assim como eu; estava me culpando e eu teria feito o mesmo, afinal,

NACIONAIS - ACHERON

se ela não tivesse me defendido do lobisomem ele não teria morrido.

— Seu filho da puta — minhas mãos estavam enterradas no sobretudo e me virei, fingindo que não o tinha visto antes, desencostando-me de uma construção de uma família com a estátua de um anjo. Era o tipo de construção comum onde os caixões eram colocadas um sobre o outro, como em níveis e com os nomes dos mortos — A culpa de tudo isso foi sua. Julies ainda estaria bem agora de não fosse por você.

— Você quer me culpar? Ótimo. Mas você sabe que não fui eu quem a matou — tentei soar controlado em respeito aos mortos e as pessoas que ocupavam o cemitério, mas quase gritei com Alex, mal conseguindo me impedir.

— Ela te salvou. Poderia ao menos demonstrar um pouco de respeito? — ele me olhou como se nada mais no mundo o enojasse tanto e me deu as costas.

Fiquei parado ali por um longo tempo, sentindo-me incapaz de fazer qualquer coisa além de respirar. Deslizei a ponta dos dedos, quase completamente rígidos pelo frio intenso, pelo nome

NACIONAIS - ACHERON

dela em alto relevo. Dei as costas quando tudo começou a voltar; rápido demais.

FEVEREIRO DE 2014

Elena me puxou para a sala dela sem que eu percebesse e bateu a porta, nem me esperando sentar para começar: — Haverá consequências. Para os lobos — ela engoliu em seco e se sentou-se na mesa. Franzi o cenho — Eles querem cada lobo daquela matilha *mortos*; querem que nos vingamos.

— Querem que você os lidere — concluí e ela assentiu, respirando irregularmente — Não estão fora do direito deles.

— Só assustados — ela enfatizou e pousou seu olhar assassino em mim — Mas eu sugeri outra coisa. Não quero uma matança, tampouco começar uma guerra... — ela franziu o cenho, nervosa — Quero um interrogatório com cada lobo daqui até Nova Orleans. Quero punir os responsáveis, não sair matando qualquer um que tenha o gene.

— Você está certa. Eu, mais do que ninguém, quero que os eles paguem, embora o principal

NACIONAIS - ACHERON

responsável por isso já esteja morto. Ele não estava sozinho. O líder da matilha tinha um acordo com Ivy, e ela tinha algo que eles queriam para terem feito um acordo com uma bruxa. Uma bruxa morta — comecei andar de um lado para o outro — o que significa que os ancestrais sabiam.

— O que você sugere?

— Juliette e eu nos encontramos em uma boate na noite em que Alice fez o feitiço. Ela estava com alguns lobos e acabei brigando com um deles... não acho que nenhum esteja envolvido, mas sei que sabem de algo e posso fazê-los falar — franzi a testa e abaixei o olhar com ferocidade, mantendo o de Elena, que se levantou e assentiu.

— Faça o que tiver que fazer — ela pousou a mão direita em meu ombro com o olhar preocupado e intenso e me virei, abrindo a porta — Rafael — voltei-me para ela — Jon me ligou mais cedo e perguntou se você poderia encontrá-lo hoje à noite — demorei alguns segundos para responder e ela acrescentou: — Você não precisa ir se não quiser.

— Diga a ele que estarei lá. Preciso encerrar isso de uma vez e ele precisa acreditar que ela está realmente morta. Dói, mas às vezes precisamos

NACIONAIS - ACHERON

arrancar o band-aid de uma vez só.

— Ele não pode duvidar que ela está morta — ela mordeu o interior da bochecha — Jon e Izabel não concordariam com isso nem por um segundo.

Foi estranho entrar sozinho nas mesmas salas em que estivemos juntos. Entrei na aula de ocultismo e lembrei-me do trabalho que ela esteve escrevendo durante semanas sobre a história da bruxaria. Elena entrou com uma expressão fúnebre no rosto e colocou alguns papéis na mesa, lânguida e taciturna.

— Bom dia...— ela começou a falar, mas desliguei a aula inteira até que tocou o sinal e uma menina que estava sentada no fundo se sentou ao meu lado, louco antes de eu me levantar.

— Rafael — me virei para vê-la. Era uma morena bonitinha que eu tinha agarrado umas semanas antes. Muitas antes — Você vai na festinha hoje? De volta as aulas...

— Claro — assenti e peguei a bolsa a tiracolo, colocando no ombro e saindo com ela. Se eu bem me lembrava, o nome dela era Eva Thorne e era bem gostosa. Avaliei-a por dois segundos enquanto

NACIONAIS - ACHERON

saíamos para o corredor e Eva franziu o cenho suavemente, com uma expressão de inocência suavemente forçada — Podemos nos encontrar?

— Claro. Às oito e meia? — sorri e ela saiu com as amigas. Cassandra agarrou meu braço no corredor e me fez entrar em um armário de produtos de limpeza.

— Quando pretendia me contar o que fez? — ela estava tentando se controlar, mas as palavras saíram gritadas e nervosas.

— Cassie, eu não podia...

— Você tem que confiar em mim, porra. Precisamos fazer isso funcionar. Eu sou sua irmã. Sua *irmã gêmea*— ela gesticulou, fora de si.

— Você quer me ajudar? Vem comigo hoje à noite — franzi o cenho e coloquei a mão em seu ombro, girei e abri a porta, colocando-a para fora.

— Para onde?

— Você vai ver. Esteja pronta — sussurrei e fui pelo lado oposto do corredor.

Coloquei a jaqueta de couro preta e saí rápido antes que aquelas memórias comessem invadir minha mente de novo. Cassie pegou as chaves do meu

NACIONAIS - ACHERON

carro e foi na minha frente, parando ao lado para me esperar.

— Para onde vamos? — ela mordeu o lábio inferior e reparei na roupa que ela tinha colocado. Algo me disse que era inadequada para a tortura que iríamos praticar mais tarde. Vestido preto e solto, botas de cano baixo e jaqueta; seu cabelo preso num rabo de cavalo.

— Primeiro — tomei as chaves da mão dela e abri a porta —, na casa de Jon. Depois na festinha do colégio e depois — suspirei, olhando para a lua cheia quase em seu ápice — torturar alguns lobos.

Seus lábios se entreabriram em surpresa. Ela arqueou a sobrancelha e desviou o olhar, depois voltou a me olhar; sustentei-o.

— Está bem. Estamos juntos nessa — ela bateu os dedos na porta aberta e deu a volta no carro, entrando e se sentando. Esperando por mim. Parei no prédio de Jon e desligue o motor olhando para cima, depois para Cassandra.

— Você fica aqui — saí do carro e ela confirmou com a cabeça. Jon abriu a porta em dois segundos. Cumprimentei-o é Izabel, embora hesitante por não saber como agir.

NACIONAIS - ACHERON

Não sabia o que ele queria, mas não era boa coisa. Não era eu quem deveria iniciar uma conversa, tampouco me virar para os pais de Juliette e perguntar como *estavam indo*. Izabel estava encostada na parte detrás do sofá, girando-me intensa e cortante. Fiquei parado a porta. Ele não tinha me convidado a entrar, só tinha sido educado ao apertar minha mão.

— Vou direto ao ponto. Quero que Ivy ou quem queira que seja, pague pela morte da minha filha.

— Ainda não entendo por que Ivy a queria morta, mas agora ela teve o que queria. Também quero que os responsáveis paguem, custe o que custar — ergui as sobrancelhas brevemente para denotar ênfase.

Izabel se levantou e se aproximou.

— Acontece que Ivy não teve o que queria — franzi o cenho, sem entender onde ela queria chegar — Porque aquela não era a minha mãe. Eu investiguei — ela estendeu o braço à sua direita e pegou alguns papéis, finalmente convidando-me a entrar.

— Então quem era? — ela abriu a pasta, mas não tentei captar as palavras, só o olhar de Izabel. Jon
NACIONAIS - ACHERON

ficou parado atrás de mim depois de fechar a porta e Izabel apoiou o cotovelo na bancada.

— Eu não sei, mas não era ela. Primeiro que Ivy amava a neta e eu sei que ela jamais faria algo para me magoar, menos ainda mataria minha filha. E depois, o que pode parecer mais óbvio, mas que ninguém pensou antes, é que ela foi consagrada em Nova Orleans, onde ela viveu e morreu. Para salvar Juliette, então não teria por que ela voltar para matá-la quando poderia ter deixado que eu mesma fizesse isso enquanto a carregava.

— Então precisamos descobrir quem está fazendo isso...

— Não é assim tão fácil. Por isso eu preciso da sua ajuda — ela mordeu o lábio inferior.

— Me diga do que precisa.

— Você tem uma conexão direta com Alice e ela é uma ancestral agora — ela franziu a testa suavemente como se eu devesse concluir o resto — além disso, quem fez isso é muito poderoso para controlar uma matilha inteira.

— Não estavam sob compulsão. Ivy, ou quem quer que seja, estava oferecendo algo aos lobos. Algo que não podiam recusar — Jon me fitava com

NACIONAIS - ACHERON

uma expressão cortante — Eu tenho meu próprio plano para lidar com essa situação. Vocês dois devem ficar longe dos lobos e até dos bruxos para evitar uma guerra.

— Não me diga o que eu devo fazer — o tom dela se elevou, ondulando em minha direção — Esses lobos mataram a minha filha, então, é, eu vou começar uma guerra se for preciso.

— Izabel, pelo amor de Deus... seja racional — gesticulei e senti uma ondulação suave em sua energia, desviei os olhos até sua barriga, então voltei a olhar em seus olhos — Você está grávida?! — não foi uma afirmação, nem tampouco uma pergunta.

— Não! — ela falou rápido demais. Ela não devia saber.

— Você está — ela demorou um longo tempo para absorver o impacto das minhas palavras e reformulei o que ia fazer — Eu sei que você quer vingança, e eu também — aproximei-me e Jon se aproximou de Izabel, como se temesse que eu fosse avançar sobre ela —, mas eu vou fazê-lo pagar dez vezes mais. Eu prometo. Só me deixe cuidar disso.

Cassandra estava do lado de fora, encostada no carro, tentando acender um baseado quando saí do prédio, cheio de tudo. Ela deu um pulinho quando o barulho do carro sendo destravado ecoou e as luzes piscaram: — O que aconteceu? — ela abriu a porta e entrou antes que eu desse a volta no carro e fizesse o mesmo, batendo a porta com força. Liguei o carro e saí a toda velocidade, pegando o baseado que ela tinha acabado de acender e dando um trago e relaxando enquanto o baseado se consumia rapidamente.

— Izabel descobriu uma coisa... não foi Ivy quem matou Julie.

— Então quem foi? E duas vezes... — ela baixou os olhos para o colo, pensativa e olhou para minha mão direita no volante e a esquerda com o baseado, respirando fundo antes de dar mais um longo trago.

— Eu não sei, mas quem quer que seja — mudei a marcha e olhei para Cassandra —, vai pagar por isso.

Fomos para o colégio e Cass me olhou, intrigada.

— Achei que fossemos caçar lobos, não ir a uma festinha da escola — desliguei o carro e peguei a chave, abri a porta e saí. Cassandra fez o mesmo e

NACIONAIS - ACHERON

me encarou como se eu tivesse acabado de matar alguém antes de caminhar ao meu lado até a porta.

— Eu disse que viríamos aqui antes. Vou encontrar alguém — não era bem por aquilo que eu estava ali, mas foi uma desculpa plausível.

— Certo. Você tem um encontro — ela franziu o cenho, irritada.

— Também quero falar com Elena. Já que não a encontro em casa, achei que ela poderia estar aqui.

— Ela não está aqui — Cassandra suspirou enquanto sabíamos as escadas — Está na casa do lago. Deve estar fazendo alguma coisa que uma regente faria — seus ombros se ergueram quase que involuntariamente e ergui as sobrancelhas por um segundo.

— Ainda preciso ir em casa, então passe umas horas com seu namoradinho e nos encontramos mais tarde — fui para a direita até a enorme quadra de basquete que tinha sido decorada para uma festa piegas.

— Só não enlouqueça — Cassandra murmurou assim que entramos — Eu vou ficar com Alex e te encontro em casa... — encontrei Eva, de vestido azul e alças. Ela estava linda com os cabelos caindo

NACIONAIS - ACHERON

pelos seus ombros. Aproximei-me e ela pegou uma bebida, ainda sem me ver. Parei ao lado dela e peguei um copo, colocando ponche nele, embora não fosse minha bebida favorita: — Oi, você veio — ela sorriu e tomei um gole da bebida, sorrindo de volta.

— E você achou que eu não vinha — coloquei o copo na mesa e me virei para observar as pessoas enquanto elas dançavam — Isso aqui é uma droga.

— Bem, é o primeiro evento de verdade no ano, então...

— Você tinha que vir — observei-a com o canto dos olhos — e me trazer junto.

Ela ergueu as sobrancelhas por uma fração de segundo.

— É. Você é meio que popular por aqui, mesmo que rejeite seu posto.

— Quer ir para outro lugar? — virei-me para ela e Eva pousou o copo na mesa.

— Para onde?

Dentro do meu coração^[10]

— Essa é a sua sala de estar? — um suspiro escapou pelos seus lábios.

Fechei a porta atrás de mim e Eva deu alguns passos, desceu os três degraus e parou como se estivesse em um castelo.

— É, sim. Quer beber alguma coisa? — Eva se virou para mim e fomos até a cozinha. Elena estava na casa do lago, Joseph estava de plantão na clínica, Renée e Cedrico estavam de férias enquanto procuravam pela mesma cura que eu, e Cass na festa ridícula do colégio, me esperando, e por mim poderia esperar por longas horas — Cerveja?

NACIONAIS - ACHERON

Ela assentiu, de repente tímida. Peguei uma Heineken e passei para ela, depois peguei uma para mim.

— Tudo bem? — ela fez que não e sorri de volta, tomando um gole da cerveja.

Abri os olhos relutantemente e pisquei, ainda meio confuso e os abri novamente, sentando-me. Passei a mão esquerda pelo rosto e olhei para o espaço vazio na cama. Eva estava terminando de se vestir e Cassandra estava parada ao meu lado. Eu tinha a vaga noção de estar nu.

— Cassie... o que ta fazendo aqui?

— Não faça perguntas idiotas — além de estar nu, eu tinha uma leve impressão de que tinha levado aquela garota para a cama. Soltei o ar em meu peito e vi minha roupa espalhada pelo chão numa trilha que ia da porta até minha cama — Coloque a porra da roupa, nós precisamos ir.

— É, claro — balancei a cabeça e me sentei, puxando o lençol para me cobrir, e peguei a cueca aos pés da cama — Nos falamos depois? — falei com Eva, franzindo o cenho numa expressão que praticamente indicava que aquele não era um bom
NACIONAIS - ACHERON

momento e ela assentiu.

— Claro — Cassandra jogou minha camisa e calça em cima de mim, indicando que eu deveria vestir aquilo logo. Foi o que fiz, pegando a jaqueta e descendo as escadas o mais rápido que pude até o carro. Não estava mais confuso como quando tinha acordado, mas ainda não me lembrava o que tinha acontecido até que eu fosse parar no quarto com Eva.

Cassandra estava nervosa, batendo os dedos no volante enquanto olhava para os lados e aumentava a velocidade.

— O que deu em você? Diz — ela me olhou como se fosse me fazer falar.

— Ou o quê? Vai contar para a mamãe que eu levei uma garota para casa? Acha que nossos pais se importam com a gente? — ela revirou os olhos e teve que voltar sua atenção para a estrada quando fez uma curva fechada para entrar na principal.

— Você está com problemas, eu só quero ajudar. Diz o que está acontecendo — respirei fundo.

— Ela está aparecendo para mim. Antes, em sonhos e agora o tempo inteiro... e já fazem mais de duas semanas que ela morreu...

NACIONAIS - ACHERON

— Espera — Cassandra me olhou com o canto dos olhos com o cenho franzido, assustada com sua própria conclusão — Está falando da *Juliette*? — assenti, olhando para minhas próprias mãos — O que quer dizer com isso?

— Eu não sei. Ela só está... eu não contei pra ninguém porque achei que estava surtando ou sentindo a falta dela. Talvez os dois, mas agora — levantei o olhar até o de Cassandra; seu olhar arregalado e assustado — ela está realmente me deixando louco, mesmo depois de morta.

Cass engoliu em seco e girou o volante. Olhei para a estrada a minha frente e ela jogou o carro em uma vaga estreita com habilidade. Coloquei os dedos frios sobre as têmporas.

— Para onde vamos? Antes que pense em fazer qualquer coisa, quero que se recomponha enquanto eu compro um café — ela tirou o cinto e fitei-a — Acha que consegue fazer isso?

— Me conte o que aconteceu, detalhe por detalhe — Cassandra me passou um dos cafés que trazia em sua mão, dez minutos depois. Senti como estivesse sob efeito de uma droga antes, mas que
NACIONAIS - ACHERON

agora tinha passado e eu estava completamente lúcido; melhor ainda com uma dose enorme de café forte e amargo.

— Eu não sei. Lembro que estava lá com a Eva e... apaguei. Só lembro-me de ter acordado no meu quarto, nu. Não faço ideia, mas algo me diz que eu transei com ela e não devo ter sido muito gentil se nem me lembro o que aconteceu.

— Precisamos cuidar disso — ela tomou um gole do seu café, enquanto eu fazia o mesmo, e pegou o celular, discando os números de Elena. Coloquei a palma sobre a tela do celular dela.

— Não vamos envolver Elena nisso. Eu posso resolver, só precisa confiar em mim — Cassandra respirou fundo e abaixou o celular, bloqueando-o.

— Tudo bem, mas não me esconda nada — ela franziu a testa. Ela sabia que eu não esconderia nada dela, assim como nunca o tinha feito, e colocou o café na bandeja, colocando no meu colo e olhando pelo retrovisor pelo retrovisor enquanto saía — Vamos colocar todas as opções na mesa. Você tinha acabado de fumar um baseado...

— Não foi isso. Eu saberia se estivesse chapado, e não teria apagado o que eu fiz com Eva da
NACIONAIS - ACHERON

memória.

— Ta bem. Segunda hipótese, alguma bruxa maluca está querendo te deixar maluco e está mexendo com a sua cabeça, te fazendo ver coisas...

— seu olhar se arregalou por um segundo enquanto ela falava e Cass comprimiu os lábios, dando-se conta de algo — ou os ancestrais enlouqueceram e... querem que você veja alguma coisa. Isso já aconteceu antes. Talvez Juliette esteja sofrendo em algum lugar e precisa que a tire de lá...

— Cassie! — ela fechou os olhos e voltou sua atenção para a rua a nossa frente, soltando todo o ar preso em seus pulmões.

— Desculpe — ela engoliu em seco e falou sem olhar para mim. Senti a culpa em seu tom de voz e respirei, tentando acalmar cada célula do meu corpo.

— Eu já estou tentando tirá-la de onde quer que ela esteja — falei entre dentes e fixei meu olhar nela.

— Eu sei, desculpe. É só que... nós dois sabemos que pode ser ela. E não vamos encontrar uma saída enquanto fingirmos ou ignorarmos algumas hipóteses por estarem sendo dolorosas demais para

NACIONAIS - ACHERON

você — ela falou tudo rápido demais, num fôlego só e me dei conta de que Cassandra estava certa e que eu estava tremendo.

— Não posso fazer isso.

— O quê? — ela me olhou por dois segundos, então parou o carro em uma vaga para deficientes e desligou o carro.

— Não posso fazer isso esta noite. Preciso de uma pausa, um descanso — esfreguei os dedos na testa, tentando voltar a mim e descobrir o que estava me fazendo surtar daquela maneira. Cass ficou em silêncio por muito tempo, então ligou o carro outra vez.

— Tudo bem, acho melhor adiar mesmo. Você não está bem, nem eu, então...

— Vamos para casa — coloquei a bandeja no painel do carro e abri o porta-luvas a procura que de um bloco que encontrei com uma caneta em seu arame espiral. Comecei a fazer anotações rápidas e Cassandra espiou enquanto fingia prestar atenção a estrada.

— O que está fazendo? — ela murmurou.

— Uma lista do que pode estar acontecendo comigo. Até sintomas mortais estão inclusos e
NACIONAIS - ACHERON

preciso da sua ajuda para riscar cada um daqui — bati com a caneta no bloco e ela mordeu o lábio com força.

— Estamos juntos nessa, mas vai colocar os ancestrais e Juliette no topo dessa lista para evitar que percamos tempo — hesitei, mas fiz o que ela disse. Cass pegou um retorno e voltou para a estrada, depois de termos dado uma enorme volta em círculos na cidade, indo para casa.

Lá, ela arrumou meu quarto enquanto eu tomava banho, procurou por qualquer coisa que mostrasse que ela estava certa. Saí do banheiro e coloquei uma cueca samba-canção e camiseta branca. Cass estava abaixada ao outro lado da cama quando apaguei a luz do banheiro e fechei a porta. A iluminação estava baixa como antes de chegarmos e, eu provavelmente tinha diminuído a luz quando entrei ali com Eva. Respirei fundo e me joguei na cama, precisando desesperadamente de algumas horas de sono para me recompor.

Cass se levantou, segurando uma embalagem de preservativo e sorriu.

— Ao menos usou isso — ela colocou sobre o criado-mudo e se sentou ao meu lado — Quero ver.
NACIONAIS - ACHERON

Franzi o cenho, tentado a dizer um enorme não, mas então pensei melhor. Cass era a pessoa em quem eu mais confiava, minha gêmea, e deixá-la entrar na minha mente talvez fosse a melhor maneira de descobrir o que estava acontecendo comigo.

— Faça — sentei-me mais ereto e ela respirou fundo. Fechei os olhos, preparando-me.

CASSANDRA

A mente do meu irmão era como um inferno escuro e com a luz apagada. Um longo grito desesperado e uma escuridão tão intensa que senti um aperto no peito; algo como um ataque cardíaco ou a morte iminente. Era como estar preso na escuridão ou algo pior. Mas tentei vasculhar cada parte de sua mente e de suas lembranças, e o mais rápido que pude antes que me perdesse nelas, e sair.

Acordei exausta ao seu lado, deitada com ele na cama, e pisquei com força.

— Foi assustador — foi tudo que pude sussurrar, ainda meio que perdida no que tinha acabado de acontecer — Eu tenho as respostas, se é o que quer

NACIONAIS - ACHERON

saber, mas antes de ter certeza, preciso ir ao cemitério.

Sentei-me e ele fez o mesmo, ainda num silêncio assustador.

— Fazer o quê lá? — sua pergunta foi cuidadosa.

— Ver Juliette, é claro. Eu sei que você não quer saber, mas eu preciso, mesmo que não possamos tirá-la de lá — percebi que ele tinha me coberto e tratei de jogar as cobertas para o lado e pular para fora da cama — Vá atrás daquela garota... Eva. Descubra o que aconteceu — peguei minha bolsa no chão lado da cama e comecei a andar na direção da porta.

Rafael me seguiu e segurou meu cotovelo quando a alcancei, girando a maçaneta.

— Vai mesmo me deixar de fora só por que eu tive uns lapsos de memória? — um juncos se formou entre suas sobrancelhas e ele me soltou quando meu olhar o perfurou.

— Sim, eu vou. Não está em condições de ir até o túmulo deixar flores, tampouco caçar lobos ou contatar ancestrais... — suspirei e ele me seguiu quando deixei o quarto, segurando forte a alça da minha bolsa. À porta, voltei-me novamente para

NACIONAIS - ACHERON

ele, pousando a mão em seu peito com o cenho franzido — Vá falar com a garota e peça desculpas, de preferência.

RAFAEL

Cassie estava certa. Eu deveria falar com Eva e pedir desculpas. Comecei procurando por uma roupa, depois pelo telefone dela. Enfiei-me em qualquer coisa, pus uma jaqueta e saí.

Ela atendeu e concordou em me encontrar no colégio. Vaguei por todos os lugares possíveis e finalmente a encontrei na piscina com os pés mergulhados na água. Era estranho enquanto eu não me lembrasse o que tinha feito, mas me aproximei, sentando-me ao lado dela depois de tirar os sapatos. Eva não estava mais com o vestido, e sim com jeans e uma blusa larga de lã, cabelos soltos e ar um tanto melancólico.

— Oi — falei timidamente e Eva agitou os pés na água, sutil.

— Eu esperava algo mais...

— Desculpe pelo que aconteceu na minha casa?!
— franzi o cenho e ela virou o rosto, rindo. Uma
NACIONAIS - ACHERON

risada gostosa que me fez sorrir de volta, independente do que eu tivesse feito há, aproximadamente, uma hora antes.

— Um pouco mais que isso — ela mexeu na cutícula e mordeu as unhas, nervosa como eu — Eu sei que você é esse... gato misterioso que tem uma centena de segredos que nem vou arriscar perguntar, mas...

— Eu devo ter agido como um babaca hoje se está falando isso...

— Deve? — ela mordeu o lábio, com o cenho franzido e uma expressão totalmente confusa em seus olhos cor de avelã, e se virou para a água na piscina que projetava uma luz estranha sobre seu rosto.

— Essa noite foi um borrão na minha cabeça. Eu *realmente* não faço a menor ideia do que aconteceu lá em casa — ela me olhou como se eu fosse um maníaco e engoli em seco, esperando que Eva surtasse e saísse correndo, mas ao invés disso ela inflou os pulmões de ar fresco antes de me olhar nos olhos com uma expressão profunda e intensa.

— Certo, você é mesmo um maluco e eu... — ela se virou para o outro lado, apoiando a mão na borda
NACIONAIS - ACHERON

da piscina para se levantar quando agarrei seu pulso, instintivamente, o que a assustou.

— Desculpe-me. Por ter agido como um maluco antes e agora — soltei-a, permitindo que ela avaliasse as opções de sair correndo ou ficar e me escutar — Eu posso tentar explicar, mas nem eu estou entendendo direito o que aconteceu. Só... deixe-me compensar pra você com um jantar amanhã? — franzi o cenho suavemente e ela relaxou os ombros.

— Rafael, eu... tudo isso é uma loucura. Nem nos conhecíamos até hoje de manhã, acho que você nem sabia da minha existência, e talvez devêssemos continuar assim porque você está começando a me assustar — ela estava certa. Respirei fundo e decidi mudar a abordagem.

— Diz se não quiser sair comigo — lancei a ela aquele olhar que faria qualquer garota se derreter aos meus pés e Eva finalmente cedeu.

— Tudo bem, vamos jantar amanhã. Às oito no Walter's e não se atrase — ela fez menção em se levantar e segurei-a mais uma vez.

— Não vou — murmurei e beijei-a. Surpreendi a mim mesmo desta vez porque não foi algo que eu

NACIONAIS - ACHERON

quisesse fazer; não exatamente. Ela era linda e tudo o mais, mas não era o tipo de garota com quem eu me envolveria ou chamaria para sair, ainda mais com Juliette impregnada tanto na minha mente quanto em meu coração. Eva se afastou, ainda muito perto e sorriu.

— Nos vemos amanhã.

Fotos suas^[11]

— Não está pensando em fazer alguma merda, está?

Cassandra batia como lápis na mesa em uma velocidade irritante. Tomei o lápis de sua mão e ela finalmente se virou para me olhar. O professor nos olhou com um olhar reprovador enquanto deveríamos estar resolvendo um cálculo inútil em Cálculo Aplicado.

— De que tipo? — sussurrei de volta e percebi que tinha captado sua atenção com um sorriso no canto dos lábios bastante sedutor — Chamar a garota para sair ao invés de ter dado um fora nela, como me disse para fazer?

— Está interessado nela? — Cassie falou com escárnio e o professor nos olhou outra vez.

NACIONAIS - ACHERON

— Srta. Hamilton...

— Desculpe — ela se virou para mim falando mais baixo — Não deveria se envolver com ela. Eva não é interessante e você não está aberto a possibilidades nesse momento, é só...

— Sexo. É só sexo — baixei os olhos, rabiscando os cálculos assim como Cass — Além disso, ainda não sei o que aconteceu ontem a noite. Vou transar com ela e arrancar as respostas. Não me disse o que viu ontem a noite — ela arregalou o olhar com minha abrupta mudança de assunto — Na minha cabeça.

— Nada conclusivo — ela terminou o que estava fazendo e voltou sua atenção novamente para mim — Não conte para Cedrico o que está acontecendo.

Joguei a bolsa no chão, abri o notebook e sentei na cama para dar uma última lida no trabalho final de sociologia. Meia hora depois a porta se abriu e Cassandra entrou, aparentemente tempestiva.

— O que foi agora? — ela se aproximou e sentou na borda da cama, ao meu lado, exigindo que minha atenção fosse somente dela antes de falar.

— Eu falei com os ancestrais. A má notícia é que
NACIONAIS - ACHERON

não são eles que estão te atormentando...

— Por que isso seria uma má notícia? —
coloquei o notebook de lado e franzi a testa.

— Porque se não são eles, é a Julie que está fazendo isso. O que significa que, onde quer que ela esteja, não deve se *nada* agradável — fitei-a sem saber o que dizer. Tudo que eu podia fazer era continuar tentando encontrar uma cura. Até lá não me restava alternativa a não ser permitir que ela sofresse.

— Cassandra, eu não...

Ela pousou a mão sobre meu peito, fazendo com que eu me calasse. Seu olhar aflito encontrou o meu e ficamos em silêncio por um longo e agonizante momento.

— Quero que estabeleça um tempo. Se não encontrarmos uma cura em seis meses, você precisa deixá-la ir — as lágrimas brilharam em seus olhos, mas não se acumularam nem ousaram cair, assim como nos meus sob o peso de tão poucas palavras, mas de um significado enorme. Eu não conseguia enxergar o sentido de suas palavras naquele momento.

Juliette estava lá, no cemitério, e tínhamos todo o
NACIONAIS - ACHERON

tempo do mundo para encontrar a cura antes que precisássemos ter aquela conversa. Cassie, certamente, estava surtando para aparecer e dizer aquelas coisas.

— Você está louca! — pronunciei as palavras lentamente e os olhos dela se arregalaram, sutis, antes que ela recolhesse a mão e se afastasse, colocando-se de pé no mesmo instante que eu — Juliette vai permanecer onde está até que eu possa tirá-la de lá, o que só vai acontecer quando eu encontrar uma cura — comecei a falar mais alto que o normal, fora de mim, como se algo estivesse no controle do meu corpo de uma hora para outra.

— Rafael, será que você não está vendo? — ela estava praticamente implorando — Ela está *sofrendo*. Não posso permitir que ela passe a vida inteira no inferno em que ela está agora...

— Você nunca gostou dela.

— Não se trata disso — ela rebateu e dei um passo em sua direção; ela recuou na medida em que eu avançava até ela — Ela está dentro de um inferno em que *você a colocou*, sendo atormentada até mesmo enquanto discutimos sobre isso — Cass respirou fundo — Acha que ela vai ser a mesma

NACIONAIS - ACHERON

quando tirá-la de lá? — ela começou a falar mais alto, gesticulando com agressividade e parei — Acha que ela vai ser a mesma garota que você costumava conhecer depois de passar meses ou até anos presa naquele cordão amaldiçoado?

— Já chega! — meu olhar foi incisivo, assim como meu tom.

— Não. Você não está vendo nada com clareza. Isso vai transformá-la e você está tão cego desse amor doentio que não está pensando nas consequências — ela se aproximou, ficando a centímetros de mim — Isso não é sobre ela, é sobre você e sua incapacidade de deixá-la encontrar paz...

— Cassandra, já chega — a voz veio detrás dela. Quando levantei os olhos, vi Cedrico parado a porta. Cass respirou fundo e me deu as costas.

Dei uma passada no colégio, nem um pouco a fim de estudar. Vaguei pelos corredores e entrei no quarto de Juliette com a chave que tinha pegado em sua bolsa, olhando para os dois lados antes de fazê-lo. A janela estava aberta e uma luz estranha iluminava o quarto, dando-me uma visão

NACIONAIS - ACHERON

assustadora ao invés de algo reconfortante. Fechei os olhos e deitei em sua cama, relaxando completamente por longos momentos com os olhos fechados. Peguei o porta-retratos acima da cama dela; uma foto dela com Ana em Nova York. Estava incrivelmente linda com Ray-ban de armação quadrado; os lábios rosados jogando um beijo para a câmera. Engoli em seco, colocando de volta atrás de mim e fechei os olhos.

Eu estava enlouquecendo e sentia a falta dela como o inferno, como se algo estivesse me corroendo. O tempo estava passando e eu não tinha respostas, não tinha uma cura, não tinha um jeito de tirá-la do lugar onde ela estava. Cassandra estava certa. Julie estava em algum lugar, algum tipo de inferno que a mudaria, e eu precisava de um prazo antes que ela enlouquecesse assim como eu. Coloquei a mão na testa e percebi que estava gelada, então puxei o cobertor, que ainda tinha o cheiro dela, até o queixo e inspirei-o com força até adormecer.

Acordei sobressaltado, sentando-me de repente, e demorei longos segundos para perceber que meu celular estava vibrando no bolso. Peguei-o e

NACIONAIS - ACHERON

pisquei antes de abrir a caixa de mensagens que estava cheia; tinha muito tempo que eu não via meus recados. O primeiro era de Elena e o segundo de Cassandra, que decidi ignorar depois da discussão do dia anterior e joguei o celular na cama, afundando novamente no travesseiro confortável. Olhei para frente e vi o notebook dela com a tela metade abaixada e levantei, indo até ele e erguendo-a. O descanso de tela era uma foto que tínhamos tirado da boate; sentei-me.

Uma sensação estranha tomou conta do meu corpo e as fotos começaram a mudar; ela e Ana fazendo um piquenique no Central Park na primavera, uma foto dela no quarto de Cedrico. Juliette estava de pé na janela com uma camisa dele, e só isso, e várias fotos começaram a passar. Obviamente, tinham sido tiradas por ele enquanto ele se aproximava dela e o sorriso era radiante em seu rosto, depois ela mordeu o lábio e Cedrico puxou-a pela cintura numa última foto. Antes que elas reiniciassem, ela estava sentada numa cama de hospital, um pouco mais nova, com um cara com aparência meio doente e com um gorro cobrindo a falta de cabelos, sorrindo como se quisesse que ele

NACIONAIS - ACHERON

sorrisse também, embora não houvesse motivos, e voltou ao começo.

Mexi no mouse e apareceu uma caixa, pedindo uma senha e fechei-o. Eu não deveria invadir a privacidade de uma pessoa que não estava realmente morta.

Deveria?

Fui para o refeitório depois de passar a manhã inteira inspirando Juliette e sua vida a ponto de me sentir sufocado. Não queria ver ninguém, mas estava faminto. Comecei a colocar coisas numa bandeja e minha visão ficou turva de repente. Apoiei a mão com força no balcão e uma das mulheres que servia me olhou com cuidado, embora eu não distinguisse bem quem era; ela estava bem na minha frente.

— Rafael, está tudo bem? — forcei-me a me virar e minha visão voltou ao normal, como se nada tivesse acabado de acontecer. Eva estava parada ao meu lado e dei um sorriso com o canto dos lábios.

— Claro — voltei a atenção para a comida e passei pela última, pegando uma Coca. Estava prestes a falar alguma coisa quando Cedrico pôs a

NACIONAIS - ACHERON

mão em meu ombro e girei.

— Preciso falar com você — franzi a testa por um segundo e anui. Pela cara dele era sério e muito.

— Nos vemos mais tarde — falei a Eva antes de seguir Cedrico até uma mesa perto das janelas de visão panorâmica. Sentei-me, ignorando a comida e sem fome de uma hora para outra — O que foi?

— Eu falei com Cassandra mais cedo. Ela está preocupada com Julie e o lugar em que...

— Eu sei e ela está certa — peguei o garfo e olhei para Cedrico, que estava com o cenho franzido — Precisamos deixá-la ir. Eu não posso mais continuar com essas visões e vê-la na minha frente desse jeito...

— Do que você está falando? — ele falou lentamente e percebi que tinha falado demais. Claro.

Eu tinha acabado de confessar que estava tendo visões esquisitas quando Cass e eu tínhamos concordado que não deveríamos contar aquilo a ninguém. Abri a boca para falar e pensei em mentir, dizer que eu só sentir a falta dela ou qualquer porra assim, mas me lembrei era Cedrico, meu *irmão* em quase todos os sentidos, que estava a minha frente.

NACIONAIS - ACHERON

Que eu não precisava mentir para ele.

— Ela apareceu para mim algumas vezes — ele ficou sem reação no mesmo segundo, assim como eu teria ficado se estivesse em seu lugar — Eu não sei exatamente como...

— Como sabe que era ela? — ali estava o motivo pelo qual ele deveria saber. Ele pensava no óbvio que, às vezes, eu conseguia ignorar.

— Eu não sei, mas eu a vi. Não sei se era mesmo ela, só que, de qualquer maneira, não podemos deixá-la em um cordão amaldiçoado por magia negra, presa Deus sabe onde.

— Você está certo, mas antes que pense que pode desistir quero que se lembre que estamos falando da Julie e, mesmo que não tenhamos nada agora, não podemos simplesmente abrir mão dessa chance e ficar de luto por ela — ele se levantou e me olhou uma última vez.

— Vou pensar.

O restaurante tinha seu próprio estilo, não era o meu favorito à toa. Lembrava-me Londres e há quanto tempo eu tinha ido lá. A decoração no prédio de tijolos com uma música romântica, e
NACIONAIS - ACHERON

melancólica, ao fundo. Eva estava sentada duas mesas depois da porta, de costas. Caminhei até ela e me sentei a sua frente, deslizando pelo banco estofado e observando a vista pelas janelas que davam para a noite pouco movimentada do lado de fora. Ela deu um meio sorriso e puxou um pouco a manga da blusa.

— Achei que você não vinha — ela olhou as horas e voltou seu olhar para mim.

— Não me atrasei tanto assim — ela ergueu as sobrancelhas brevemente — Estava encolhendo algo descente — ela me avaliou com cuidado; desde a jaqueta de couro, a camisa cinza por baixo, a calça preta e as botas de motoqueiro. Depois, seus olhos encontraram os meus e seu sorriso se desfez lentamente.

— Eu não vou dormir com você de novo — então ela tinha dormido uma vez.

— Não foi por isso que te convidei para jantar — pousei os dedos na mesa e ela relaxou os ombros, bebendo um copo de água devagar. Eu podia, literalmente, sentir as vibrações de suas emoções indo até mim. Era quase sufocante.

— Por que, então? — demorei mais de três
NACIONAIS - ACHERON

segundos para responder e ela continuou: — Rafael, nós estudamos juntos desde o primário e eu te conheço desde sempre. Quando te chamei para sair, acho que estava tentando ser legal, não achei que fosse mesmo, muito menos que ia me convidar para ir à sua enorme mansão...

— Eva — ela calou a boca e franziu os lábios, ansiosa pelo que eu ia dizer, embora eu não pudesse ir direto ao ponto. Eva era uma boa companhia — Eu gosto de você — pior que eu estava sendo sincero, embora, talvez não fosse do jeito que ela poderia estar pensando — Eu não sei explicar exatamente o que me trouxe até aqui, mas estou feliz por ter vindo.

Ela abriu a boca para falar, impulsionando seu corpo suavemente para frente e a garçonete a interrompeu bruscamente, com uma caneta e um bloquinho.

— Já querem pedir? — soltei o ar em meus pulmões e peguei o cardápio, fazendo uma escolha aleatória enquanto Eva nem o tinha aberto ainda.

— Quero salada de frango com vinagre balsâmico — a garçonete torceu o nariz — poderia afirmar com certeza que ela fez isso — e saiu. Eva

NACIONAIS - ACHERON

me olhou com o cenho franzido e sorriu também —
O que foi?

— Só quero ter certeza de que vai comer isso mesmo — continuei sorrindo, mas sem perder nenhum olhar seu. Comecei com aquele sorriso que a deixaria, certamente, desconsertada; um bastante libidinoso que a fez desviar o olhar.

—Você fez aquele trabalho de ocultismo? — ergui os olhos do prato até ela e Eva assentiu, olhando por cima do meu ombro. Virei-me para ver o que ela tinha visto de tão interessante e vi o cara que estava com Juliette na boate quando a encontrei. Não o que tinha a intenção de levá-la para a cama, o mais amigável — O que está fazendo aqui?

Eva conhecia aquele cara. Ele se aproximou e os outros clientes nos observa-ram com o canto dos olhos.

— O que *você* está fazendo aqui com esse cara? -
— ele franziu o cenho, claramente esperando por uma resposta e passou por mim para ficar ao lado dela. Eva abaixou os braços, desconsertada e olhou para o lobo, depois para mim.

— Ele é seu namorado? — arrisquei, embora esperasse que estivesse epicamente errado. Eva
NACIONAIS - ACHERON

balançou a cabeça e o lobo continuou a me encarar; mantive o olhar dele.

— Não! — ela se apressou em desfazer a confusão — Rafael, este é o meu irmão. Jackson.

— Já nos conhecemos, irmãzinha, então pode dispensar as apresentações — ele colocou a mão nos ombros dela, fazendo-a sentar-se no canto para que ficássemos de frente um para o outro quando ele se sentou.

— Já se conhecem? — ela franziu o cenho com uma carinha lindamente confusa.

— Infelizmente — falei em tom irônico, ainda mantendo o olhar de Jackson, mas ainda assim, não perdendo nenhum movimento de Eva — Você tem alguma coisa para me dizer?

— Sobre o quê? Sua amiga? Juliette — tive vontade de esmurrar a cara de Jackson quando o nome de Juliette saiu de sua boca, mas me contentei com um olhar, lembrando com dificuldade que estávamos em um restaurante. Respirei fundo e apoiei os cotovelos na mesa.

— Você *tem* algo a me dizer sobre ela? — Jackson olhou para os lados, quase que, silenciosamente, me dizendo que só não acabava
NACIONAIS - ACHERON

comigo ali pelas testemunhas, depois me olhou feio.

— O que está acontecendo?

— Quero que você e seu irmão postigo parem de fazer perguntas por aí — ele ignorou Eva, em tom de ameaça, depois se levantou, dando um tapinha no ombro dela — Cuidado com quem anda, Eva.

Ele ajeitou o casaco e olhei-o, sem querer falar na frente de Eva, embora ela soubesse das atividades noturnas de Jackson se eles eram irmãos.

— Isso ainda não acabou — ele manteve meu olhar e o seu sorriso convencido se desfez.

— Claro que ainda não acabou, nem vai. Só quero que fique longe da minha irmã e vou garantir que isso não se transforme em uma guerra.

— Eu sinto muito pelo meu irmão — caminhamos lado a lado na calçada, mas Eva estava evitando meu olhar — Eu vou falar com ele...

— Não precisa — fiz com que ela me olhasse e Eva sorriu com a inocência de um anjo.

— Só vou falar para não se meter na minha vida.

— Quando nos veremos de novo? — ela ergueu as sobrancelhas, sorrindo e parou.

NACIONAIS - ACHERON

— Você deveria me ligar se quer me ver de novo — ela fez menção em tirar minha jaqueta.

— Fique com ela, assim terá um motivo para nos vermos de novo — Eva sorriu e olhei para seu vestido bege e leve, com mangas curtas e suas sandálias delicadas. Ela não se parecia com uma loba, ao menos para mim.

— Bem, este é o meu carro, então...

Antes que ela terminasse, aproximei-me, colocando minha mão em sua nuca e enfiando meus dedos em seus cabelos, tão perto que sentia sua respiração quente e ofegante. Mas não a beijei, apenas fiquei perto o bastante para fazê-lo.

— No sábado? — ela sorriu e mordeu o lábio. Ela soltou o ar e assentiu, finalmente cedendo a pressão dos meus dedos e encostando-se ao carro quando me beijou.

Saqueei seu lábio inferior entre os meus, fazendo com que ela relaxasse aos poucos; soltando-a só para beijá-la de novo, mais quente e ardente. Sua pele estava arrepiada e em chamas quando a soltei e ela colocou a mão espalmada na porta como se não conseguisse ficar de pé. Meu carro estava do outro lado da rua e dei uma última olhada nela.

NACIONAIS - ACHERON

— Nos vemos no sábado — Eva abriu a porta do carro e peguei minhas chaves, atravessando a rua e meu celular tocou.

— Agora eu entendi. Porque está saindo com a cria de lobos e porque está agindo como se Juliette fosse a coisa menos importante da sua vida nesse momento. Está dormindo com o inimigo — entrei no carro depois de olhar em volta, como se esperasse ver Cassandra me espionando. Como ela podia saber sobre Eva?

— Do que você está falando? E como você...

— Rafael, eu sou sua irmã mais nova. Não fique achando que eu sou burra. Você está saindo com Eva e eu já sei quem é o irmão dela. Acho que não tenho mais lições de moral para dar.

— Cassie... — ela desligou na minha cara. Joguei o celular no banco ao lado e saí, em alta velocidade, até a boate ilegal perto da saída da cidade.

O Red estava pulsando do lado de fora com a música alta que me fazia querer beber até o dia seguinte e amanhecer na praça, como um cão sem dono, mas o que eu tinha para fazer ali era só um serviço rápido. Cedrico parou a moto dois segundos

NACIONAIS - ACHERON

depois de mim e desceu, com cara de garoto mal, caminhando até a estrada ao meu lado.

— Cassandra me contou sobre a Eva — olhei para o galpão que tinha se transformado em boate, mas que mais parecia uma *have*, cheia de bebidas, drogas, sexo e tudo mais que pudesse te viciar e matar.

— Não quero falar na Eva, quero que vocês a deixem fora da discussão familiar — ele ergueu os ombros e entramos, procurando os lobos e rapidamente os encontramos, enchendo a cara no bar, como imaginei que deveriam estar fazendo.

— Ei, cara. Olha quem apareceu — Jackson foi o primeiro a me ver e fez questão de nos anunciar — Chamou reforço?

— Eu não precisaria de *reforço* para quebrar a sua cara — aquele cara me fazia querer amassar a cara dele contra o asfalto; todo tipo de violência passava pela minha cabeça.

— Fica frio — antes que nos aproximássemos demais, três lobos se levantaram e ficaram entre nós. Jackson olhou para mim e colocou o copo no balcão.

— Precisamos conversar — a voz de Cedrico

NACIONAIS - ACHERON

penetrou a multidão e voltei a mim. Eu não estava ali para brigar com Jack, só tentar arrancar alguma coisa dele. Jackson avaliou-nos e passou pelos lobos até nos.

— Lá fora — ele gesticulou e fomos os três, sendo seguidos por Nate. Deixei que Cedrico guiasse a conversa, sentindo que se eu fosse falar alguma, seria uma merda e aquilo acabaria mal — O que vocês querem?

— Algumas respostas. Por exemplo, o que uma das matilhas mais antigas de Nova Orleans estava fazendo aqui? E não diga que não sabe a resposta.

Jackson ergueu os ombros e Nate parou atrás dele como se esperasse as ordens para rasgar nossas gargantas. Jack se virou para mim.

— *Eu sei* que você está usando minha irmã para conseguir *não sei o quê*, quando deveria se concentrar mais em uma cura se quer trazer Juliette de volta, então fique longe da minha irmã ou vou garantir que Juliette não terá um corpo para o qual voltar — Cedrico franziu o cenho o riu, desfazendo a tensão entre nós. Jackson olhou para ele, sem entender, assim como eu, o motivo da suporta graça.

NACIONAIS - ACHERON

— É sério? Esse é o melhor que você pode fazer? Sua matilha deve se envergonhar de você — Cedrico se aproximou e Nate deu um passo a frente. Ele estava invadindo território inimigo e eu diria para ele recuar, mas Cedrico sabia exatamente o que estava fazendo — Jackson Thorne, eu o aconselho a não ameaçar minha família, ainda mais quando posso matá-lo sem nem usar minhas mãos — Cedrico fechou o punho e Jackson colocou a mão na cabeça.

Nate deu um passo, mas Cedrico fechou a outra mão e ele caiu de joelhos. Eu conhecia aquela sensação. Aquela pressão toda e a sensação de ter todos os vasos estourados.

— Cedrico... — pousei a mão em seu antebraço e ele parou. Nate e Jackson ofegaram e Jackson levantou a cabeça. Tinha sangue em seu nariz e ele parecia desorientado.

— Uma bruxa. Uma velha que tem uma loja e vive Trade com a 96, foi ela quem os chamou e prometeu alguma coisa que não permitiria que se transformassem na lua cheia.

— E por que ela chamou lobos de tão longe?

— Ela me fez a mesma proposta — ele falou
NACIONAIS - ACHERON

quase sem fôlego — Como eu não aceitei, ela fez a *velhos conhecidos*, foi como ela se referiu a eles — ele tossiu sangue e ergui as sobrancelhas. Não tinha mais nenhuma pergunta.

Cedrico fez um sinal com a cabeça para irmos embora e nos afastamos, sem nos demorarmos demais na despedida aos lobos.

—Oi, meus amores, tudo bem com vocês? — Elena falou em um tom estranhamente amoroso que não se parecia em nada com a pessoa que ela era.

Ergui a sobrancelha ao entrar no escritório. Ela estava sentada no sofá, enrolada em um cobertor e Joseph estava sentado atrás da mesa. Cedrico entrou por último e fechou as portas duplas depois de olhar para os dois lados. Sentei no sofá na frente dela e Cedrico se acomodou ao meu lado, pouco falante.

— Encontramos Jackson no Red — comecei a falar e Elena ergueu a sobrancelha, sentando-se ereta — Ele falou sobre uma bruxa velha e a matilha de Nova Orleans — Elena respirou fundo.

— Eu vou pensar sobre o que...

— Você fica fora disso, eu vou resolver do meu
NACIONAIS - ACHERON

jeito — ela arregalou os olhos — Você me arrastou até a sua sala — falei cada palavra carregada de uma ênfase incomum — e me disse que eu deveria fazer o que precisa ser feito. Eu vou até lá e, se eu achar que ela deve ser julgada, a entregarei em suas mãos. Até lá, é melhor se manter afastada disso.

— Rafael está certo — Cedrico quebrou o silêncio e nos viramos para ele — Você é a regente dos nove *covens*, não pode sair por aí interrogando bruxas velhas como se estivesse defendendo os vampiros, nem ter sua imagem associada a isso.

— Nem os meus filhos — ela falou, aparentemente exasperada. Cedrico ergueu a sobancelha quase como se dissesse *sobrinho*, apenas com o olhar. Elena relaxou os ombros como se fosse nos fazer mudar de opinião — Ótimo. Façam o que tiverem que fazer, mas não machuquem em ninguém — ela se levantou e saiu.

Cedrico e eu subimos juntos para nossos quarto e parei na porta do meu, hesitando ao colocar a mão na maçaneta.

— Acha que vamos conseguir? Tirá-la de lá em tão pouco tempo? — virei-me totalmente para ele e vi que ele não estava tão confiante quanto eu

NACIONAIS - ACHERON

pensava que estava; que hesitava e temia tanto quanto eu — Porque sinto que estou andando em uma corda bamba, da qual posso cair a qualquer segundo, então me diga que tem a mesma fé que eu que encontraremos uma resposta...

— Eu realmente não sei — ele franziu o cenho, como se lhe doesse — Só tenho tido uma mísera migalha de esperança. A mesma esperança que ela tinha em mim, então eu vou procurar por algo até que todas as minhas chances se esgotem. Não vou desistir dela.

— Também não vou. Eu não quero seguir em frente — finalmente admiti para alguém o que eu queria ter gritado há muito tempo — Quero que ela esteja aqui.

Cedrico foi para o quarto dele e abri a porta do meu, lembrando-me vividamente de Juliette na minha cama, enquanto ela morria e saí, batendo a porta como se pudesse parar as lembranças. Ofeguei e abri a porta outra vez e ela estava mesmo lá. Do mesmo jeito que tinha estado há algum tempo, mas quando pisquei, ela desapareceu. Fechei a porta e caminhei em passos hesitantes, olhando para os lençóis que tinham sido

NACIONAIS - ACHERON

bagunçados por uma aparição. Virei, com a testa suavemente franzida e fui até o banheiro tomar um banho. Tirei a camisa, depois os sapatos e a calça, ficando só de cueca: — Rafael — dei um pulo para trás quando escutei sua voz e meus olhos encontraram os seus no espelho.

Aqueles olhos verdes e brilhantes que eu tanto amava. Mas ela tinha a aparência doente, seus lábios roxos e sem vida e ela estava tão pálida que não parecia real. E não era.

— Me ajude. Eu estou sofrendo, por favor... — ergui a mão para tocar o espelho e ela desapareceu.

Saí do banheiro, peguei minha roupa e saí, esbarrando em Cassie quando me virei de repente, quase fazendo com que ela caísse, mas agarrei seu cotovelo e segurei-a antes que ela caísse.

— O que você está fazendo... nu no corredor?

— Não estou nu, só indo dormir no quarto de hóspedes.

Parte 3

Desde que você se
foi [\[12\]](#)

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Deixe a pessoa certa entrar

DUAS SEMANAS ANTES

Abri meus olhos, relutante, e olhei para o céu. Não se parecia exatamente com o inferno. Pisquei algumas vezes, sentindo o sol na minha pele, queimando, mas eu não estava pegando fogo porque sentia a prata do meu anel do dia no dedo médio. Havia terra debaixo de mim e levantei, vendo nada além de uma longa estrada que, provavelmente não me levaria a lugar algum. Eu estava usando uma roupa que eu estaria usando se estivesse viva. Calça preta, botas caras e jaqueta de couro.

Olhei para os dois lados, sem conseguir evitar,
NACIONAIS - ACHERON

embora soubesse que não havia nada lá, nem de um lado nem de outro. Limpei a terra das minhas mãos e fiz o melhor que pude com as roupas antes de escolher um dos lados e começar a andar. Sem saber onde era o fim daquela estrada — que poderia muito bem não ter fim, já que era o inferno — ou onde ela daria.

Eu conhecia aquele lugar. Com a jaqueta pendurada no antebraço há muito tempo por causa do calor, cobri o sol com a mão e olhei para o lado esquerdo, de onde eu tinha vindo, depois para onde eu estava. Não podia ser tão ruim assim.

Entrei na mansão, que estava aberta, como sempre. Vazia, como imaginei. Não tinha nem um sinal de vida e achei que fosse continuar assim. Fechei a porta e joguei a jaqueta no sofá, indo direto para o quarto de Rafael tomar um banho. Passei uns vinte minutos me lavando, ensaboando e esfregando minha pele e lavei o cabelo, saindo de lá com uma toalha em torno do corpo, enquanto penteava o cabelo com os dedos, até o quarto de Cassandra, tinha certeza que ela não se importaria se eu pegasse algo emprestado.

NACIONAIS - ACHERON

Achei uma saia, camiseta e botas que serviram e descí as escadas. Primeiro, eu tinha que me comer, depois descobrir que lugar era aquele. Quando entrei na cozinha, alguém saiu da sala de jantar e colocou o cotovelo em meu pescoço, me imobilizando contra a parede.

— Olá, querida. Senti sua falta — prendi a respiração com seu rosto tão perto do meu é o choque inicial foi passando aos poucos.

— Friedrich... o que está fazendo aqui?

— Achou que esse fosse um inferno só seu? — por algum desconhecido motivo, ele tirou o braço que apertava meu pescoço e pude respirar outra vez — Eu não vou te matar, se é por isso que está me olhando desse jeito.

Ele se afastou e apoiou-se na bancada, pegando uma caneca de café e se sentando no banco alto, depois se virou.

— Que lugar é esse? — Friedrich sorriu brevemente e tomou um gole de seu café.

— Ah, você sabe — quando eu não disse nada, ele assumiu ironia em seu tom, como se aquela situação fosse engraçada: — Mundo prisão onde seu pai me colocou pouco antes de eu morrer em NACIONAIS - ACHERON

um acidente?

— O quê? Como...

— Você está aqui? Longa história, mas acho que temos tempo — dei alguns passos hesitantes em sua direção, sem confiar nele, mas o máximo que ele podia fazer era me matar e aquilo não estava nem perto de ser algo ruim.

— Como você sabe o que acontece... você sabe, do outro lado?

— Eu sou um bruxo — ele pegou outra caneca que estava sobre a bancada e empurrou na minha direção. Segurei-a e servi-me do café, que estava horrível. Aliás, meu avô podia ser várias coisas, menos um bom cozinheiro — Dou uma espiada do outro lado, pode ser divertido às vezes.

— Então você sabe... — não terminei a frase.

— Você morreu e Rafael usou magia para colocá-la... como eu posso colocar isso? Um lugar, na sua cabeça, enquanto procura um jeito de trazê-la de volta. Doce, não? — ele tentava capturar meu olhar, mas estava fixo em algum ponto vazio a minha frente — Desapontada com seu namorado por ainda não tê-la tirado daqui?

— Ele não deveria... isso não está certo. Eu tinha
NACIONAIS - ACHERON

que estar morta agora, não presa aqui com você — olhei para ele, com o cenho franzido, fitando sua expressão calma e leve.

— Mas você está, e ele vai demorar algum tempo para perceber que está procurando por nada — ele se levantou e deu a volta na bancada, abrindo os armários de costas para mim.

— Do que você falando? — dei um gole rápido no café antes que ele se virasse com uma garrafa de vodka e pegasse dois copos, fitando-me com aquela profundidade em seu olhar sanguinolento.

— Que ele está procurando por algo que não existe. Uma cura para veneno de lobisomem — Friedrich empurrou um dos copos com o dedo médio e encheu até a borda.

— Que ótimo — virei a bebida, que queimou um pouco antes de relaxar. Não me senti tonta, nem nada do tipo, o que só podia significar que eu ainda era uma vampira.

— Você precisa de sangue, mas é melhor não pegar muito do banco de sangue. Podemos ficar aqui por mais tempo que você deseja.

— Podemos? — levantei-me, com as mãos espalmadas na bancada e sorri quando meu olhar

NACIONAIS - ACHERON

encontrou o seu — Não sei o que deu em você ou por que está fingindo ser o bom moço, mas você, certamente, não vai sair daqui.

— Bem, cedo ou tarde você vai — ele serviu uma dose a si mesmo e a virou de uma vez — e posso pegar uma carona.

— Não se eu puder impedir — virei-me para sair e ele me alcançou.

— Julies, eu não quero te machucar, nem quero que saia por aquela porta. Eu sei o quão ruim pode ser ficar, literalmente sozinho aqui, por isso não vou machucá-la. Estou feliz por estar aqui, embora preferisse que tivesse uma vida longa e feliz.

— Mas você quer me usar para dar o fora daqui — não recuei diante dele — Você matou Alice, minha amiga. E sua filha, a propósito, então, desculpe-me se eu não estou tão ansiosa para colaborar.

— Certo — ele deu um passo para a direita, deixando o caminho livre —, você pode ir. Mas vai voltar quando se sentir sozinha. Sei que vai.

Dei um passo, e quando ele não me impediu, continuei até a sala. Abri a gaveta do móvel onde ficava o abajur e peguei uma das chaves de carro

NACIONAIS - ACHERON

para dar o fora daquele lugar.

—Certo, Julies, você pode viver disso — abri a porta e contei quantas tinham e pegar uma das cinquenta e seis bolsas de sangue.

Embora ainda me sentisse fraca depois dela, não podia beber mais que isso, porque eu poderia passar mais tempo que o previsto naquele lugar. A sala estava meio escura e saí de lá, fechando a porta, andando pela clínica em que Joseph trabalhava. Meus dedos correram pela parede enquanto eu caminhava como se ainda tivesse a esperança de encontrar alguém. Mas eu sabia que estava sozinha.

Entrei na sala dele e fechei a porta, sentando em sua cadeira e girando, como uma criança, mexendo nos prontuários de pacientes e nos papéis da parte administrativa. Tinha uma foto dele e Elena juntos no fundo da primeira gaveta à esquerda, junto da parede. Ela estava sorrindo, de uma maneira que eu nunca tinha visto antes, com os braços em torno do pescoço dele. Os cabelos ruivos e estonteantes estavam presos num coque malfeito. Coloquei a foto de volta e abri a segunda gaveta, onde tinha um livro com capa de couro. Inclinei-me para trás

NACIONAIS - ACHERON

na cadeira, desentrelaçando as tiras de couro do que parecia ser um diário.

Parecia extremamente inadequado mexer nas coisas dele, mais ainda ler o diário, mas se eu estava em um mundo que não existia para mais ninguém, parecia um perfeito passatempo.

Era bem antigo e o papel parecia frágil, de modo que tive muito cuidado ao abrir e folhear as páginas com um estranho interesse. Joseph sempre me intrigou, na verdade. O jeito imparcial com que ele lidava com a família cheia de inimigos e problemas, embora não tivéssemos aquele contato todo, ele tinha me ajudado todas as vezes que recorri a ele. Até quando eu estava morrendo ele tentou me ajudar, mesmo que do modo humano e mesmo que não tivesse conseguido. O diário era mesmo antigo, datava de 1996 à 1999.

Dezembro de 1997

Depois do que vi o que a magia pode fazer, é estranho ver meus três filhos, até meu sobrinho que eu considero como se fosse, brincando inocentemente. Saber que eles vão passar por todas
NACIONAIS - ACHERON

essas coisas terríveis assim como Elena e eu, é devastador, e mais de uma vez, peguei a mim mesmo pensando em como poderíamos ser, como uma família, longe desse lugar amaldiçoado, mas não ousou dizer em voz alta o bastante para ser relevado.

Talvez Elena e eu sejamos jovens demais, talvez os ancestrais a tenham escolhido jovem demais para que ela saiba o que está fazendo, mas se é a escolha deles, assim seja. Sempre foi assim. Os ancestrais apontam seus dedos podres para nós e seja feita a vontade deles, por mais que as pessoas possam se machucar, por mais que eles possam machucar. E ainda há dois segredos, os quais devo sofrer com eles durante minha vida, em seguida carregá-los comigo ao túmulo. O primeiro foi uma promessa que fiz a Rose, que nunca contaria a Edouard, que agora está morto, nem a Alice quem era o pai dela. Se ela chegar a descobrir, será por si mesma.

Às vezes, a verdade pode doer mais que uma mentira bem arquitetada que nos engana e contorna nossas vidas. Creio que ela ficará melhor sem saber, afinal, ela sempre terá sua família
NACIONAIS - ACHERON

consigo.

O segundo, talvez mais mortal e com mais poder destrutivo para Cedrico e também para esta família inteira. Eu disse a Elena que cuidaríamos de Cedrico, mas não disse a ela porque não deixá-lo com Rose quando ela assim o pediu. Porque, outra vez, eu prometi a Jeremy que cuidaria dele como se fosse meu filho; prometi que o faria quando ele se foi, mas não está morto.

Ainda me pergunto por que estou escrevendo sobre isso agora, depois de mais de um ano guardando isso, mas não poderia confessar meus pecados a ninguém e se tratando da família de Elena, talvez nem ela pudesse me entender, por isso precisei encontrar outra maneira de tirar esse fardo das costas. Para aliviar essas dores crescentes em meu coração e essa paranoia em minha mente. Entendo que mentiras não constroem, tampouco edificam, mas me pergunto que tipo de pessoa Cedrico se tornaria se soubesse o que realmente aconteceu com seus pais.

Pergunto-me que tipo de pessoa ele se tornaria se soubesse que Jeremy, uma figura que, me esforçarei para fixar em suas lembranças como
NACIONAIS - ACHERON

alguém amável e gentil, incapaz de machucar um inseto, e ele era. De certa maneira, somos todos puros. Mas, possuído pelo espírito de um desgraçado ancestral que não o queria com alguém fora do coven, matou Amelia, colocou fogo na casa e quase matou o filho junto se Jon não tivesse chegado a tempo de impedi-lo. Depois de voltar a si e perceber o que tinha feito, ele não suportou e se foi, deixando Jon e eu com a responsabilidade.

Assim, Jon assumiu a culpa. Ele encarou como uma atitude nobre, eu encarei como estupidez. Eu quis contar a Elena que o pai dela, agora um ancestral, matou Amelia, quis contar tudo, mas estupidamente convencido por Jon que aquele era o melhor jeito de não sair perdendo uma briga com os ancestrais, que certamente perderíamos, eu disse a Elena o que ele quis que eu dissesse. Ainda não tenho certeza se me arrependo disso; arrependo-me de mentir repetidas vezes, mas talvez essa seja a melhor opção.

Sei que a possibilidade de Jeremy voltar é praticamente nula, já que fiz um feitiço de localização e o encontrei com Freya, em País de Gales e me certifiquei que ele não diga a ela nada
 NACIONAIS - ACHERON

sobre esta família.

Freya é outro segredo do qual não posso abrir mão. Minha filha. Uma criança que afastei para não envolvê-la nessa confusão que é a minha vida. Não deixei que ninguém soubesse da minha primogênita, mas permiti que ela soubesse de mim, poupando alguns detalhes. A mãe dela é uma bruxa irlandesa com quem me envolvi rapidamente, pouco depois de ficar noivo de Elena, em uma viagem a Inglaterra. Eleri não faz feitiços, só cuida da natureza com um dom extraordinário, tem uma floricultura e vive com os pais. Quando posso ir a Inglaterra, o que só aconteceu duas vezes, posso ver Freya, mas jamais a verei crescer. Posso passar por País de Gales cem vezes em um ano, mas nunca poderei fazer parte da vida dela.

Eu tento fazer com que Renée, Rafael, Cedrico e Cassie consolem-me e lembrem-me quanto amor ainda tenho, mas não consigo. Freya vai viver em meu coração até o dia em que meu corpo encontrar as malditas terras do cemitério de Essex, e em minha memória, guardarei uma linda menininha de olhos verdes e límpidos, de cabelos loiros tão claros como os de Eleri, que me acenou um adeus

NACIONAIS - ACHERON

do colo da mãe há dois anos, quando só tinha um de vida. O único consolo que acalma meu coração é saber que Freya poderá crescer e viver. Que ela poderá ser feliz, como não sou agora e jamais poderei ser. Consola-me o pensamento que ela terá uma chance de lutar pela sua felicidade.

Havia lágrimas em meus olhos quando fechei o diário e o coloquei sobre a mesa para secá-las. Eu deveria ter parado de ler nas primeiras linhas, quando percebi que era algo pessoal demais, mas não consegui evitar e agora eu sabia de coisas demais, coisas que não deveria saber. Eu invadi a vida dele sem pedir permissão. Terminei de enxugar as lágrimas e abri a gaveta para colocar o diário de volta onde nunca deveria ter saído, mas algo me impediu. Fechei a gaveta e levantei, saindo da sala e levando-o comigo.

Não sabia se continuaria lendo, afinal, era provável que eu nunca mais visse Joseph de novo. Na verdade, era eufemismo. Eu *nunca* mais o veria, com sorte, mas aquilo tinha uma pontinha a ver comigo. Jon não tinha matado Jeremy, afinal de contas e aquilo me deixava estranhamente feliz,

NACIONAIS - ACHERON

saber que apesar de todas as suas falhas, ele não era um assassino. Sorri, com o canto dos lábios, para mim mesma e saí da clínica, percebendo que tinha ficado lá por muito tempo e estava faminta.

Dessa vez de comida. Quase tudo era como tinha sido enquanto eu estava viva. Entrei em um supermercado, procurando alguma coisa gostosa e saí comendo tudo que vi na frente. Uma barra de chocolate, batata frita e uma Coca, depois peguei um cesto e coloquei chantilly, depois *stick* de carne seca e todo o tipo de porcaria que me mataria se eu estivesse viva. Passei para a outra sessão e coloquei macarrão instantâneo, andei pelos enlatados — que eu não comeria nem estando morta — e peguei farinha de trigo, ovos, leite, sal e caldas de todos os sabores para colocar nas panquecas.

Passei pelos caixas, feliz por não ter filas enormes e pensei se iria para casa, que ficava a poucas ruas dali, mas voltei para o supermercado e peguei um jornal que tinha ignorado ao entrar. Meu queixo caiu quando vi a data. 14 de outubro de 1992. Coloquei-o na cesta quando saí, andando distraidamente enquanto lia algumas das notícias; nada de importante.

NACIONAIS - ACHERON

Olhei para o apartamento vazio durante mais de cinco horas e tive uma certeza: Friedrich estava certo. Talvez a pior parte daquele lugar fosse a solidão. A melancolia era quase uma tortura física. Aquela sensação horrível de solidão era sufocante e indescritível, fazia meu peito doer por dentro e querer correr até a mansão, até Friedrich, como uma garotinha assustada e machucada pelo grande mundo malvado. Como ele tinha suportado aquilo durante dois anos? Aquela solidão profunda e cortante.

Não era como estar sozinha no meu quarto durante o dia inteiro, porque eu sabia que poderia sair quando eu quisesse e encontraria centenas de milhares de pessoas do lado de fora, mas ali não tinha nada. Eu só queria afundar naquele sofá e chorar até murchar, como uma rosa morta.

Peguei as chaves do carro de Rafael, meu corpo trêmulo e a adrenalina pulsando por todo o meu corpo quando entrei e comecei a dirigir para fora da cidade tão rápido quanto ele era capaz de correr. No escuro da estrada as imagens iam e vinham na

NACIONAIS - ACHERON

minha cabeça, horivelmente rápidas. Engoli em seco e apertei o volante com mais forças, mas elas continuaram. Rafael estava comigo na boate, em um rápido *flashback*, depois no meu quarto, de pé ao lado da janela. Novamente na boate quando ele brigou com Nate, o café onde eu disse que me importava com ele, na floresta segundos antes daqueles lobos aparecerem; o olhar dele era tão intenso que me arrepiava a pele, queimando-a como se fosse a luz do sol sem meu anel do dia.

Por fim, estávamos em seu quarto. Deitei minhas costas em seu peito, sentindo cada parte do meu corpo falhar, mas também sentia seus braços em torno do meu corpo e aquilo era única coisa que me fazia querer viver. Girei o volante com força para entrar na estrada de terra à minha direita e em poucos segundos estava na mansão. Entrei na sala de estar e dei de cara de Friedrich, como se ele tivesse estado ali durante todo o dia, tendo certeza de que eu voltaria correndo; trêmula e assustada, como eu estava. Esbarrei nele e Friedrich agarrou meus cotovelos, segurando-me e colocando-me de pé. Afastei-me dele e de seu toque.

— Eu não voltei por sua causa — ele sorriu e
NACIONAIS - ACHERON

recuou.

— Eu sei, querida — fuzilei-o com o olhar e passei por ele, subindo as escadas até o quarto de Rafael. A porta se abriu com um solavanco e parei, sem conseguir entrar. Respirei entrecortado durante um longo momento antes de fechar a porta e entrar, achando minha bolsa no chão de 1992.

Eu não sabia o que estava acontecendo, mas estava feliz por que ela estava lá quando eu precisava. Sorri e peguei ao me sentar na cama de Rafael, abri e tirei meu celular de lá, que por sorte ainda estava cheio de bateria. Não dava para aproveitar os recursos tecnológicos enquanto se estava morrendo e eu tinha quase certeza que não encontraria um carregador, então poderia ser minha última chance e eu podia desligar depois. Deitei-me na cama dele, no quarto escuro e funguei antes de ligar e, inacreditavelmente, contrariando minhas últimas esperanças, escutei aquela voz dizendo que eu tinha dois novos recados. O primeiro era de Rafael e ele parecia... estar chorando do outro lado ou só muito triste. Uma coisa ou outra.

— *Eu não sei por que estou te ligando, em primeiro lugar, estou questionando todos os limites*
NACIONAIS - ACHERON

da sanidade que achei que não podia ultrapassar. Também não sei porque não consigo encontrar um jeito de tirá-la daí. É estranho sentir sua falta, bem mais estranho do que ter roubado sua conta de telefone no apartamento dos seus pais no meio da noite e paguei antes que eles desligassem a sua linha, mas sinto como se, de algum jeito, isso me desse mais tempo enquanto estou me enganando [pausa]. Eu quebrei um espelho e agora tenho uma mão enfaixada. Sei que talvez nunca escute esse recado, mas... eu queria que estivesse aqui, assim eu não precisaria conversar sozinho com o meu telefone, fingindo que você está escutando. Não sei por que continuo te ligando, mas quero que saiba que ainda estou aqui, que estou dando tudo de mim para encontrar um jeito de tirá-la de onde quer que você esteja, que não vou desistir não importa o que aconteça...

Eu quis chorar ainda mais quando a gravação acabou e joguei o celular na cama, afundando completamente nela. Escutei o barulho da porta se abrir, mas não levantei, fungando, só virei o rosto para ver Friedrich à porta. Não me movi nem mais um centímetro para deter sua aproximação quando

NACIONAIS - ACHERON

ele o fez.

— Você está bem? — soou estranho; estranho porque ele parecia genuinamente preocupado com a resposta e com meu estado de espírito. Funguei e sentei-me, agradecendo aos deuses, ou aos ancestrais, por estar escuro o bastante para ele não conseguir me ver tão fraca.

— Eu estou bem — passei a mão no rosto para limpar as lágrimas e senti sua mão quente sobre a minha — Eu sei o que você está fazendo — afastei minha mão de seu toque — Tentando conquistar minha confiança para depois me apunhalar pelas costas...

— Não é o que estou tentando fazer. E você sabe — ele respirou longamente — Em algum lugar dentro de você, eu sei que ainda restam as boas memórias de tempo em que éramos somente eu e você, sem os Hamilton para nos envenenar um contra o outro... — sentei-me mais ereta para olhá-lo nos olhos.

— Agora você culpa *os Hamilton* pelas coisas que *você* fez? Você tirou minha mãe de mim.

— Uma mãe louca que quase te matou — ele franziu a testa por um segundo como se estivesse

NACIONAIS - ACHERON

pontuando algo importante.

— Não propositalmente, além disso, essa escolha não cabia a você. E é claro que ainda restam muitas memórias boas. Eu te amava, mais do que a Jon, mais do que qualquer outra pessoa no mundo, mas depois que me contaram a pessoa que você realmente é, depois que eu *vi* com meus próprios olhos você matar a garota mais doce e gentil do mundo ... você acabou de matar todo e qualquer sentimento que eu tive por você.

— Julies...

— Não — balancei os braços e ele calou a boca — Não diz mais nada. Eu sinto como se nunca tivesse conhecido você, mesmo que tenha estado comigo durante a maior parte da minha vida — esgueirei-me pela beirada da cama e me levantei — Mas estamos presos, só eu e você, então eu... vou me esforçar para que possamos conviver. Afinal, fizemos isso a vida inteira.

UMA SEMANA DEPOIS

— Vamos dar o fora daqui — ele pegou uma besta atrás do balcão do pequeno mercado e encarei-o,
NACIONAIS - ACHERON

perguntando-me em que ele pretendia usar aquela coisa. Tirei minhas mãos dos bolsos do moletom enquanto minha paranoia crescia.

— Não podemos. Você não tem acesso a magia...

— Você é meu acesso à magia — dei um passo para trás e ele riu, colocando a besta sobre o balcão e se virando totalmente para mim. Procurei em volta algo com o que eu pudesse me defender, mas tudo a minha volta eram sacos de comida e a fibra em excesso era a única coisa mortal ali.

— Você... estava fingendo. Quando segurou minha mão naquele dia, na verdade, estava...

— Canalizando? Culpado.

Dei mais um passo para trás e ele se aproximou, só que dessa vez não perdeu mais tempo e ergueu a mão, fazendo-me cair contra uma das prateleiras. Afinal, eu estava errada. Meu braço estava cortado e sangrando, mesmo assim me levantei e fui até Friedrich que me derrubou outra vez sem dificuldade e coloquei a mão na cabeça; tudo doía e minha cabeça estava explodindo.

Ele abaixou a minha frente e sorriu diante da minha vulnerabilidade, enfiou a mão no bolso

NACIONAIS - ACHERON

interno do casaco e pegou uma seringa que espetou no meu pescoço.

— Parece que ser vampiro não é tão bom quanto eu pensei — ele sorriu e foi a última coisa que escutei antes de apagar.

Tudo estava embaçado quando acordei e minha cabeça doía, assim como meus pulsos. Meu braço direito não estava mais latejando, o que significava que já estava curado, mas eu estava amarrada. Pisquei, tentando assimilar o lugar onde eu estava; no chão, amarrada e tonta. Minha cabeça estava girando, talvez pelo que Friedrich tinha injetado em mim. Levantei a cabeça e olhei para ele, que estava parado a minha frente com uma expressão que enganaria qualquer um de que estava tudo bem.

— Você acordou. Ficou apagada por um bom tempo — ele estava mexendo em alguma coisa e me dei conta de que estava em um canto da sala de Joseph, detrás da mesa dele. Contorci meus pulsos, tentando me soltar, mas só queimava ainda mais; cordas embebidas em ervas que queimavam ao tocar minha pele. Gemi, puxando as cordas e tentando me soltar, mas era inútil. Levantei os

NACIONAIS - ACHERON

olhos novamente para Friedrich e sorriu, caminhou e agachou ao meu lado. Eu estava tão fraca, tão faminta, que meus olhos quase se fecharam. Passei a língua pelos lábios secos e rachados e ele estendeu a mão para tirar o cabelo do meu rosto.

— O que você...

— Shh, descanse suas energias. Eu estou indo para o Oregon e não sei quando volto — e se levantou. Franzii o cenho, sem conseguir acreditar. Minha respiração ficou alterada quando me movi, meus pés também estavam amarrados com cordas embebidas em ervas.

— Não — meus pulsos queimaram e me debati, puxando com força até que estava em carne viva e desabei no chão — Não me deixe aqui — ele se virou para mim e pegou algumas coisas na mesa de Joseph e colocou em uma bolsa a tiracolo pendurada em seu ombro — Por favor... por favor, não me deixe aqui! — gemi e arfei.

— Você vai ficar bem, e teria feito o mesmo comigo. Se tudo der certo, eu volto em duas semanas... até lá, tente ficar viva — gritei-o até minha garganta doer e minha voz desaparecer. Não tinha nada que eu pudesse fazer caída no chão, sem

NACIONAIS - ACHERON

forças, mal conseguindo respirar, então tentei me acalmar e pensar. Friedrich tinha calculado bem como me prender ali. Ele iria para o Oregon, ou onde quer que fosse, e eu continuaria presa ao meu corpo do lado de fora, ou seja, sem poder sair daquela cidade maldita.

Fiquei deitada no chão com os braços para frente, esperando que meus pulsos curassem, o que demorou devido ao tempo que eu estava sem me alimentar, e me liberei das cordas nos tornozelos nus e machucados. Ele tinha tirado minhas botas e jogado-as em um canto da sala.

Já estava tarde, quase noite, quando me levantei, tonta, faminta, meu cabelo caindo no rosto, completamente bagunçado, a boca seca e a visão turva. Uni mais as mãos e fechei os olhos, mordi o lábio com força diante da dor, puxando os pulsos com cuidado e a corda parou um pouco mais para cima e franzi o rosto.

— Merda — murmurei e ergui as mãos para apoiá-las na cadeira, me levantar e procurar por algum objeto pontiagudo, mas tudo que tinha na mesa de Joseph era uma infinidade de papéis. Andei pela sala, movendo minhas mãos o mínimo

NACIONAIS - ACHERON

possível para não machucar os pulsos ainda mais. Fui para o refeitório e entrei na cozinha, peguei uma faca e enfiei no espaço entre os pulsos para cortá-las, mas estava cega demais para cortar até uma linha e tive uma ideia.

Fui até o fogão, girei a boca, ergui o joelho até o botão de acendimento e o fogo se ergueu. Minhas mãos ficaram acima da chama e as desci devagar. O fogo começou a queimar as cordas, assim como minha pele e puxei-as com um grito quando finalmente queimaram e me libertaram. Sentei no chão com os pulsos queimados e machucados, assim como uma parte do antebraço vermelha pelo calor. Meu peito subia e descia, irregular e minha boca estava tão seca, mas só me lembrei naquele momento de que eu precisava me alimentar e tinha ficado sem há dois dias. Levantei do chão, cambaleando, e perambulei pela clínica até a sala onde ficava o refrigerador, mas antes que eu chegasse até lá, apoiei-me na parede, sentindo o cheiro de sangue e frio. Minha boca abriu e deslizei a língua pelo lábio e empurrei a porta entreaberta com o pé para ver que Friedrich tinha deixado um recadinho antes de partir para o Oregon.

NACIONAIS - ACHERON

A sala estava vazia, com uma bolsa de sangue tinha virado uma poça vermelha no chão. Balancei a cabeça, negando o fato de que eu estava presa naquela cidade sem uma gota de sangue para me alimentar. Peguei o bilhete que estava no refrigerador, com raiva e engoli em seco.

Eu não queria deixar a vantagem com você, nem deixá-la mais forte para pensar me matar na volta. Você pode passar muito tempo pensando em vingança, mas, quando eu estiver de volta, acho que não terá força o bastante. Eu quero te ajudar, mas não posso confiar em você quando estou tão vulnerável, sei que você vai sobreviver.

-F

Amassei o bilhete patético com raiva e sentei, com dificuldade até para me manter de pé.

Enquanto morro^[13]

As coisas podiam ser um pouco solitárias sem Friedrich. Mas eu podia garantir que estava melhor sem ele. O quarto de Rafael estava quente e aconchegante, meio escuro e eu estava em sua cama, coberta com o diário de Joseph em mãos para continuar a ler a história. Eu ainda achava errado ler os diários de Joseph, mas, já que Friedrich tinha me deixado dissecando, prometendo voltar, eu precisava de alguma diversão, um passatempo, e aquilo parecia perfeito. Recostei-me e abri na página que eu tinha parado na primeira vez em que abri aquilo.

Comi uma fatia de bacon enquanto tocava uma música do U2, Hold Me, Thrill Me, Kiss Me, NACIONAIS - ACHERON

Kill^[14], e eu a dançava pela sala de estar. Dissecar não era tão animador quanto poderia parecer, ainda mais quando se estava presa em um mundo prisão, revivendo aquele mesmo dia quente de outubro, por isso eu comia a boa e velha comida humana, sobrevivendo de umas gotinhas do que Friedrich tinha me deixado. Pelo que eu sabia, ele poderia não voltar mais e Rafael poderia me deixar trancada para sempre. Talvez as coisas fossem mais fáceis se ele soubesse que não existia uma cura, mas quando usei voodoo para tentar falar com ele, as coisas saíram um pouco do meu controle e deixei aquilo para lá, ao menos por um tempo, mas decidi que precisava tentar de novo. Voodoo era uma droga, mas não era difícil e eu sabia o básico. Peguei aquele boneco fofinho e sorri, segurei-o e tentei me concentrar.

E mais uma vez eu estava do outro lado, nem que fosse como expectadora. Mas daquela vez ele não estava sozinho, embora ainda estivesse em seu quarto. Ele estava com uma garota, íntimo com uma garota. Apertei aquela coisa com mais força, observando aquela cena que me deu vontade de
 NACIONAIS - ACHERON

vomitou; ele a estava beijando, tão apaixonado que senti como se algo se quebrasse dentro de mim, algo irreversível e meu peito ardeu em uma dor cruel. Seus dedos foram na nuca dela e ela riu contra seus lábios.

“Seu irmão vai me matar”, o sorriso torto dele me derreteu depois de me magoar. Eu queria poder apertar o pescoço dele, ou enfiar meus dentes nele e rasgar sua garganta.

“Não pense nele”, a voz dela era insuportável. Concentrei-me e joguei os vasos que estavam na cômoda no chão e eles se viraram para o lado. “O que foi isso?”.

“Eu não sei”, ele mentiu, Rafael sabia que era eu. Joguei o celular dele no chão, cheia de raiva, com tanta força que virou um monte de pecinhas inúteis. Rafael tinha o cenho franzido e ficou na frente da garota, protetoramente. Minhas mãos começaram a tremer do meu lado e o espelho explodiu antes de tudo desaparecer.

Eu estava no chão quando acordei alguns minutos depois. Minha mão estava cortada e, num lampejo de memória, lembrei-me de ter esmurrado o

NACIONAIS - ACHERON

espelho oval no quarto dele, embora do outro lado tenha parecido que tinha explodido. Levantei, observando os pequenos cortes curarem, ofegante e com a respiração acelerada, tão fora de mim que me virei e esmurrei a porta do armário de vidro até minha mão encontrar a madeira e meus ossos produzirem um barulho como se tivessem quebrado e recolhi-a, gemendo de dor.

— Merda! — gritei tão algo que doeu minha garganta e minha voz ecoou pela cozinha até a sala de estar.

Friedrich entrou pela porta e a bateu. Dei um pulo do sofá e desliguei a TV que exibia um programa de 1992.

— O que você está fazendo aqui? — franzi o cenho e ele sorriu de um jeito esquisito, depois me sentei, atenta a cada movimento dele.

— Eu moro aqui e agora estou de volta — ele veio até mim — Vamos tirá-la daqui.

— E por que eu acreditaria em você?

— Porque eu vou te tirar daqui e hoje mesmo — meu cenho estava franzido, cheio de dúvidas, embora eu quisesse acreditar nele não podia apagar

NACIONAIS - ACHERON

que ele tinha me amarrado com ervas e me deixado para apodrecer e dissecar durante um semana só para me contar onde ele tinha colocado as bolsas de sangue — Certo. Prepare-se para deixar o mundo prisão.

— Qual a piada?

— Não tem nenhuma, anda logo.

Eu tinha as instruções de Friedrich e meus próprios planos. Acordei em Essex, faminta e usando um vestidinho azul de alcinhas completamente fora de moda, levantei do caixão e notei que estava na cripta dos Hamilton. Andei descalça pelo cemitério, tão faminta que escutava as batidas do meu coração no peito, tão forte que chegava a doer. Parei e senti o cheiro, o sim das batidas de um coração do outro lado do cemitério e fui até minha presa, jogando o corpo contra uma escultura de anjo e deslizei a língua pelos, exibindo minhas presas.

— Julies — a respiração dele ficou fora de compasso e tirei o braço de seu pescoço, esforçando-me para recolher minhas presas. Cedrico jogou os braços em torno de mim e me abraçou. Agarrei-o com força, sentindo que

NACIONAIS - ACHERON

finalmente estava em reunião casa e apertei-o com tanta força que demorei alguns segundos para lembrar que poderia machucá-lo.

— Eu senti tanto a sua falta — sem mais nem menos, comecei a chorar só pelo fato de ele estar me segurando e eu poder sentir seu toque.

— O que aconteceu? Como você...

— É uma longa história, mas estou tão feliz... por estar aqui.

Ele se afastou e disse algo, mas minha cabeça doía tanto que eu nem sequer protestei quando ele segurou minha mão e me levou até seu carro, depois para sua casa.

— Rafael está aqui? — lembrei de perguntá-lo. Cedrico se virou, empurrando a porta — Eu não quero vê-lo.

— Ele não está — passei os braços em torno de mim mesma e entrei. Estava frio, Cedrico tinha me dado a jaqueta dele, e meus pés estavam doloridos quando entrei na sala de estar vazia. Era exatamente como no mundo prisão, e isso fez com que minhas lembranças voltassem e eu me encolhesse na porta.

Tudo voltou, cruel e violento demais para eu
NACIONAIS - ACHERON

suportar. Friedrich, a clínica, estar faminta por semanas, dissecando na sala, sentindo como se minhas veias estivessem calcificando, a dor dos pulsos em carne viva por conta das cordas, depois a dor de tirá-las e o alívio — Julies, está tudo bem? — ele colocou os dedos em meus ombros e fitei-o, olhando-o com o olhar quase inocente, sentindo algo no modo como ele me olhava de volta.

— Eu vou ficar bem — murmurei — Quem está aqui?

— Só Cass e eu. Tem umas bolsas de sangue aqui... — assenti e caminhei atrás dele pela sala, tirei sua jaqueta, Cedrico foi à cozinha e voltou em um segundo. Tomei a bolsa de sangue que ele me deu sem desespero, esperando não assustá-lo, mas rápido demais.

— Então, quanto tempo eu fiquei lá? — ele me olhou como se perguntasse silenciosamente se eu não sabia ou se eu estaria louca. Fomos para a cozinha.

— Foram quatro longos meses. O que aconteceu? Onde você estava?

— Estive no mundo prisão, com Friedrich. Dissecção faz o tempo passar devagar — ele
NACIONAIS - ACHERON

perguntou o que eu queria. Eu estava tão faminta que dei a volta na bancada e comecei o que ele me ofereceu enquanto ele fazia perguntas.

— Como está se sentindo?

— Estou faminta, com vontade de beber seu sangue, mas não se preocupe, eu não vou fazer isso — ele franziu o cenho e me esperou comer — Você pode me dar uma carona?

— Sobre isso... seu pai acha que você morreu. De verdade, sem retorno.

— E por que ele pensaria isso? — recostei-me na bancada e Cedrico fitou-me, como se não soubesse exatamente como explicar — Achei que ele estava... nisso com vocês.

— Não, ele e Izabel acham que você está enterrada em Essex, Rafael não contou a eles. Izabel quer se vingar dos lobos e já sabemos que não foi Ivy quem queria te matar — ele comeu um biscoito de chocolate e me ofereceu, que peguei e coloquei na boca, ansiosa para saber tudo o que tinha acontecido durante o tempo em que estive longe e morta — Eu tentei investigar, fui até o Quarter, em Nova Orleans, encontrei uns lobos, mas não deu muito certo.

NACIONAIS - ACHERON

— O que aconteceu?

— Eles me colocaram para correr — meus lábios entreabriram e mordi o lábio. Cheguei mais perto dele, que estava apoiado na bancada e olhei-o com cuidado, observando um hematoma arroxeadado em seu lábio inferior, como se já tivesse algum tempo, e que eu não tinha percebido até então. Ergui a mão até seu rosto e toquei gentilmente sua bochecha, deslizando o polegar aos poucos até seu lábio.

— Eu senti sua falta — falei tão baixo que minha voz mal passou de um murmúrio e ele sorriu, lentamente. Ergui-me na ponta dos pés e meus lábios encontraram os seus com facilidade. Ele ergueu a mão até minha nuca e me beijou exatamente como eu me lembrava, saqueando meu lábio inferior e fechei os olhos, absorvendo as sensações que seu toque e seus olhos provocavam em mim, como ele entorpecia meus sentidos e não me deixava pensar direito.

— Julie — ele pousou a mão direita em minha bochecha, afastou meu rosto e fiquei uns segundos com os olhos fechados antes de abri-los e fitar Cedrico com a boca entreaberta — Não faça isso, você acabou de voltar e... eu estou um pouco

NACIONAIS - ACHERON

confuso sobre isso, na verdade — ele sorriu, tão sutil que eu nem sabia se era mesmo um sorriso.

— Eu também — desvencilhei-me dele e fiquei de costas — Me desculpe por isso, eu me precipitei — um longo minuto se passou e Cedrico passou por mim e me chamou até a sala para conversarmos, mas Cassandra saltitou em meu campo de visão e se atirou sobre Cedrico. Parei atrás dele com os dedos entrelaçados e o cenho franzido, sem saber o que fazer. Ela se afastou de Cedrico e me abraçou antes que eu pudesse fazer ou dizer qualquer coisa.

— Juliette! — ela deu um gritinho agudo, apertando-me. A primeira coisa que senti ao vê-la foi me lembrar de Rafael por conta daquela semelhança absurda em seus traços. Cassandra se afastou lentamente, sorrindo por nada em particular.

— Oi, pra você também — ela recuou um passo, parou ao lado de Cedrico e segurou o braço dele — O que está acontecendo?

— Alex está lá em cima, tenho certeza que ele vai querer te ver.

Ela ficou segurando Cedrico como se não
NACIONAIS - ACHERON

quisesse que eu me aproximasse dele e anuí, andando pelo corredor até a sala depois subi as escadas e entrei no quarto dela. Era algo completamente estranho porque eu nunca tinha realmente estado ali, mas não saía de lá no mundo prisão, usava até as roupas de Cassandra, mas bati a porta e esperei que Alex abrisse. Seu rosto era uma completa surpresa quando ele o fez e me joguei sobre ele com os braços em torno do seu pescoço. Alex me abraçou com força como se quisesse se certificar de que eu era mesmo real, apertou-me com tão forte que fiquei sem ar.

— Diga-me que eu estou maluco... ou você está mesmo aqui? — havia um estranho tom de alívio em sua voz. Alex afagou meus cabelos e suspirou com força.

— Eu estou, Alex — falei com a voz meio embargada e sorri.

— Julie, o que está acontecendo? — ele segurou meus ombros e me afastou — Eu achei que você estivesse morta...

— E eu estava. Horivelmente morta, mas... muita coisa aconteceu, Alex. Mas não tenho tempo agora, eu preciso ir embora, preciso ver meu pai e

NACIONAIS - ACHERON

minha mãe e preciso vê-los agora — falei um pouco eufórica e ele sorriu colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e sorriu.

— Precisa de uma carona? — ele deslizou os dedos pelos meus cabelos, pente-ando-os com delicadeza.

— Acho que sim, Cedrico começou a me contar o que tem acontecido e Cass ficou com ele... de qualquer maneira, eu agradeço.

— Não precisa. Eu senti tanto a sua falta — ele colocou o braço em torno do meu pescoço e andamos pelo corredor enquanto ele beijava meus cabelos e minha testa e sorria o tempo inteiro. Eu estava tão feliz que meu coração doía só de saber que eu estava de volta. Alex era, provavelmente, a pessoa da qual eu mais sentia falta. Descemos as escadas e Cass e Cedrico se levantaram ao mesmo — Cass, eu te ligo mais tarde, Juliette e eu precisamos conversar.

— Tem certeza que não quer ficar aqui? — estranhei o fato da pergunta ter partido de Cassandra, mas balancei a cabeça sorrindo.

— Não, eu quero ver meus pais — abracei-a de volta quando ela me abraçou pela segunda vez

NACIONAIS - ACHERON

naquele dia; mesmo achando estranho, eu ainda não me sentia eu mesma e não iria perguntar. Despedi-me de Cedrico, louca para beijá-lo de novo, com um sentimento insano e estranho de agarrá-lo, mas me limitei a abraçá-lo e mantê-lo perto pelo máximo de tempo possível até que começasse a ficar estranho e eu ter que soltá-lo — Eu te ligo mais tarde — murmurei e ele sorriu, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Eu vou esperar — ele nos levou até a porta e beijou minha testa antes de me deixar partir.

—Eu nem acredito que você está aqui, Julie — ele sorriu e parou o carro — Acho que nos vemos amanhã — abracei-o antes de sair do carro e entrei no prédio. Eu estava horrível e observei o vestido azul e bonito e meus pés descalços.

Jon tinha uma cara de surpresa quando abriu a porta, boquiaberto, vestido casualmente, e com o cabelo bagunçado. Achei que ele pudesse ter um infarto de tanto que apertou a maçaneta da porta. Abracei-o antes que ele pudesse fazer alguma coisa e encostei o queixo no ombro, expirando com força.

NACIONAIS - ACHERON

— Juliette... — sua voz se transformou em um suspiro quando ele finalmente colocou os braços em torno de mim.

— Eu senti tanto a sua falta — falei com a voz embargada e apertei-o com tanta força que doeu; meu coração estava saltitando no peito e a ponta do meu nariz queimava com a vontade de chorar.

— O que está... acontecendo?

— Eu voltei — afastei-me e ele fechou a porta. Sorri, meio chorosa, e Jon me abraçou de novo — Não sabe quanto tempo eu sonhei com isso enquanto estive presa... — interrompi a mim mesma e fomos para a sala enquanto Jon me enchia de perguntas que eu não conseguia responder de uma vez. Sentei-me e ele ficou de frente para mim, perguntando onde eu estive, como voltei e como tudo aconteceu.

— Eu estava no mundo prisão, com Friedrich. Primeiro eu não sabia o que tinha acontecido, ou por que eu não tinha realmente morrido, mas depois descobri que Rafael usou um cordão de magia negra que me prendeu aqui e no outro lado. Friedrich me deixou dissecar por meses...

— *O quê?* — ele falou fora de si e se levantou.
NACIONAIS - ACHERON

Izabel veio do corredor e ela parou. Jon se virou e a viu na penumbra com o olhar arregalado, pálida. Jon a segurou quando ela quase caiu e me levantei também.

— Oh, meu Deus — ela se afastou do toque de Jon e me abraçou, sorrindo docemente — O que aconteceu, meu amor? — ela deslizou os dedos pelos meus cabelos.

— É uma longa história, mas eu estou bem.

Acordei tão cedo no dia seguinte que o sol mal tinha surgido no céu.

Coloquei um vestido preto de bolinhas brancas, jaqueta de couro e botas, tão parecida comigo mesma que me assustou. Soltei o cabelo, usando o modelador para fazer uns cachos no cabelo e saí do quarto. Jon, Izabel e eu tínhamos conversado muito na noite anterior, mas eu ainda não sabia muito do que estava acontecendo a minha volta. Passar quatro meses no mundo prisão tinha mudado um pouco minha percepção sobre as coisas, sentia-me um pouco deslocada estando ali e ao mesmo tempo numa fase intensa de adaptação. Jon me ofereceu café e Izabel suspirou, fitando-me enquanto eu

NACIONAIS - ACHERON

comia torradas com geleia cara.

— O que foi? — perguntei sorrindo e ela desviou o olhar, descruzou os braços e veio até mim enquanto cozinhava bacon e panquecas.

— Ainda acho que estou sonhando, que você não está mesmo aqui.

— Você pode me dar uma carona, então. Eu quero ir ao colégio, voltar a minha vida — ela retorceu os lábios.

— Claro, mas seu está na garagem lá embaixo, se quiser ir sozinha. Suas coisas ainda estão no colégio...

— Eu não dirijo mais — murmurei sem querer que soasse estranho.

— Tudo bem — fiquei aliviada por ela não fazer perguntas, nem Jon quando se virou para mim e me ofereceu panquecas, mas eu tinha certeza de que elas viriam mais tarde e seria como uma onda, só que eu não estava pronta para contar tudo o que tinha acontecido com Friedrich.

Izabel me levou no colégio, disse que esperaria no carro e saí do carro. Subi as escadas e consegui não ser vista quando fui até a sala de Elena, entrei e fechei a porta.

NACIONAIS - ACHERON

— Juliette — ela fechou o livro que estava lendo com um sorriso. Sentei-me a sua frente, sem demonstrar tantas amabilidades, fuzilando-a com o olhar — Eu esperava que viesse até aqui.

— Eu sei. Você sentou e esperou que eu viesse até aqui depois de me trancar com Friedrich — ela arregalou os olhos e ergueu a sobrancelha.

— Eu não sei qual foi a versão que você obteve dos fatos, mas...

— Eu sei o que aconteceu, não preciso de explicações.

— Tudo bem, então deve saber de Rafael... — suspirei e olhei para o lado, contendo-me e Elena se interrompeu, em um tom insuportavelmente condescendente — Imagino que vá querer voltar a estudar aqui em seu último ano — ela não me esperou falar — Eu tenho umas notas suas, você pode voltar quando quiser.

— Isso foi culpa? — franzi o cenho quando entendi e Elena me olhou, cínica.

— Eu não sinto culpa por algo que não fiz. Acho que o mundo prisão te deixou meio maluca. Rafael me pediu isso — ela falava completamente doce, quase me fazendo acreditar nela e talvez eu

NACIONAIS - ACHERON

estivesse mesmo maluca depois do mundo prisão.

— Claro que pediu — falei mais calma.

— Só para você saber, não gosto da Eva. Eu prefiro você — sorri.

— É esse o nome dela? — ela desviou o olhar e abriu a gaveta, pegou um envelope e entregou para mim. Abri e vi minhas notas máximas, algumas mais variadas, mas só tinham notas que garantiriam minha entrada em Harvard — Como você fez isso?

— Joseph e eu somos os donos do colégio — só a menção do nome dele me fez lembrar tudo o que eu tinha lido sobre ele no diário. Sobre Gales, Eleri, Freya, Jeremy e todos aqueles segredos que ele tinha sepultado há tanto tempo — Achei que você soubesse — ela ergueu a sobrancelha brevemente e virou na cadeira — Você pode voltar a frequentar as aulas até o fim do ano letivo, mas essas serão as suas notas. Pode ser bom para se habituar às coisas... desse lado.

— Eu vou voltar, mas ainda não sei quando — fechei o envelope — Obrigada, Elena.

Agora que ela estava sendo legal comigo sentia como se estivesse traindo-a e me dei conta de que deveria sair logo. Despedi-me e meus pensamentos

NACIONAIS - ACHERON

voltaram automaticamente para Rafael, mesmo que ele fosse a última pessoa na qual eu quisesse pensar. E, de novo, minha mente vagava entre ele e Cedrico. No beijo da noite passada, depois o fato de ele ter me afastado daquele jeito dizendo que estávamos confusos, o que eu tinha visto enquanto ainda estava no mundo prisão e... bem, tudo. Tudo o que tinha acontecido em todas aquelas semanas estava na minha cabeça enquanto eu batia o envelope na mão esquerda, meio nervosa, pensativa demais naqueles corredores que eu conhecia tão bem, mas que acabei me perdendo e me dei conta de que estava no refeitório. Eu não queria entrar, não estava pronta, porque não queria ver Rafael, muito menos aquela namoradinha fajuta dele. Mas entrei, de qualquer jeito, meio deslocada, agitando o envelope, nervosa.

A primeira pessoa que vi foi Cassandra, que estava toda agitada desde a noite anterior, depois Alex se virou e sorriu para mim, quase que me convidando a me sentar. Comprei um café e fui até a mesa deles com um sorriso e me sentei ao lado de Alex, que me beijou no rosto.

— O que está fazendo aqui?

NACIONAIS - ACHERON

— Eu vim falar com Elena, voltar a me habituar... — tomei um gole do meu café e Cassandra continuava sorrindo, encarando-me — Vocês têm aulas agora?

— Sim, você quer sair mais tarde?

— Está bem — coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha e ergui o queixo, esquadrinhando aquele espaço todo com o olhar focado em *não encontrar* Rafael. Voltei minha atenção a conversa, mas a verdade era que minha convicção em não encontrá-lo estava tomando muito da minha atenção — Vamos ao cinema? — tentei soar mais relaxada, mas minha postura era defensiva e meus ombros rígidos.

— Claro — Alex respondeu, fitando-me estranhamente — Podemos pegar a sessão das seis, por aí e nos encontramos lá.

— Não — saí do meu estado de transe —, você me pega em casa. Eu não dirijo — girei o copo, depois me levantei — Nos encontramos às seis — dei-lhe as costas, sem esperá-lo responder, e caminhei até a saída. Eu estava enlouquecendo naquele lugar; estava começando a ver coisas e me senti tonta, talvez fosse a fome.

NACIONAIS - ACHERON

— Ei, o que aconteceu? — eu estava escutando muito aquela pergunta no último dia, mas daquela vez, com aqueles dedos em meu cotovelo e aquela voz sussurrada perto do meu pescoço que fez com que eu me virasse, com que todos os pelos do corpo se eriçassem — Você está... aqui — ele quase sorriu, mas o olhar em seu rosto era surpreso demais para que ele o fizesse. Afastei-me, meio abrupta, e pisquei para afastar seu efeito sob mim.

— Eu não quero te ver. Nem quero falar com você — franzi o cenho suavemente, mas algo me dizia que Rafael não iria me deixar ir daquele jeito, a não ser que eu fugisse dele e continuasse fugindo de novo e de novo. Não era exatamente o que eu queria.

— Julies — seu tom foi quase uma suplica quando um junco se formou entre suas sobrancelhas, como se eu estivesse louca ou algo do tipo. Apertei um pouco mais meu café e mordi o lábio —, o que houve? Eu estive...

— Rafael, você sabe... — tentei passar por ele, mas Rafael colocou o braço entre eu e a porta, impedindo-me — Eu não quero falar com você, nem ao menos te olhar, então se você puder ficar

NACIONAIS - ACHERON

longe de mim... — ele estava boquiaberto quando passei por ele, sem nem me atrever a olhá-lo uma última vez.

Abri a porta do carro de Izabel e entrei com a respiração pesada. Ela ergueu a sobrancelha, ligou o carro e não fez perguntas até que estivéssemos na estrada, longe o bastante de tudo aquilo, mas não dá confusão que estava na minha cabeça.

— O que aconteceu? Você viu Rafael?

— Eu tentei evitá-lo, mas parece que está em todos os lugares — suspirei com o rosto virado para a janela, observando as árvores; como passavam rápido a nossa volta.

— O que aconteceu lá, com Friedrich?

— Eu não quero falar sobre isso. Ele me tirou de lá, é tudo que precisa saber — nem ou olhar para ela, tentada demais a contar tudo e chorar em seu ombro, mas eu não me mostraria tão fraca assim, então mudei de assunto: — Elena disse que eu posso voltar quando quiser é me deu umas notas...

— Isso é bom, não é?

— Ainda não sei. Não quero ver Rafael de novo, mas também não quero... eu não sei o que fazer.

NACIONAIS - ACHERON

— Quer que eu diga alguma coisa? — ela apertou o volante e me olhou entusiasmada com um sorriso — Você deveria voltar. Deveria voltar e continuar sua vida e deveria ficar com Cedrico. Eu gosto dele, você o ama, então seja feliz. Ou não fique com ele esteja feliz de qualquer jeito.

— Eu estou confusa. Eu beijei Cedrico ontem a noite e ele meio que me dispensou. Não sei como estão as coisas — falei com o olhar distante do seu. Passei a língua pelos lábios e Izabel parou o carro na frente de casa. Depois de entramos no apartamento, peguei um sanduíche de queijo enquanto conversava com Jon, que mexia desinteressadamente no notebook. Sentei no sofá, comi o sanduiche e comecei a falar sem parar sobre a escola.

— Talvez você devesse voltar para o colégio mesmo. Estou com vontade de matar aqueles Hamilton depois do que fizeram te colocando naquela porra de colar — ele nem desviou o olhar do que digitava, mas senti sua atenção em mim.

— Eu sei, também não quero vê-lo nem pintado de ouro depois de ele ter me prendido lá e me esquecido de tirar. Esquecido até que eu tinha

NACIONAIS - ACHERON

existido... enfim, é frustrante — puxei as pernas para o sofá e liguei a TV, zapeando até encontrar um filme que passava já pela metade.

— Então, qual deles você ama? — virei-me diante da pergunta de Jon, depois voltei-me para a tela enquanto ele me encarava e coloquei a TV no mudo.

— Eu não sei, é diferente — fiquei mexendo no controle, sem mudar de canal, sentindo seu olhar sob mim, e olhei para o chão.

— Mas você precisa saber — ele falou, sutil e passional, quase num sussurro — Não importa o que tenha feito, se você ama Rafael, vai continuar amando-o, não pode impedir...

— Só aceitar — completei o que ele ia dizer, finalmente olhando para ele — Eu sei, mas não acho que esse seja o caso. De qualquer maneira, eu quero ir para o colégio na próxima semana, não vai me fazer bem ficar tanto tempo aqui.

— Mas...

— Eu não dirijo, lembra? — franzi o cenho suavemente e Jon ergueu as sobrancelhas por um breve segundo.

— Posso arranjar um motorista em um segundo,
NACIONAIS - ACHERON

isso não é problema — ele voltou a atenção ao trabalho e aumentei o volume.

— Obrigada, pai — ele ergueu as sobrancelhas porque já tinha muito tempo que eu não o chamava daquele jeito.

—Eu sei que disse que ligaria ontem, mas eu estava cansada, ainda tentando me readaptar ao mundo real e têm sido *complicado*...

— Eu entendo — ele falou em tom doce, gentil, e sorri.

— Eu vou sair com Alex, então pensei que você poderia chamar sua irmã e irmos os quatro. E podemos jantar depois, só nós dois — eu estava sorrindo tanto que os músculos do meu rosto doíam na frente do espelho oval e enorme do meu quarto. Joguei o vestido na cama e coloquei o outro na frente do corpo para ver se era mesmo aquele.

— Tudo bem, nos encontramos lá — parei de sorrir tanto, tentando não parecer tão animada com a ideia e disse que o esperaria antes de desligar. Alex apareceu na minha porta vinte minutos antes das seis e ficamos jogando conversa fora enquanto eu ainda procurava minha bota. Ou o pé que estava

NACIONAIS - ACHERON

perdido.

— Então, acho que você e a Cassie podem ser amiguinhas de novo — ele sentou na minha cama e encarei-o, notando que tudo nele que estava diferente. Seu cabelo tinha crescido, seu sorriso estava diferente e ele me olhava como se esperasse minha aprovação ou que eu surtasse, mas aquilo era o que todo mundo esperava de mim nas últimas horas.

— Nós nunca fomos amiguinhas, Alex, mas também não tenha nada contra ela — peguei minha bolsa, passei-a pelo peito e peguei-o pelo braço até a porta.

— Então tudo bem por você?

— Claro. Eu só quero um pouquinho de espaço. É constrangedor ficar entre você e Cassandra, além disso, eu quero estar sozinha com Cedrico — tranquei a porta e Alex chamou o elevador.

— Está bem.

— Fácil assim? Não vai ter aquela pegação o tempo todo? Nem vou precisar ficar do seu lado no cinema...

— Chega — ele sorriu e entramos no elevador — Podemos ficar há quilômetros de distância no

NACIONAIS - ACHERON

cinema, se esse é o problema. Eu dou a privacidade que você quer, mas vamos conversar depois, fechado?

Se fosse qualquer outro dia antes de tudo o que tinha acontecido, eu teria concordado sem nem ao menos hesitar, mas hesitei e virei o rosto, hesitando ainda mais quando as portas se abriram e Alex ergueu as sobrancelhas.

— Tudo bem, você vai dormir lá em casa — saímos juntos do prédio e entrei no carro dele. Conversamos amenidades durante o caminho até o cinema, depois falamos de Cass e Cedrico, cada um com seus pontos negativos, é claro. Alex deixou claro que Cedrico era preferível à Rafael, mas que ele também não era tão certinho quanto podia parecer, o que eu concordei. Antes que saíssemos do carro, vi Cass e Cedrico comprando M&M do outro lado da rua. Eles pareciam estranhamente felizes, tanto que fiquei por um segundo a mais com a mão no cinto quando fui tirá-lo, observando-os, o que Alex também parou para fazer.

Virei-me para Alex, que abriu a boca para falar alguma coisa, mas me virei outra vez quando escutei alguém bater no vidro do carro, que abriu

NACIONAIS - ACHERON

com um sorriso torto: — Vocês vão ficar aí a noite toda...

— Claro, é — tirei o cinto e ele abriu a porta para mim — Você estava... do outro lado...

— Julies — ele sorriu e não consegui tirar os olhos dele nem por um segundo, tão perto de mim que meu coração acelerou; cada veia do meu corpo pulsava de maneira estranha. Cedrico fechou a porta do carro —, quando você vai aprender que eu...

— É um superbruxo que cancelou coisas para vir ao cinema ver um filme ruim? Acho que ela tem dificuldade em entender esse tipo de coisa — Cassandra apareceu e me virei, quebrando meu contato visual com aquele verde encantador de maneira abrupta.

— É, talvez esse seja o meu problema, Cassandra — virei-me para o outro lado e saí. Cedrico me seguiu e segurou meu braço com sutileza, fazendo-me girar.

— Você não liga para o que Cass diz — caminhamos juntos pela calçada até a entrada.

— Eu não ligo, nem vou começar. Eu só pensei... eu queria passar algum tempo com você e
NACIONAIS - ACHERON

com Alex, e um jeito de fazer isso acontecer era ter Cassandra entre nós, mas eu ainda não superei nossas diferenças. Ou seja, eu ainda não gosto dela — ele estava me olhando. E rindo.

— Não precisamos ficar perto dela. Eu vou te dar um descanso depois de todo esse tempo — ele deslizou os dentes pelos lábios e passou por mim, que fiquei boquiaberta, sem entender o que ele queria dizer. Ele chamou Alex e falou alguma coisa com ele, que olhou para mim e franzi o rosto para ele ver que eu não sabia do Cedrico estava falando, o quer que fosse, depois ergueu os ombros e sorriu.

— Tudo bem, se ela quer — ele voltou para o lado de Cassandra, perfeita como sempre, com um sorriso perfeito.

— Do que vocês estão falando? — Cassie e eu perguntamos ao mesmo tempo.

— Eu vou levar Juliette para um passeio e a deixo em casa à meia-noite, prometo — meus lábios estavam entreabertos, mas eu não disse nada por longos segundos.

— O filme é horrível — ela falou, sutil.

— Tudo bem, eu te espero lá em casa — falei com Alex e me voltei para Cedrico — Para onde
NACIONAIS - ACHERON

vamos?

Ele não respondeu enquanto nos despedíamos e fomos para o outro lado da rua onde ele tinha deixado o carro.

— Para onde vamos? — perguntei de novo.

— É uma surpresa.

Os laços que unem^[15]

Fiquei mesmo surpresa quando ele me levou até a parte mais alta da cidade onde podíamos vê-la sob todas as luzes. Parecia-se tão linda quanto amaldiçoada.

— Então — ainda estávamos dentro do carro, sem o cinto, e eu me sentia um pouquinho desconfortável, embora sua simples presença me reconfortasse —, achei que tivesse me trazido aqui para um resumo do que aconteceu quando eu estava longe...

— Eu posso te dar um se é o que você quer, mas não foi por isso que te trouxe aqui — cheguei mais perto, quase que involuntariamente, olhando-o de baixo para cima com uma expectativa estranha no peito. Estava escuro no carro; o bastante para

NACIONAIS - ACHERON

deixar alguém do lado de fora se questionando sobre o que estaríamos fazendo, e meu corpo estava estranhamente quente. Em parte dominado por um estranho desejo por ele, em parte pelo desejo que eu sentia pelo seu sangue; um desejo novo e crescente que vinha me consumindo desde aquela noite em que o tinha encontrado em Essex.

Era devorador e incontrollável, tanto que me deixava atordoada; tonta e inebriada. Fitei-o, deslizando a língua pelos lábios, observando seu rosto com um desejo insaciável; seu cabelo loiro acobreado, claro, caía em sua testa, seus olhos tinham um brilho diferente e desconhecido. Seus lábios eram tão convidativos quanto sua jugular que pulsava fora de compasso. Inclinei-me ao mesmo tempo em que ele e Cedrico me beijou, com os dedos entrelaçando-se em meu cabelo suavemente e meus lábios entre os seus. Ficamos nos beijando por um longo minuto, sem nos desgrudarmos nem parar respirar, embora eu sentisse um pouco da sua respiração ofegante em meus lábios. Seus dedos estavam em meu joelho, inocentemente acariciando-o, subindo pela minha coxa; sua língua dançando com a minha em uma sintonia perfeita

NACIONAIS - ACHERON

que eu conseguia sentir com ele, tão somente com ele.

Subi em cima dele em menos de uma fração de segundo com minha velocidade vampiresca, segurei seu rosto e voltei a beijá-lo. Cedrico agarrou minhas coxas que estavam em torno dele e me segurou contra si, firmemente, embora surpreso com minha reação animalesca; meus dedos foram em seus cabelos e eu não conseguia mais pensar direito enquanto o desejo se misturava a sede e seus beijos despertavam algo tão profundo dentro de mim que meu peito doía. Arfei, fora de mim e seus lábios desceram pelo meu pescoço.

— Hum, calma — ele passou a mão pelos meus ombros e desci até estar sentada em seu colo na mesma altura dos seus olhos — Você... — seus dedos deslizavam involuntariamente pelos meus braços e meus dedos traçaram com perfeição as perfeitas linhas do seu rosto.

— Cedrico — falei em um tom meio meloso e voltei a beijá-lo sem saber o que queria dizer a ele. A verdade era que eu tinha tanto coisa a dizer que eu preferia nem começar naquele momento, só estar com ele. Ele riu contra meus lábios e passei os

NACIONAIS - ACHERON

braços pelo seu pescoço, sentindo algo estranho por dentro; estranho e feliz.

De repente, a luz acima de nós acendeu e quase dei um pulo para fora, possessa por aquilo ter acontecido pela segunda vez, querendo arrancar a cabeça de alguém, ou *drenar* alguém. Dei um pulo de cima de Cedrico e saí do carro ajeitando meu vestido com raiva; Cedrico me segurou, colocou-me atrás dele para me impedir de arrancar os olhos de Rafael. Era a segunda vez que ele fazia aquilo e, não sei quantas mais, eu queria beber seu sangue e matá-lo.

— Seu filho da...

— Julies, calma — Cedrico colocou o braço entre Rafael e eu, impedindo-me de avançar em sua direção.

— Nós precisamos conversar — quando parei notei como ele estava; a barba por fazer, a aparência horrível e a roupa meio abarrotada o fazia parecer um morador de rua. Franzi o cenho, mas aquilo não me afetou tanto quanto deveria; eu ainda queria mordê-lo.

— Eu não vou falar com você, seu cretino — ele desviou o olhar do meu, com algumas olheiras

NACIONAIS - ACHERON

meio evidentes, e olhou para Cedrico e novamente para mim.

— Juliette... — algo se remexeu dentro de mim com aquele tom em sua voz e estremeci — Por favor, eu preciso te explicar...

— Eu não acredito em você — meu tom também mudou para algo mais humano e emotivo, algo que eu queria evitar. Respirei fundo e eles me olharam como se esperassem pela resposta que eu já tinha dado. Eu queria ir embora e continuar mantendo aquela tênue distância entre Rafael e eu, mas nós sabíamos que aquilo não duraria muito mais. Mordi o lábio, encostando-me ao carro sem conseguir pensar direito e, quando dei por mim, minhas presas já estavam expostas, e, embora minha cabeça estivesse baixa, eu tinha certeza que Rafael e Cedrico as tinham visto.

— Eu vou deixar vocês conversarem — Cedrico pegou a jaqueta e encarei-o boquiaberta.

— Não! — levantei a cabeça rápido demais, mas estava tonta. Eu deveria ter me alimentado antes de ir a um encontro. Quão idiota eu conseguia ser para não ter pensado naquilo? Passei a língua pelos lábios, mas mesmo sob meus protestos Cedrico se

NACIONAIS - ACHERON

afastou.

— Vocês tem muito que conversar — eu não conseguia dizer se ele estava bravo ou se entendia ou se... sei lá. Era confuso tentar entendê-lo na maior parte das vezes, e, antes que eu começasse a tentar, voltei-me para Rafael.

— Eu não me importo se você acha que tem alguma coisa... inacabada entre nós, ou se você pensa que precisa se explicar. Eu não quero saber — aproximei-me enquanto falava até estar bem perto dele, que embora um pouco abatido não deixava de me atrair, e muito, por mais que eu tentasse evitar. Por mais que eu lutasse contra aquilo que me sufocava. Engoli em seco, tentando não me abalar com aquele olhar.

— Acabou? Porque você tem muito que escutar, e se já acabou com seu discurso de menina incompreendida...

— *Incompreendida?* Você está brincando comigo? — afastei-me dele, dando alguns passos para trás e ri alto, voltando-me para ele possessa — Você me fez passar meses com Friedrich em um inferno e, ao invés de um pedido de desculpas, acha que estou me fazendo de *incompreendida*? Então

NACIONAIS - ACHERON

ótimo! Você já disse o que precisava e eu já escutei o bastante — ele me fuzilou de volta na mesma intensidade com que o fiz, como se eu fosse a vilã naquela história.

— Eu sinto muito — ela desabou um pouco a minha frente e pude ver alguma fragilidade diante de mim que senti uma pontada no peito, mas não me movi, tentada demais a mordê-lo para pensar em me mover — Eu realmente não fazia ideia de como fazer aquilo funcionar e eu não fazia ideia de que tinha te prendido naquele lugar... eu sinto muito. Você sabe que eu nunca te machucaria se estivesse consciente disso.

Ele começou a se aproximar e não o impedi.

— Eu não sei — murmurei e ele parou, fitando-me com uma sinceridade brusca no olhar. As lágrimas se acumularam em meus olhos antes que eu pudesse evitá-las — Sinceramente, eu sinto como se nunca tivéssemos nos conhecido. Você nem ao menos tentou — gesticulei, meio confusa e ergui o queixo com um sorriso — Você simplesmente... desistiu, como se estivesse em suas mãos. Você se afastou como se a responsabilidade não fosse sua por ter me

NACIONAIS - ACHERON

aprisionado naquele inferno...

— Não diga essas coisas — ele chegou ainda mais perto e me deixou presa em um espaço mínimo entre ele e o carro em que me apoiei para ficar de pé. Rafael deu mais um passo a frente e tirou uma mecha do meu cabelo que caía no rosto. Eu fraquejei por um segundo quando olhei para ele, mas não podia permitir que ele tivesse o poder para me machucar ainda mais, mas também não possuía forças para me afastar, nem a de fingir que nunca o tinha conhecido — Não foi minha culpa... Juliette — ele me forçou a olhar para ele quando desviei o olhar com um sentimento estranho mascarado de impaciência. Eu não sabia o que mais queria dele, só não queria que ele se afastasse. Queria que ele me tocasse e que me beijasse. Queria sentir seus dedos afundarem sob minha pele, e como se aquilo não fosse ruim o suficiente, eu o queria. Depois de tudo, o que eu sentia por ele não tinha mudado nem um pouco.

Respirei fundo e desvencilhei-me do seu toque.

— Você não pode fazer isso — disse completamente recomposta — Você não pode aparecer assim do nada achando que uma

NACIONAIS - ACHERON

desculpinha esfarrapada vai resolver tudo, que vai apagar tudo o que aconteceu porque não vai, nada vai, então, volte para a sua namoradinha e me deixe em paz. Isso é o melhor que você pode fazer para me compensar.

Sentei-me no carro e cruzei os braços, esperando que Cedrico voltasse daquela mata em que tinha se embrenhado. Remexi-me, inquieta, com os pensamentos enlouquecidos, sem saber o que deveria concluir depois daquilo ou o que deveria sentir. Deslizei os dedos pelos cabelos, exasperada e saí do carro, confusa.

— Você está bem? — Cedrico surgiu atrás de mim e me virei bruscamente.

— É, eu estou. Você não deveria ter me deixado sozinha... — franzi o cenho como um cãozinho abandonado e ele se aproximou meio hesitante enquanto eu passava os braços em torno do meu corpo.

— Eu sei, mas também sei que vocês precisavam se resolver — franzi o cenho e fui até ele, abraçando-o. Seus músculos ficaram rígidos sob meu toque, mas ele relaxou em dois segundos e me

NACIONAIS - ACHERON

abraçou de volta, entendendo o quanto eu precisava dele naquele momento. Cedrico estendeu a mão e acariciou meus cabelos por um longo momento — Quer que eu te leve para casa?

— Não, quero dizer... sim — meu rosto estava enfiado em sua jaqueta e minha voz saiu meio abafada. Segurei sua camisa com a mão dentro de sua jaqueta, depois envolvi meu braço em torno dele e engoli em seco — Eu tenho que te contar uma coisa — tomei coragem de me afastar e olhar em seus olhos, coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha, olhei para o chão por um segundo e depois para Cedrico.

— O que é? Você está me preocupando...

— Não precisa se preocupar, mas eu não contei isso a ninguém e eu preciso confiar em alguém... — eu estava quase sem fôlego, olhando a minha volta sem querer olhar para ele, quase paranoica.

— Juliette — ele pronunciou meu nome de maneira intensa e me segurou, aproximando-se lentamente como se estivéssemos em uma dança suave, depois abaixou os braços e me soltou, acalmando-me o suficiente — Se acalma — ele inclinou o rosto um pouco, e relaxei os ombros, NACIONAIS - ACHERON

respirei fundo.

— Eu sou uma bruxa — ele franziu suavemente o cenho e me olhou confuso, mas não esperei que ele me interrompesse — Eu estou mais forte que nunca e estou medo desse poder todo.

— Co... como? — foi apenas um murmúrio que escapou de seus lábios — Eu te vi se transformar agora há pouco.

— Acontece — virei-me, sem conseguir evitar; eu precisava me mover em alguma direção —, que eu sou vampira *e* bruxa. Esse é o problema — voltei-me outra vez para ele, remexendo em meus dedos, esperando que ele esboçasse alguma reação. Ele podia correr para mim ou para longe de mim, qualquer coisa desde que ele fizesse algo além de ficar parado sem reação. Nem surpreso, confuso ou assustado; nada — Diz alguma coisa, por favor.

— Eu não sei o que dizer — soltei o ar em meu peito e me aproximei dele com o lábio inferior doendo de tanto eu mordê-lo, embora curasse tão rápido quanto eu o machucasse — Geralmente sou eu quem guarda segredos demais... você consegue controlar...

— Sim — assenti, contente por ele ter saído do
NACIONAIS - ACHERON

estado inicial de inércia — Só não consigo controlar meus... poderes de bruxa direito. As coisas estão meio fora de controle, mas está tudo bem — ele me olhou e meu corpo estremeceu com aquele olhar.

— Podemos conversar no carro? Achei que fosse uma boa ideia virmos aqui, mas preciso sair desse lugar — assenti e caminhamos até o carro dele.

—Você já sabia disso quando voltou?

— É, já. Friedrich me contou antes de me mandar de volta — fiquei remexendo nas mãos, minhas cutículas passaram a ser superinteressantes de uma hora para outra e eu não tirava o olhar do colo, mesmo que não quisesse tirá-lo de Cedrico — Eu não... estou pronta ainda. Para falar sobre o mundo prisão, mas eu precisava contar isso para alguém...

— Você precisa contar para Jon — ele me interrompeu, extremamente sutil em seu tom e levantei a cabeça para assentir — E para Izabel.

— Eu sei, mas... isso não muda muita coisa. Eu vou voltar para o colégio na segunda e minha vida vai voltar a ser o que era antes, mesmo que fosse uma bagunça... era uma bagunça melhor do que NACIONAIS - ACHERON

agora. Uma bagunça que eu entendia — ele ficou me encarando sem disfarçar e temi que ele quisesse dizer algo, no mínimo, desconfortável.

— Eu vou estar aqui se quiser falar alguma coisa — involuntariamente, inclinei-me e encostei a cabeça em seu ombro. Cedrico tirou uma mão do volante para acariciar meus cabelos e a colocou sob meus ombros. Enfiei o rosto em sua camisa macia e passei o braço pelo seu peito, deixando-me levar pelo calor do seu corpo.

— Então, para onde vamos agora? — ele tirou o braço dos meus ombros para fazer uma curva e sentei-me ereta, ajeitei o cabelo, olhei para frente e passei a língua pelos lábios, meio nervosa.

— Achei que deveria te levar para casa...

— Não — quase supliquei —, eu estou morrendo de fome. Você disse que me levaria para comer.

— Tem um restaurante de comida tailandesa que abriu a pouco tempo e que eu adoro. Se você gostar... — assenti sorrindo e ele sorriu, docemente, de volta. Rapidamente entramos na cidade e ele passou a umas duas ruas da minha casa e parou pouco depois em um restaurante chique e aparentemente caro.

NACIONAIS - ACHERON

— Uau, parece... caro — saí do carro antes que ele se desse ao trabalho de abrir a porta.

— Isso não se pareceu muito com um elogio — ele sorriu e me deu uma vontade de beijá-lo, mas me contive. Cedrico parou a minha frente e me peguei sorrindo por um longo momento antes que conseguisse caminhar em qualquer direção ao seu lado. Fomos juntos até a porta e entramos. Embora o restaurante parecesse lotado e do tipo que se precisava reservar a mesa um mês antes, mas assim que a maître colocou os olhos em Cedrico seu sorriso se ampliou e ela veio até nós. Seu cabelo loiro era perfeito, os fios claros caíam pelos seus ombros, seu sorriso era radiante, assim como seus olhos em um tom perfeito de verde que combinava com a luz ambiente, fazendo-a quase brilhar.

Meu braço estava enganchado ao de Cedrico e ela quase me fuzilou com o olhar, mas sem desfazer seu sorriso perfeito.

— Sr. Hamilton, ficamos felizes em recebê-lo...

— Obrigada — aquele sorriso constante dele estava mais do que me incomodando mais do que qualquer coisa e desejei cravar minhas presas no pescoço daquela mulher, mas me controlei antes

NACIONAIS - ACHERON

que fizesse algo estúpido como perder o controle em público. Perdi vinte segundos da conversa e quando voltei a mim, Cedrico se virou para mim — Rebekah, esta é a Juliette. Minha... amiga — ele falou tão baixo, meio confuso, que só pude escutar por conta da minha audição de vampira.

Ela estendeu a mão com um sorriso falso, cínica e peguei-a, sentindo sua textura suave, seu toque quente. Rebekah se afastou e senti uma energia estranha entre nós, mas não soube dizer exatamente o que era. Minha magia estava um pouco confusa depois de eu ter voltado dos mortos, então fiquei quieta com meus pensamentos e deixei que ela nos guiasse até uma mesa. Cedrico puxou a cadeira para mim e, depois que o garçom nos levou o cardápio, fiquei encarando aquelas letras pequeninas sem reação, mal respirando.

— Você está bem? — Cedrico abaixou o cardápio para me olhar e pousei-o na mesa antes de soltar o ar em meu peito.

— Eu não sei. Essa tal de Rebekah... é sua amiga? — ele virou o rosto franzido como se quisesse evitar a pergunta, depois se voltou para mim.

— Não exatamente, por que? — ergui os ombros involuntariamente e meu rosto se voltou para ela por dois segundos.

— Eu senti uma coisa estranha... não sei. Coisa de bruxa...

— Disso eu entendo bem, o que foi? — hesitei. Eu sabia o quanto podia confiar nele, mas foi uma coisa realmente estranha demais para colocar em palavras — Ela é uma loba — ergui a sobrancelha, surpresa; boquiaberta e esperei que ele continuasse. Eu ainda não entendia bem aquela aliança que ele e Rafael tinham com os lobos, mas certamente queria descobrir tudo que pudesse. Cedrico se inclinou um pouquinho, à minha direita, e continuou em um tom sussurrado: — Rebekah é meia-irmã de Eva, a *namorada* do Rafael.

— Por que... — quase sorri porque o tom com que ele falou a palavra *namorada* foi engraçado.

— Ah, Julies, precisamos de mais tempo para eu te contar tudo o que aconteceu nos últimos meses. Eis um fato — ele reabriu o cardápio com uma copiosa cerimônia —, eu odeio Eva Thorne mais do que a qualquer lobo. E ela vive lá em casa ultimamente, nem Elena a suporta, nós só...
NACIONAIS - ACHERON

toleramos a coisa esquisita que eles têm.

— O que você quer dizer? — ele ergueu os ombros e dei um meio sorriso quando notei que ele sorriu com o canto dos lábios.

— Eu não sei o que Rafael tem com aquela garota, nem consigo entender por quê eles estão juntos... Rafael nem ao menos gosta dela, mas... — ele se virou e ficou tão perto que quase nos beijamos — Eu não te trouxe aqui para falarmos disso. Ainda não.

— Nem eu — murmurei, aproximando meus lábios ainda mais dos seus e ele saqueou meu lábio entre os seus num beijo calmo e tranquilo antes de eu colocar a mão em seu rosto e me obrigar a me afastar ao lembrar que estávamos em público. Ele pareceu ter o mesmo pensamento que eu e nos afastamos ao mesmo tempo.

Eu estava um pouco enferrujada em estar em um restaurante. Na verdade, eu estava enferrujada estando com tantas pessoas a minha volta, então pedi a Cedrico para fazer o pedido enquanto eu ia ao toalete, aproveitando para responder as mensagens de Izabel, e indiretamente de Jon também, sobre como eu estava me saindo no meu

NACIONAIS - ACHERON

“encontro”.

Digitei rapidamente que estava indo tudo bem e eu estaria em casa em breve, respondi Alex quando ele perguntou se nossa noite ainda estava de pé e guardei o celular de volta na bolsa.

Ergui os olhos e me virei assustada com vi aquele reflexo no espelho. Aquele cabelo dourado, aquele long bob perfeito que sempre me deixava boquiaberta com tanta beleza; seus olhos lindos e lábios no formato de coraçãozinho. Ela tinha uma expressão estranha quando fechou a porta, vestida com um vestidinho branco até o meio das coxas e botas, caminhou até mim e, antes que eu pudesse ter qualquer reação, Lauren agarrou meus ombros e me abraçou como se estivesse contente em me ver.

— Estou *tão* feliz que você esteja de volta... — senti que ela estava prestes a chorar e envolvi-a com os braços meio trêmulos. Lauren nunca tinha gostado muito de mim, mas tinha, ao menos, tentado me ajudar quando precisei dela, mesmo que em troca de um feitiço.

— Eu também estou feliz por estar de volta, eu acho... — ela se afastou sorrindo tanto que me fez sorrir também.

NACIONAIS - ACHERON

— Acho que Cedrico está preocupado com você, mas ele sabe que eu sou inofensiva — ela continuou sorrindo e se afastou com um meio suspiro.

— Lauren... eu sei o que você quer saber — meu sorriso se desfez quando me dei conta do que ela queria saber — Seu pai... o mundo prisão...

— Hã... Juliette, eu sei — ela ficou séria e mordeu o lábio antes de apoiar a palma no mármore ao lado da pia — Isso tem muito tempo. Eu só estou feliz que você esteja bem e se precisar de ajuda para se readaptar... acho que vamos estudar juntas no próximo ano e vou estar por perto.

— Obrigada. E eu sinto muito pelo seu pai — involuntariamente, meus olhos se encheram de lágrimas e ela assentiu, confortando-me com um breve sorriso. Lauren era forte demais para se deixar abater por qualquer coisa. A única vez em que a vi demonstrar qualquer fraqueza foi ao ser banida do *coven*.

— Tudo bem, além disso, eu estou em dia com os ancestrais — ela respondeu minha pergunta não feita — De volta ao velho e amaldiçoado *coven*, ao colégio e a essas pessoas das quais tentei me

NACIONAIS - ACHERON

manter afastada. Eu tenho que ir agora, mas vamos nos ver em breve.

Abraçamos-nos e ela saiu. Perdi totalmente o rumo dos meus pensamentos que estavam quase que completamente bagunçados com relação a Cedrico e ao meu encontro com Rafael há tão pouco tempo antes. Fiquei parada por um longo minuto de frente para o espelho antes de me lembrar de voltar para a mesa. Lavei as mãos colocando os pensamentos em ordem, peguei a bolsa e saí do banheiro. Cheguei por trás de Cedrico e me sentei. Ele levantou os olhos e sorri, acalmando-o com o olhar. Naturalmente, falamos sobre Lauren de maneira vaga; eu sabia que ela só tinha contado para mim sobre o pai e não queria que soubessem, então limitei minhas palavras e disse apenas que ela foi muito simpática.

A comida chegou e conversamos sobre o colégio, bruxaria e até sobre estoques de bolsas de sangue. Foi quando me lembrei de que eu precisava ver Joseph, mesmo que eu não pudesse contar que tinha lido o diário dele. Daquele pensamento, lembrei-me também que aquele diário estava diretamente ligado a Cedrico e o pai dele. Tomei um gole de

NACIONAIS - ACHERON

água para desviar-me daquele pensamento e voltei meu olhar para ele com um sorriso involuntário. Já tínhamos terminado de comer e eu temia a hora que ele me deixaria em casa. Cedrico pediu a conta e ignorou minha opinião em dividirmos a conta e nos levantamos.

— Então, eu te deixo em casa? — ele se despediu de Rebekah com um sorriso antes de sairmos. Ele destravou o carro e abriu a porta para mim. Olhei as horas no celular antes que ele entrasse no carro e desse a partida — Você parece meio distante... — ele me observou, acentuando cada parte minha com o olhar grotesco ao mesmo tempo em que sutil; inocente e vulgar. Ele quase avançou o sinal vermelho porque estava olhando para mim, mas quando parou relaxei os ombros.

— Eu só estou... frustrada por estar acontecendo tanta coisa e *tão* rápido. Eu preciso mesmo saber o que esteve acontecendo nesses últimos meses. Ele continuou, apenas me escutando, como que absorvendo o que eu dizia antes de formar algo concreto, mas ele maquinava alguma coisa; eu podia ver as engrenagens girando em sua cabecinha.

NACIONAIS - ACHERON

— Compreensível — ele apertou o volante um pouco mais e não conseguiu tirar os olhos dele. Menos de um minuto depois, ele parou o carro na porta do prédio e se virou para mim.

— Ainda é tão cedo.

— Eu prometi que te deixaria em casa antes da meia-noite, Cinderela — coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— Eu sei, eu só... eu queria ficar um pouco mais, mas preciso me arrumar, esperar Alex para colocar o assunto em dia.

— Tudo bem, mas ele pode demorar. Ele e Cass estão dando uma de casalzinho perfeito quase que desde sempre, o que me dá até um pouquinho de inveja... — ele sorriu de volta e tirei o cinto.

— Então... — eu nem sabia mais o que dizer, só queria que ele me beijasse antes de eu subir, mas parecia que ele estava mais ansioso para eu sair logo, então me virei, abri a porta e saí.

— Juliette — ele murmurou em um tom doce, saiu do carro e me virei. Ele me estendeu minha bolsa e estendi o braço para pegá-la, sentindo-me tonta por tê-la esquecido, então ele segurou meu pulso e me puxou até seu peito, colando os lábios

NACIONAIS - ACHERON

aos meus. Fiquei sem fôlego por um longo momento antes de voltar a mim e envolver seu pescoço com os braços, sentindo seu braço direito agarrar minha cintura para si — Boa noite — ele murmurou ao se afastar e colocou a bolsa em minhas mãos, nem me dando tempo para responder e saiu da minha linha de visão. Fiquei parada na calçada, depois me virei para vê-lo se afastar e entrei no prédio, subi pelas escadas e cheguei em casa.

Jon estava em Nova York e Izabel estava Deus sabe aonde, de modo que quando cheguei o apartamento estava escuro. Algumas caixas começaram a se amontoar perto da porta com a evidente mudança. Jon tinha colocado alguns dos objetos em caixas, embora não quisesse levar a maior parte das coisas, como a maioria das pessoas fazia. Fechei a porta e desviei de uma caixa perto do sofá. Estranhamente, tinha um barulho vindo do meu quarto; a porta estava meio fechada e a luz acesa.

— Juliette — aquela voz acalmou meu pequeno e crescente pânico e fui até meu quarto — Pode entrar, eu estou vestido — foi o eu fiz; não que ele

NACIONAIS - ACHERON

estivesse completamente vestido, Alex só usava uma calça de dormir xadrez e tinha uma camisa branca sobre a minha cama. Joguei a bolsa na cama e sentei, sentindo meu corpo exausto.

— Como você entrou aqui?

— Izabel me disse que tinha uma chave reserva no tapete de boas-vindas.

— Que óbvio! — ele ergueu os ombros e sorriu, ainda sem a intenção de se vestir.

— Estava oculta com magia, foi bem esquisito. Você não me contou que estava se mudando.

— Eu não sabia até hoje de manhã quando Jon começou empacotar tudo — levantei — Vamos para a cozinha.

— Temos muito que conversar, e nem pense em fugir de mim — ele ficou atrás de mim e colocou as mãos em meus ombros, massageando-os — Eu faço o brigadeiro, você não sabe cozinhar.

Sorri e me sentei obediente no banquinho enquanto ele dava a volta na bancada e abria os armários. Saí de lá para tomar um banho e voltei com short e camiseta de flanela. O *muito que conversar* de Alex era, na verdade, um interrogatório completo, sem deixar nada a desejar.

NACIONAIS - ACHERON

Começando pela parte em que eu morri, depois uma lista enorme de perguntas sobre o mundo prisão e Friedrich. Ele parecia ter tomado umas aulas com a namoradinha sobre bruxaria, porque, para mim, ele parecia saber demais. Ele terminou e brigadeiro, pegou as colheres e nos sentamos no sofá para assistir o que quer que estivesse passando na TV.

— Então, eu fiquei em dúvida se você vinha pra cá mesmo — coloquei a colher na boca e franzi o cenho, meio perturbada.

— Hum, eu sei. Também pensei... bom, se eu fosse dormir com Cedrico certamente seria aqui e não naquela mansão mal assombrada — ele sorriu, assim como eu. Pegamos um romance bem deprimente pela metade, mas passamos mais tempo conversando que assistindo.

— E você não quer dormir com ele? Até eu quero dormir com ele...

— Alex — bati nele com a colher, me fazendo me ofendida e ele riu — Você não precisava me contar desse jeito que é gay. Eu sou sua amiga...

— Está bem, pode rir — ele ergueu o ombro e afundei um pouco mais no sofá. Alex olhou para a

NACIONAIS - ACHERON

tela, depois para mim.

— Claro — falei mais séria, mas ainda tentando não rir da sua declaração —, claro que eu quero dormir com ele. Todo mundo quer dormir com ele, mas eu... não sei. Eu estava morta, acho que essa é uma boa desculpa — ergui as sobrancelhas; ele balançou a cabeça e estendeu o brigadeiro que peguei com o cenho franzido.

— Não exatamente, você já está de volta há alguns dias e, já que está voltando a sua vida... vamos lá. Se eu tivesse morrido, ficado preso com outro cara *não comestível* — ele ergueu a sobrancelha, enfatizando essa parte e foi impossível não rir —, eu nunca mais iria sair da cama. Ou pelo menos estaria lá por uma semana inteira para colocar o sexo em dia...

— Ai meu Deus — sorri e comi o brigadeiro na colher — Você não acha que eu estou indo muito rápido? Ele me disse isso quando o beijei, no dia em que voltei e desde então fiquei meio com o pé atrás. Ele está meio... estranho comigo, é como se eu nunca soubesse o que fazer quando sempre fui espontânea com ele.

— Ahh, eu não posso te dar conselhos, desculpe.
NACIONAIS - ACHERON

Mas se isso te confortar, ele sempre foi estranho para mim *e*, além disso, um bocado de coisas aconteceram com ele depois que você... morreu.

— Que tipo de coisa? — Alex ergueu os ombros, como se quisesse mudar de assunto.

— Ele se meteu em um bocado de encrencas, principalmente com o irmão da namorada de Rafael.

— Irmão da Eva? Quem é? — ele arregalou os ombros, surpreso.

— Jackson. Meu Deus, como você nunca sabe de nada. Enfim, ele quase acabou com esse Jackson no Red com magia, depois eles brigaram corpo a corpo. Tudo o que eu sei foi o que Cassie me contou, mas você pode perguntar a ele.

— E eu vou, com certeza.

Fiquei pensando muito por muito tempo. Principalmente no fato de que se Eva e Jackson eram mesmo irmãos ela também tinha o gene de lobo, o que elevava o relacionamento dela com Rafael de estranho para sobrenaturalmente suspeito. Até onde eu sabia, bruxos não iam muito com a cara dos lobos, mas não que fosse uma regra que dizia que não podiam se envolver. Terminamos

NACIONAIS - ACHERON

de ver o filme, que foi extremamente longo, com quase três horas, e tedioso porque o casal não ficava junto no final, e Alex disse que ia arrumar a cozinha, não falou mais nada e me deixou sozinha com meus pensamentos confusos e desconexos. Levantei-me e fui até a cozinha.

— Preciso de um favor — falei de repente e ele levantou a cabeça.

— O que é?

— Preciso que me leve na mansão dos Hamilton. Agora — falei meio hesitante e ele manteve seus olhos em mim por um longo momento.

— Se foi alguma coisa que eu disse...

— Não, não tem a ver com você nem o que me disse, mas eu preciso... por favor — um junco se formou entre minhas sobrancelhas e ele relaxou os ombros, concordando.

Eu provavelmente tinha enlouquecido porque nem tirei o pijama antes de sair e Alex concordou comigo, embora concordasse em ser meu motorista. Só vi as horas no meio da estrada. 1h21. Alex captou meu olhar, mas não fez perguntas como se eu queria voltar, porque eu enlouqueceria se ficasse

NACIONAIS - ACHERON

com aquelas dúvidas na cabeça e enlouqueceria a ele também, então fiquei quieta. Alex parou o carro na entrada da mansão e saltei do carro, indo tão rápido até a porta, com minha velocidade de vampira, que Alex nem tinha se livrado do cinto ainda. Bati com a aldrava ao invés de usar a mão, meio impaciente, mas sem saber se eu queria mesmo alguma resposta, e Joseph abriu. Ele foi a última pessoa que eu pensei que poderia atender a porta, mas, mesmo assim era a mais óbvia, e eu não pensei que teria de lidar com o fato de ter invadido sua vida de maneira tão profunda e sem permissão.

— Joseph... — passei a língua pelos lábios, sem saber o que dizer. Eu não me lembrava de tê-lo chamado pelo primeiro nome, e se o tivesse feito foram pouquíssimas vezes, mas eu estava tão sem palavras que seu nome foi a única coisa que me veio à boca naquele momento. Alex caminhou até nós enquanto Joseph observava-me de cima abaixo, em menos de um segundo.

— O que está acontecendo? — ele perguntou, parecendo preocupado e respirei fundo para inventar uma desculpa, ou dizer a verdade.

— Eu preciso falar com Cedrico. Desculpe-me

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

por aparecer assim, à essa hora, mas... eu realmente preciso falar com ele.

NACIONAIS - ACHERON

Não lute contra o seu coração^[16]

Joseph me convidou para entrar, como sempre, e disse que estava tudo bem quanto a hora.

— Eu acabei de chegar — ele não parecia ter acabado de chegar com aquela roupa confortável e uma taça de vinho pela metade ao lado do abajur. A sala estava mal iluminada e olhei em volta, sentindo-me um bocado paranoica — Cedrico deve estar dormindo, pode subir.

— Obrigada — foi o que eu fiz. Subi as escadas em uma fração de segundo, literalmente, e deixei Alex conversando com Joseph; estranhamente confortável e bati na porta do quarto de Cedrico quando me lembrei de que não podia chegar

NACIONAIS - ACHERON

invadindo a casa e a privacidade dele. Afinal, o que eu pretendia mesmo? Exigir respostas dele ou perguntar se estava acontecendo alguma coisa que ele não tinha me dito? Passei a língua pelos lábios e a porta se abriu. Mal pude identificá-lo em meio aquela escuridão e nem esperei que ele me convidasse.

— Juliette, o que aconteceu? — ele tateou a parede em busca do interruptor, mas fechei a porta e ele franziu o cenho. Eu podia ver sua expressão completamente confusa. Eu também teria ficado se a garota que eu mal tinha acabado de deixar em casa aparecesse no meu quarto numa hora daquelas, parecendo uma louca e de pijama, ainda por cima.

— Eu precisava te ver e precisava de algumas respostas, ainda preciso — passei a língua pelos lábios e ele relaxou os ombros. Ele estava meio surpreso, ou em choque, assim como eu —, mas antes...

Agarrei-o antes de terminar o que estava dizendo. Envolvi meu braço em seu pescoço, colocando-o contra a parede, e Cedrico me segurou contra seu corpo. Minha sanidade estava por um fio, minha mente questionava tudo o que eu sabia até aquele

NACIONAIS - ACHERON

momento e, por mais que eu precisasse de respostas, desesperadamente, eu não conseguia mais pensar, só sentir. E aqueles sentimentos tomaram conta de mim tão rápido que eu mal conseguia respirar. Meus olhos estavam fechados, somente os braços de Cedrico em torno do meu corpo me mantinham pé, e me sentia tonta, extasiada, mas sem ter poder sobre mim mesma para me afastar. Aproximei-me ainda mais, como se isso fosse possível, como se eu quisesse fundir nossos corpos num só. Afastei-me quando notei que ele ficou sem fôlego e contemplei sua humanidade por um segundo, tocando seu rosto, sentindo os pelos microscópicos de sua barba, seu cheiro, seu rosto tão perto que dava um nó no peito.

Meus dedos agarraram sua camiseta e rasguei-a, instintivamente, joguei-a no chão. Nem eu conseguia me entender e imaginei o que devia ou não estar passando pela sua cabeça naquele momento quando enganchei as pernas em torno de seus quadris e ele me segurou, guiando-me até sua cama. Joguei-o na cama com minha velocidade vampiresca, entediada com aquela velocidade humana, até com toda a paixão em seu beijo

NACIONAIS - ACHERON

intenso, quando meu corpo vampiro e ágil, dentro de outro humano e fraco, tinha uma sede incontrollável e feroz. Meus instintos gritavam e me rasgavam por dentro, já bem perto da superfície; a ponto de emergirem. Eu estava em cima dele, beijando-o e ele segurou meu cabelo que caía em seu rosto.

— Julie, você precisa... não podemos ficar juntos se você não souber...

— Shh — coloquei o indicador sobre seus lábios e ele franziu o cenho suavemente, confuso — Depois a gente conversa.

— Não — ele falou mais alto e firme, segurando meus braços — Você precisa saber...

— Eu *não quero* saber de nada, só quero você, mas você pode me mandar embora — eu não sabia se ele não ia, só esperava que não.

— Porra, eu não quero te mandar embora — ele cedeu a pressão em meus braços, mas ainda me segurava e eu não tinha mais certeza se era para conter meus movimentos ou porque ele estava em uma luta interna com o cenho franzido; eu podia ver como ele pensava demais e ponderava demais.

— Nós conversamos mais tarde — falei em um

NACIONAIS - ACHERON

tom mais doce e sua expressão relaxou, assim como seus ombros quando me soltei e deposei um beijo em seus lábios. Ele passou o braço pela minha cintura dessa vez, ao invés de me afastar.

Meus olhos estavam queimando quando os abri e notei uma fresta da cortina aberta. Cedrico não estava ao meu lado, exatamente como imaginei, e levantei um pouco a mão. Com um gesto para a esquerda a cortina se fechou, mas me virei com os olhos arregalados ao escutar o som de passos atrás de mim, mesmo que sutis demais nada escapava à minha audição vampira.

— Que porra é essa? — exclamei, me sentando e segurando o lençol em torno do meu corpo com ódio.

— Sou eu quem pergunto *que merda* você acabou de fazer — Rafael caminhou até mim e tive vontade de socá-lo, mas então me lembrei que eu não podia me levantar porque estava só de sutiã e calcinha — Juliette, me diga, porque *eu te vi* se transformar ontem à noite...

— E isso não é nem um pouco da sua conta. Você pode sair agora, por favor? — reuni todas as

NACIONAIS - ACHERON

forças que eu tinha em mim para não fazer com ele o que se passava na minha cabeça.

— Claro que não, eu só saio quando você me contar — ele parou de frente para mim, aos pés da cama e fitou-me. Tinha algo diferente em seu olhar, algo que notei imediatamente assim que a raiva abrandou um pouco em mim e pude notar.

— Rafael — falei mais calma —, você não pode ficar me perseguindo...

— Você é uma híbrida ou algo do tipo, não é? — ele franziu um pouco o cenho como se estivesse pensando, então se virou, ficando de costas para mim — Pode se vestir, temos muito o que conversar.

— Obrigada pela privacidade — ironizei e levantei catando minhas roupas do chão, ainda segura ao lençol como se fosse a vida —, mas não tenho nada para *conversar* com você, nem te devo explicações — enfiei-me em meu short, que era mais que indecente, mas tudo o que eu tinha para vestir, soltei o lençol e peguei a blusa no segundo em que ele se virou.

— Você está sempre errada, e com certeza me deve algumas explicações. Por exemplo, o que você

NACIONAIS - ACHERON

está fazendo aqui? — antes que ele terminasse a frase, Cedrico estava na porta.

— Não interessa pra você, seu palhaço. Foi você que mexeu na minha moto, não foi? — ele entrou no quarto como um furacão e Rafael passou por ele, sorrindo e com as palmas erguidas em sinal de rendição; uma falsa rendição, claro.

— Eu precisava falar com ela — e olhou para mim, mais sério — Ainda não terminamos — e saiu antes que eu pudesse dizer uma palavra.

— O que estava acontecendo aqui? — a expressão de Cedrico suavizou-se um pouco mais e expirei lentamente.

— Rafael me viu usar magia para fechar a cortina e agora acha que eu sou uma híbrida. Por que é tão difícil fazê-lo entender que ele é a última pessoa que eu quero ver...

— Ele pode ser difícil às vezes — ele sorriu e relaxei os ombros, indo até ele. Cedrico envolveu-me em seus braços e absorvi seu cheiro.

— Nós precisamos conversar, não é? — ele assentiu e ergui a cabeça até seu beijo.

— Então vamos acabar logo com isso.

—Então, por onde você quer começar? — ele começou a colocar todo o tipo de comida sobre a bancada e me perguntei quem comeria tudo aquilo.

— Para começar, onde está todo mundo? — aceitei somente o café preto e forte. Cedrico se sentiu no banco ao meu lado e pegou uma torrada.

— Renée está na universidade de Boston com Emarie, cursando alguma coisa sobre arte, Elena foi para Chicago, resolver algo sobre o colégio e Cass foi conhecer os pais de Alex — tomei um gole do café e pensei em Joseph é no fato de que em algum momento teríamos que conversar, então decidi que deveria ser o mais rápido possível.

Antes que eu pudesse continuar as perguntas, Rafael apareceu, outra vez, com Eva à frente dele. Ela usava um vestido preto soltinho até a metade das coxas e sandálias de tiras. Eu não podia negar que ela era bonita, por mais que não gostasse dela; parecia uma bonequinha perfeita, embora fosse uma loba, com um sorriso perfeito que quase me faria gostar dela.

— Bom dia — tive a impressão de que Cedrico ia virar a cara sem responder, mas ele deu um bom dia bem mal humorado e tomou um gole do seu café,
NACIONAIS - ACHERON

como se fosse precisar dele para sobreviver àquele dia. O pior de tudo era que ela parecia ser o tipo de garota doce que eu não conseguiria odiar.

— Bom dia — Rafael me lançou um olhar lascivo e virei a cara, sem a mesma superioridade de Cedrico para responder — Eva, esta é a Juliette...

Olhei para ele, surpresa por ele ser cínico o suficiente para nós apresentar, mas decidi entrar naquele joguinho dele. Estendi a mão para ela, que eu não conseguia odiar mesmo tentando, e Eva pegou-a com um sorriso enorme.

— É um prazer finalmente conhecê-la — eles sentaram e Cedrico acabou entrando na conversa também — Rafael me disse que você e meu irmão são amigos.

— Eu não diria que somos *amigos*, só nos vimos umas três vezes — dei uma olhada rápida em Rafael, questionando-me qual seria o jogo dele ao falar de mim para a namoradinha. Ao observá-la, ela parecia estranhamente inocente, sem saber que estava no covil dos inimigos, envolvendo-se cada vez mais com um e aliando-se, despercebida, a outros.

— De qualquer maneira, Jack me falou que Nate gosta de você... — ela olhou para Cedrico como se não soubesse se deveria continuar.

— É, o Nate... — peguei uma torrada e passei geleia nela com um sorriso débil e afetado, pensando no que faria a seguir. Levantei a cabeça e captei a atenção daquela garota doce mais uma vez — Parece que você e Rafael conversam muito... ele deve ter te falado da Lauren.

Rafael ficou tenso no instante em que falei o nome dela. Ele teria me mandado calar a boca, mas não na frente da namorada quando parecia se esforçar tanto para mostrar a ela como era só na superfície, daquela casa, daquela família, sem permitir que ela o visse podre como era.

— Não — ela se virou para Rafael com um sorriso perfeito, sem mostrar os dentes —, ela é sua amiga? — ele se remexeu, desconfortável, odiando-me silenciosamente com o olhar magnético e intenso em meu corpo.

— Ahn, não. Quero dizer, não exatamente. É a minha ex...

— Oh-o, vocês ainda não tiveram aquela conversa chata sobre as ex-namoradas — Cedrico

NACIONAIS - ACHERON

falou calmo e desinteressado. No fundo me odiei um pouquinho por colocar aquelas dúvidas na cabecinha dela, mas lembrei que eu não gostava dela, que deveria odiá-la até, desde o mundo prisão e ainda tinha muita coisa para arrancar de Cedrico.

— É, nós não tivemos — Rafael quebrou o gelo e pegou café, mantendo aquele contato entre nós por mais tempo do que seria preciso para Eva notar algo acontecendo e se voltou para ela novamente —, mas vocês vão se conhecer e tenho certeza que vai adorá-la. Todo mundo adora.

— Isso é verdade — aproveitei a deixa — Ela é a garota mais bonita que eu já vi, até tenho uma invejinha dela... — Cedrico estava rindo ao meu lado, em seguida, ele levantou.

— Falando em Lauren, ela vai vir aqui, então se quiser conhecê-la — ele ergueu ombros, deixando a frase pairar no ar e se voltou para mim — Precisamos ir agora.

— Claro, nosso compromisso... — voltei-me para me despedir de Eva, que já não era tão cheia de sorrisos, mas parecia ter saído de um comercial de perfume — Foi ótimo conhecê-la, deveríamos sair algum dia.

NACIONAIS - ACHERON

— Claro — com isso segui Cedrico para fora da cozinha.

—Aquilo foi cruel. Tem umas roupas suas no meu armário — Cedrico fechou a porta e peguei meu vestido que eu tinha deixado lá há tanto tempo.

— Eu quero que ele viva o inferno que eu vivi por todos esses meses — eu estava soando um pouco mórbida e ele franziu o cenho meio preocupado.

— Lembra que eu disse que tínhamos que conversar? — assenti — Nós *realmente* precisamos.

Respirei fundo com o vestido em uma das mãos e passei os braços em torno dele, fiquei na ponta dos pés e beijei-o lentamente. Ele parecia meio cismado com minha reação depois que contasse o que fosse, ele esperava que eu não soubesse de nada, embora não fosse totalmente verdade, seus músculos estavam todos tensos sob meu toque e permaneceram daquele jeito até depois de eu me afastar e sair para tomar um banho. Vinte minutos depois, saí do banheiro e encontrei o quarto vazio. Cedrico devia ter ido tomar banho em algum outro

NACIONAIS - ACHERON

banheiro e deixado o celular sobre a cama. Embora fosse contra meus princípios, e eu tinha feito aquilo com uma estranha frequência nos últimos tempos, peguei o celular dele e comecei a zapear suas mensagens.

Não tinha nada. Absolutamente nada que me desse pistas... eu não sabia o que estava procurando e talvez essa fosse a pior parte. Voltei, procurei nas chamadas e nada. Devolvi-o ao seu lugar aos pés da cama e sentei-me, esperando e raciocinando o que já sabia. No caso, pouco. Que ele tinha concordado com o feitiço de Rafael e o ajudado, porque ele não tinha forças sozinho, depois falhado ao encontrar uma cura, que não existia, depois se jogado aos lobos quase que literalmente, além disso, eu queria saber a história por trás da briguinha dele com Jackson, além do óbvio, e qual era a de Rafael namorando Eva. Mas isso eu teria que descobrir sozinha, já que Rafael não ia me falar nada.

— Ei, achei que ainda estaria se arrumando — ele fechou a porta e sorri, levantando-me.

— É, na verdade, eu preciso me alimentar e falar algumas coisas com seu pai... Podemos dar uma

NACIONAIS - ACHERON

passada na clínica? — ele ficou me olhando estranho com a toalha na mão, enxugando o cabelo — O que foi? — perguntei sorrindo e seus lábios se curvaram lentamente em um sorriso perfeito antes de ele andar até a cama e pegar a jaqueta.

— Nada, só você insistindo em chamar Joseph de *meu pai* — ele fez pouco caso e inclinei a cabeça, me dando conta do meu erro.

— É, claro. Força do hábito — observei seus movimentos hábeis enquanto ele vestia a jaqueta por cima da camisa cinza de mangas curtas e pegava o celular. Cruzei os dedos, meio distraída — Então, a carona...

— Claro, eu te levo lá — Cedrico colocou o celular no bolso da jaqueta e me deu um selinho de um milissegundo — Mas nós vamos de moto.

Cedrico tinha citado algo sobre termos um compromisso, mas não achei que estivesse falando sério. Passamos no apartamento que eu nem podia mais chamar de casa. Parecia que só eu morava lá enquanto meus pais tinham se mudado e me esquecido para trás; nunca tinha ninguém. Peguei minha bolsa, celular e as chaves que Alex tinha deixado com porteiro e saí. Cedrico estava

NACIONAIS - ACHERON

mexendo no celular, que guardou no bolso da jaqueta quando me viu e pegou o capacete.

— Tudo bem? — ele assentiu e entregou-me o capacete — Para onde vamos?

— Eu achei...

— Minha conversa com Joseph não vai demorar, depois podermos ir para onde você quiser — subi na moto e em alguns minutos ele me deixou na clínica.

— Eu queria te levar a praia — fitei-o com o lábio inferior entre os dentes antes de concordar.

— Tudo bem, mas vou precisar comprar um maiô — beijei-o antes de entrar e Cedrico saiu pelo outro lado a pé.

Aquela clínica me era tão familiar, principalmente a sala de Joseph onde eu tinha passado tanto tempo, que meus pés foram até lá automaticamente. Bati a porta e ele me mandou entrar, um tanto surpreso quando me viu, levantou-se para me cumprimentar com o cenho franzido e disse para eu me sentar o mais educado possível.

— À que devo a honra da visita? — ele se sentou e respirei fundo, desviando meu olhar do dele.

NACIONAIS - ACHERON

— Joseph, eu... — eu não fazia a menor ideia de como contar para ele, nós nunca tínhamos realmente conversado e, mesmo que ele sempre tenha sido educado, eu não sabia como ele iria reagir quando eu contasse o que estava decidida a contar. Remexi-me, inquieta e formulei o que estava prestes a dizer: — Enquanto estive no mundo prisão algumas coisas aconteceram, com desrespeito a você, claro, e saiba que eu pensei muito se deveríamos ter essa conversa, e por fim, eu... estava totalmente errada no que eu fiz e quero, de antemão, pedir desculpa e...

— Juliette — sua voz calma freou minhas palavras que estavam saindo rápidas demais, descontroladas, e respirei fundo —, sem mais delongas. O que está acontecendo?

— Joseph, eu sinto tanto... — inconscientemente eu estava dando tantas e tantas voltas, sem conseguir chegar ao assunto, sem conseguir falar o que eu precisava. Talvez pelo fato de que ele iria querer me matar quando eu finalmente dissesse, ou coisa pior — Eu li seu diário. Todo ele.

— *Você fez o quê?* — ele esmurrou a mesa e se levantou em um segundo. Meus olhos estavam

NACIONAIS - ACHERON

arregalados, mas não consegui me mover; fiquei paralisada segurando minha bolsa, agarrando-a com tanta força como se fosse minha vida — Você tem alguma noção...

— Joseph, por favor — saí do meu estado de inércia, porém não me movi enquanto ele se inclinava cada vez mais sobre a mesa em minha direção de uma maneira até assustadora — Só me escute um minuto, depois você pode me odiar o quanto quiser — levantei-me em um impulso e larguei minha bolsa na cadeira — Eu não quero te dar conselhos, nem te dizer que escolhas tomar porque eu não tenho nenhum direito de fazer isso, tudo o que eu queria vindo até você era me desculpar por ter feito isso, mas se você estivesse naquele inferno por tanto tempo como eu estive... acho que conseguiria me entender pelo menos um pouco — seus músculos relaxaram um pouco e ele ficou ereto; sua mão parecia fraturada de tão forte que ele tinha esmurrado sua mesa.

— Esse é o momento em que eu te odeio? Porque eu não consigo pensar em nada melhor que isso — fiquei quieta porque ele tinha todo o direito de me odiar.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu gostaria que você não o fizesse, mas posso dizer que te entendo...

— *E eu gostaria* de poder te matar, que você não importasse tanto para os meus filhos, então todos os meus segredos estariam enterrados mais uma vez, dessa vez com você — ele falou em um acesso de raiva.

— Tudo bem, eu aceito isso — peguei minha bolsa e, hesitantemente, a coloquei sobre o ombro, voltando meu olhar mais uma vez para Joseph. Ele respirou fundo, visivelmente mais calmo —, mas, Joseph, depois de tudo isso, de tudo que agora eu sei sobre você, e talvez eu seja a única além de Jeremy... eu tenho a mais absoluta certeza de que sua vida é a mais miserável... que você nunca foi feliz, exceto pelos momentos em que estava com Eleri e Freya. E não sou eu quem está se atrevendo a supor isso sobre você, é só o que você escreveu — atrevi-me a me aproximar e ele não me impediu, visivelmente abalado — Você nunca amou Elena, nunca foi feliz com ela... então, o que vocês estão fazendo juntos?

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Você virá e partirá o meu coração?^[17]

— É complicado, você não entenderia — ele se afastou, refugiando-se atrás de sua mesa e senti que eu já tinha falado demais, feito demais, provocado suas dúvidas e jogado sal em suas feridas mais dolorosas, por isso respirei fundo, segurei a bolsa com mais firmeza e girei os calcanhares para ir embora — Espera — votei-me para ele, imediatamente surpresa — Se eu não posso te matar, nem fazer nada para que você se esqueça...

— Eu sei. Quando eu sair dessa sala, eu serei só a namorada do seu filho — eu não sabia se éramos aquilo, mas não podia falar simplesmente *garota que apareceu na sua casa no meio da noite pra* NACIONAIS - ACHERON

dormir com seu filho adotivo, que por acaso, é filho do homem que você ajudou a se esconder com uma mulher que você tem uma filha depois de ele matar a mulher e tentar matar o filho. Com certeza era bem mais fácil — e você pode... nunca mais falar comigo, nem querer olhar na minha cara, mas eu não sou como você. Eu não suporto segredos.

Eu não fazia a menor ideia do que Cedrico estivera fazendo enquanto eu conversava com Joseph, mas ele apareceu assim que saí da clínica, saindo pela lateral e mordeu o lábio enquanto ele caminhava até mim.

— Tudo bem? — eu deveria parecer muito abalada porque levei um longo momento para erguer os olhos e respondê-lo.

— Eu estou bem, podemos sair daqui? — ele se aproximou e engoliu em seco, desviando o olhar do meu.

Comprei um maiô preto com aberturas nas laterais e uma saia de praia laranja que eu adorei assim que vi, joguei meu vestido na bolsa e fomos para a praia que estava meio vazia, embora fosse sábado, e nos sentamos na areia. Cedrico usava bermuda e camiseta, tendo se livrado de suas

NACIONAIS - ACHERON

roupas, e estava mais relaxado do que estivera durante toda a manhã; na verdade, mais do que eu o tinha visto desde que tinha voltado do mundo prisão. Coloquei minha bolsa na areia e me arrastei até ele, encostando a cabeça em seu peito para observar o mar.

Ele passou o braço em torno dos meus ombros, mantendo-me tão próxima que eu sentia o cheiro de cada ingrediente do seu perfume, memorizando-os, sentia o calor familiar de sua pele e fechei os olhos, traçando círculos involuntários em seu peito e felicitando-me com algo tão pequeno, que para mim, depois de tudo, tinha se tornado enorme e significativo demais para abrir mão, como sua proximidade e seu toque em torno de mim, o som das ondas do mar ou a intensidade com que meus sentimentos enlouqueciam dentro de mim, enlouquecendo, mas depois de tanto tempo eu só tinha a estranha, confusa e inegável certeza de que eu o amava tanto (sim, eu tinha os malditos sentimentos por Rafael, mas com o passar do tempo eu via aquilo mais como *paixão* ou *desejo*, que eu nunca mais daria o braço a torcer demonstrando) que meu coração doía; cada célula do meu corpo o

NACIONAIS - ACHERON

amava e eu não conseguia mais ficar longe dele, independente do que ele tinha para me dizer.

Talvez eu estivesse com medo do que ele ia me dizer, e dentro de mim eu tinha um enorme receio, mas queria saber o que tinha acontecido na minha ausência. Havia quase que uma luta interna dentro de mim; dois lados meus que se divergiam. Um deles gritava por uma verdade que me magoaria e o outro não queria, a negava, só queria aproveitar aquela sensação de estar viva que eu não tinha sentido por tanto tempo, a sensação da qual eu deveria desfrutar ou invés de pensar em vingança, assassinato... além de todos aqueles sentimentos confusos que me faziam querer me livrar da minha humanidade, tinha a parte que eu ser vampira. Tinha aquela coisa horrível que era a sede. O lado ruim das coisas que, quando eu estava com Cedrico, tinha que lutar o tempo inteiro para me impedir de drenar seu sangue; tinha o meu pequeno problema em ter voltado a ser bruxa e não conseguir me controlar.

Tinham os meus sentimentos por Rafael, que eu já tinha desistido de tentar entender ou... o que quer que fosse, mas sempre que ele aparecia do

NACIONAIS - ACHERON

nada tentando dar explicações ao inexplicável, me derretia um pouquinho; e eu sempre me odiaria por aquilo. Não sabia se deveria ficar longe ou infernizar a vida dele ou matá-lo, algo que eu não conseguiria, mas que precisava entrar na lista de possibilidades. Um pequeno gemido saiu da minha garganta, quase que involuntário, e abri os olhos com um sorriso.

— O que foi? — tapei o sol com a mão para ver Cedrico e como ele tinha um sorriso perfeito. Ergui a mão, tracei um círculo em seu queixo e balancei a cabeça com um sorriso estranho que nem eu pude reconhecer.

— Nada, eu só... eu estou feliz — meus ombros se ergueram involuntariamente e ele se inclinou para me beijar, segurando meu pulso para tirá-lo do caminho e seus lábios encontraram os meus, tão familiares e ternos quanto possível, aprofundando um beijo perfeito em um dia de quase verão, enquanto o sol começava a esquentar, queimando nossa pele. Até que algo nos interrompeu; uma sombra tapou o sol e abri os olhos, a contragosto com os lábios franzidos.

— Nate e... Jackson. Oi — Jackson sorriu

NACIONAIS - ACHERON

amplamente para mim, então imaginei que estivesse sendo amigável, mesmo porque se ele tinha algum problema, o que claramente era o caso, era com Cedrico e não comigo. Ele e Nate estavam só de bermuda, bem bronzeados e um sorriso de encantar qualquer uma. Jackson me cumprimentou como se fossemos velhos amigos, com um abraço e um beijo na bochecha, depois Nate me abraçou, mais apertado como se quisesse quebrar meus ossos; se ele fosse humano certamente não teria aquela força e nem faria cócegas.

— Não sabe o quanto estou feliz em vê-la — Cedrico tinha se levantado e estava atrás de mim, fuzilando os dois com o olhar.

— E você não sabe o quanto eu tenho escutado isso ultimamente, mas obrigada — ficamos em silêncio por um estranho segundo.

— Então, vocês... — Nate começou e esperou que eu completasse, mas, antes que eu tivesse a chance, Cedrico deu mais um passo e ficou ao meu lado.

— *Minha namorada* — embora possessivo, gostei do jeito como aquilo soou e dei um meio sorriso —, e, até onde eu sei, você é o cara que iria

NACIONAIS - ACHERON

garantir que ela não tivesse um corpo para o qual voltar.

— Bem, eu não pretendia machucá-la. Eu considero Juliette minha amiga, ao contrário de você e do seu irmão que estão usando minha irmã para atingir seu propósito ridículo...

— Nós, uma vírgula, eu não tenho porra nenhuma a ver com os planos de Rafael — coloquei-me entre eles, virada para Cedrico com o cenho franzido quando ele deu um passo em direção a Jackson. Embora eu fosse vampira, não queria ver sangue rolando; ao menos, não ali. Cedrico fuzilou Jack com o olhar e coloquei a mão em seu peito.

— Acalmem-se vocês dois, por favor — seus músculos relaxaram sob meu toque, mas sua atenção não estava em mim. Voltei-me para Jack e ele me olhou como se estivesse arrependido — Do que você está falando? — falei lentamente.

— Juliette, eu nunca tive a intenção de machucá-la...

— Mesmo?

Cedrico vociferou atrás de mim e Jackson voltou o olhar para ele antes de continuar: — Você sabe
NACIONAIS - ACHERON

que não, eu só quero que vocês deixem Eva, ela não tem nada a ver com isso.

— Acabou? — Jack anuiu e revirou os olhos sutilmente.

— Eu sinto muito por... qualquer coisa — não me movi, meio sem ação diante de tudo o que eles tinham dito um para o outro. Nate parecia um cão de guarda, disposto a atacar no caso de alguém ferir seu dono e só se moveu quando Jackson o fez, seguindo-o e desaparecendo rapidamente por entre algumas pessoas mais ao longe. Foi só quando me dei conta de quantas pessoas tinham e que poderiam ter escutado aquilo, mas, por sorte, estávamos na parte mais deserta da praia.

Virei-me para Cedrico outra vez, ele abaixou rapidamente, pegou nossas coisas, mas eu ainda hesitei por um segundo antes de segui-lo. Ou melhor, coloquei-me a frente dele com minha supervelocidade, o que o fez parar.

— O que você está fazendo?

— Indo embora — achei que ele fosse me dar explicações mais detalhadas, afinal, ele tinha me chamado para conversar, mas, ao invés disso, ele jogou minha bolsa em mim e continuou andando a

NACIONAIS - ACHERON

passos largos. Com aquela velocidade humana e débil ficava difícil segui-lo, mas me esforcei e acompanhei-o, mesmo a contragosto pela areia até sairmos dela e me coloquei a sua frente com a mão em seu peito.

— Pare! Você me chamou aqui, você que estava todo estranho de manhã com esse papo de contar coisas, então pare de... agir assim — ele me olhou por um longo segundo e me deu as costas, pegou as chaves e o capacete.

— Pare com isso — sua voz estava infinitamente mais calma —, eu não vou brigar com você por isso.

— Você acha que *eu* quero brigar com você por isso? — ele me fazia querer brigar com ele por conta de algo que eu mal sabia que estava acontecendo. Ele virou de repente e colocou o capacete em mim, prendendo-o delicadamente, acal-mando-me instantaneamente.

— A gente conversa em outro lugar — meus pensamentos estavam indo rápido demais, mas não mais rápidos que Cedrico na pista. Ele quase parecia estar afim de voar para fora dela.

—Você está me deixando louca — peguei minha bolsa de suas mãos assim que desci da sua moto e peguei meu celular para ligar para o meu pai, mas ele o tomou de mim.

— Você é quem está me deixando louco. Só entre comigo — segui-o, meio a contragosto, meio que ainda querendo saber o que tanto ele queria falar comigo, mas dava tantas voltas sem dizer. A casa estava assustadora como sempre tinha sido, mas daquela vez estava em um nível mundo prisão que me deixou com um horrível sentimento nostálgico com relação a minha estadia ali.

— Eu não quero mais que dê voltas, me diz logo o que tiver pra me dizer — cruzei os braços em torno do peito logo depois de ele fechar a porta atrás de mim e dar a volta para ficar a minha frente — Só me diz. Eu vou entender se for algo sobre você ou as coisas que te levaram... eu vou entender, eu prometo.

Ele estava mais distante do que eu já o tinha visto antes, mesmo que seus olhos estivessem fixos nos meus, eu não captava nada deles, então ele franziu o cenho e fiquei sem reação: — Não posso te contar, você precisa ver — passei a língua pelos

NACIONAIS - ACHERON

lábios e ele colocou as mãos em meus ombros.

Tudo o que ele me mostrou passou tão rápido por mim, tirando-me da sala de estar e me jogando numa escuridão completa e assustadora que me fez querer estar de volta no mundo prisão com Friedrich; foi realmente assustador. Depois sangue, corpos, mais sangue e imagens nebulosas. Meus olhos se fecharam no mundo real e senti meu corpo ficar fraco, tão fraco que mal pude me manter de pé enquanto minha mente vagava por uma escuridão e frio intensos, aprisionando minha alma no que pensei que fosse durar para sempre. Era tão frio e horrível que todo o meu corpo começou a reagir, como no mundo prisão em que eu o sentia do outro lado, doente e fraco.

Havia tanta morte e tanta dor que algo comprimia meu peito, impedindo-me de respirar; as imagens surgiram ainda mais assustadoras, como em um filme de terror. Eu o vi fazer coisas tão terríveis que até eu tinha dúvidas sobre a existência daquilo, mas tudo era inegavelmente real e, no meio de tudo, acordei sobressalta-da no sofá onde ele tinha pousado meu corpo adormecido.

NACIONAIS - ACHERON

— Você quis me assustar me mostrando essas coisas... — comecei a falar, mas me calei e ele nem me deu a chance de continuar.

— Eu quis te dar a verdade, e isso não é nem um terço das coisas que aconteceram — eu estava deitada, fraca e imóvel, e Cedrico estava agachado ao meu lado — Você quer um bode expiatório, alguém em quem colocar toda a culpa, mas se for assim, eu também tenho culpa, senão toda ela...

— Pare! O que você quer? Que eu... eu não sei o que você quer, mas eu não consigo te ver como culpado — eu estava descontrolada e não sabia mais o que estava falando, então me levantei e automaticamente olhei a minha volta.

— Juliette, você não está me escutando — ele gesticulou, alterado e já de pé, alguns passos a minha frente.

— Eu acho que já escutei o bastante, eu vou embora — virei-me e ele segurou meu cotovelo, puxando-me até seu peito — Cedrico... pare com isso. Eu não acredito em você, não importa o que você diga — ele me soltou, mas permaneceu perto demais, tanto que eu conseguia ver cada cor em seus olhos, mas eu não conseguia pensar.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu matei pessoas e você ainda quer me colocar nesse posto ao qual eu não pertenço — ele falou mais alto, mas controlado e franzi o cenho.

— Eu também matei pessoas.

— *É diferente*, você não teve escolha. Eu escolhi isso, eu quis fazer. Eu gostei — balancei a cabeça e dei meio volta, passando pelo sofá e me dando conta de que não era meio-dia, já estava escuro e eu tinha dormido por tanto tempo, ou *ele* tinha me feito dormir. Voltei-me para ele, exasperada.

— Você quer que eu te odeie ou te veja como o monstro que você é? Tudo bem, feito. Você estragou tudo *de novo*, Cedrico. Está me mandando embora de novo e me fazendo ver as coisas como você acha que são. Não importa o que você me mostrar, nada do que eu sinto vai mudar.

— Você está estragando tudo. Eu esperava que você fosse embora — ele falou mais baixo e senti que meus olhos começaram a queimar, assim como a ponta do meu nariz.

— Eu vou, mas se quer saber de uma coisa... isso não muda nada. Mas eu vou embora, e nunca mais volto, se é isso que você quer — foi a segunda vez em que me virei para ir embora e Cedrico veio atrás

NACIONAIS - ACHERON

de mim, colocando-se entre eu e a porta.

— Quero que tudo fique claro. Quero ouvi-la dizer — retorci os lábios.

— Está tudo acabado entre nós e eu espero nunca mais colocar meus pés nessa casa, nem olhar na sua cara de novo. Satisfeito? — ele abriu a boca para responder e seu celular tocou no bolso. Ele não parecia feliz, não mais do que eu, quando atendeu.

— Tudo bem, eu chego em meia hora — estava tudo tão confuso, tão frustrante e tão terrível. O dia tinha começado tão bem, o melhor dia desde que eu tinha voltado dos mortos, mas eu deveria saber que estava fantástico demais e agora eu estava parada no meio da sala de estar dos Hamilton parecendo uma idiota. Ele desligou o celular e se virou outra vez para mim — Eu preciso ir, me espere aqui...

— Eu não vou... — ele passou por mim e bateu a porta, prendendo-me com magia.

— Merda! — chutei a porta com raiva, mas eu não sabia o feitiço, mesmo com toda a magia do mundo, para desfazer. Quando me virei, Rafael apareceu atrás de mim como um espectro.

— Problemas no paraíso?

— Agora não. Você pode, por favor, abrir isso
NACIONAIS - ACHERON

para mim? — ele passou a língua pelos lábios e se aproximou. Soltei o ar em meu peito, cansada de continuar com aquelas conversas insignificantes que, no fim, sempre davam em nada.

— Desculpe, eu não posso — ele ergueu os braços e deixou-os cair ao lado do corpo, cada vez mais perto — Mas *você* pode se sentar aqui e escutar o que eu tenho para te dizer.

— Meu Deus, eu estou tão cansada de escutar todo mundo o tempo inteiro... eu só gostaria de ter direito a um desejo e poder me livrar de tudo isso — Rafael franziu o cenho e me observou por um longo segundo.

— Está tudo bem?

— Não, não está. Você deve ter escutado a conversa, não é? — ele ergueu os ombros.

— Em parte, e acho que Cedrico está certo. Deve ser a primeira vez que o vejo tentar algo tão... nobre — meus lábios se entreabriram em choque.

— Acho que isso foi nobre? — sorri pela ironia daquela cena toda, meio brava com Cedrico, e agora também com Rafael, e meio magoada demais para esboçar outra reação — Você realmente me odeia tanto assim para rir em cima da minha

NACIONAIS - ACHERON

miséria — ele estava mesmo com um meio sorriso irritante no rosto enquanto eu me aproximava, a beira das lágrimas que eu me negava a derramar por qualquer um deles — Você não sabe que não deve chutar cachorro morto?

— Você está ótima — ele me olhou de cima abaixo, observando minhas pernas expostas demais e a gola aberta da saída de praia, ficando cada centímetro meu de forma a me deixar constrangida — E se quer a minha opinião, o que você não quer, mas vou falar de qualquer jeito — ele enfiou as mãos nos bolsos da frente do jeans, tão casual e espontâneo quanto sensual, inclinou o rosto para o lado e se virou para mim outra vez —, você vai ficar melhor sem qualquer um de nós. Cedrico foi altruísta como eu tentei ser com você quando nos conhecemos e vim sendo, de certo modo, quando fui tentando evitar que você entrasse nisso — ele era tão sincero; em seu olhar intenso, seu modo de falar e seu passo confiante, que me lembrei de como costumava amar aquilo, confiar nele cegamente, e meu coração acelerou contra minha vontade até quase sair pela boca.

— Talvez você esteja certo — ergui os ombros
NACIONAIS - ACHERON

sutilmente —, eu teria ficado melhor sem *vocês*, mas tinha uma coisa que eu não conseguia ignorar. Além disso, eu não conhecia você ou Cedrico bem o bastante, não sabia o que eu sei agora, para ter corrido na direção contrária.

— Mas tudo nos remete a Cedrico — eu tinha sutil e quase despercebidamente mudado o ângulo do que ele queria focar e ele voltou àquilo — e no quanto ele estava certo e no quanto você precisava me culpar, *mas...* — ele arrastou a última palavra até estar a um metro de mim — eu sei de algo que ele não sabe — um junco se formou entre minhas sobrancelhas e transferi meu peso para o pé direito, deixando-o um pouco a frente do meu corpo, esperando, paciente, porém ansiosa, pela sua resposta.

— E o que seria isso?

— Você quer me culpar por tudo porque está com raiva de mim, e esteve com raiva de mim mesmo antes de voltar. Você esteve com raiva de mim desde o momento em que começou a usar voodoo e entrar na minha cabeça, mas, principalmente, você me odiou com todas as suas forças quando me viu com Eva — meus pelos se

NACIONAIS - ACHERON

ericharam e cruzei os braços automaticamente. Eu odiava quando ele começava a falar coisas sobre mim com aquela propriedade, cheio de confiança, como se realmente soubesse de algo, e comecei a me questionar se ele estaria certo.

— Rafael — falei mais baixo e minha voz soou embargada e emotiva demais e me aproximei —, eu não te odeio, nunca odiei, mas você me prendeu com um assassino frio e cruel que fez questão de me torturar a cada segundo da minha estadia naquele inferno. Primeiro, ele fingiu e mentiu, como sempre faz, me falou como era estar sozinho e como aquele lugar era terrível, e nisso ele não mentiu porque Friedrich se certificou de torná-lo ainda pior. Ele me drogou, me fez bater o carro contra uma barreira que eu não podia transpor nos limites da cidade, depois, ele capotou o carro e o explodiu, quase me matando — pela primeira vez eu conseguia falar com ele sem nenhum rancor em meu tom, feliz por tirar aquilo de dentro de mim.

“Eu queimei meus pulsos para me livrar de algemas que ele colocou em mim quando foi para o Oregon, depois de drenar meu sangue, me retalhar, e me fazer rastejar por toda a clínica do seu pai.

NACIONAIS - ACHERON

Faminta. Eu fiquei faminta por semanas, vivendo apenas de algumas gotinhas por dia para me manter vida, dissecando, tão sozinha que eu tinha vontade de chorar o tempo inteiro e só pensava em como a morte deveria ser doce comparada àquele inferno — as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto, mas não me interrompi —, mas eu não podia nem me dar ao luxo de morrer. Rafael, a única coisa que mantinha a pouca sanidade que me restava... foi aquela mensagem de voz que você me deixou e eu escutei, sei lá, um milhão de vezes ou já teria enlouquecido. Ou desligado a humanidade — ele ficou parado por tanto tempo, fitando-me, como se estivesse paralisado.

— Eu te disse que sentia muito, mas eu estava errado. Não existem palavras que eu possa dizer que posso mudar tudo o que eu fiz, mas eu vou dizer uma coisa — ele pousou a mão direita em meu ombro e mantive meus olhos nele, sem conseguir olhar para mais nada, como se tudo desaparecesse a minha volta e o que restasse fossem seus olhos; aquele verde-musgo, intenso e brilhante, fixos nos meus. Rafael ergueu a mão direita e pousou-a em meu ombro, inclinando o

NACIONAIS - ACHERON

rosto mais alguns centímetros em minha direção —, e preciso que acredite em mim, que confie que estou te dizendo a verdade como quem nunca mentiu para você... que eu não fazia *a menor ideia* do que estava fazendo, que eu *nunca* quis te machucar e que eu teria trocado de lugar com você se eu pudesse — algo em seu olhar me abalou profundamente e notei que seus olhos estavam marejados por lágrimas — Eu só preciso que você acredite em mim — seu polegar deslizou pela minha clavícula e ele se aproximou, impulsivamente tomando meu rosto entre suas mãos.

Eu estava paralisada, sufocada, com um nó na garganta, sem palavras e tomada por milhares de emoções que me nocautearam e me deixaram no chão, sem mais forças para levantar. Eu não sabia como me afastar dele, nem como dizer a ele o que eu queria porque as palavras não encontravam o caminho até meus lábios, além disso, eu não sabia o que dizer. Estava confusa sobre acreditar ou não em suas intenções, só conseguia sentir aquelas coisas tão fortes dentro de mim que me desestabilizavam por inteira; tiravam-me o ar e o chão. Mas quando o

NACIONAIS - ACHERON

fitei, tão perto, meu cérebro deu pane e meu coração se lembrou, rápido demais, do quanto eu o queria, do quanto o quis por tanto tempo.

— Eu acredito em você — murmurei e minha pele arrepiou enquanto ele movia os dedos milimetricamente em minha nuca, e de repente me agarrou para si e me deu o beijo, daqueles que se tira o fôlego, completamente desesperado e cheio de paixão, saudades, do tipo que se recupera o tempo perdido. Ele estava sem fôlego e eu na ponta dos meus pés para ficar na mesma altura que ele, sentindo seu gosto ao extremo, apaixonando-me tanto que parecia que eu explodiria no próximo segundo, então nos afastamos ao mesmo tempo e fitamo-nos, intensamente — Isso não deveria ter acontecido — falei em um sotaque meio arrastado, involuntariamente, e repreendi-me mentalmente depois de ter falado. Pisquei, ainda com lágrimas nos olhos e fiquei de lado com meu cabelo caindo no rosto enquanto o secava com as duas mãos.

Rafael ficou parado ao meu lado, tão confuso quanto eu com o que tinha acontecido. Em como toda a minha aparente raiva por ele tinha se transformado naquilo, então me virei e funguei.

NACIONAIS - ACHERON

— Tudo bem.

— Você tem a sua namorada e... — o problema não era dizer aquilo em voz alta, o problema era o fato de ele ter uma namorada e o fato de termos nos beijado enquanto ele tinha uma namorada — isso foi completamente errado.

— Eu menti para você — ele falou de repente, interrompendo-me — Eu sei como desfazer o feitiço que Cedrico fez pra te trancar aqui, mas eu queria que ficasse um pouco, assim você finalmente me escutaria — sorri meio nervosa, mas não brava com ele; pelo seu tom era o que ele estava esperando de mim.

— Tudo bem, você venceu e agora está me mandando embora... — estendi o braço em direção a porta, guiando seu caminho e ele ergueu as sobrancelhas surpreso.

— Não estou te mandando embora, só te deixando ir, ainda mais agora que a conversa... só não quero que fique só por não ter escolha e você não quer ficar, mas... saiba que quando quiser vir, as portas estarão abertas — ele passou por mim e peguei minha bolsa, saquei o celular e liguei para Jon — Posso te levar em casa, se quiser — ele

NACIONAIS - ACHERON

tentou soar espontâneo, mas estava confuso sobre o rumo das coisas dali em diante, assim como eu.

— Não precisa — achei que Jon fosse atender, mas chamou até cair na caixa de mensagens e abaixei o celular —, eu...

— Eu te levo, não estou fazendo nada — fui obrigada a concordar com ele por falta de opções, mas ainda sem definições sobre como estávamos. Se éramos amigos de novo ou se só não nos odiávamos mais, e ainda tinha aquela coisa estranha com tudo o que tínhamos dito um para o outro quando eu, supostamente, morri.

Estranho que nunca conheci^[18]

Alex me mandou um SMS perguntando se eu estava bem, embora estivesse atrás de mim durante a aula de inglês. Revirei os olhos e digitei um sim em letras maiúsculas para fazê-lo entender.

— O que aconteceu no sábado? — ele perguntou enquanto eu colocava minhas coisas na bolsa, demorando-me.

— Você quer um resumo ou a versão completa? — ele ergueu os ombros.

— Eu posso matar a próxima aula se a versão completa for tão animadora tanto parece — sorri, mas eu estava com um péssimo humor para *primeiro dia de aula depois de passar pelo inferno*.

NACIONAIS - ACHERON

Coloquei a bolsa no ombro e saímos da sala.

— Eis o que aconteceu: nós dormimos juntos, mas não foi nada *fantástico*, só sexo para satisfazer o instinto vampiro — falei, quase sussurrando e entrei no banheiro feminino, dando com a porta na cara dele, mas Alex me seguiu, e por sorte, ou azar, o banheiro estava vazio.

— Não pode ser só isso — evitei seu olhar ficando na frente do espelho e Alex apoiou as costas na parede, fitando-me — o que mais?

— Ele me deu um pé na bunda — virei-me para ele, meio confusa sobre a escolha de palavras — Na verdade, ele me fez dar um pé nele, foi estranho, mas não quero nem vê-lo, ao menos por enquanto... — apoiei a mão no mármore da pia — O que seus pais acharam de Cassandra?

— Ela é uma ótima garota, mas não vamos mudar o foco do assunto. Você não pode ter me ligado tão tarde no sábado para nada. Só pra bater papo? Fala sério... — revirei os olhos e passei a língua pelos lábios.

— Tudo bem, mas não quero que conte pra sua gemeazinha nem pra ninguém — ele me fuzilou com o olhar, fazendo-se de ofendido — Rafael e eu
NACIONAIS - ACHERON

conversamos.

— Em que mundo isso é um segredo? Ele tem te perseguido desde que você voltou, parece que estava te rastreando. Não que eu queira defendê-lo, porque eu o odeio, mas deu até uma peninha vê-lo daquele jeito — foi a minha vez de fuzilá-lo e virei o rosto para o espelho só para desviar o olhar do dele, e acabei passando um gloss bem claro, com o intuito de me deixar menos pálida.

— Mas dessa vez eu realmente o escutei, não sei por quê e *talvez* tenhamos entrado em um consenso e estejamos *de bem*, não sei como definir essa trégua. E ele me beijou — falei a última parte depois de um segundo quando Alex parecia desinteressado e ergueu o olhar do chão imediatamente.

— Espero que você não o tenha beijado de volta, Juliette von Hohenfels — ele falou meu nome com toda a ênfase do mundo — Você sabe que ele tem uma *namorada*, não sabe? Qual o problema com você?

— Para, Alex, você não fica bem julgando o meu caráter, além disso, ele é quem deveria ter pensando nessa *namorada* — fiz uma careta e ele

NACIONAIS - ACHERON

franziu o rosto, reprovando-me — antes de sair beijando quem vê por aí.

— Talvez o problema seja você não ser qualquer uma por aí, seja ele te amar com todas as forças, e, gostando dele ou não, eu acho bonito os sentimentos de vocês, mas... você sabe todo o meu discurso — ele ajeitou a bolsa a tiracolo no ombro, bem mais sério.

— Eu estou sendo uma vadia, eu sei. Mas quando ele me beijou, eu só pensei... não pensei em nada, senão isso nem teria acontecido, mas... eu o amo tanto que não consigo suportar perdê-lo dessa maneira, depois de tudo, e não poder fazer nada.

— Então faça alguma coisa — ele passou o braço em torno dos meus ombros e soltei o ar em meu peito — Fala com ele o que você sente, porque ele sente o mesmo, e acha que você o odeia depois de tudo o que ele fez. Vocês nunca se deram uma chance — Alex me abraçou porque sabia que eu precisava, mesmo que tivéssemos perdido a segunda aula, ficamos ali por um longo momento.

— Alex?

— Hum...

— Acho que isso... não é pra ser.

Lauren estava radiante durante as aulas de ocultismo e falávamos sobre magia até Elena começar a falar sobre uma festa na cidade em comemoração a mais bruxos mortos, coisa que eu não entendia por que celebravam tanto naquele lugar. Rafael não foi para a aula, muito menos Cedrico e, ao menos naquele dia, me vi estranha e involuntariamente livre dos Hamilton. Nem Cassandra tinha ido para o colégio naquele dia e Alex disse que ela tinha mandado um SMS para ele mais cedo dizendo que tinha coisas para resolver; coisas de família. Sentam-nos os três na hora do almoço e em três minutos eu já me sentia completamente excluída enquanto Alex e Lauren trocavam telefones e sorriam como se fossem melhores amigos a vida inteira.

— Alex, não se esqueça quem é a bruxa malvada aqui.

— Que não sou eu, claro — Lauren estava sorrindo, assim como Alex, que abaixou o garfo e balançou a cabeça.

— Acho que alguém está com ciúme aqui — balancei a cabeça.

— Claro que não, você pode continuar me

NACIONAIS - ACHERON

excluindo, eu estou bem aqui. Vocês vão a esta festa mais tarde? — mexi na comida desinteressadamente e Lauren ergueu os ombros.

— Eu sempre vou — Alex e eu dissemos que seria uma boa ideia irmos e peguei o celular, desligando-me completamente da conversa. Tinha umas mensagens estranhas de Cedrico e de Rafael, as que abri primeiro.

Você já deve estar sabendo da tal festa sem noção (?) mais tarde, quer fugir pra um lugar bem louco, distante e insano comigo?

Franzi o cenho, sem fazer a menor ideia do que aquilo significava, e é claro que eu estava louca para descobrir, mas estava tudo muito estranho. Mandeí um “*Não sei...*” e um segundo depois meu celular vibrou. Hesitei, olhando para seu nome na tela por um longo segundo antes de atender.

— Eu prometo que você vai gostar, coloque umas roupas na bolsa que eu te pego depois da aula...

— Calma aí, eu nem disse que ia, além disso...
— calei-me. Eu não queria falar sobre Eva, nem deixar minhas intenções tão claras e explícitas, mas
NACIONAIS - ACHERON

eu precisava falar se ele estava me convidando para um encontro ou algo do tipo.

— O quê? Você quer falar sobre minha ex? Eu estou sem tempo, te pego às 16h30 — com isso, ele desligou o telefone, sem nem me esperar responder. Alex estava olhando para mim, assim como Lauren, mas ela estava rindo, como se tivesse graça.

Revirei os olhos e levantei-me. Lauren e eu tínhamos aula de teatro juntas no último tempo e Thomas falou sobre uma última peça antes do fim do ano letivo. *Sonhos de uma noite de verão*, em que eu não estava nem de longe feliz em subir naquele palco de novo, como Hérnia, ao lado de Lauren, que interpretaria Helena. Ela parecia tão diferente de quando nos conhecemos que era até difícil acreditar em tanta mudança, mas eu sabia que ela não era daquele jeito, só estava se esforçando e não tinha nada a ver com milagre.

Saí da aula às 16h24 e corri pro quarto pra tomar banho, nem passando pela minha cabeça recusar o tal convite de Rafael, sem nem me lembrar se tinha um cérebro nela, mas tomei banho, o mais rápido da minha vida e coloquei um vestido estampado com um mandala, que eu adorava, e sandálias tiras

NACIONAIS - ACHERON

que eu adorava, sentindo-me a Cinderela sendo guiada pelos passarinhos que entravam pela janela entreaberta. Escutei batidas na porta e abri-a para ver Rafael com um buquê de flores que ele tinha roubado no jardim na frente do colégio.

— Espero que esteja pronta — fiquei olhando para ele, segurando a porta, como se não o tivesse escutado e o tempo pareceu parar por alguns segundos — Você está linda.

— Ahn... obrigada — ele estendeu mais o braço, como se eu não tivesse visto as flores e peguei-as, meio desconcertada, constrangida e sem saber o que dizer. Depositei-as com cuidado sob a escrivaninha e peguei minha bolsa, sem convidá-lo a entrar.

— Está... tudo bem? — ele perguntou enquanto eu fechava a porta e passei a língua pelos lábios. Eu nunca tinha me sentido tão estranha perto dele; até minhas mãos suavam.

— Claro, eu estou ótima, só intrigada — começamos a andar pelo corredor — pelo fato de você ter me ligado do nada, sem mais nem menos, e ter me chamado para *sair*, mesmo que você tenha uma namorada e eu ache... — eu tinha falado

NACIONAIS - ACHERON

rápido demais e ele segurou meu cotovelo suavemente, fazendo-me virar, sério.

— Juliette — parei com o rosto bem perto do dele —, eu não tenho namorada e *sim*, isso é um encontro — ele desviou os olhos dos meus e olhou para minha boca, descendo os olhos pelo meu rosto — Podemos ir? — ele murmurou e quase me afastei, mas não consegui, fiquei olhando para ele, sentindo-me dominada por aquela proximidade dolorosa até que Rafael se afastou e olhei para o chão.

— Está bem, vamos.

Eu concordei mesmo sem saber para onde estávamos indo. Entrei em seu carro e ele colocou uma música bem baixa para tocar, algo que eu não conhecia, mas que gostei naquele silêncio infinito em que nos encontrávamos. Um horrível silêncio enquanto ele dirigia até Deus sabe onde. Em seguida, começou a tocar *Hometown Glory* e fiquei meio triste.

— O que foi? — virei-me para Rafael, que me dirigia a palavra pela primeira vez em vinte minutos desde que tínhamos saído do colégio.

NACIONAIS - ACHERON

— Nada, só estou... preocupada com algumas coisas — e a música piorou os sentimentos em mim — engoli em seco e olhei para frente, evitando seu olhar.

— Sobre o quê? — ele dividiu sua atenção a estrada a nossa volta, de terra que parecia levar à algo mágico — Me deixe adivinhar — voltei minha atenção para ele, que tinha um sorriso torto nos lábios, fazendo-me sorrir também, timidamente — Izabel? Ela te contou que fui eu quem descobriu que ela está grávida? — funguei e me virei um pouco mais para ele, com os movimentos mais livres porque estava sem cinto.

— Não, ela não me disse — obviamente, ele parecia ser bom em adivinhar coisas, isso se não conseguisse ler meus pensamentos também. Seu sorriso se tornou mais amplo e ergui as sobrancelhas.

— Imaginei que não, já que sua família me odeia. De qualquer, eu achei que ela soubesse quando falei, e também fiquei surpreso. Você sabe que nos conhecemos desde sempre, ela sempre esteve lá quando eu precisava de um conselho e já sabia o que minha mãe iria dizer. Sempre, não importava o

NACIONAIS - ACHERON

que fosse, e quando soube que ela estava grávida de novo... também fiquei mais preocupado do que quis demonstrar.

—Então... eu sempre senti falta disso, falta dela — as lágrimas se acumularam em meus olhos e não pude evitá-las — E agora, acho que estamos finalmente podendo nos conhecer. Durante toda a minha vida eu senti falta de uma mãe que eu nem conhecia e eu a conheço agora — meus ombros se ergueram e Rafael reduziu a velocidade até parar, mas nem notei onde estávamos, sem conseguir desviar meus olhos dos dele, sentindo que desabaria se o fizesse, sentindo-me frágil, e meus ombros tremularam.

— Ela vai ficar bem — ele falou tranquilamente —, eu te prometo — fechei os olhos e engoli em seco, sem querer chorar na frente dele, mas era quase impossível.

— Você não pode me prometer isso, então não... — coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha e respirei fundo, já recuperada das minhas lágrimas e daquele senso humano demais que me deu de repente.

— Então eu prometo fazer tudo o que eu puder

NACIONAIS - ACHERON

— ergui os olhos até os seus e ele quebrou o contato, virando-se novamente para a estrada — Não é longe daqui.

—Uau — girei em círculos, estupidamente, mas não consegui conter minha admiração. Virei-me para Rafael, que estava sorrindo placidamente, seus dedos entrelaçados e seu corpo gentilmente apoiado em seu carro — Isso é tão lindo... — aproximei-me sorrindo e ele ficou mais sério, seus ombros mais rígidos.

— Então... — Rafael virou o rosto, evitando-me, e deu a volta no carro para abrir o porta-malas —, eu estou faminto. Pode significar outra coisa para você, mas eu trouxe comi-da — ele realmente levou comida, não pude evitar não sorrir, observando-o por sob o carro.

— Eu entendo seus desejos humanos, e eu também tenho fome. De comida — antes que ele se desse conta, eu estava ao seu lado. Ele ficou mais tenso do que já estava com aquela proximidade abrupta, depois relaxou os ombros e olhei por sob seu ombro para a paisagem atrás dele; o lago, a água refletindo a luz do sol em um brilho perfeito, NACIONAIS - ACHERON

as árvores em torno dele, escondendo-o do resto do mundo. Até o carro de Rafael parado no meio do nada, mas era como se fizesse parte da paisagem, assim como ele.

Rafael se afastou, assim como eu quando me recuperei de seu olhar penetrante. Ele passou por mim e saiu em direção ao lado, tirou a jaqueta, jogou-a no chão, depois a camisa e a calça; suas roupas amontoaram-se ao seu lado e, por um segundo, achei que fosse tirar a cueca também, mas não. Ele estava de costas, seus músculos flexionaram-se e dei a volta no carro, ainda distante demais, mas sem querer interrompê-lo com minha proximidade. Ele correu a ponta da pedra e saltou, deixando-me boquiaberta com a visão.

Caminhei até a pedra em que ele tinha saltado segundos antes e fitei a água à um metro abaixo de mim. De repente ele surgiu com um sorriso impecável; os raios de sol do fim de tarde dando a sua pele o aspecto bronzeado perfeito que me deixou de queixo caído.

— Vem, pula — sorri. Joguei a jaqueta sobre a pedra a minha direita, na altura do meu peito, e

NACIONAIS - ACHERON

comecei a me livrar do vestido. Rafael estava sorrindo amplamente quando murei e saltei. A água fria me envolveu e enquanto eu ainda estava submersa, Rafael me agarrou pela cintura e me puxou para cima perto demais dele e com os lábios perto dos seus. Embora meus sentidos vampiros estivessem normais, meu corpo reagiu a cada parte dele me tocando; minhas pernas foram, involuntárias, em torno de seus quadris e seu braço direito em minha cintura me puxou para mais perto, nossos lábios se tocando suavemente, quase imperceptíveis.

— Espere. Pare! — fui eu quem o afastou quando coloquei a mão em seu peito quando senti aquela vontade incontável de sugar seu sangue. Afastei-me o mais rápido que pude e Rafael veio até mim, encurralando-me na pedra atrás de mim. Minha respiração se tornou irregular, tanto quanto a sua — Rafael... fique longe de mim — eu podia escutar sua jugular pulsar, seu corpo quente perto de mim e minhas presas se alongaram contra minha vontade. A água batia na altura dos nossos peitos e Rafael se aproximou; eu não conseguia me controlar.

— Julie, você não pode me machucar. Olhe para

NACIONAIS - ACHERON

mim.

— Rafael, eu estou faminta, não posso me controlar — mas ele não se deteve, então me virei e saltei de volta para cima com os dentes expostos e as veias saltadas, parecendo assustadora. Rafael começou a nadar até a margem o mais rápido que podia, mas eu já tinha juntado minhas roupas e andei rápido, porém em uma velocidade humana, sentindo-o atrás de mim.

— Espera. Ei — parei e me virei, esperando enquanto ele corria até mim. Rafael parou a minha frente com o peito subindo e descendo pelo esforço que ele tinha feito para nadar e depois correr até mim.

— Não, Rafael, você não entende — fechei os olhos com força e balancei a cabeça, com raiva dele estar agindo como se quisesse que eu o mordesse — O que você quer de mim? — falei como se estivesse sem ar. Ele se aproximou, com a respiração ainda irregular, tirando meu fôlego também.

— Não consigo pensar em mais nada desde que nos vimos há algumas semanas, nem viver do mesmo jeito... eu não quero nada de você, *somente*

NACIONAIS - ACHERON

você — ele continuou se aproximando e meu corpo entrou em estado de alerta. Eu sabia que ele ia me beijar, mas não queria fugir do assunto. Queria fugir *dele* naquele momento em particular — Eu não consigo respirar quando você não está por perto ou se não sei se você está bem, ou se *vai ficar bem* — ele fez uma pausa bem articulada — Eu vou te levar em casa se você quiser ir. Mas se quiser ficar... e eu quero que você fique — ele ergueu os dedos e tocou minha bochecha, me fazendo ficar vermelha —, hoje vai ser especial. Podemos acender uma lareira e dormir a luz da lua.

— Tudo bem, só... não force as coisas — passei por ele, meio frustrada e me vesti atrás do carro enquanto Rafael se secava mais ou menos com uma toalha que pegou no porta-malas e tirava algumas coisas de lá — Então, você planejou tudo mesmo — aceitei a toalha que ele me ofereceu e sequei o cabelo, observando tudo.

— Está quase escurecendo e eu trouxe comida para vermos o cometa.

— Cometa? — repeti em um tom meio interrogativo. Transferi o peso de uma perna para a outra e Rafael ergueu o olhar até o meu.

NACIONAIS - ACHERON

— É, o cometa Holmes — fechei os olhos momentaneamente e balancei a cabeça, desvi-ando-me de seu olhar desconcertante. Rafael pegou um cobertor fino e uma cesta — Você gosta de marshmallows? — caminhei atrás dele com os lábios repuxados.

— Eu prefiro sangue — ele sorriu e observei suas costas. Ele tinha vestido o jeans, mas ainda estava sem camisa, com os cabelos molhados e bagunçados — Eu gosto de marshmallows — aproveitei enquanto ele estava de costas para apreciar a vista e fingir que estava distraída quando se virou, mas ele tinha aquele sorriso presunçoso que indicava que ele sabia exatamente o que eu estava pensando.

— Ótimo — ele virou de repente e jogou o cobertor para mim, que o estendi no chão, sob as conchinhas quebradas e Rafael juntou alguns gravetos, dizendo que ia acender uma fogueira, colocou os marshmallows ao meu lado e fez o fogo, depois foi até seu carro pegar a camisa. Já estava quase escuro, somente alguns resquícios de luz me permitiam enxergar o horizonte e o lago mais a frente, a uns vinte metros, e um pouco abaixo,

NACIONAIS - ACHERON

ladeado por pedras.

A paisagem era uma das coisas mais lindas que eu já tinha visto naquela cidade, o que fez com que eu me perdesse um pouco no tempo com o corpo meio deitado, meu peso apoiado em meus braços ligeiramente para trás; fechei os olhos por alguns segundos e senti o cheiro da brisa fresca que batia em meu rosto, agitava meus cabelos suavemente, como se tocasse um instrumento de cadência perfeita. Quando dei por mim, inerte e inebriada demais, e abri meus olhos, Rafael estava parado diante de mim, com os braços entrelaçados em suas costas. Sorri, sem me mover, sem saber como agir de repente diante daquele sorriso tão espontâneo que eu nunca tinha visto em seu rosto antes, mas que parecia combinar perfeitamente com ele.

— O que foi? — finalmente falei depois de ele passar quase um minuto inteiro parado a minha frente, simplesmente me olhando. E olhei-o de volta.

— Nada, é só... isso é perturbador — ele se afastou e quando achei que fosse fugir da pergunta, ele se jogou ao meu lado, aproximando-se da fogueira — Imagina se todas as pessoas que você

NACIONAIS - ACHERON

perdeu pudessem voltar dos mortos — sentei-me mais ereta a uma distancia que considereei segura dele, mas Rafael olhava fixamente para o fogo, o que fazia com que seus olhos faiscassem em um tom diferente, enquanto mexia na fogueira com um graveto.

Limpei as mãos, fitando o fogo e meio que balancei, inconscientemente, a cabeça, raciocinando o que ele tinha dito.

— Eu não sei. Acho que nunca perdi alguém que eu realmente amasse. Além de Friedrich, mas acho que nunca o conheci de verdade — ele voltou sua atenção para mim, mas senti como se sempre estivesse. Ele apenas tentava esconder algo que era evidente em seu olhar.

— Isso te machuca? — engoli em seco, um pouco desconfortável em falar naquilo, mas passei a língua pelos lábios e ergui os ombros, involuntariamente.

— É, machuca. E quanto a você, já perdeu que amava? — eu sabia que não ia gostar da resposta, talvez não fosse o que eu pensava, mas Rafael estava me dando uma chance, mesmo que pequenininha, de conhecê-lo melhor e de penetrar

NACIONAIS - ACHERON

um pouco mais aquela membrana, entrar em sua vida, e tudo que eu podia pensar era nas perguntas que eu queria fazer para ele, mas fui paciente e esperei calmamente seu tempo.

— É claro — ele deu meio que um sorriso, mas mais para aliviar a tensão entre nós, que mais parecia algo físico entre nossos corpos — Eu perdi Alice, que foi uma das pessoas que eu mais amei, a pessoa mais doce no mundo, e minha melhor amiga — ele voltou a se virar para a fogueira, que começou a ficar maior, e seu olhar se perdeu do meu mais uma vez — Antes disso eu tinha perdido Lauren, e não querendo ser idiota... mas isso doeu mais — ele murmurou a última parte e deixou algo pairar no ar.

— Mas... — falei meio hesitante, esperando que ele continuasse, mas ele virou antes mesmo de eu terminar de falar. Rafael abriu a cesta atrás de mim para pegar uma garrafa de vinho do Porto e copos plásticos com desenhos engraçados do ursinho Pooh, entregando-me um ajoelhado acima de mim.

— Eu não te trouxe aqui para declarações de amor, você sabe o que eu sinto por você — ele falou sem nem ao menos me olhar, o que me

NACIONAIS - ACHERON

deixou com as sobrancelhas erguidas e boquiaberta. Ele colocou vinho em ambos os copos e tomou um gole do seu, já sentado, mas mantendo seu braço esticado entre nós. Tomei um gole do meu também, sem saber como continuar o assunto, apenas apreciei o que tinha a nossa volta, mas consciente demais de sua presença para relaxar em qualquer nível.

— O que você quer fazer quando terminar o ensino médio? — ele se virou com o cenho levemente franzido, então sorriu e abaixou seu copo lentamente — Não me diga que nunca pensou nisso...

— Claro que já, eu pensei em tudo. É só que... você sabe como são as coisas, então... — seu olhar encontrou o meu e ele balançou o líquido no copo, passou a língua pelos lábios antes de falar — Elena não é do tipo que coloca folhetos de universidades, ou chocolates, nos nossos travesseiros, mas eu quero estar longe de todo esse drama, é só que... não posso me afastar agora.

— Você está fugindo da minha pergunta — sorri e dei um gole no vinho. Ele sorriu, erguendo os ombros.

— Tudo bem, talvez eu não tenha pensado em tudo. Mas, você não conseguiria se decidir, se estivesse no meu lugar, entre cursar literatura ou medicina se tivesse que parar tudo, a cada segundo, para salvar alguém que você ama — ele fez uma pausa — Eu não consigo me ver longe disso, por mais que seja o que eu mais quero no mundo. Não conseguiria ir para a faculdade, ou ficar bêbado aos fins de semana...

— O que Cass pensa disso? — a pergunta surgiu porque ela era mais próxima dele e eu não queria citar o nome de Cedrico.

— Ela quer sair daqui — ele ergueu os ombros, terminando o vinho e servindo-se de mais —, assim como eu.

— Sabe, você pode fazer o que quiser. Você não pode se sentir responsável desse jeito pelo que acontece com todo mundo o tempo inteiro.

— Eu sei, mas nunca funciona — ficamos em silêncio, já estava escuro, e o único barulho era o crepitar suave do fog — Eu preciso te contar uma coisa — virei-me, de repente todo o meu corpo estava em estado de alerta.

— O quê? — murmurei, quase inaudível, mas
NACIONAIS - ACHERON

quando o fitei, Rafael estava mais perto do que achei que estivesse, seus olhos a um metro dos meus, indecifráveis.

— Eu sabia — ele falou simplesmente e levou um longo momento até ele se recompor e continuar: — Eu sabia que não havia cura para mordida de lobisomem. Não exatamente quando você *morreu*, mas eu descobrir algumas semanas depois.

— E então? Você simplesmente fingiu como se ainda estivesse procurando em algum lugar? — foi uma resposta completamente automática, pois eu estava hipnotizada pelo seu olhar, sem conseguir desviar minha atenção dele por um segundo, muito menos meus pensamentos.

— Não, mas eu estava louco. Talvez eu chamasse de esperança antes, mas era... loucura — ele quebrou o contato visual de maneira abrupta — Então, você vai querer marshmallows?

Andamos em direção ao lago, meio distantes, tanto física quanto mentalmente. Embora eu quisesse quebrar aquele gelo, tínhamos um passo de cada vez a dar e meus próprios pensamentos já estavam

NACIONAIS - ACHERON

me deixando louca naquele momento. Coloquei os braços para trás e entrelacei os dedos; meu olhar dividido entre o céu cheio de estrelas brilhantes. Ele perguntou se eu estava bem e assenti, sentindo-o perto de mim.

— Então... você preparou tudo — Rafael estava atrás de mim quando me virei e sorriu de volta —, onde está a música?

— Ahn... desculpe, eu não trouxe música — sorri e ergui os ombros — Eu tenho meu celular — ele o tirou do bolso e ri, duvidando que ele iria mesmo fazer aquilo, mas ele fez. Escolheu uma música, que reconheci no primeiro segundo, pôs o celular sobre uma pedra da altura do seu ombro, com superfície plana, e se voltou para mim.

— Eu gosto dessa música — ele nem convidou, só segurou minha mão e se aproximou, colando seu corpo ao meu, seu rosto a poucos centímetros; tão constrangedoramente perto que virei o rosto para a esquerda.

— Então você gosta de Mazzy Star... achei que escutasse Taylor Swift — ele brincou e me girou lentamente, puxando-me de volta para si com uma calma aprazível que me fez fechar os olhos e

NACIONAIS - ACHERON

pousar o rosto em seu ombro e respirar fundo, calmamente, como se só existíssemos nós dois no mundo inteiro e nada pudesse quebrar aquilo.

— Não, eu... — ele buscou meu olhar, atraindo-o, fazendo-me olhar para ele e me incentivou a continuar quando me interrompi.

— O quê? — ele indagou gentilmente e me girou outra vez, ainda mais devagar, no ritmo de *Fade Into You*.

— Eu só me lembrei de quando dançamos juntos pela primeira vez. E última — Rafael sorriu debilmente, pousou meu rosto em seu peito e passou o braço direito em torno de mim.

— *Feche os olhos* — ele falou tão baixo que só escutei por conta da minha audição de vampira. Fiz o que ele disse e me senti mais leve, como se ele já não tivesse aquele efeito sobre mim, sentindo-me inundada pela sua magia; permiti que fluísse por mim, sentindo uma conexão forte demais se formar entre nós enquanto ainda nos movíamos muito lentamente ao ritmo da música baixa e lenta — *Está sentindo isso?* — ele falou ainda mais baixo, como se estivesse em minha mente, e inconscientemente assenti, incapaz de expressar

NACIONAIS - ACHERON

aquilo em palavras, segurando-o tão forte como se ele fosse o céu que escapasse por entre meus dedos ou a magia em meu corpo. Como se sua jugular não estivesse tão perto das minhas presas porque aquilo não fazia nenhum sentido naquele momento; a única coisa que fazia algum sentido era o momento em si, tudo o que eu estava sentindo enquanto Rafael colocava aquelas coisas na minha cabeça.

As luzes coloridas, uma banda tocando instrumentos no meio da rua, de ser uma festa na cidade sem qualquer motivo. Eu ainda era humana e estava com medo de alguma coisa, mas quando ele apareceu tudo se foi e restou apenas uma sensação boa de estar flutuando até as estrelas. As memórias eram estranhas, embora também fossem minhas, eu estava sentindo o que ele esteve sentindo naquele dia, algo mesclado com meus sentimentos, tornando-se confuso em alguns momentos, mas claro em um todo. Claro enquanto andávamos por entre as várias barracas, enquanto eu observava as pessoas com meu olhar humano.

Os sentimentos de Rafael começaram a se confundir com os meus e parei de tentar decifrar tudo, de encontrar um significado para tudo o que

NACIONAIS - ACHERON

estava a minha frente, mas na verdade, não estava. Era somente uma lembrança; boa e tenra. Seus braços me envolvendo, os mesmo que estavam em torno de mim, aquecendo-me na noite fria, muito embora eu não sentisse frio, mas aquela sensação de atemporalidade foi a melhor coisa que senti em muito tempo, do passado ser um presente mesclando-se em meus sentimentos, em meu corpo, em meu coração e minha alma. Rafael me girou lentamente e olhei-o, havia um resquício estranho no fundo daquele verde, algo que eu não poderia descrever nem se tentasse.

Quando ele me puxou de volta para si, tomei o controle da situação e envolvi em uma memória também. Quando não estávamos nos falando, logo depois de eu ter conhecido Lauren naquela festa desastrosa, e ele tocou para mim — ou eu apenas estava lá na hora certa. Acelerei mais as coisas do que ele tinha feito, reproduzindo tudo aquilo a uma velocidade vertiginosa. Nosso primeiro beijo no meu quarto, quando Alex e Cassandra nos interromperam, nossos ensaios, até as brigas, então nos afastamos, ao mesmo tempo, apenas o suficiente para nos olharmos, finalmente.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu não sei o que fazer — aquela seria, provavelmente, a primeira e última vez em que ele teria admitido aquilo e que realmente seria verdade. Passei a língua pelos lábios — Você entende quão difíceis são as decisões que eu preciso tomar? — Rafael me soltou, abruptamente, e segurou meu rosto entre suas mãos. Sua expressão transparecia sua luta interna, como ele sempre parecia estar lutando com monstros invisíveis, cheia de agonia e indecisão, que eu quis chorar. Ou beijá-lo, abraçá-lo e dizer que tudo ficaria bem.

— Do que você está falando? — bem ao fundo, estava tocando *Firestone*, numa versão muito triste no piano. Ele ficou me olhando por um tempo, até que deslizou o polegar pela minha bochecha e ergui os lábios até os dele, tocando-os lentamente e por um longuíssimo minuto, sem, de fato, nos beijarmos — Eu estou bem aqui — eu estava aflita demais e ele estava estranho demais, mas eu precisava saber o que diabos estava acontecendo ali.

— Eu sei. Estou feliz que esteja.

— Rafael... — comecei inutilmente, e, ainda próximos demais um do outro, ele se aproximou.
NACIONAIS - ACHERON

Achei que fosse me beijar, fechei os olhos, enchendo meus pulmões de ar, esperando por isso, e ansiosa para sentir seu gosto, seus lábios nos meus outra vez e até seu toque suave e cadente em minha cintura; mas ele não me beijou, apenas ergueu o queixo e depositou um beijo casto em minha testa, deixando-me extremamente desapontada. Rafael se virou e sorriu de repente e, em meio aquilo tudo, foi como ver o sol surgiu depois de uma tempestade muito forte, do tipo que te tira do chão.

— Olha, o cometa — quando nos viramos, ele passou o braço esquerdo pelos meus ombros desinteressadamente; despercebido, até. Então seus dedos se enfiaram em meus cabelos e pousei o rosto em seu ombro — Faça um pedido.

— É um cometa, não uma estrela cadente.

— É um astro que só vai voltar em alguns longos anos, faz um pedido — ele fechou os olhos e sorri, fazendo o mesmo. Eu queria insistir, saber o que estava acontecendo, mas não queria quebrar aquele contato tão singular entre nós naquele momento, então ergui a mão e entrelacei meus dedos aos seus, respirando fundo e fazendo um pedido silencioso a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

um astro frio que não me escutava.

Só pedi que tudo permanecesse como estava, que tudo permanecesse bem, mas estava claro, tão claro como o dia, que tudo a minha volta já tinha começado a desmoronar.

Tudo que amamos permanecerá^[19]

RAFAEL

Abri os olhos lentamente e me movi. Depois balancei a cabeça. Juliette estava deitada ao meu lado, mas eu me lembrava perfeitamente da noite passada e ao menos não tínhamos feito sexo porque seria muito mais difícil deixá-la. E, Deus, já *era* difícil deixá-la desde o segundo em que nos conhecemos. Esfreguei os olhos sem acreditar que tínhamos dormido no meio do nada, no chão cheio que conchinhas que me cortavam através do tecido fino a cada vez que eu me movia ou até mesmo respirava.

Pousei-a delicadamente sobre o cobertor e cobri
NACIONAIS - ACHERON

seus braços nus, embora eu tivesse minhas dúvidas se ela estaria mesmo dormindo. Ainda estava tão cedo que o sol mal tinha começado a nascer, então resolvi nadar para espairecer e esfriar a cabeça antes que eu pudesse dizer que estava pronto para outra. Dei a volta até a parte baixa onde entrei na água dando um passo de cada vez enquanto o sol nascia lentamente.

A noite passada não saía da cabeça por mais que eu tentasse. Eu tentei rir, ser eu mesmo e fingir que estava tudo bem, mas não estava e tudo que Juliette tinha me mostrado tinha sido a prova de que eu não conseguiria sobreviver um dia mais sem ela. Mergulhei e nadei de um lado ao outro do lago, sempre em círculos, assim como a minha vida ultimamente, até me cansar e voltar. Peguei minhas roupas e caminhei de volta para onde eu tinha deixado meu carro, mais acima, assim como a garota, mas ela não estava mais lá. Franzi o cenho por um segundo, olhei em volta e me enxuguei superficialmente, colocando minhas roupas de volta. Eu tinha me ausentado por nada mais que meia hora.

— Juliette — tudo que havia a minha frente era o
NACIONAIS - ACHERON

céu, mais a frente o lago e pedras, assim como à direita. À esquerda tinha mata aberta, árvores distantes e de tronco longo — Juliette! — chamei mais alto e caminhei em direção às árvores.

— Eu estou aqui. E parece que temos convidados.

Virei-me na direção oposta a que eu tinha tomado e a vi com o antebraço em torno do pescoço de Eva, suas presas alongadas e seu rosto tinha se transformado em uma máscara assustadora para qualquer um que a visse — exceto para mim —, e era provavelmente por isso que Eva parecia assustada, além do fato de Juliette estar numa posição estratégica em que poderia quebrar seu pescoço a qualquer movimento que ela fizesse, sem que conseguisse nem ao menos pensar em se soltar, que dirá mordê-la. Aproximei-me cautelosamente, mas ela me fez parar no meio do caminho.

— O que vocês estão planejando? — ergui as sobrancelhas, surpreso com a acusação em sua voz, como se ela estivesse mesmo achando...

— Acha que eu te trouxe aqui para seduzi-la e depois matá-la? — cuspi as palavras sem conseguir acreditar nelas mesmo enquanto as dizia. Juliette

NACIONAIS - ACHERON

fitava-me com um olhar assassino, um que eu não conhecia e algo me dizia que Eva estava prestes a experimentá-lo e, embora eu não fizesse a menor ideia do que ela estava fazendo lá, ela não merecia.

— Se der mais um passo...

— O quê? — falei em tom desafiador. Ela não iria, então dei mais um passo, porém curto e com cautela — Juliette, deixe-a ir.

— Ótimo. Pegue sua lobinha — ela encolheu as presas e seu rosto voltou ao normal —, eu estou cheia disso! — ela soltou Eva, que quase caiu, mas se equilibrou rapidamente e levou as mãos ao pescoço, sem ar e vermelha. Ela provavelmente estava fazendo algum trabalho sujo dos lobos. Juliette andou humana e furiosamente rápido e segui-a, pouco me importando com Eva, embora quisesse matá-la friamente só por ela ter tido a audácia de pensar que poderia machucar Julie.

— Julies, espera! — gritei, um pouco fora de mim, com a respiração irregular. Ela se virou com raiva já bem perto de mim. Ela queria explicações que eu não tinha para dar e estava furiosa, mas eu também estava — O que quer que você esteja pensando... não é...

NACIONAIS - ACHERON

— Quer saber? Não importa...

— Escute-me — falei mais alto que ela e andei em sua direção, fazendo-a parar já perto do carro — Você não está pensando direito se acha que eu... — ela estava tremendo, fora de si e enfiou o rosto entre as mãos, parecendo tão frágil por um momento.

— Desculpe-me, eu não estou pensando direito, mas não é todo dia que me acertam com esses dardos... — ela parecia confusa, sua cabeça levemente baixa; passei o braço pela sua cintura quando tive a impressão que ela fosse cair — ... não se preocupe, são só ervas, mas... estou tão fraca.

— Tudo bem — ela praticamente desabou sobre mim, embora ainda estivesse consciente, não conseguia ficar de pé — Eu vou te levar para casa — tirei seu cabelo do rosto e ela assentiu, fechando os olhos quando a peguei no colo — E você — aponte para Eva, que parecia ainda estar recuperando o ar, um pouco desorientada —, vem comigo.

—Coloque-a aqui — ela estava dormindo ou
NACIONAIS - ACHERON

desmaiada, não sabia exatamente, quando a coloquei no sofá. Jane ajeitou as almofadas — O que aconteceu? — ela olhou para Eva, que tinha os pulsos amarrados, para o caso de tentar fugir antes de responder algumas perguntas.

— Longa história — Jane me lançou aquele olhar, como se lesse meus pensamentos.

— O que aconteceu com ela? — hesitei, sem saber exatamente como explicar — Vocês estão... juntos?

— Não — falei rápido demais e Eva riu. Jane e eu nos viramos ao mesmo tempo para ela; eu a fitei com raiva e Jane se limitou àquele olhar que nunca dizia nada, mas que significava o mundo, e por fim se afastou.

— Podem ficar o quanto quiserem, eu vou trazer chá — então se aproximou antes de sair, inclinando-se em minha direção, bem mais baixa que eu — Desamarre sua amiga.

— Você vai me contar exatamente o que estava fazendo — disse enquanto desamarrava Eva, que mantinha um olhar alheio e indiferente a qualquer coisa à sua volta — Começando pelo que tinha naquele dardo.

— A própria Juliette te disse, ervas. Só umas ervas inofensivas, mas que para um vampiro... podem doer um pouco — soltei-a com raiva, apertando as cordas em seus pulsos antes de soltá-la.

— O que você quer? Eva — transferi meu peso para o outro lado do corpo, mudando a abordagem —, você não é assim, então se você está com raiva de mim... me odeie. Eu fui um babaca com você — ela cruzou os braços e balançou a cabeça.

— Não importa, isso é sobre ela, não sobre você — franzi o cenho e recuei um passo — Ela vai ficar bem, mas... — antes que ela terminasse, e Eva tinha um sorriso meio presunçoso no rosto, Juliette se moveu e me virei completamente para ela. Foi apenas um movimento milimétrico, mas fui até ela com cautela. Ela se mexeu e franziu o rosto, em completa agonia; ela estava suando frio e abaixei ao seu lado, segurando sua mão entre as minhas no segundo em que Jane entrou na sala com uma bandeja que largou na mesinha de centro.

— O que está acontecendo com ela? — Jane colocou a mão na testa dela e balançou a cabeça como se aquilo fosse um péssimo sinal, tornando

NACIONAIS - ACHERON

meus pressentimentos ainda piores e mais angustiantes — Eu não sei se posso ajudar, tem que deixar vim.

— O que? — falei meio atordoado e inconsciente — Deixar *o que* vir, vó?

— Os sintomas. É uma raiz muito forte e, embora não possa matá-la, os sintomas são como a morte — fitei-a sem saber o que dizer e Juliette se moveu um pouco mais, de repente com os olhos abertos.

— Você está bem? — ela parecia confusa, mas assentiu, sentando-se rápido demais e levando a mão à testa.

— Eu estou... não me sinto muito bem — ela engoliu em seco, fitou-me e começou a se transformar de repente e fechou os olhos com força — O que está acontecendo comigo? — a mudança na cor dos seus olhos, junto ao vermelho que tomou conta do branco dos seus olhos, as veias saltando abaixo deles foi assustador e rápido demais.

— Apenas descanse... — ela parecia confusa, tonta, sem saber onde estava, e por fim assentiu, mas parecia tão fraca que segurei-a bem no momento em que ela quase caiu. Era estranho vê-la tão frágil quando era tão forte o tempo inteiro,
NACIONAIS - ACHERON

quando ela era uma vampira que tinha voltado dos mortos para mim e agora parecia o universo que estava prestes a arrancá-la dos seus braços novamente.

— Coloque-a aqui — Jane abriu uma porta e usei-a para empurrar a porta meio aberta e colocá-la na cama — Está preocupado com ela, não está? — Jane abriu as cortinas e cobri Juliette, que tinha uma expressão tão calma quanto seria a de um anjo adormecido.

— Claro, isso não teria acontecido se eu não tivesse me envolvido com Eva, ou lobos... ou envolvido *ela* nessas coisas — olhei uma última vez para Juliette e para Jane, que terminou de abrir as cortinas pesadas, revelando janelas que iam quase do chão ao teto, luxuosas, e se voltou para mim com aquele sorriso de avó que entendia exatamente o que eu pensava e sentia.

Antes eu achava que aquilo era algum dom especial de bruxa, mas não. Era só ela. Seguindo seu coração e tentando fazer o melhor por todos nós.

— Não é sobre se importar ou se sentir culpado, é sobre o que você sente. Por que não para de se

NACIONAIS - ACHERON

sentir responsável por todos da sua família? — franzi o cenho, pensativo.

— Porque eu posso fazer alguma coisa, e não suportaria saber que eu poderia ter feito alguma coisa e alguém se machucar. Alguém que eu amo, como Cass ou até mesmo você...

— Rafael — ela murmurou gentilmente e se aproximou, guiando-me, calmamente para fora —, você não pensa no quanto a machucou? Ou no quanto machucou a si mesmo e continua machucando? Você não pode salvar a todos, e se Malcolm está vindo... deixe que ele venha. Deus sabe que você não poderia con-tê-lo.

— Não diga isso nem por brincadeira, nem diga o nome dele outra vez, muito menos perto de Juliette — ela fechou a porta e ficamos parados no meio do corredor — Ela não vai saber de nada, e se... — abaixei a voz — se ele vir, eu estarei pronto — Jane pousou a mão em meu ombro e fitou-me com carinho.

— Eu aprendi a gostar dessa menina desde que soube que ela é a filha de Izzie, desde que Cedrico a trouxe aqui pela primeira vez. Gostei dela como se fosse minha neta também — sua expressão se

NACIONAIS - ACHERON

tornou mais sombria e ela deu um leve aperto em meu ombro com o cenho franzido em agonia —, e eu menti para ela. Menti por achar que estivesse sendo nobre, por achar que estava protegendo-a, mas eu me enganei. Ela é forte e pode suportar sua verdade, ela já suportou coisas muito piores, mas ela não vai aguentar se souber...

— Vovó — coloquei as mãos em seus ombros, olhando em seus olhos, sentindo coisas confusas dentro de mim, coisas que eu não conseguia nomear, e notei que ela estava prestes a chorar —, eu fiz essa escolha. E fiz outra quando decidi que não contaria a ela... — fui incisivo, mas queria chorar em seu colo — e não vou voltar atrás. Vai ser assim, para o bem ou para o mal. Não quero mudar nada do que aconteceu nesses últimos dias, nem o que vai acontecer daqui pra frente. Eu só contei para você, porque sei que é a única que conseguiria guardar isso. Se todos soubessem, eu estaria sendo pressionado por todos os lados agora... então, por favor, eu preciso que respeite isso.

— Vai ser assim? — seus ombros estavam tensos e trêmulos — Só vai contar a Juliette no *grande* NACIONAIS - ACHERON

momento — ela se afastou dos meus braços e me abraçou — Isso não está certo.

— É como tem que ser — murmurei, mais para mim mesmo.

—Tudo bem? — ela assentiu enquanto tomava o sangue, parecendo constrangida por fazer aquilo na minha frente. Ela se levantou e peguei a embalagem, jogando no lixo perto da cama. Parei de pé a sua frente.

— O que eram exatamente aquelas ervas? — ergui os ombros e peguei mais uma bolsa de sangue da bolsa que eu tinha usado para colocá-las quando as roubei na clínica mais cedo. Ela pegou e abriu devagar, como se experimentasse a sensação pela primeira vez — Então, me conte de novo a parte em que eu quase matei Eva... — havia um leve riso em seu tom, mas estava falando sério. Sentei ao seu lado.

— Eu sei que você tem motivos para odiá-la, mas não o faça — ela bebeu rapidamente sem tirar os olhos de mim — Eva é muito volátil, a família dela a deixa em uma posição instável e ela estava zangada comigo, embora isso não seja justificativa.

NACIONAIS - ACHERON

O pai dela é quem tem ordenado ataques a bruxos, assassinatos em massa na Louisiana, deixando um rastro de corpo ao longo do Mississippi...

— Isso deveria inocentá-la? — ela piscou, me escutando melhor do que achei que faria — Eu esqueço sobre hoje, ela me deixa em paz e eu não a mato, é tudo o que eu posso oferecer por hoje — não pude decifrar o enigma por trás de suas palavras, mas Juliette riu e bateu as mãos sobre os cobertores como se me convidasse a me juntar a ela.

— Feito — ela se inclinou e parou com o rosto a alguns centímetros do meu, enfiando seus dedos em meus cabelos, bruscamente, e guiando-me até com ela calma, mas voraz demais para eu conseguir pensar em pará-la, e nem deveria. Eu poderia ao menos aproveitar um pouco, porém sem me envolver demais na dela, ainda mais enquanto ela estava tão vulnerável e eu protelava em me afastar. E cada vez era pior que a outra; a cada vez doía mais me afastar e vê-la ir, e aquilo, de repente, me assustou.

Minha vida estava tão entrelaçada a sua que eu não via mais uma linha clara de separação, tudo

NACIONAIS - ACHERON

entre nós tinha se tornado nebuloso de uns tempos para cá, mas, quando Juliette me tomou para si, agarrei-a, sem conseguir pensar claramente, embora lutasse com todas as minhas forças, tampouco fazer algo que a impedisse. Ou impedir a mim mesmo de perder o controle. Minha mente vagava entre uma coisa distante e seu corpo tão perto do meu, tão perto que esqueci do quão determinado eu estava mais cedo, em fazer a coisa certa pelo bem de todos, e agarrei-a, jogando a bolsa no chão e me aproximando-me e puxando-a para meus braços ao mesmo tempo, com firmeza.

Ela arfou com os dedos enfiados em meu cabelo com toda a força vampira que ela possuía e deitei-a na cama. Minha determinação tinha ido embora há muito tempo, embora minha mente ainda se lembrou que eu estava fazendo algo terrivelmente errado, algo que eu tinha dito a mim mesmo mais cedo que não faria, que não teria significado nada com qualquer outra pessoa, mas eu não estava com qualquer uma e tentei manter isso em mente. A cada segundo ficava mais difícil pensar, com meu corpo sobre o dela, seus dedos enfiados em minha carne, deslizando pelos meus braços sob o tecido da

NACIONAIS - ACHERON

minha camisa de mangas, sua perna direita em torno de mim e sua respiração sob meus lábios, quente. De repente, ela se afastou, rolando para o lado para sair de debaixo de mim, ficou de pé e consertou seu cabelo completamente bagunçado e inspirou fundo.

— Sua avó está vindo — no mesmo segundo Jane empurrou a porta e desabei na cama, agradecendo por ela não nos visto que estávamos nos pegando na casa dela, embora as circunstancias fossem extremas e ela talvez não se importasse com aquilo. Não tanto quanto os outros. Juliette passou as costas da mão direita pelos lábios e sorriu para minha avó, que segurou a maçaneta da porta e olhou para mim por um longo momento, enquanto eu me recompunha, já sentado, depois para Julie.

— Venham, o jantar está pronto.

Que venham os mortos

Engoli em seco e andei a sua frente.

Ofereci-me para ajudar Jane com o jantar que já estava pronto e fui colocar à mesa enquanto eles iam para a cozinha, controlando-me para não escutar a conversa, mas nem precisei de tanto autocontrole, pois Jane abriu a torneira, o que tornou o som de suas vozes distantes e inaudíveis. Limitei-me a colocar os pratos e os talheres, organizando-os impecavelmente, e captei algo quando a torneira foi fechada.

— Conte a verdade a ela antes que seja tarde — fiquei concentrada, ou fingindo que estava quando Jane entrou na sala como se nada tivesse acontecido, retribuindo meu sorriso com um ainda mais largo. Ela colocou uma sopa de cheio

NACIONAIS - ACHERON

delicioso a mesa e perguntou se eu estava bem, sentando-se.

— Onde está Rafael? — ela olhou para frente e me sentei a sua frente na mesa retangular para seis pessoas com o olhar no seu, hesitante.

— Ele já está vindo se juntar a nós — e sorriu como se ela soubesse de algo que eu deveria saber, e sabia mesmo, segundo o que eu tinha escutado segundos antes. Respirei fundo e Jane insistiu em me servir com aquele sorriso de vovozinha adorável que ela conseguia ter mesmo que passasse uma vaga ideia de que ela era o contrário daquilo. Antes que eu pensasse em algo para quebrar o silêncio, Rafael surgiu da cozinha com um olhar meio vago, um sorriso no rosto, uma garrafa de *Chianti* e três taças.

— Trouxe o vinho — sua expressão mudou tranquilamente para algo mais brando no segundo em que seus olhos encontraram os meus e sorri.

— Eu tentei dizer a ele que vinho, sopa e frio não combinam muito, mas ele nunca me escuta — ele se sentou ao lado de Jane, colocando as taças e o vinho na mesa. Estava chovendo do lado de fora, embora nada tempestivo demais. Começamos a

NACIONAIS - ACHERON

tomar a sopa, e a tempos que eu não comia nada tão bom; talvez desde antes de eu me tornar vampira, enquanto humana eu apreciava mais o sabor de coisas além de sangue.

— O que aconteceu hoje? — olhei para Rafael e Jane, que se entreolharam, depois para seus pratos — Eu só me lembro do lago...

— Você dormiu na maior parte do dia, se alimentou... — Rafael foi vago, fitando-me como se me desafiasse a tirar o resto dele — Achei que essa erva que Eva injetou em você fosse mais... mortal, mas você se saiu bem.

— Considerando que eu não morri — me irritava a maneira como ele ainda ousava defendê-la, ainda mais depois de tudo o que ela tinha feito naquele dia. Como se tentar me matar não fosse o suficiente para odiá-la. Olhei para a sopa, de repente sem fome. Esquadrinhei o cômodo, quase sem paredes que dividisse a sala de estar de onde ficava a mesa, embora fosse tudo enorme demais para um lugar que ficasse no meio do nada, até achar um relógio na parede, constatando que já eram pouco mais de seis — Deveríamos ir.

Rafael olhou para Jane por um longo momento e
NACIONAIS - ACHERON

largou o talher para fitar-me. Ele entreabriu os lábios, fechou-os e tornou a fazê-lo: — Jane sugeriu que ficássemos aqui hoje — ergui as sobrancelhas — Está chovendo.

— É, mas não é nada que atrapalhe. A estrada está ótima — mordi o lábio quando terminei de falar, fitando Jane, que tinha aquele olhar piedoso.

— Seria ótimo se vocês ficassem, me fazendo companhia...

— Eu...

— Quero ter certeza que você está bem e não vou me sentir bem se vocês saírem por aí com esse tempo e com todas essas ameaças...

— Jane, vamos ficar bem — tentei captar o olhar de Rafael, esperando que ele concordasse comigo, mas ele não o fez. Ambos me olharam como se eu estivesse dizendo a coisa mais absurda que já tinham escutado — Tudo bem por mim — Jane deu um sorriso convencido e continuamos em silêncio; um silêncio estranho e sepulcral. Rafael saiu e levou os pratos, dizendo que precisava fazer alguma coisa.

Jane foi extremamente gentil como sempre, mas depois do que escutei, meus pensamentos

NACIONAIS - ACHERON

permaneciam focados no que eles estavam me escondendo, então nem consegui pensar em mais nada que não fossem os dois murmurando coisas inimagináveis que eu não conseguia nem imaginar, mas ficava imaginando todas as coisas do mundo. Meus pensamentos não saíam daquilo e não consegui me concentrar no que Jane estava dizendo, não exatamente.

— Quer mais vinho? — aceitei e tomei a metade da taça em um só gole, voltando a conversa — O que você sabe sobre... controle?

— De magia? — ela franziu o cenho e assenti — Você é vampira, por que quer saber sobre isso?

Engoli em seco e apoiei os cotovelos na mesa, sem saber exatamente como explicar. A pergunta tinha vindo meio que inconsciente, talvez porque eu soubesse o quão experiente ela era, como era sempre doce e gentil comigo, como se fosse minha própria avó, e talvez ela pudesse me ajudar. Passei a língua pelos lábios e ensaiei mentalmente o que iria dizer antes de fazê-lo.

— Eu... sou a bruxa *e* vampira. Eu não sei por que ou o que provocou isso, mas quando Friedrich me mandou de volta para cá... ele disse que

NACIONAIS - ACHERON

poderia haver consequências se mexêssemos com o equilíbrio das coisas.

— Sempre há consequências quando tiramos ou colocamos algo na balança. Por que não vamos para a sala e conversamos melhor? — assenti e ela me pediu para pegar o vinho pela metade. Sentamo-nos, ela na poltrona e eu no sofá, coloquei o vinho na mesinha de centro, segurando a taça com as duas mãos, ansiosa e nervosa, com o que quer que ela quisesse dizer.

— Então, o que isso significa, exatamente? — um juncos se formou entre minhas sobrancelhas e ela soltou o ar lentamente. Rafael estava parado atrás de nós, escutando como se eu não tivesse percebido que ele estava só somente pelo som da sua respiração doce, de cadência relaxante até.

— Juliette, você estava morta e não estava. Depois, Friedrich usou magia negra para mandá-la de volta para cá, e ainda por cima, você deveria voltar como estava: morta, como uma vampira, mas... não sei se esse tipo de magia pode ser *controlada* de alguma maneira.

— O que... isso tem... crescido, de algum modo. Eu posso controlar a fome, mas *isso...*

NACIONAIS - ACHERON

— Me desculpe por não poder ajudá-la, no entanto — ela pousou a taça em sua perna, olhando para o chão, depois para mim —, você pode procurar por um equilíbrio em si mesma. Praticando. Eu me ofereço se precisar de ajuda — ofereci um meio sorriso, mas eu não sabia como reagir àquilo tudo. Rafael finalmente caminhou até onde estávamos e se sentou ao meu lado, como se não tivesse escutado toda a conversa.

— Vamos para a cama? — ele olhou para Jane, talvez na esperança que aquilo não soasse tão estranho, mas souou e dei um meio sorriso. As coisas estavam estranhas entre nós desde que nos pegamos no quarto de hóspedes, eu sentia aquilo pelo clima estranho, até pelo modo como nos olhávamos desde então, e eu não poderia estar tão errada.

— Ainda está cedo — ela fez uma pausa, fitando-nos com um sorriso ensaiado — Vou arrumar o quarto de hóspedes para vocês.

Será que ela estava pensando que estávamos dormindo juntos?

— Eu te ajudo — ofereci-me prontamente e Rafael fez o mesmo quase ao mesmo tempo em que

NACIONAIS - ACHERON

Jane e eu.

— Vamos todos juntos.

Ajudei Jane a trocar os lençóis, embora parecessem mais que limpos, e ela mandou ele fica na porta, afirmando que ele não sabia o que estava fazendo, e realmente não sabia. Pensei em como falar com ela que precisaríamos de outro quarto, mas Rafael interrompeu meus pensamentos.

— Vovó, precisamos de outro quarto — ele encostou a cabeça levemente no batente da porta e Jane ficou meio boquiaberta por alguns segundos, segurando o travesseiro, depois voltou ao que estava fazendo.

— Claro, que ideia a minha. Vou arrumar o outro quarto de hóspedes, podem ficar aqui — e saiu antes que sequer tivéssemos a oportunidade de falar. Coloquei o último travesseiro na cama e ele se aproximou.

— Então... — suas mãos estavam enfiadas nos bolsos da frente do jeans e ele tinha um sorriso torto se insinuando em seus lábios perfeitos — Eu te devo desculpas por todo o que aconteceu hoje — ele parou aos pés da cama e permaneci onde estava, NACIONAIS - ACHERON

ao lado da cabeceira.

— Eu não acho que você precise delas — fitei-o e ele deu de ombros, então nos olhamos, ambos calados sem saber o que dizer — Acho que deveríamos... dormir. Vai me levar em casa amanhã? — a última parte foi meio que uma piada para quebrar aquele clima estranho que pairava, como uma nuvem negra, naquele pequeno espaço entre nós.

— Claro, vai estudar? — inclinei a cabeça.

— Provavelmente, não. Vai depender do meu humor, além disso, eu queria conversar com Jane sobre... — interrompi-me, lembrando que não tinha contado diretamente a ele.

Primeiro, ele tinha deduzido a partir de nada, e depois tinha me escutado contar a sua avó. Na verdade, talvez nossa relação tivesse progredido rápido demais nos últimos dias e não tivéssemos tido tempo para pensar em nada, só sentido tudo o que tinha reprimido. E sentir de uma vez talvez fosse intenso demais.

— Eu sei, Juliette — Rafael aproximou-se e sentou-se na cama, fitando-me, então me sentei também, mantendo certa distância dele — Então...
NACIONAIS - ACHERON

você quer que eu vá? — franzi o cenho, mas levei um longo momento para pensar sobre o que ele tinha dito, muito confusa sobre tudo que tinha acontecido desde o dia anterior.

— Agora ou... amanhã? — ele ergueu os ombros e se levantou.

— Vou te deixar dormir — assenti, sem conseguir dizer algo para fazê-lo ficar.

Rafael saiu e fui tomar banho. Jane tinha colocado algumas roupas limpas na cama e coloquei-as depois de um banho quente e demorado de banheira. Uma calça xadrez folgada e blusa de lã. Saí do quarto, notando que a chuva tinha passado de fina para torrencial e a casa tinha um silêncio estranho. Encontrei Jane na sala vendo TV e tomando chá. Ela gesticulou, oferecendo-me e me sentei ao seu lado no sofá, servindo-me do chá de camomila.

— As roupas serviram em você? — assenti, agradecendo-a com um sorriso meigo — Eram da sua mãe. Ela costumava ficar aqui depois... — ela se calou e olhou soturna para o chão. Estava passando *Grey's Anatomy* na TV e fixei meus olhos no drama, mesmo sem prestar atenção.

NACIONAIS - ACHERON

— O quê?

— Uns anos depois que ela teve você... ela não podia vê-la. Ela tinha uns vinte anos quando parou de vir, se mudou para Praga, encontrou a necromante que a ajudou e começou a trabalhar na revista — ela tomou um gole do chão e segurei a xícara com ambas as mãos.

— Então, como a prática pode me ajudar? E como essa mulher ajudou minha mãe?

— É uma simples questão de conectar-se com a natureza, buscar um ponto de equilíbrio que a faça se sentir conectada a algo. Com a prática, você obtém o controle — ficamos em silêncio por um minuto, assistindo a série — Então — Jane se virou para mim —, e quanto a você e Rafael? — não respondi imediatamente — Tudo bem, não vou fazer perguntas demais.

— Eu realmente não sei — balancei a xícara suavemente, evitando os olhos dela — Acho que ainda é cedo demais para dizer qualquer coisa.

— Tudo bem, não quero arrancar respostas de vocês, mas... tem alguma coisa.

— Está tudo tão estranho desde que... voltei. Na maior parte do tempo sinto como se não fizesse
NACIONAIS - ACHERON

mais parte desse lugar, que deixei de me encaixar há muito tempo — fiz uma pausa e Jane olhou para a TV como se estivesse distraída — Mas Cedrico me fez sentir como se estivesse segura de novo.

— Por isso queria que as coisas dessem certo com ele? — procurei outra posição. Era tão fácil falar com Jane, ela começava e em um segundo eu já tinha contado a ela tudo sobre mim, o que estava se passando, o que eu sentia. Eu poderia contar meus segredos mais sombrios e íntimos a Jane sem nem hesitar.

— Em parte, sim — comecei hesitante, depois continuei com o tom mais firme: — Em parte... pelo que sinto por ele. Ainda está aqui e nem sei se algum dia vai passar, mas também... eu preciso dar um passo para trás e tomar o controle da minha vida outra vez.

Jane esticou-se e serviu-se de mais chá, oferecendo-me. Aceitei meio nervosa sobre o que ela tinha a dizer sobre tudo.

— Eu entendo o que você quer dizer. E entendo sua necessidade de retomar sua vida, e estou aqui se precisar de ajuda — assenti tranquilamente, tomei mais chá e assistimos o episódio até o fim, o
NACIONAIS - ACHERON

que levou mais uns vinte minutos. Jane disse que ia para a cama e disse que eu poderia ficar a vontade e se foi, sumindo pelo corredor escuro. Continuou passando bobeiras e vi que minha bolsa estava ao lado da lareira, que ficava próxima a TV. Levantei, peguei o celular e olhei as inúmeras mensagens e chamadas perdidas dos meus pais, Alex e Ana.

Abri a de Ana primeiro já que estava esperando ela me dar notícias desde que eu tinha voltado do mundo prisão. Ainda bem que Alex embarcou na mesma esperança dos Hamilton e não contou a ela, nem deixou que Jon contasse.

Descobri tudo sobre a tal Freya, me liga assim que puder. Ela não parece ter a vida muito animada. ME LIGA!!!

— É tarde? — perguntei assim que ela atendeu.

— Não, tudo bem. Achei que estaria interessada sobre a garota que me pediu para investigar — esperei que ela continuasse — Ela é de Gales, vive em Manhattan e estuda fotografia. Sai muito com os amigos, colegas da faculdade, mas mais estuda do que tudo. Não tem família aqui em NY — ela

NACIONAIS - ACHERON

estava lendo aquilo em algum, então parou, suspirou e quase pude vê-la erguer os ombros, sutil.

— Tudo bem, obrigada, Ana. Você descobriu o endereço dela? — enfiei os dedos nos cabelos, ponderando se aquilo daria em alguma coisa ou se teria alguma utilidade futura.

— Claro, eu te mando por mensagem. Não vai mesmo me contar do que se trata? — ela sorriu e passei a língua pelos lábios. Claro que eu não podia contar a Ana sobre Freya sem contar o resto, mas eu podia encobrir um pouco as coisas e contar a metade da história.

— Não posso, Ana. Eu bem que queria, mas isso não é sobre mim... preciso te encontrar. Vai estar livre na sexta?

— Não sei, mas posso desmarcar o que quer que seja se você estiver aqui. Não sei o que está acontecendo, mas depois que se mudou para este fim de mundo... não nos vemos mais.

— Eu sei. Estarei aí nas férias e poderemos nos ver, ainda mais no ano que vem. Estou desorganizada por enquanto, mas nos vemos na sexta — ela sorriu.

— Você parece confusa agora, mas estou aqui se
NACIONAIS - ACHERON

precisar. Pode ligar no meio da noite ou se estiver com *problemas de garotos* — não pude evitar sorrir.

— Obrigada, você também pode. Não estou completamente fora da sua vida — ficamos em silêncio por cinco segundos e suspirei — Nos vemos na sexta.

Jane me ofereceu quando acordei, depois de um banho, e foi vaga quando perguntei sobre Rafael.

— Tome seu café, ele voltará em breve — ainda eram sete horas, de modo que me sentei em um banco na bancada e tomei o café preto. Ela me ofereceu comi-da, mas recusei educadamente, ainda preocupada com o que tinha escutado na noite anterior. Tomei o café, pensativa e minutos depois, Rafael surgiu.

Usava jeans e camisa de mangas longas, sexy como sempre, e tinha uma jaqueta pendurada em seu antebraço. Em meio sorriso involuntário surgiu em meus lábios quando o vi, mas ele mal me olhou, passando por mim e se sentando no banco ao meu lado. Fitei Jane a minha frente, que nos ofereceu panquecas, mas recusei e me levantei.

NACIONAIS - ACHERON

— Então...

— Vamos para casa — assenti, sem saber o que tinha dado nele. Jane nos levou até a porta e nos despedimos antes de ir. O carro de Rafael estava parado na frente da casa e ele abriu a porta para mim antes de entrar e sair a toda velocidade, como se fugisse de alguma coisa. Fitei-o rapidamente e coloquei o cinto, preocupada com seu senso de segurança na estrada — Então, se divertiu com Jane ontem?

— Divertir? — fiquei meio confusa com sua pergunta e procurei alguma pista em seu rosto, mas sua expressão era fechada e neutra — Eu não chamaria de diversão...

— Precisa de ajuda? — ele girou o volante com aquela habilidade e sensualidade que me deixavam boquiaberta. Franzi o cenho, olhando para meu colo, sem saber como responder. Ele parecia bravo comigo e eu não sabia o que fazer, nem se deveria fazer. Eu não tinha explicações e ponto, mas ali estávamos dando murro em ponta de faca.

— Eu estou bem — falei simplesmente e me virei para a janela, fitando a paisagem do dia nublado que passava por nós. Eu queria falar, ao

NACIONAIS - ACHERON

mesmo tempo em que não queria, porque se começasse só iríamos discutir e aquilo não parecia ter fim.

— Então não precisa de ajuda com a magia? — ele estava me provocando e me virei lentamente para ele, que me fitava, alternando o olhar entre eu e a estrada a nossa frente — Eu só quero ajudar, então não precisa esconder nada — retorci os lábios em um quase sorriso e Rafael me olhou como se não entendesse.

— *Como alguém que nunca mentiu para mim* — falei, citando suas palavras de alguns dias atrás —, você esconde as coisas muito bem.

— Eu não estou escondendo nada de você — ele me olhou rapidamente, mantendo os olhos na estrada, evitando-me.

— Rafael, você é um mentiroso *terrível* — fitei-o e ele respirou fundo —, mas eu sei que se fosse para contar, você já teria feito. Então, eu mesma vou descobrir — ergui os ombros e olhei em seus olhos por dois segundos, meu sorriso sarcástico desaparecendo — porque sei que tem alguma coisa acontecendo.

— Juliette, isso... essa coisa. Eu não quero te

NACIONAIS - ACHERON

envolver nisso e por enquanto... não é nada.

— Muito claro — cruzei os braços na altura do peito como uma criança mimada, mas ao menos daquela vez eu estava certa. Ele estava mesmo escondendo alguma coisa e eu iria descobrir.

Rafael e eu não trocamos uma palavra no caminho até minha casa, minha nova casa, que era terrivelmente perto da dele, mas mais perto da cidade. Peguei minha bolsa e bati a porta sem me despedir. A casa que Jon e Izabel tinham escolhido era um palacete enorme, feito de tijolinhos; uma construção aparentemente antiga que eles tinham reformado recentemente. Bati na porta, já que eu tinha deixado a chave, ainda não usada, numa gaveta no colégio, e Izabel abriu com aquele sorriso radiante que só ela tinha, puxou-me para dentro da sala de estar com tapetes pesados e antigos, decoração arcaica, mas de bom gosto. De um jeito bem estranho.

— Achei que tinha se perdido na floresta — sua voz era macia e até calmante. Passamos pela enorme sala de estar e fomos até a cozinha onde Jon cozinhava alguma coisa.

NACIONAIS - ACHERON

A cozinha era ainda maior que a sala e tinha uma enorme e moderna mesa de jantar no meio, todo o tipo de comida nela e aparelhos tecnológicos para preparar todo o tipo de comida, o que Jon adorava fazer quando não estava trabalhando. Deixei minha bolsa em uma das cadeiras e fui até a bancada, sentando-me no banco com um sorriso ensaiado. Jon me ofereceu mais café e peguei a caneca, servindo-me.

— Como foi?

— A história resumida...

— A história completa, definitivamente — Izabel se sentou ao meu lado e pegou uma caneca. Contei a eles mais ou menos o que tinha acontecido, mas a versão final tinha mais cortes do que fatos. Quando terminei, Jon ainda fingia que cozinhava sem se importar e minha mãe tinha o cenho franzido, boquiaberta.

— Eu acho que deveríamos matar alguns lobos

— Izabel ergueu os ombros e tomou um gole do seu café.

— E eu disse que não faremos nenhum movimento até o bebê nascer. Não vamos colocá-las em perigo — ele gesticulou com a espátula em

NACIONAIS - ACHERON

nossa direção —, nenhuma das três — então se voltou para Izabel como se estivesse bravo com sua sugestão. Tão bravo como se ela já tivesse feito alguma coisa — Sabe o que isso poderia causar?

— Tudo bem, foi só uma sugestão — seu sorriso se desfez — Mas em quatro ou cinco meses... eu vou acabar com eles. Você pode se mandar para Nova York, mas eu vou ficar até ter acabado com isso. E com Malcolm — ela ergueu as sobrancelhas brevemente e Jon lhe deu as costas.

— Quem... quem é Malcolm? — minha mãe se virou para mim, mais calma e com o olhar que dizia que eu já deveria saber sobre aquilo.

— O pai de Elena. O pior homem que já colocou os pés na terra, assim como o piro bruxo. Foi expulso do *coven* e teve sua fonte de magia extinta pelos ancestrais, mas continuou com um sem fim de maldades, mesmo não passando de um reles humano. Então, ele foi caçado pelo antigo regente, que veio antes de Elena, que supostamente o matou, mas não. Ele merecia algo pior, e certamente teve...

— Quem foi regente antes de Elena? — perguntei hesitante.

NACIONAIS - ACHERON

— A mãe da Lauren. Foi ela quem ensinou Lauren o feitiço que ela usou para criar o colar — ela gesticulou como se estivesse entediada — que ela deu a Rafael e que ele usou para prendê-la. Mas Katherine teve mais controle sobre sua magia do que Lauren jamais terá — ela fez uma pausa dramática — Então, Katherine usou magia para prendê-lo em um lugar em sua mente como um meio de puni-lo por tudo, mesmo estando teoricamente morto.

— Que coisa horrível! — eu estava paralisada só de pensar naquilo. Engoli em seco e Izabel me olhou com a testa meio franzida — Eu passei alguns meses no mundo prisão e queria me matar, nem consigo imaginar passar *anos* aprisionada em uma coisa assim — virei para frente e tomei um gole do meu café. Jon me fitava, enigmático, e Izabel desviou o olhar.

— Julie, você ainda não nos contou exatamente o que aconteceu lá.

— Isso não importa agora — voltei-me para minha mãe na tentativa de me livrar do olhar de Jon, mas na verdade eu queria arrancar dela tudo que eu pudesse — Eu sei que Rafael está

NACIONAIS - ACHERON

escondendo alguma coisa, o escutei falar com Jane sobre me esconder alguma coisa, e quando falei sobre isso... ele *está* escondendo alguma coisa, com certeza, e acho que tem a ver com esse tal de Malcolm — alternei o olhar entre Jon e Izabel.

— Ele está se fortalecendo — Izabel começou em um tom sombrio —, e pode voltar. Sabemos que foi ele quem tentou matá-la todas as vezes, só não sabemos por quê. Foi Rafael quem descobriu isso, então achei que soubesse, mas pelo visto ele continua escondendo tanto quanto sabe.

— Ele vai voltar — voltei-me para Jon que tinha as mãos apoiadas na bancada, inclinado em minha direção assustadoramente — e quando voltar, é preciso matá-lo para sempre. Elena precisa fazer isso.

— E vocês pintando Friedrich para mim como se ele fosse o diabo — soltei o ar em meu peito.

— Malcolm é pior, além disso, você não precisava saber sobre ele enquanto não fosse um perigo. Eu quis que você tivesse a vida mais normal possível, mesmo em meio a tudo isso... mesmo depois de você ter se transformado.

— É, você me disse para ficar longe dos
NACIONAIS - ACHERON

Hamilton — finalmente pude fazer uma piada e me levantar, livrando-me de todo aquele drama — Algum de vocês pode me levar até o colégio? — meu olhar estava fixo em Jon, mas ele se virou e pegou suas panquecas.

— Eu levo. Vou para o trabalho depois, só preciso pegar minha bolsa — Izabel saiu e Jon ficou me encarando com o cenho franzido.

— O que exatamente escutou sobre Malcolm?

— Como eu disse, eu estava desmaiada e quando acordei escutei algo sobre Malcolm vir e Rafael tentar salvar a todos... eu não entendi, mas depois escutei Jane dizer que ele deveria me contar a verdade antes que seja tarde. Eu julguei ser sobre esse Malcolm, mas não pude ter certeza — ele assentiu e seguiu Izabel.

— Se cuide — ele falou despreocupado e assenti antes de sair.

—Estou preocupada. Com tudo — falei mexendo na barra do vestido, com o ar preso na garganta.

— Com Rafael — Izabel falou e tive que concordar.

— Ele ficou estranho depois de falar com Jane e
NACIONAIS - ACHERON

eu sei que alguma coisa está acontecendo... é como se nada pudesse ficar bem durante muito tempo.

— Você não pode fazer nada, então pare de pensar. Não pode ajudar quem não quer ser ajudado — ela ergueu os ombros parando na porta do colégio. Peguei minha bolsa e me despedi.

Fui para o quarto, evitando todo mundo até a hora do almoço. Deitei na cama com a janela fechada, imersa na escuridão, pensando em todas as loucuras que tinham acontecido quando coloquei meus pés para fora daquele lugar para sair com Rafael. Eu *precisava* descobrir o que ele estava escondendo, *precisava* descobrir os planos do tal Malcolm, que com certeza não eram bons e ainda tinha minha promessa a Friedrich que não tinha contado a ninguém. De que o mataria assim que ele me mandasse para fora e eu tivesse força para isso.

Eu tinha o poder que precisava e também queria fazer isso por ele, porque mesmo tendo me torturado eu tinha essa dívida com ele. Se não fosse Friedrich ter criado uma cura e executado o feitiço, eu ainda estaria presa lá. E não poderia culpá-lo por isso. Fiquei deitada por um longo tempo, questionando-me sobre tanta coisa até me levantar

NACIONAIS - ACHERON

e tomar duas bolsas de sangue, depois tão faminta que eu precisava me alimentar direto da veia. Sentia-me assim ultimamente, como se meu lado bruxa me deixasse ainda mais faminta; com mais fome do que eu podia me alimentar e mesmo assim, se alguém se aproximasse eu não conseguiria me controlar. Sentei-me na cama com os dedos cravados no colchão, com a respiração acelerada e o peito pesado.

Meu celular começou a tocar na bolsa e levantei-me para pegá-lo, revirando tudo antes de encontrar e pegá-lo, com o cenho franzido diante da foto que vi na tela. Engoli em seco e atendi-o.

— Você está bem? — eu estava boquiaberta demais, sem reação para conseguir responder. Alguns segundos se passaram, então me acalmei o suficiente para responder.

— Eu estou bem, obrigada.

— Eu não deveria te ligar, eu sei — ele soltou o ar do peito, deixando-me extremamente confusa. Desabei sobre a cama e passei a língua pelos lábios, tentando entendê-lo —, mas Rafael me contou o que aconteceu e não pude evitar me preocupar com você. Então, eu vou desligar agora...

NACIONAIS - ACHERON

— Não, por favor. Espera! — falei, impulsiva, mas quando ele esperou eu não sabia exatamente o que dizer — Cedrico, nós precisamos conversar. Por favor, pare de fugir de mim e inventar desculpas. É sério e temo que você seja a única pessoa com quem eu possa falar sobre isso, então... se me ver for um problema, supere isso. O que eu tenho a dizer é mais importante que nós.

— Tudo bem, nós temos teatro no último tempo. Nos vemos lá?

— Certo. Obrigada — desliguei e fiquei encarando o vazio por um longo tempo até o celular tocar, notificando uma mensagem de Alex perguntando onde eu estava. Respondi rapidamente e disse que nos encontraríamos na hora do almoço. Ainda era cedo demais para eu sair do quarto, e nem queria. Eu queria respostas, ansiava por elas, mas não parecia que ninguém iria me dar, então decidi que deveria tomar uma atitude.

Primeiro, peguei o celular e pedi Jon para mandar o motorista dele ir me pegar, em seguida para Joseph para pedir um favor e me certificar de que ele estava na clínica, então apenas esperei na porta do colégio pelo motorista e fui até a clínica. Bati a

NACIONAIS - ACHERON

porta de Joseph e ele me mandou entrar, como sempre enfiado em mais papéis do que parecia ser humanamente possível. Sentei-me, sem saber como dizer, então decidi falar sem rodeios, porque Joseph deveria saber melhor do que eu o que estava acontecendo e o que quer que Rafael estivesse pensando em fazer.

— Tudo bem, você precisa me contar o que está acontecendo. *Exatamente* o que está acontecendo.

99 problemas^[20]

Joseph franziu o cenho como se não tivesse entendido e endireitou-se em sua cadeira.

— Do que você está falando? — relaxei os ombros e joguei a bolsa na outra cadeira. Coloquei o cabelo atrás da orelha e respirei fundo.

— Estou falando de Rafael. Eu sei que ele está escondendo alguma coisa de mim e você deve saber o que é — um juncos se formou entre suas sobrancelhas. Ele não parecia ter entendido e hesitei por um segundo. Será que ele realmente não sabia?

— Desculpe, não sei do que você está falando. Tem certeza...

— Eu falei com ele e se você não sabe, o segredo é entre ele e Jane e preciso descobrir.

NACIONAIS - ACHERON

— Talvez seja algo sobre ele, algo que você não precise saber. Você não pensou nisso? — recostei-me na cadeira e suspirei.

— Não é sobre *nós*, é sério. Muito sério e sinto que preciso fazer alguma coisa, mas não vim aqui te contar meus dramas, preciso de um favor.

— Se eu puder ajudar, é claro — ele deu de ombros e avaliei o que diria a seguir, fitando aqueles olhos calmos que me deixavam desconcertada, quase sem coragem para prosseguir.

— Eu... ahn... preciso de alguns livros da sua biblioteca. Empréstados — meus ombros se ergueram um pouco, involuntários e temi sua resposta.

— Livros de bruxaria? Não precisava me pedir, você sabe que as portas da mansão estão sempre abertas para você, independente dos meus filhos ou... enfim, não tem ninguém lá agora. É só... tocar a aldrava três vezes e dizer *aperire* para abrir, *prope est* para fechar. E a magia flui — ele fez um gesto com as mãos.

Seu olhar era reconfortante sob os meus e aquele azul parecia mais claro e suave, acalmando meus demônios e meu coração desesperado no peito.

NACIONAIS - ACHERON

Assenti, sem conseguir me mover por dois longos minutos, fitando-o, aprazendo-me daquela sensação que ele me fazia sentir. Uma paz infinita que me tirou do eixo, como se não houvesse mais limites entre tempo e espaço naquela sala. Joseph me levantou, sem tirar os olhos dos meus e deu a volta em sua mesa até mim e dei um pulo da cadeira, ficando de frente para ele, sentindo-me hipnotizada, dominada, extasiada.

Tentei lutar contra aquilo, mas parecia ter algum sedativo em meu sangue, entorpecendo-me, alguma droga forte. Passei a língua pelos lábios, fitando seus lábios entreabertos, o pulsar da sua jugular a cada batimento que eu podia escutar e seu cheiro inebriante; tóxico. Em um momento de lucidez, pensei que eu deveria estar ficando louca ou estava alucinando de fome, mas o cheiro dele era tão irresistível e, de uma hora para outra, eu não conseguia pensar em nada além o gosto do seu sangue e dos seus lábios.

Então, estávamos próximos demais e ambos não conseguíamos pensar. Eu queria parar com o que estava fazendo, me afastar e ir embora, mas era uma força mais forte do que eu. Muito mais forte.

NACIONAIS - ACHERON

Fechei os olhos rapidamente, tentando me livrar do efeito que Joseph de repente tinha sobre mim, ou o que diabos fosse aquilo. Ele estava sexy naquele jaleco, era inegável e naturalmente sedutor, não parecia ter consciência daquilo, e parecia involuntário naquele momento. Eu sentia a energia mística que pairava entre nós.

Meu rosto se transformou rapidamente, minhas presas não se alongaram, mas eu podia sentir a sede se transformando em algo maior e assassino dentro de mim. Demos um passo a frente, aproximando-nos e ele me olhou, nossos rostos próximos demais, vários centímetros mais alto que eu. Joseph ergueu a mão direita, pousou-a em meu rosto, deslizando o polegar pela minha bochecha e pelas veias abaixo dos meus olhos. Ele deveria estar assustado, mas nenhum de nós estava pensando direito. A coisa dentro de mim parecia ter vida própria e cada vez mais assumia o controle sobre mim e crescia vertiginosamente como meu desejo por aquele homem e senti-me beirando a insanidade.

Aproximamo-nos ao mesmo tempo e nos beijamos. Foi um beijo diferente de qualquer um que eu já tinha experimentado. Luxurioso, cheio de

NACIONAIS - ACHERON

desejo, possessão. Levei as mãos ao seu pescoço, ficando na ponta dos pés para retribuí-lo com todo o desejo e loucura do meu ser. Deus, eu estava ficando louca. Todo o tipo de pensamento se passou pela minha cabeça enquanto eu fazia algo tão errado, *tão terrivelmente errado*. Meus ombros tremularam e nos afastamos ao mesmo tempo com a respiração acelerada, mais ele do que eu, somente alguns milímetros, com os lábios ainda se tocando.

— Eu não sei o que estou fazendo — ele murmurou.

— Nem eu, mas... eu sinto seu coração — seus olhos eram cálidos sob os meus e deslizei a mão direita até o lugar onde ficava seu coração, acelerado. *Humanamente acelerado*, forte contra minha palma, aumentando minha sede.

— Você quer meu sangue — ele se afastou alguns centímetros sem quebrar o contato e puxou a gola de sua camisa e do jaleco ao mesmo tempo —, tome-o.

Minhas presas se alongaram e fitei-o, depois a seu pescoço. O som dos seus batimentos aumentava em minha cabeça, quase doloroso. Meus olhos estavam fixos em seu pescoço e minha mão direita

NACIONAIS - ACHERON

no ombro oposto. Minha última centelha de juízo, lembrei que poderia não conseguir me controlar se começasse: — Eu preciso... — não consegui concluir a frase. Levei os lábios a seu pescoço, tocando-o com os lábios, quase um beijo, antes de cravei os dentes em sua pele. Joseph levou a mão esquerda a meus cabelos, como se aquilo que o desse prazer.

Seu sangue era entorpecente e assim que o provei só conseguia pensar em mais e mais, mesmo que mantivesse em mente que deveria parar antes de tirar sua vida. Mas o pensamento parecia distante e meu cérebro deu pane, todos os meus sentimentos e desejos mais profundos vindo a tona rápidos demais, confundindo-me. Segurei seus cabelos com força, sentindo sua pele começar a ficar fria e me afastei. Ele parecia desorientado e até mais pálido que o habitual, mas bem.

— Você está bem? — seu peito estava irregular, mas ele sorriu. Seus olhos plácidos sorriram, depois seus lábios se curvaram em um sorriso perfeito. Eu tinha uma breve consciência de que deveríamos estar sob efeito de alguma coisa, nem que fosse uma droga, mas não conseguia me afastar, era mais

NACIONAIS - ACHERON

forte do que eu conseguia ser.

— Acho que... um feitiço... — assenti, ainda em minha forma vampiresca, e passei a língua pelos lábios cheios de sangue. Joseph pegou um lenço e o limpou com cuidado — Não devemos sucumbir a isso, mas...

— Eu devo ir? — a resposta saiu da minha boca enquanto eu só conseguia me concentrar em seus lábios, seu sorriso, seus olhos e cada aspecto dele — Porque não sei se consigo — ele limpou meu queixo e voltou a minha boca, terminando em meu lábio inferior.

— Você precisa. Vá para minha casa e pegue o que precisar, só não esteja lá quando eu voltar — senti que deveríamos nos afastar enquanto a consciência ainda nos pertencia e podíamos raciocinar, mas não consegui fazê-lo de imediato.

— Eu vou embora, não posso... — fechei os olhos e me afastei de uma vez. Peguei minha bolsa e dirigi um último olhar a ele antes de sair e fechar a porta, a beira da insanidade.

Entrei no carro, disse para onde ir, e afundei no banco traseiro, sentindo a insanidade percorrer cada

NACIONAIS - ACHERON

fibra do meu corpo assim como o sangue de Joseph. Eu sentia uma magia maligna em meu corpo. Ainda estava tonta e anestesiada quando o motorista parou diante da mansão, ainda avaliando o que tinha feito e o por que.

— Está tudo bem, senhorita? — assenti e saí do carro.

Fiz o que Joseph disse: toquei a aldrava e murmurei a palavra, que não sabia se ela exatamente um feitiço, e nem parei para pensar muito quando a porta se abriu. Tanta coisa tinha acontecido desde o início daquela manhã até o momento que eu tinha decidido ir atrás das minhas próprias respostas que lembrei que nem sabia o que procurar, somente onde. Subi as escadas, esperando que Joseph estivesse mesmo certo e a mansão estivesse vazia, sem conseguir tirá-lo da cabeça e estava enlouquecendo. Cada fibra do meu corpo ainda estava presa naquele momento, questionando-me um milhão de vezes sobre o que poderia ter acontecido, mas meus palpites mentalmente me levavam a nada.

Entrei no quarto de Rafael, fechei a porta e comecei a revirar tudo com o máximo de cuidado

NACIONAIS - ACHERON

para deixar tudo no lugar quando saísse. A prateleira era enorme e infindável, mas a maioria era literatura. Peguei alguns grimórios e coloquei sobre a mesa, mas não tinha como saber. Deixei onde estava e passei para a escrivaninha, do outro lado do quarto ao lado de sua cama, onde estava o notebook e centenas de papéis. Eu poderia tentar invadi-lo, mas levaria um tempo que eu poderia não dispor, então peguei todos os papéis, passando os olhos somente por tempo o suficiente para captar algumas palavras soltas em post-its sobre trabalhos e lembretes.

Balancei a cabeça, frustrada por não ter nada ali, coloquei o cabelo atrás da orelha e abri as gavetas. Tinha livros do colégio nas primeiras da esquerda e na direita, livros de bruxaria. O da gaveta de cima tinha um que ele parecia ter lido recentemente ou ainda estar; talvez o fizesse de maneira recorrente. Era antigo e tinha post-its grudados às páginas com anotações sobre ingredientes em um longo feitiço que eu não tinha tempo para ler. Tudo que pude entender era que era um feitiço grande e importante, que requeria coisas difíceis. Coloquei o livro com capa de couro na copiadora e tirei cópia

NACIONAIS - ACHERON

de todas aquelas páginas que pareciam marcadas e importantes. Rafael com certeza não daria falta de algumas folhas em sua copiadora, mas sentiria falta se eu roubasse o grimório.

Meu celular tocou e peguei-o para ler a mensagem de Joseph: Elena está indo para casa, você tem cinco minutos.

Enfiei as folhas impressas na bolsa, guardei tudo da melhor maneira possível e saí do quarto. Eu queria ter tempo para dar uma olhada na biblioteca, mas não tinha tempo, então saí e murmurei o conjuro para selar a magia em torno da casa antes de entrar no carro e dar o fora daquele lugar.

—Você sumiu — foi a primeira coisa que Alex me disse quando entrei no refeitório e me aproximei de sua mesa. Ergui os ombros, ainda mexida demais com o que tinha acontecido para conseguir ter uma conversa descontraída. Eu segurava a alça da minha bolsa como se fosse minha vida e Cassandra me olhou, assim como Lauren.

— Estive ocupada — consegui responder e soltar o ar em meu peito, parecendo mais normal e menos como se tivesse feito algo incrivelmente errado

NACIONAIS - ACHERON

com o pai da garota que estava me olhando — Vocês viram Rafael...

— Ele estava em algo lugar por aqui — Alex falou em tom neutro e anuí, desinteressada. Eu queria sair correndo e ir para o meu quarto, então me levantei, segurando minha bolsa com força.

— Nos falamos mais tarde — falei com Alex e ele franziu o cenho, claramente me achando estranha demais.

Eu também achava e *estava* para ter atacado Joseph daquele jeito. Literal e figurativamente. Assim que saí do refeitório aquilo invadiu minha mente, bombardeando cada pensamento meu. *Eu o tinha atacado*, bebido o sangue dele e o havia deixado sangrando em seu escritório. Talvez sangrando até morrer. Minha mente beirava a insanidade e fui praticamente correndo para o meu quarto, tranquei-me e joguei-me na cama já com os papéis do grimório de Rafael.

Passei toda a tarde lendo e relendo o feitiço, tentando encontrar uma conexão entre aquilo e algum acontecimento, tentando deduzir alguma coisa, mas eu não conseguia associar aquilo e tirei um cochilo depois de colocar um alarme no celular.

NACIONAIS - ACHERON

Acordei vinte minutos antes da aula de teatro com o celular tocando, desliguei-o e tomei um banho rápido, coloquei uma roupa quente; minha blusa cinza de mangas, jeans e botas e peguei meu sobretudo e a bolsa e saí do quarto com o celular lendo as mensagens. A maioria eram coisas irrelevantes e bati-o contra a palma no caminho até o auditório, fitei o lado de fora através das janelas e tive o louco impulso e falar com Joseph. Só para saber se ele estava bem, mas deixei meu lado racional assumir o controle só daquela vez, então me lembrei de que deveria tê-lo curado.

A mordida seria uma prova de que alguma coisa tinha acontecido e todos fariam um milhão de perguntas. Parei no meio do corredor, no meio do caminho e liguei para ele. Ao menos não seria uma conversa esquisita, eu tinha algo a dizer, mas estava nervosa e trêmula.

— Você precisa do meu sangue — falei impulsiva e ele demorou a responder.

— Eu estou bem — ele falou em um tom que eriçou cada pelo do meu corpo. Eu estava definitivamente louca — Mas obrigada por ligar — levei um longo momento para sair do meu estado

NACIONAIS - ACHERON

de inércia.

— Mas você precisa... se alguém ver as marcas...

— Eu cuidei disso, Juliette. Está tudo sob controle — sua voz foi em um tom meio arrastado e lerdo — Ninguém vai notar. Precisamos conversar, mas não agora. Não enquanto eu não conseguir...

— Não posso controlar a mim mesma perto de você. Tenho certeza se é um feitiço, pude sentir a magia. Era magia negra e ainda posso senti-la ainda agora...

— Eu também acho, você sabe que eu não teria feito algo assim se fosse eu mesmo, não sabe? — hesitei por alguns segundos.

— Claro — olhei para os dois lados só para me certificar de que o corredor estava *mesmo* vazio — Nos falamos na quinta quando eu tiver certeza sobre o que está acontecendo.

Desligamos e enfiei as mãos nos bolsos do sobretudo, seguindo para a aula de teatro com os pensamentos a mil. Entrei e me sentei na quarta fileira ao lado de Cedrico, meio desconfortável. Eu queria evitar todos eles que faziam-me lembrar do
NACIONAIS - ACHERON

pai deles, mesmo que no caso de Cedrico fosse adotivo. Afundei no assento sem olhar diretamente para ele.

— Eu preciso da sua ajuda — finalmente disse, observando os primeiros ensaios de *Sonhos de uma noite de verão*, mas sem conseguir me concentrar em nada.

— Estou escutando — virei-me e peguei minha bolsa, achando uma das cópias e entreguei a ele. Cedrico avaliou o papel com o cenho franzido — *O que diabos é isso?*

— Não faço a menor ideia — dei de ombros e ele me olhou como se decifrasse algum segredo em meu olhar — Preciso que você descubra. Rafael está escondendo uma coisa grave e estou preocupada com o rumo que as coisas podem tomar.

— E decidiu invadir o quarto dele e roubar isso? — ele me entregou a folha — Eu não sei nada sobre isso, mas vou sondá-lo. Tudo o que posso dizer agora é que esse feitiço é uma espécie de fechadura. Eu o conheço, mas não conheço ninguém que o tenha executado. É muito poderoso e não sei o bastante, mas vou pesquisar e conto se

NACIONAIS - ACHERON

descobrir alguma coisa — ficamos nos olhando por um longo minuto.

— Obrigada — finalmente disse com o sotaque carregado. Quando Thomas chegou, levantei-me e fui até ele para pedir que ele mudasse meu papel. Na verdade, queria que ele me tirasse da peça. Thomas franziu o cenho e coçou a barba, pensativo.

— Você não vai ter notas, independente do que fizer. Foram ordens superiores. Vindas da Sr. Hamilton em pessoa, então... você pode pintar o cenário, o que acha? — ele forçou um sorriso como se tivesse perdido algum talento e sorri de volta, agradecendo mentalmente.

— Ótimo, obrigada — com isso, voltei ao meu lugar e assisti Lauren atuar de forma belíssima ainda sem trajes ou cenário. Cedrico permaneceu ao meu lado até o fim do ensaio e me prometeu que iria descobrir tudo o que pudesse.

Na quarta à noite eu estava na casa com meus pais vendo um filme que Izzie tinha alugado antes de ir para casa — *A troca*. Embora eles estivessem felizes com o bebê e tudo o mais, eu não conseguia afastar os pensamentos dos problemas iminentes.

NACIONAIS - ACHERON

Meu celular vibrou e peguei-o para ver a mensagem de Cedrico: Descobri sobre o feitiço me ligue assim que puder. Preciso falar pessoalmente.

Mordi o lábio. Estávamos os três meio deitados no sofá enorme e eu não queria estragar aqueles poucos momentos que tínhamos simplesmente anunciando que precisava sair para discutir feitiços com meu ex. Sentei-me, sentindo o olhar deles e mordi o lábio, nervosa.

— Eu preciso sair.

— Agora? — Izabel franziu o cenho e assenti, levantando-me.

— Desculpe, mas preciso mesmo, é importante — não esperei que eles me dessem permissão, nem me impedissem, peguei o casaco, mandei mensagem para Cedrico e saí.

— Eu vou te pegar — ele falou e escutei os pneus cantando — Estou a caminho — e desligou. Fiquei esperando, olhando em volta para aquela paisagem obscura e dois minutos depois, Cedrico parou em um luxuoso Lexus vermelho. Ele abriu a porta e entrei. Ele não disse uma palavra até que estivéssemos outra vez na estrada.

NACIONAIS - ACHERON

— Então... o que você descobriu? — soltei o ar em meu peito, apreensiva.

— É difícil explicar o significado disso — ele girou o volante para a esquerda e ficou em silêncio até entrar no centro da cidade e parou, nem olhei onde — Eu vou tentar explicar — saímos do carro e ele me guiou até a entrada de um pequeno restaurante com os dedos na base da minha coluna.

Eu não estava com fome, mas talvez aquele fosse o lugar mais apropriado para conversarmos. Ainda eram oito horas e nos sentamos, pedimos tacos e esperamos calmamente antes de sequer abrirmos a boca. Começamos a comer e Cedrico estava nervoso, olhando em volta como se temesse que alguém nos escutasse. Por fim, se sentou ao meu lado, tão perto que arregalei os olhos, sem saber o que ele estava fazendo.

— Eu não posso explicar, então vou exemplificar — ele captou meu olhar, perto demais e paramos no tempo — Eu estou morto, mas preso em algo como... o colar da Lauren em que a colocamos quando você morreu. Não sei como, mas de algum jeito eu encontro uma brecha, um acesso a magia, e saio desse lugar. Como eu sou perigoso, muitos

NACIONAIS - ACHERON

esforços são movidos para me colocar de volta nesse lugar, entretanto... há este feitiço. É um sacrifício, não tenho certeza de que tipo, mas requer sangue... para *me matar*, nesse caso.

— Espere. Então esse feitiço é para matar alguém? Por que não fazer do jeito tradicional? — meu rosto tinha se transformado em pura confusão. Coloquei o cabelo atrás da orelha e ele ergueu os ombros.

— Eu sugiro poderoso demais para chegar perto. Mas tem uma coisa — ele ponderou — Um dos ingredientes é *uma coisa que se ame*, uma coisa que o bruxo que realizar o feitiço ame.

— Então... — tentei juntar as pecinhas na minha cabeça, mas não se encaixavam — Rafael não pretende se sacrificar por isso. Não é ele quem deve realizar o feitiço...

— O que você acha? — avaliei rapidamente minhas conclusões e passei a língua pelos lábios.

— Malcolm é o enigma — ele assentiu, esperando mais —, e Rafael acha que ele pode ter acesso a magia de algum modo. Se for verdade, esse feitiço vai ser útil, mas não será o sacrifício *dele*. Ainda não consegui entender essa parte... —
NACIONAIS - ACHERON

meu cérebro estava a toda, assim como Cedrico que estava mais pensativo do que nunca.

— Também não consigo entender. Se isso tiver mesmo relação com... foi Katherine quem executou o primeiro feitiço, ela deve ser a bruxa a trancá-lo de volta e finalmente matá-lo — virei para frente com a mão no queixo.

Nada daquilo fazia sentido.

— Eu vou perguntar a ele — peguei meu celular que estava sobre a mesa e me levantei. Cedrico fitou-me, confuso, jogou algumas notas sobre a mesa e saímos. O frio da noite me envolveu e olhei a nossa volta. A rua estava estranhamente vazia como nos filmes e Cedrico e nos entreolhamos — O que está acontecendo? — Cedrico sacou o celular do bolso, olhou e guardou-o de volta.

— Não faço a menor ideia — ele se aproximou —, mas não é coisa boa. Não tem sinal — estava muito mais frio do que na hora em que entramos, quando me virei para o restaurante as pessoas tinham desaparecido, deixando a cidade inteira vazia.

Andamos em círculos em torno do centro, o frio cada vez mais intenso e cortante; eu estava

NACIONAIS - ACHERON

tremendo e Cedrico estava pálido.

— O que fazemos? Isso é magia, deve ter um jeito... — meu queixo estava tremendo e meus dentes batiam um contra o outro. Cedrico me lançou um olhar doce e meigo, tão frio quanto eu.

— Eu não faço a menor ideia de como sair daqui — paramos na calçada, coincidente-mente do meu antigo prédio, e ele olhou em volta, depois para mim.

— Preciso... tentar uma coisa — sentia-me fraca, como se alguém estivesse canalizando de mim, mas eu precisava fazer alguma coisa.

Fechei os olhos com as mãos estendidas, não era possível que aquele feitiço era mais forte que toda aquela magia em mim. E eu senti meu corpo absorver aquela poderosa magia, aquela magia maligna que agora estava dentro de mim. A cidade tremeu e abri a boca, gritando, mas não saía nenhum som dos meus lábios, apenas o poder que venha até mim sem parar, as ondulações mais poderosas, a magia era forte demais para eu conter. Então parou e ela começou a sair de mim, como se possuísse meu corpo e minha alma. Meu corpo tremeu com força enquanto aquela coisa deixava

NACIONAIS - ACHERON

meu corpo e Cedrico me segurou antes de eu cair e fitei-o.

— Eu os senti sair — murmurei, tremula e ele me segurou firme. Quando minhas pernas estavam fracas demais, Cedrico agarrou-me e me pegou no colo.

— Está tudo bem — ele olhou em volta —, eu vou nos tirar daqui.

Depois da minha falha tentativa de absorver a magia do feitiço que estava nos prendendo naquela cidade fantasma, Cedrico me levou até meu antigo apartamento e me colocou no sofá, fraca demais, procurando os ingredientes que Jon e Izabel, principalmente ela, guardavam. Ele pegou tudo o trouxe para a sala, colocou na mesinha de centro e começou a revirar a caixa de papelão, organizando alguns dos ingredientes que iria usar.

— O que você está fazendo? — com dificuldade, apoiei a palma no sofá e me sentei atrás dele com meu joelho tocando seu ombro — Eu preciso te ajudar...

— Não, você fez o que podia e está fraca — ele me olhou rapidamente e pegou uma erva. Engoli

NACIONAIS - ACHERON

em seco e levantei — Onde você está indo?

— Eu estou fraca, vou ver se tem alguma bolsa de sangue... — não consegui terminar a frase porque a porta se abriu e um clarão cegante surgiu do corredor. Tapei o rosto com o antebraço, meu corpo curvando-se, e luz diminuiu pude abaixar o braço e abrir os olhos — O que...

Um homem em um terno clássico com um sorriso que me deixou paralisada. Não sabia se era magia ou outro tipo de efeito, mas parei no meio da sala de estar, fitando-o. Seu corte de antigo, o cabelo castanho ondulado caindo pela testa, seus olhos como os de uma serpente e sua pose elegante e sorrisos que me paralisaram. Eu estava tremendo, mas não conseguia me mover, talvez porque meu subconsciente ainda conseguir raciocinar que estávamos presos, que aquele provavelmente era o tão temido Malcolm e só ao fitá-lo eu já estava morrendo de medo.

— Mal... Malcolm? — Cedrico se levantou e parou ao meu lado, sua voz soando trêmula. Malcolm sorriu ainda mais e notei que tinha um copo de uísque com gelo, que deu um gole sem tirar os olhos de nós.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Olá, estranhos.

NACIONAIS - ACHERON

A caixa na forma de coração^[21]

— Olá, netinho — ele deu mais um passo e entrou no apartamento. Eu estava tremendo, quase imperceptível e não conseguia tirar os olhos dele — E... *minha* doce e adorável Juliette — ele saboreou meu nome lentamente e sorriu, caminhando em nossa direção, colocou o copo meio vazio na bancada, apoiou o cotovelo nela e parou a dois metros.

Malcolm era muito mais assustador com toda aquela luz do que Friedrich jamais seria nas sombras e eu podia ver aquilo só de ver seus olhos. Aquele tom castanho, quase dourado, me causava arrepios.

NACIONAIS - ACHERON

— O que está acontecendo?

— Preciso mandar uma mensagem. Não se preocupem, o corpo de vocês está seguro — ele ergueu os ombros, sutil e elegante.

— Você está... vivo? — consegui perguntar.

— Quase — ele deu um sorriso fraco e ficou sério, cada vez mais assustador. Ele fez um movimento com o indicador para que eu me aproximasse e foi como se eu fosse um ímã sendo atraído — Quero te dar uma coisa — ele colocou a mão direita em meu ombro e tirou uma caixinha de madeira, esculpida delicadamente à mão, e coube perfeitamente na minha mão.

— O que é isso? — não podia ser somente uma caixa, mas quando abri estava vazia. Olhei para Malcolm e para a caixa, sem saber se deveria ficar assustada. A coisa era que eu não podia sair dali, eu *tinha* que ouvir o que ele tinha a dizer.

— Você vai saber, por enquanto apenas guarde-a — ele pegou da minha mão e colocou no bolso do meu casaco e me olhou nos olhos, fundo como se cravasse uma faca em meu peito — Quanto a nossa mensagem, apenas... diga a Rafael que se ele não desistir desse *maldito* feitiço eu vou matar cada NACIONAL - ACHERON

pessoa que ele conheceu na vida. É só isso — afastei-me e ele sorriu — Nos vemos em breve, doçura — sua voz desapareceu em meio a uma densa nevoa e Cedrico e eu fomos lançados para fora de seu feitiço.

Abri os olhos, sem saber onde Malcolm teria largado nossos corpos. Fechei os olhos com força e me levantei. Eu estava em algum lugar na floresta, suja de terra, com folhas nos cabelos e nas roupas e uma terrível dor que eu não tinha sentido desde o mundo prisão.

— Cedrico — gritei, andando pela mata fechada sem fazer a menor ideia de onde ele estava ou mesmo se Malcolm tinha nos deixado no mesmo lugar — Cedrico! — gritei mais alto e senti a cabeça explodir.

— Julies — olhei em todas as direções, mas não o vi. Estava escuro e os instintos me guiavam melhor que os sentidos naquele momento — Aqui — ele surgiu e suspirei aliviada quando notei que ele estava bem, ao menos numa primeira olhada no escuro.

Cedrico absorveu o impacto do meu corpo contra
NACIONAIS - ACHERON

o dele e deslizou os dedos pelos meus cabelos. Ele me abraçou por um longo momento, acalmando meus tremores e as lágrimas que surgiram involuntariamente. Ficamos longos minutos daquele jeito, na floresta escura, no meio da noite.

— Você está bem? — ele perguntou, com os lábios em meus cabelos, e fiquei paralisada, sem conseguir responder. Afrouxei o aperto dos meus braços em torno dele, recordando-me que tinha força para machucá-lo e que aquela proximidade era estranha considerando o que tinha acontecido. Por fim, me afastei.

— Eu estou bem e você? Ele te machucou? — ele balançou a cabeça — Onde nós estamos?

— Não faço a menor ideia, mas já se passou muito tempo. Vai amanhecer — ele ergueu o queixo, apontando para o céu escondido pelas copas cheias das árvores.

— Precisamos dar o fora daqui — assenti e começamos a andar, guiados somente pelo senso de direção de Cedrico, checando constantemente o sinal no telefone — São 4h30, podemos... descansar? — engoli em seco e desabei. Cedrico ajoelhou ao meu lado.

NACIONAIS - ACHERON

— Juliette — ele segurou meu braço e apoiei com as costas contra o tronco da árvore —, você está bem? — ele pegou meu celular, que tinha escorregado da minha mão para o chão, e checkou outra vez o sinal antes de guardá-lo. Eu estava muito fraca, faminta, quase humana, mas a fome que eu tinha era diferente.

— Você deve... me deixar aqui — falei com a voz embargada e frágil.

— O que? Do que você está falando? — um junco se formou entre suas sobrancelhas — Olhe para mim — lutei para manter meus olhos abertos.

— Eu não... eu preciso de sangue e não posso machucá-lo, então... vá embora, por favor.

— Não, não vou deixá-la aqui, só fique firme — ele deu a volta e se sentou do outro lado atrás de mim, segurando-me, impedindo-me de cair mesmo no chão.

— O que você está fazendo? — murmurei sem conseguir manter os olhos abertos.

— Alimente-se — ele colocou o antebraço próximo do meu rosto, sua veia estava pulsando acelerada e meu rosto se transmutou rapidamente.

— Eu não posso — falei, mas não consegui me

NACIONAIS - ACHERON

afastar, apenas sentir minhas presas —, você está fraco...

— Eu vou ficar bem, basta saber quando parar — quando nenhum de nós se moveu, ele continuou: — Confio em você — ele murmurou.

Gemi quando a luz do sol atingiu meus olhos e cobri o rosto com a mão, o cenho franzido. Estava na floresta, deitada no peito de Cedrico e me virei, sentando-me. Tinham duas horas que eu o tinha mordido e amarrado minha blusa em torno do seu pulso para estancar o sangramento, de modo que estava só de sutiã por debaixo do casaco.

— Cedrico — mexi nele com cuidado e ele abriu os olhos lentamente, sonolento — Você está bem? — ele gemeu e fechou os olhos com força antes de se sentar com minha ajuda.

— Acho que sim — olhei para trás, onde deveria ser a frente do nosso caminho, e para ele. Cedrico seguiu meu olhar — Precisamos sair daqui — ajudei-o a ficar de pé e caminhamos juntos por uns dois minutos até começarmos a escutar vozes — Me diga que isso não é um oásis... — ele sussurrou.

NACIONAIS - ACHERON

— Não, estou escutando também — não tive tempo de fazer sugestões porque Rafael e Cassandra surgiram do nada, por entre árvores.

— Graças a Deus — Cass começou e Rafael ficou parado, como se não estivesse acreditando no que via —, você está bem — ela olhou para minha blusa no pulso dele e no meu casaco com o zíper fechado até a parte de cima.

— Como nos encontrou aqui? — Cedrico perguntou, cético.

— Recebi sua mensagem de SOS com a localização, mas esse lugar... — ela retorceu os lábios, como se estivesse assustada — Vamos sair daqui.

Seguimos os gêmeos pela estranha trilha que nos levou a um lugar mais estranho ainda onde ficava um pequeno cemitério abandonado, que em nada se igualava a grandeza de Essex. Chegamos ao carro de Rafael, que estava dirigindo, Cass foi na frente e Cedrico e eu no banco de trás. A viagem foi longa e silenciosa. Rafael parou na clínica e saímos do carro.

— Vamos dar uma examinada em vocês — foi a primeira coisa que Joseph disse quando surgiu com
NACIONAIS - ACHERON

aquele sorriso polido e civilizado que remexia com uma coisa estranha dentro de mim, e enquanto eu sentia, sentia também a magia que estava ali entre nós. Supus que aquilo fosse coisa se Malcolm, racionalizando sobre aquilo enquanto Cedrico se afastava na maca com outros médicos da clínica.

— Ele vai ficar bem? — murmurei, ainda parada na entrada ao lado de Joseph.

— Claro, nós sempre ficamos. Vem comigo, vamos examinar você.

Rafael não tinha me dirigido a palavra, mas ainda me encarava, como Cassandra, então assenti, com os braços cruzados na altura do peito, e segui Joseph. Eu tinha certeza que não era o pronto socorro nem nada do tipo. Fomos para sua sala e ele mandou eu me sentar na maca, mesmo que não fosse exatamente um consultório, colocou as luvas e abriu meu casaco, desceu-o pelos ombros até tirá-lo, jogou-o na maca e fitou-me por longos minutos, como se cada parte valesse uma eternidade do seu tempo.

— Então — minha boca estava aberta e passei a língua pelos lábios como se ele fosse um grande bife a minha frente —, essa coisa... acho que é

NACIONAIS - ACHERON

coisa do Malcolm. Eu senti o poder dele e é muito mais forte que eu.

— Quão forte é a magia dele? — ele me fitou mais sério, olhando-me nos olhos com a mão enluvada em minha cintura. Minhas pernas estavam em torno de seus quadris e algo dentro de mim me dizia para eu me afastar, embora não soubesse por que — Mais forte que uma *necromante-bruxa-vampira*, superpoderosa...

— Tão poderoso quanto isso — sorri, sentindo a magia tomar conta de mim, de nós dois, mais forte e mais poderosa que na primeira vez.

— Precisamos ser mais fortes que a magia do Malcolm, ele quer destruir a todos pelos meios mais criativos.

— Eu sei, você precisa ficar longe de mim. Eu vou para NY amanhã, isso vai ajudar — ele assentiu com o olhar calmo em mim, fitando meus lábios e tirou um minúsculo galho do meu cabelo.

— Vai. Divirta-se com seus amigos, eu vou tirar folga — ele continuou acariciando meus cabelos e fechei os olhos, ronronando com seu carinho — e descobrir como consertamos isso e depois...

— O quê? — ergui os olhos até os dele e deslizei

NACIONAIS - ACHERON

o polegar pela sua mandíbula, seu contorno terno e delicado, porém firme e másculo, até seu queixo — Você sabe que isso é errado — ele assentiu.

— E precisa acabar, *vai* acabar.

— E quando acabar, ainda vou guardar seus segredos, não se preocupe. Agora eu preciso ir — afastamo-nos ao mesmo tempo e desci da maca.

— Meu turno acabou — Joseph arrancou o jaleco, exibindo jeans escuro e camisa social azul-clara, jogou a cadeira e se voltou novamente para mim — Eu vou te levar em casa.

—Eu falei com seus pais — ele girou o volante habilmente e entrou na curta estrada de terra, parou na minha casa e saiu do carro. Jon estava na porta com o olhar impassível, observando enquanto Joseph abriu a porta do carro antes que eu tivesse a chance.

— À que devo a honra de um Hamilton em pessoa na minha casa? — não pude determinar se foi sarcasmo ou não. Caminhei até a porta e parei ao lado do meu pai, que fitava Joseph como se ele fosse responsável pelo apocalipse.

— Eu não sou um Hamilton — ele pareceu

NACIONAIS - ACHERON

irritado com a comparação e Jon ergueu os ombros.

— Gostaria de entrar?

— Temos algumas questões para tratar, mas prefiro falar com Izabel — Jon continuou fitando-o com o olhar assassino. Joseph deu às costas e entrou em seu luxuoso SUV e saiu cantando pneu.

— Eu não gosto disso — Jon atravessou a sala com o humor tempestivo e fechei a porta.

— Bem, nem eu, mas isso não é algo que eu tenha escolhido — ele me olhou e se virou, dando-me às costas.

Tomei um banho, coloquei uma roupa e fui para a mansão. Eu queria evitá-los, mas a biblioteca dos Hamilton era o único lugar onde eu poderia encontrar um feitiço que quebrasse o suposto feitiço de Malcolm. Cassandra, Rafael, Cedrico e Alex estavam lá, mas cada um cuidando de sua vida em seus quartos, de modo que encontrei Elena na sala e perguntei a ela sobre um feitiço sem revelar absolutamente nada, claro.

— Acho que posso ter uma coisa assim — ela retorceu os lábios. Sentia-me cada vez mais culpada. Primeiro, eu escondia a filha bastarda do
NACIONAIS - ACHERON

marido dela, depois tínhamos nos beijado, mesmo que por influência de um feitiço. Ela me guiou até a biblioteca e começou a procurar durante meio minuto, pegou um livro com capa de couro e me mostrou em uma página aberta — Isso pode quebrar um feitiço de ligação assim — ela apontou alguns desenhos.

— Do que eu preciso? — olhei aquelas páginas sem entender nada e ela leu com o lábio inferior entre os dentes.

— Seu sangue, o sangue da outra pessoa... uma raiz um pouca rara, mas podemos encontrá-la — ela fechou o grimório com a página marcada — Pode ficar com isso.

— Obrigada — peguei o grimório — Por me ajudar com isso.

Elena deu de ombros com um sorriso radiante: — Não tem de quê — e saiu.

Fui até o quarto de Cedrico e bati, empurrando a porta em seguida.

— Como você está? — ele estava deitado, pela primeira vez com um aspecto meio abatido. Cedrico sorriu e me sentei em sua cama ao seu lado, relembrando um milhão de coisas que

NACIONAIS - ACHERON

tínhamos passado ali.

— Eu vou ficar bem. Espero que não esteja aqui para me oferecer seu sangue, porque sabe que não vou aceitar — pousei a mão na sua, no braço bom, e senti o calor emanar de sua pele, aquecendo tanto quanto seu sorriso débil.

— Quero dizer obrigada, por tudo. Na floresta e naquela coisa maluca na nossa mente... tudo. Obrigada — ele sorriu.

— Você meio que cuidou de mim, então...

— É. Preciso falar com Rafael sobre...

— Acho melhor não — ele segurou meu pulso quando fiz menção em me levantar — Ele ta meio puto com a coisa da floresta. Quero dizer, vocês passaram aqueles dias juntos e agora ele acha...

— Não importa o que ele acha sobre nós dois porque também não tenho nada com ele. O negócio é que isso é maior que as birras de criança mimada dele — Cedrico não disse nada quando levantei-me e despedi-me, saí e fechei a porta.

Demorou alguns segundos até que eu tomasse o sopro de coragem que precisava e batesse à porta de Rafael. Ele perguntou quem era e antes que eu respondesse me mandou entrar.

NACIONAIS - ACHERON

— O que você quer? — ele estava sentado de frente para a escrivaninha e de costas para mim, com camiseta de algodão e calça folgada.

— Preciso falar com você sobre Malcolm. Posso? — ele não me expulsou, então considerei um progresso, fechei a porta e aproximei-me.

— Você acha que sabe alguma coisa sobre ele...

— Ele procurou por mim, não sei por que nem quero saber, mas ele tem uma mensagem para você — continuei me aproximando até parar ao seu lado, olhando para aqueles papéis espalhados e lembrando-me do dia em que eu os tinha revirado.

— E agora vocês são amiguinhos?

— Não, Rafael, isso não é um joguinho — bati a mão espalmada na madeira e o fiz, pelo menos, prestar atenção em mim — Eu o vi, senti sua magia e é forte o bastante para acabar com todos nós num estalar de dedos. Ele quer que você recue.

— E eu não confio em você — ele se virou completamente para mim — Se Malcolm esteve na sua cabeça, não posso mais confiar em você.

— Você está brincando comigo? — bradei, irritadíssima com ele. Brava era uma palavra que nem começava a me descrever naquele momento

NACIONAIS - ACHERON

— Rafael, ele disse que se você não recuar, se não abrir mão do feitiço que está planejando... ele vai matar cada uma das pessoas da sua vida.

— Ótimo — ele soltou o ar no peito —, agora só vou ter que me apressar ainda mais.

— Ele me deu isso — abri a bolsa e peguei a caixa em forma de coração, colocando na escrivaninha a sua frente — Tem algum significado para você?

— Não — ele balançou a cabeça, sério — Eu não vou desistir até que Malcolm esteja morto, Juliette.

— Então se sinta responsável se as pessoas que você ama começarem a morrer — peguei a caixa e guardei na minha bolsa, já em direção à porta.

— Você acha que eu quero isso? — ele finalmente respondeu em um tom sarcástico, mas nem me virei.

— Eu não sei o que você quer — saí e bati a porta.

Elena estava lendo na sala quando desci as escadas e seus olhos automaticamente se voltaram para mim.

— Tudo bem?

— Não — fui sincera, mas não esperei que ela
NACIONAIS - ACHERON

fizesse perguntas até porque eu não sabia o quanto ela estava inteirada no assunto sobre Malcolm, coincidente-mente seu pai.

Fui para a o colégio na hora do almoço, um lugar que eu ultimamente não frequentava e encontrei Lauren se enturmando facilmente para quem nunca tinha frequentado a escola. Sentei-me ao seu lado e esperei pacientemente por sua atenção enquanto ela me apresentava a pessoas chatas que eu não queria conhecer. Por fim, nos levantamos e fomos conversar no corredor.

— Preciso falar com sua mãe — fui bem clara e pude perceber que se tratava de um assunto delicado.

— Você... não pode. Minha mãe não fala com ninguém, muito menos com bruxas, piorou se quiser falar de feitiços. Sem chances — sua expressão estava fechada como aquela mesma expressão na noite em que tínhamos nos conhecido.

— Lauren, por favor, isso é muito importante. Quanto você sabe sobre Malcolm Hamilton? — ela ergueu as sobrancelhas como se eu tivesse contado uma piada.

— Malcolm? Meu Deus — ela gesticulou com

NACIONAIS - ACHERON

um riso sarcástico — Escute, Juliette, eu gostaria de poder ajudar, mesmo. Mas mamãe é idosa e doente e você não quer ser responsável se ela tiver um ataque do coração e morrer, quer?

— Lauren — suspirei, tentando outra abordagem —, Malcolm está prestes a sair... Deus sabe de onde, e Elena vai passar pelo mesmo inferno que sua mãe enfrentou, mas ela não sabe o que fazer e muita gente pode morrer. Pergunte a ela você mesma, ela vai te ouvir.

Sua expressão estava mais suave e ela estava atenta ao que eu dizia.

— Eu vou procurar nos antigos diários para ver se encontro alguma coisa e vou tentar arrancar algo dela. Não estou prometendo nada — assenti com um sorriso que não pude conter.

— Obrigada — por fim, ela sorriu também e deu um tapinha no meu ombro.

— Você vai me dever uma. E eu vou cobrar — ela desapareceu no corredor, deixando aquela névoa duvidosa em meus pensamentos.

Ainda no horário do almoço fui para meu quarto e liguei para Joseph para dizer que descobri como
NACIONAIS - ACHERON

desfazer a ligação mística que Malcolm tinha criado e pedi seu sangue para desfazer o quanto antes. No caso, deveria acontecer ainda naquele dia já que eu iria para NY no dia seguinte.

— Eu devo ir também. Me encontre em Essex à meia-noite.

— Joseph, eu não acho... eu não confio em mim mesma, e acho que nem em você, então é melhor não nos vermos até a ligação ter sido quebrada.

— Juliette, eu sei. Sei de tudo isso, mas não posso largá-la no cemitério sem apoio. Além disso, você não faz feitiços como esse todos os dias, então eu vou e prometo fazer o possível para me manter longe até o vínculo ter sido quebrado. Eu faço questão — acabei concordando e marcamos de nos encontrar lá. Ele disse que conseguiria a tal erva mágica que o feitiço pedia.

Eu ainda não sabia o que fazer com Rafael. Quando achei que as coisas entre nós estavam finalmente se encaminhando, que eu poderia arrancar a verdade dele, Malcolm decidia aparecer e jogar Cedrico e eu naquela maldita floresta. Mandeí mensagem para Ana só para confirmar que iríamos em uma pequena casa de shows do NACIONAIS - ACHERON

Brooklin ver uma banda que gostávamos. Ela respondeu imediatamente dizendo que já tinha comprado os ingressos, e também os ingressos para a exposição que iríamos no sábado.

Ao menos uma coisa estava bem encaminhada. Além disso, depois da meia-noite o vínculo com Joseph já teria sido quebrado e eu poderia me concentrar em Rafael, ao invés de ficar pensando em agarrar seu pai e beber o sangue dele. Parei com os pensamentos sanguinolentos quando Alex bateu em minha porta e o mandei entrar.

— Você não costumava bater antes.

— Eu sei, mas aquilo era rude, além disso, faz ideia do que já vi nesse colégio por entrar sem bater? — ele fechou a porta e se aproximou — Até no meu próprio quarto.

— Está pegando a Lauren? — ele ergueu as sobrancelhas e fez um biquinho involuntário antes de se sentar ao meu lado.

— Não, claro que não. Eu tenho namorada, agora é sério. Até levei Cassie para conhecer meus pais — assenti — O que está acontecendo com você? Não te vejo por aqui desde segunda, só apareceu na aula de teatro para uma *conversa estranha* com seu NACIONAIS - ACHERON

ex-estranho, rejeitou o papel na peça... devo me preocupar?

Inclinei o rosto, como um cãozinho sem dono que precisa de carinho atrás da orelha e Alex ofereceu-me o ombro.

— Está tudo uma bagunça. Achei que depois que eu voltasse meus únicos problemas fossem: controlar a fome, controlar a magia. Mas agora tudo começou acontecer de repente. Todos estão no meio dessa tempestade. É calma, mas eu a sinto se movimentar em nossa direção. Literalmente.

— O que você quer dizer?

— Rafael está prestes a fazer uma merda enorme e não sei como evitar, agora ele não está falando comigo porque me viu com Cedrico e não confia em mim porque o avô maligno dele entrou na minha cabeça. E, pra completar, eu e Joseph temos um vínculo, uma droga de *ligação* — suspirei, feliz por finalidade poder desabafar com alguém.

— O que significa essa coisa de vínculo, ligação...

— Uma coisa ruim — expirei com força e fechei os olhos — Mas esse é o menor dos problemas, porque vamos resolver. Eu só... preciso fazer

NACIONAIS - ACHERON

alguma coisa antes que seja tarde demais.

— Por que precisa ser você? — levantei o rosto e Alex fitou-me por um longo momento.

— Porque se eu não fizer... acho que ninguém mais vai impedir Rafael de fazer essa coisa estúpida que eu nem sei o que é ainda, só tenho o feitiço que não consigo decifrar.

— Você deveria falar com Cassie, ele a escuta. Ela é a gêmea dele e acho que se Rafael não fala com você... ele pode falar com ela.

— Rafael não me perdoaria se eu fizesse isso, ele não contou a ninguém. Só a Jane... *isso* — pulei da cama com um sorriso entusiasta — Eu vou fazê-la falar.

Cedrico, Alex, eu e alguns outros alunos ficamos pintando o cenário até às cinco, cheios de coisas para fazer e perdendo tempo com aquela coisa ridícula. Fingi que estava passando o pincel em alguma coisa e me aproximei de Cedrico.

— Está melhor?

— É, eu to bem — ele continuou focado na pintura.

— Precisamos ir ver Jane, ela é a única que sabe
NACIONAIS - ACHERON

o que Rafael está escondendo — falei baixo, olhando em volta, me sentindo uma agente da CIA.

— Não podemos *forçá-la* a falar, ela é minha avó, é idosa...

— Não vamos torturá-la, Cedrico. Não seja ridículo. Jane queria que Rafael me contasse a verdade e escutei-a pressioná-lo para que me contasse. Se falarmos com ela do jeito certo, tenho certeza que ela vai ceder — Cedrico me olhou de cima e concordou.

— Tudo bem, vamos hoje. Quero acabar com esse mistério o quanto antes.

Comportamento incômodo

Jane abriu a porta com um sorriso simpático, mas diferente do sorriso radiante que ela sempre tinha a oferecer. Entramos e não esperei que ela oferecesse chá e biscoitos, sentamo-nos e fui direto ao assunto. Jane se acomodou na poltrona e sorriu.

— Algum problema? — ela tomou um gole de seu chá de hortelã, que tinha o cheiro irritante para minhas narinas apuradas demais. Torci o nariz.

— Sim, todos. Seu ex-marido é o primeiro deles e a volta dele... bem, queremos saber o que Rafael está planejando e impedi-lo antes que ele faça alguma bobagem — antes que Jane dissesse alguma coisa, peguei as folhas do feitiço em minha bolsa e

NACIONAIS - ACHERON

entreguei-a. Jane avaliou os papéis e balançou a cabeça como se uma catástrofe estivesse prestes a acontecer.

Localizei o relógio na parede e notei que já eram 9h50. Nosso trabalho no colégio tinha durado muito mais do que tínhamos pensando e tivemos que ficar trabalhando lá até muito tarde se quiséssemos tirar uma folga no fim de semana, e eu tive que fazer toda a minha parte em um dia já que estaria em NY na noite seguinte. Jane abaixou a mão e suspirou.

— Eu não posso trair meu neto dessa maneira. Eu me preocupo, eu o amo, mas não posso fazer isso.

— É um sacrifício de sangue. É ele, não é? — Cedrico arregalou os olhos diante da minha conclusão, talvez precipitada. Levantei-me, de repente meus olhos estavam marejados e foi como se eu tivesse certeza — Cedrico, precisamos ir.

Ele se levantou, sem entender e me seguiu até a porta, sem tempo para despedidas.

— Juliette, espera — Jane me chamou, mas eu já tinha aberta a porta do carro.

— Para a mansão dos Hamilton — falei para o motorista e esperei Cedrico entrar, ainda fitando

NACIONAIS - ACHERON

Jane.

— Juliette — seu tom foi desesperado —, tome cuidado.

Demorei alguns segundos para assentir e entrei no carro.

Corri até a porta em uma velocidade vampira que o motorista e Cedrico não conseguiriam acompanhar nem com o olhar. Em dois segundos eu já estava no quarto de Rafael. Ele estava de pé, usando apenas calça, com a camisa nas mãos, e o empurrei até a parede com o antebraço em sua garganta. Eu era bem mais baixa que ele, mas naquele momento soei bem mais assustadora.

— Seu filho da puta, é isso que você estava planejando? Se matar? — apertei sua garganta com ainda mais força. Tinham lágrimas em meus olhos, eu estava furiosa, e esperei que ele confirmasse, tremendo de raiva, mágoa, decepção e mais um emaranhado de sentimentos confusos.

— Eu não ia me matar, achei que você pudesse fazê-lo — ele falou com a voz estrangulada e larguei-o; o ódio inundando cada célula do meu corpo — É assim que funciona. Se você quer

NACIONAIS - ACHERON

vencer a guerra tem que estar pronta para perder aqueles que ama.

— Você é tão... — as palavras se perderam em minha garganta, as lágrimas embargaram minha voz e enfiei o rosto entre mãos sem conseguir respirar — Você é tão egoísta! — o nervosismo me fazia tremer tanto quanto se eu estivesse hipotérmica e humana.

— Não, *you* é egoísta — ergui os olhos até os ele, que me olhava como se não falássemos de algo tão importante, tão vital. Rafael gesticulou em minha direção, dando alguns passos a frente —, eu estou fazendo uma coisa que vai destruir o mal em pessoa e você só se importa com seus próprios sentimentos.

— Você é um covarde — saí do estado de inércia e avancei em sua direção, esmurrando seu peito com toda a minha força e Rafael agarrou meus pulsos — Você quer simplesmente se matar em um feitiço de merda — ele me segurou; meu peito contra o dele com força — sem se importar quem vai magoar. E quando Malcolm se for? — não conseguia evitar as lágrimas que escorriam pelo meu rosto, mesmo lutando para evitar.

NACIONAIS - ACHERON

— Pare, Juliette — ele falou calmamente e parei com o lábio inferior tremendo e um choro convulsivo em meu peito. Eu não podia aceitar aquilo simplesmente e deixá-lo ir, nem sair daquele quarto sem convencê-lo de que ele estava fazendo uma bobagem — Para — ele murmurou e pressionou meus cotovelos em seu peito — Eu sinto muito, mas esse é o único jeito...

— Não, não... tem outro jeito. Você não pode simplesmente... fazer isso. Por favor — puxei meus braços com força e bati novamente em seu peito. Surpreendentemente, Rafael me puxou para seu peito e me abraçou, jogando os braços em torno de mim e abraçando-me com força — Eu sei que Lauren é a chave do feitiço e que você quer substituí-la.

Ele se afastou lentamente e limpei as lágrimas com as costas das mãos.

— Você está certa. Como sabe disso? — ele franziu o cenho.

— Eu deduzi. A mãe de Lauren foi a regente que aprisionou Malcolm e o feitiço requer algo que a bruxa ame, então Katherine teria que matá-la, mas... — consegui assumir meu lado mais frio e

NACIONAIS - ACHERON

me afastei, gesticulando. Rafael parecia surpreso por eu ter concluído aquilo sozinha — ela não poderia. Então, se você está envolvido nisso, e não deveria estar, é porque fez uma transferência de magia de algum objeto que contenha a magia de Katherine e que agora pertence a Elena. Então eu pensei: não foi Lauren quem criou o colar que você usou para me colocar no mundo prisão quando eu morri, foi Katherine e ela deu para a filha, que deu para você.

“E enquanto eu estava *morta*, você guardou meu corpo com feitiços de ocultação que me mantiveram segura. E nada mais lógico que guardar o colar, muito bem guardado. Com Elena. *Elena* lançou o feitiço sobre o caixão, na cripta e guardou o colar porque se fosse destruído eu morreria de verdade dentro do mundo prisão. Então, a magia de Katherine foi transferida para a atual regente, logo, Elena pode realizar o feitiço. Você acha que ela não se importa com você e que pode matá-lo se você pedir. Para completar o feitiço.

Rafael apenas me olhava, cético.

— Juliette. Você está completamente certa —
sentei-me aos pés da sua cama e Rafael não tirou os
NACIONAIS - ACHERON

olhos de mim — Como você descobriu tudo isso sozinha?

— Eu passei muito tempo no mundo prisão e o tempo lá passa muito mais devagar que aqui, foram como meses e meses, não só quatro. Eu li muita coisa, aprendi muitos feitiços e voodoo, até magia negra. Eu só não entendi onde Eva se encaixa nisso — ele se sentou ao meu lado.

— Eu queria que Lauren, assim como todo mundo, achasse que eu tinha superado nosso relacionamento, embora eu nunca tenha tido a intenção de voltar com ela. Eu estava preso entre Lauren e você, então achei que um namoro de fachada ia resolver as coisas. Eu não sou do tipo que fica solteiro por muito tempo, então tentei manter esse status fictício enquanto buscava uma cura para o veneno e um meio de salvar Lauren. E ainda impedir que Malcolm acordasse de seu sono.

Depois de tudo o que tínhamos dito um para o outro, apenas ficamos sentados por uma eternidade, lado a lado, sem nos tocarmos ou sequer nos olharmos, então me lembrei de algo e dei um pulo da cama ficando de frente para ele.

— Existe um feitiço, no *Liber Spiritus*. Li aquele
NACIONAIS - ACHERON

livro de trás para frente uma centena de vezes, Rafael. Tenho certeza que tem um feitiço para isso, mas tinha um ingrediente que não consegui descobrir o que era... — meu celular começou a tocar, vi que era Joseph e tive que atender, afastando-me de Rafael e falando baixo perto da porta.

— Está tudo bem?

— Sim, está tudo bem. Eu ainda tenho uma hora. Pegou a raiz?

— Claro, só preciso do seu sangue e nos encontramos daqui a pouco — ele desligou e me voltei para Rafael, que ainda tinha a expressão fechada, porém eu via aquela centelha de esperança em seu olhar.

— Eu vou encontrar uma saída, só preciso daquele ingrediente... — catei minha bolsa do chão e saí praticamente correndo — Eu prometo.

Cheguei vinte minutos antes do horário e Joseph estava na porta com seu carro de um milhão de dólares, vestindo sobretudo e tive a ligeira impressão que ele tinha saído de Hollywood; um Kevin McKidd uns dez anos mais novo e, de algum

NACIONAIS - ACHERON

modo, mil vezes mais gato e irresistível. Com ou sem vínculo, eu não poderia perder o controle. Eu tinha que me concentrar em achar aquele feitiço e salvar Rafael e Lauren, mas, por enquanto, eu deveria me concentrar em me livrar do vínculo. Entramos em Essex, que estava completamente vazio e Joseph tinha uma daquelas malas milionárias, que, segundo ele, continha tudo o que precisaríamos.

— Onde vamos fazer? — ele parou quando perguntei e colocou a mala na primeira tumba, abriu-a, tirou uma daquelas tigelas estranhas, velas, e misturou algumas ervas. Peguei a adaga em minha bolsa e cortei sua palma diagonalmente e Joseph franziu o cenho, depois cortei minha palma, segurando sua mão e murmuramos o feitiço ao mesmo tempo.

As velas se acenderam, as chamas altas e a magia começou a nos envolver lentamente, mas o feitiço estava funcionando. Estávamos repetindo o feitiço cada vez mais alto e abri os olhos de repente. Tinha sangue no nariz de Joseph e coloquei a mão direita em seu ombro, sem quebrar nossa ligação de sangue, e agitei-o. Ele tremia, frio. Soltei sua mão,

NACIONAIS - ACHERON

quebrando o feitiço, as velas se apagaram e ele caiu.

— Joseph — chamei-o e fiz massagem cardíaca. Eu não fazia a menor ideia do que fazer, então chequei os sinais vitais, se ele estava respirando. Quando achei que alguma coisa tinha acontecido, ele se sentou, tomando fôlego como se tivesse acabado de mergulhar profundamente — Ei, você está bem?

Ele olhou em volta, depois fixou seus olhos em mim.

— Eu estou bem. O feitiço funcionou — ajudei-o a levantar e ele se apoiou nas tumbas enquanto eu tirava as velas — Deixe tudo aí, só guarde o livro na maleta e vamos embora.

Fiz o que ele disse e levei sua maleta. Ele parecia fraco demais para fazer qualquer coisa além de respirar. O problema de Essex é que era grande demais e me perdi duas vezes.

— Joseph, tome meu sangue — mordi o pulso e coloquei em sua boca. Ele hesitou, então o bebeu. Ficamos mais uns minutos lá antes de sairmos — Oh, meu Deus — chequei os sinais vitais do motorista quando o vi caído no chão, só para ter

NACIONAIS - ACHERON

certeza que ele estava morto.

Eu ainda estava boquiaberta quando Joseph me puxou pelo cotovelo e encostei o rosto em seu peito, tremendo e em choque. Joseph me agarrou quando tive certeza que iria cair.

— Precisamos dar o fora daqui — assenti, tentando me acalmar. Joseph me afastou para me olhar nos olhos — Estou meio tonto, você dirige.

— Joseph, eu não... eu não dirijo — ele pousou as mãos em meus ombros com aquele olhar intenso sobre o meu, acalmando-me aos poucos até que eu conseguia respirar outra vez.

— Olhe para mim. Você sabe como fazer e precisamos dar o fora daqui, então, por favor... — ele enfiou a mão no bolso e colocou sua chave delicadamente em minha mão — Pegue minhas chaves e dirija.

Respirei fundo e assenti, sem saber como exatamente faria aquilo quando nem podia chegar perto daquela coisa. Entramos no carro dele e liguei para Jon enquanto dava a ré, nervosa.

— O motorista está morto...

— Como assim? O que houve? — girei o volante e consegui entrar na estrada de terra sem enfiar o
NACIONAIS - ACHERON

carro nas árvores.

— Eu não sei, só sei que ele... — balancei a cabeça perturbada e senti o olhar de Joseph em mim.

— Tudo bem, quer que eu te busque?

— Não, eu estou... dirigindo — inspirei fundo — Te vejo mais tarde.

Desliguei o celular e minhas mãos começaram a tremer. Joseph colocou a mão em meu braço, fazendo-me virar por alguns segundos: — Está tudo bem — assenti e continuei, olhando para todos os lados. A viagem foi horrível, eu me sentia nervosa o tempo inteiro, em pânico, como se fosse enfiar o carro em qualquer poste no caminho, mas de algum jeito, consegui parar na casa dos Hamilton.

— Tudo bem? — virei para Joseph e nos encaramos por um longo momento até que comecei a rir histericamente.

— Você fez isso de propósito, não tinha... tontura nenhuma — ele deu um soco de leve no meu braço, sorrindo.

— Você conseguiu.

— Por falar em *conseguir*... eu vou encontrar um jeito de nos livrarmos desse Malcolm. Antes que
NACIONAIS - ACHERON

ele machuque alguém. E por falar em Malcolm... você é casado com a filha dele — foi como se eu tivesse acabado de me dar conta daquilo e ele assentiu, esperando-me continuar —, vocês se conheciam?

Ele ergueu os ombros.

— Não muito, só em uns jantares de família há muito tempo antes de ele ser realmente banido — Joseph ergueu os ombros, olhando para frente.

— Como você acabou nessa família? — ele se virou com um sorriso débil.

— É uma longa história. Eu te conto qualquer dia desses, aliás, você é a guardiã de todos os meus segredos. Nada mais justo — ele deu de ombros e assenti.

—Eu sou paciente. E acho que devo escrever sua biografia — ele tirou o cinto e saímos do carro ao mesmo tempo em que vi Rafael sair da mansão. Seu rosto era completamente confuso, quando me viu sair do carro com seu pai. Ele se aproximou desconfiado.

— Achei que estivesse com o *Liber Spiritus*...

— É, tive que fazer uma coisa primeiro, mas eu vou em casa e...

NACIONAIS - ACHERON

— O motorista dela foi assassinado e há uma enorme possibilidade de ter sido Malcolm — Rafael olhou para o pai como se tentasse decifrar sua expressão. Talvez ele já tivesse sacado que tinha alguma coisa errada acontecendo entre Joseph e eu, mas ninguém jamais saberia, então pude respirar fundo e voltar minhas atenções mentais para o livro amaldiçoado.

— Onde?

— Em Essex — fiquei parada e deixei Joseph responder as perguntas, mas aquilo estava ficando cada vez mais estranho — Rafael, você pode levá-la para casa? Pode usar meu carro.

Antes que Rafael concordasse, Joseph passou por ele e entrou na mansão. Ao menos ele conseguia mentir e omitir melhor que eu. Dei a volta no carro e entramos ao mesmo tempo. Ele não saiu imediatamente, ficou esperando por alguma coisa, qualquer coisa.

— O que diabos está acontecendo entre você e o meu pai? — Rafael ligou o carro e fiquei em silêncio.

— Nada, nós só...

— Você me disse que não dirigia mais, por conta

NACIONAIS - ACHERON

do mundo prisão — ele olhou para mim enquanto dava a ré — E trouxe meu pai em casa, seu motorista aparece morto, você saiu do meu quarto depois de alguém te ligar. Por acaso estão armando alguma coisa?

— Rafael, não...

— O que estava fazendo em Essex com meu pai? — franzi o venho, boquiaberta, sem fazer a menor ideia do que inventar. Antes que eu tivesse que mentir para ele, meu celular tocou e peguei-o, surpresa quando vi o nome de Cassie na tela.

— Cass, está tudo bem?

— Julies, sou eu — olhei para Rafael, mais que preocupada quando escutei a voz desesperada de Alex.

— O que está havendo?

— Eu... eu não sei. Cass simplesmente apagou e ela parece estar tendo um pesadelo... eu não sei o que fazer — embora nem eu soubesse, tentei acalmá-lo, trêmula e assustada com tudo aquilo.

— O que está acontecendo? — Rafael estava tão nervoso quanto eu e Alex juntos e nem tinha escutado o mesmo que eu. Ignorei-o sem saber como falar sobre sua gêmea.

NACIONAIS - ACHERON

— Fica calmo, onde exatamente você está?

— No colégio. No refeitório do colégio — ele estava desesperado e eu não sabia o que dizer a ele, só a Rafael. Mande-o ir para o colégio e desliguei depois de dizer a Alex que estaria lá em cinco minutos.

— Malcolm... acho que ele está na cabeça da sua irmã — ele arregalou os olhos e ficou sem palavras durante alguns segundos. Encolhi os ombros e ele esmurrou o volante, pisando no acelerador.

— Porra. Eu vou matá-lo se ele encostar na minha irmã — ele rosnou a quase 160km/h com uma expressão que me assustou.

— Rafael, você precisa se acalmar — peguei meu celular e liguei para Jon, que atendeu com a voz sonolenta. Lembrei-me que estava tão e ele deveria estar dormindo — Pai, eu preciso de um favor.

— O quê? O que está acontecendo?

— Eu preciso do *Liber Spiritus* no colégio. Você pode levá-lo para mim? É muito importante, mas não tenho tempo para explicar — realmente não tínhamos tempo. Rafael parou na porta do colégio e saímos do carro, notando que estava mais frio que o habitual, lembrando o que a magia maligna de NACIONAIS - ACHERON

Malcolm tinha provocado em mim quando ele entrou na minha cabeça.

— Tudo bem, eu chego aí em quinze minutos.

— Venha o mais rápido que puder, por favor — desliguei o celular, contemplando aquele lugar amaldiçoado e cheio de magia. Rafael também sentiu o que o prédio emanava, porque ele parou, apoiando-se na porta aberta.

— Eu o sinto.

— Fique aqui — eu sabia que ele não ia ficar, mas cheguei ao refeitório em dois segundos, mais rápido que sua velocidade humana permitiria. Estava escuro, iluminado somente pela luz da lua que entrava pelas janelas de visão panorâmica, e vi Alex sentado ao lado de Cassie, deitada no chão em um sono calmo e tranquilo.

— Julies — ajoelhei ao lado dela e fitei-a, checando os sinais vitais, fracos, então voltei o olhar para Alex.

— Alex, você precisa me dizer exatamente o que aconteceu.

— Eu não sei. Ela caiu. Achei que tivesse desmaiado, mas... ela começou a murmurar alguma coisa em latim, depois parou. Ela vai ficar bem, não

NACIONAIS - ACHERON

vai? — engoli em seco e fiquei sem saber o que dizer. Rafael surgiu e me tirou da posição de ter que dar respostas que eu não tinha. Ele ajoelhou ao lado de Cassandra e segurou a mão dela.

— Não toque nela, Jon vai chegar aqui em cinco minutos — Rafael ergueu o olhar até o meu com o cenho preocupado e assustado antes de assentir. Alex parecia traumatizado com tudo aquilo, sentado no chão.

— O que você pretende fazer?

— Eu... — fiquei de pé, enfiando os dedos nos cabelos — Tem um feitiço... precisamos acordá-la antes que Malcolm faça alguma coisa.

— Espera, quem é Malcolm? — Alex alternou o olhar entre Rafael e eu.

— Meu avô, mas ele não é... um cara bom — Rafael falou, cabisbaixo, em seguida ergueu o olhar em minha direção — Não conheço esse feitiço, mas posso fazer se tivermos...

— Ahn... você não pode — Jon me interrompeu ao passar pela porta com o livro na mão. Respirei fundo trocando olhares entre Rafael e meu pai, que se aproximou e entregou-me o livro — Eu vou — coloquei o *Liber Spiritus* sobre a mesa e Rafael

NACIONAIS - ACHERON

levantou-se do chão num pulo, largando o braço da sua irmã com cuidado para vir até mim enquanto eu folheava as páginas, procurando pelo feitiço.

— Tem certeza? — Rafael procurou alguma confirmação em meus olhos, mas eu estava ocupada demais tentando ser mais rápida do que eu poderia ser.

— O que está acontecendo?

— Malcolm está aqui de alguma forma... eu posso senti-lo — passei as páginas mais rápido e com mais força até achar o feitiço. Bati a mão no livro e me virei — É esse. Posso canalizar de você? Não quero correr riscos na cabeça da Cassie...

— Tem certeza do que está fazendo? — Jon indagou e me virei. Ele olhou para o corpo de Cassie, para um traumatizado Alex e por fim para Rafael e eu, lado a lado, com o olhar apreensivo.

— Tenho — balancei a cabeça e passei os olhos pelo feitiço para ter certeza, engoli em seco — Estou preparada.

Caminhei até Cass com os braços cruzados na altura do peito, tentando estar o mais segura possível do que estava fazendo, mas a verdade é que eu não sabia se funcionaria, se eu era forte o

NACIONAIS - ACHERON

bastante para lutar contra Malcolm, nem que fosse na cabeça de Cassandra. Olhei para Alex, que olhava para Cass como se ela estivesse morta, mas preocupado, assim como todos nós. Eu sabia o que ele estava pensando, o que todos nós estávamos pensando, mas que ninguém tinha coragem o suficiente para dizer em voz alta: eu estava fazendo um movimento arriscado e ela poderia não acordar.

— Alex, eu preciso que saia — ele levantou a cabeça — As coisas podem ficar ruins e você está vulnerável, você entende? — ele não parecia nem estar me ouvindo, então franzi o cenho, com aquele truque vampiro do olhar, inclinando meu rosto em sua direção — Eu vou fazer *tudo* o que eu puder para trazê-la de volta... — ele finalmente assentiu e levantou-se.

—Você está bem? — assenti diante da voz doce de Rafael atrás de mim, meus braços apertados em torno de mim mesma.

— Vamos fazer logo isso — ajoelhei no chão, coloquei as mãos em sua cabeça, concentrando-me e fechei os olhos. Rafael fez o mesmo diagonalmente em minha direção. Seu rosto era

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

uma máscara de preocupação, anuí, fechando os olhos.

NACIONAIS - ACHERON

O fantasma ao longo do Mississippi

Entrar foi como mergulhar fundo no oceano e sentir os pulmões queimarem. Rasgando a água com as mãos, em desespero, tentando respirar. Mas quando passei pelo limpo, tudo se transformou em calma e limpidez. Tomei um fôlego enorme e abri os olhos; algo tinha surgido e dei alguns passos para ter certeza que era real.

Eu estava na mansão, mas não se parecia exatamente com a mansão que eu tinha visto mais cedo, e sim a versão de 1992. *A versão* do mundo prisão. A porta estava atrás de mim, então caminhei até a sala, cada passo dado com uma hesitação maior do que achei que teria, olhando para todos os

NACIONAIS - ACHERON

lados, apreensiva. Passei a língua pelos lábios, lentamente e subi as escadas com toda a coragem que consegui reunir. Comecei abrindo as portas, uma a uma, começando pelo quarto de Cedrico, que era o primeiro, depois o de Renée, Rafael e o de Elena e Joseph, propositalmente deixando o de Cassandra por último. Nada parecia diferente do mundo prisão, era a mesma solidão, o mesmo frio, exceto pelo momento em que me aproximei do quarto de Cassandra, com os dedos trêmulos ao pousá-los sobre a maçaneta e girei-a, tomei um sopro de ar fresco e empurrei-a com uma nova energia, mas estava vazio. Sem pistas de Cass, mas havia um bilhete sobre a cama, um que com certeza não estava lá duas décadas antes, e peguei-o, suando frio.

Tente de novo. Dessa vez naquele galpão abandonado que vocês chamam de boate agora. Seja rápida, doceira.

Fiquei parada por alguns segundos antes de enfiar o bilhete no bolso do jeans que usava e saí correndo. Na sala, peguei uma chave qualquer e

NACIONAIS - ACHERON

corri até a garagem e destravei o Mustang antigo, entrei nele e corri pela cidade. Eu não sabia o que Joseph tinha feito comigo, e parecia ter acontecido há uma eternidade, mas eu não sentia mais aquela fobia estranha e desesperadora. Tinha se transformado em algo comum e banal pegar o carro e sair por aí quando aquilo teria me matado antes; alguns meses antes, quase literalmente. Meus pensamentos estavam inquietos e eu estava ansiosa, assustada, e repentinamente faminta.

Precisava entrar e sair logo, levar Cassie em segurança para casa, como eu tinha dito à Rafael que faria, antes que a magia de Malcolm se tornasse forte demais em mim, antes que minha própria magia, mesmo com a de Rafael, se consumisse e eu acordasse antes que pudesse ajudar Cass. Parei na frente do velho galpão, caindo aos pedaços, ao contrário de como estava agora, e suspirei antes de sair do carro, andei até a porta e entrei.

Estava escuro e fiquei paralisada na porta, não só pela completa escuridão, mas depois de sentir aquela magia maligna que eu sempre sentia na presença dele, até escutar o som cadente e

NACIONAIS - ACHERON

aveludado da voz de Malcolm. Minha pele se arrepiou antes que meu olhar o procurasse e encontrasse na plataforma acima do chão, de pé como se tivesse luz própria.

— Olá, docinho. Não achei que fôssemos nos ver novamente tão cedo — ele estalou os dedos e tudo se iluminou. Meu queixo caiu no mesmo segundo e a magia que emanava dele pareceu cessar instantaneamente quando senti o cheiro do sangue e vi Cass.

Ela estava amarrada ao teto com uma corrente em torno dos seus pulsos, seus pés acima do chão e parei de respirar por cinco segundos, fitando-a, inconsciente, e em segundos parei ao seu lado, erguendo os braços para alcançar o gancho que prendia as cordas que cortavam seus pulsos. Malcolm se movia como um espectro e Cassandra se moveu, gemendo lentamente como se acordasse de um longo sono. Fitei Malcolm, cada vez mais próximo e soltei Cass, que desabou no chão, fraca e esgotada, mas ele chegou até nós, impediu-me de chegar perto e nos tirar de lá, de repente colocando a minha frente.

— Não tão fácil assim, docinho.

NACIONAIS - ACHERON

— O que você quer? — minha respiração se perdeu em minha garganta e Malcolm me observou, calmo e sério.

— Chamar sua atenção — ele me ofereceu um sorriso pra lá de macabro e estremei. Ele andou em círculos em torno de mim — Eu sabia que um de vocês viria e se tivesse sorte... bem, eu tenho sorte.

— O que você quer falar comigo? — ele não respondeu imediatamente e continuei: — Aquela caixa que você me deu...

— É um presente, Julies — ele falou, lento e arrastado e ficou de frente para mim outra vez, encarando-me friamente.

— O que quer que queira falar comigo... deixe-a ir — em um segundo, ele me encarava, no outro estava ao lado, segurou Cass pelo cotovelo e a colocou de pé, embora ela não parecesse ser capaz de fazê-lo sozinha.

— Olhe para ela — fitei-os, a um metro de mim e fiquei sem reação, sentindo-me fraca por não conseguir fazer nada, mas Malcolm me deixava prostrada, sem movimentos — e me diga o que vê.

— Isso é algum jogo doentio? — franzi o cenho e
NACIONAIS - ACHERON

respirei fundo. Malcolm andou e forçou-a a fazer o mesmo, tão fraca que teria caído se ele a soltasse. Foi então que notei o que ele quis dizer, realmente *olhando* para ela quando Malcolm puxou a aba do seu sobretudo. Ela estava coberta de sangue, literalmente, parecendo facadas ou coisa pior. Recuei alguns passos com os lábios entreabertos — Fique longe de mim.

— Está sentindo isso dentro de você? — ele riu — Você nunca perdeu o controle. Você é uma vampira, precisa se alimentar. *Direto da veia* — minhas presas se alongaram e meu sangue ferveu, meu rosto se transmutou para outro e o sorriso dele se tornou mais largo. Ele deslizou os dedos pelo pescoço dela e estendeu-os em minha direção — Sente o cheiro disso?

— Pare! — recuei mais um passo, perdendo o controle rápido demais para pensar em um plano para nos tirar dali, enlouquecendo. O sangue dela atraía tudo dentro de mim, despertava aquele desejo insaciável e despertava meu lado vampiro mais assassino, o lado pelo qual eu não possuía o menor controle — Malcolm... — Cass abriu os olhos completamente e tentou lutar contra Malcolm

NACIONAIS - ACHERON

enquanto eu continuava a me afastar com meu último resquício de humanidade.

— O quê? Você não quer? — sua mão ainda estava erguida e fechei os olhos, tentando me controlar para não avançar contra ela e beber seu sangue — Ou não pode? — ele abaixou o braço, olhando para Cassie e aproximando-se enquanto ela ainda se debatia.

— Eu não posso machucá-la, apenas... deixe-a ir, ta? Por favor — seus olhos estavam arregalados e cheios de medo.

— Não pode se alimentar dela? Você não hesitou quando se alimentou de Rafael para completar a transição, ou de Cedrico na floresta — ele estava se aproximando. Assustadoramente — Ou de Joseph no consultório dele — ele olhou para Cass sorrindo, que estava boquiaberta, e então para mim, divertindo-se — Você não contou a ninguém, não é?

— Por favor... — ele se voltou para Cassandra.

— Você sabia que seu pai estava dando uns amassos na Juliette? — sua expressão era completamente confusa e chocada, mas machucada demais para demonstrar qualquer reação mais

NACIONAIS - ACHERON

profunda. Então agi. Lancei-me sobre Malcolm e joguei-o no chão, cravando os dentes em seu pescoço — Vou te deixar vencer dessa vez — foi a última coisa que ele disse antes de eu quebrar seu pescoço.

Levantei-me e agachei ao lado de Cass: — Você está bem? — meu rosto voltou ao normal e ajudei-a a se sentar.

— É verdade? O que ele disse sobre... — ela não terminou a frase e fitei-a, sem responder como se pudesse evitar aquilo, odiando Malcolm ainda mais por ter lançado o feitiço e me fazer parecer culpada depois. Embora eu tivesse minha parcela de culpa, não era exclusivamente minha ou de Joseph. Cassie ignorou minha ajuda e ficou de pé com o braço em torno de si, tremendo.

Revirei os olhos, desistindo.

— Vamos, eu vou nos tirar daqui.

Eu estava no chão quando acordei, mas graças a Deus, ou qualquer divindade, eu tinha conseguido, porém, quando me levantei, Cass ainda estava adormecida perto de mim. Minha cabeça estava explodindo e fiquei de joelhos ao seu lado para

NACIONAIS - ACHERON

checar seus sinais vitais, instáveis.

— O que aconteceu lá? — ignorei a pergunta de Jon e mordi meu pulso, colocando em sua boca.

Eu já sabia o que todos eles pensavam sobre aquele método de cura, mas sabia também que Rafael a amava demais para me impedir, ainda mais enquanto ela sangrava até morrer. Ela começou a se curar, ao menos o que eu conseguia ver, e desabei no chão com as costas apoiadas contra a bancada onde geralmente eram servidas as refeições. Meu coração estava mais acelerado que o normal, o que geralmente acontecia somente quando eu estava faminta, sentia-me frágil depois do feitiço e me sentia humana demais, frágil demais para lutar contra qualquer coisa. O feitiço requeria uma quantidade enorme de magia que tinha me desgastado demais, mesmo canalizando de Rafael e Jon, ao mesmo tempo: — Você está bem? — balancei a cabeça, incapaz de dizer qualquer coisa quando Rafael perguntou, mas ele se voltou rapidamente para sua irmã que se moveu de maneira quase imperceptível e abriu os olhos. Seus cabelos dourados estavam espalhados pelo chão e ela abriu os olhos, sentando-se como se estivesse se

NACIONAIS - ACHERON

afogando, colocando a mão esquerda instintivamente sobre a barriga onde sua blusa ainda estava coberta de sangue — Como você está? — Rafael colocou seu cabelo atrás da orelha, fitando-a com o cenho franzido e preocupado. Ela parecia prestes a desabar, mesmo de costas para mim, mas ia ficar bem depois de um descanso. Jon me olhou como se soubesse que algo tinha acontecido lá, com uma interrogação no olhar.

— Eu estou... bem — ela respirou fundo e pude escutar o quanto seu coração estava acelerado. Rafael fitou-a com um juncos entre suas sobrancelhas; eu poderia ficar com ciúme se ela não fosse sua gêmea; aquele olhar, sua expressão quase inocente. Dava para perceber que ele a amava. Muito. E me perguntou se ele era sempre tão transparente e eu é que não tinha notado.

Ele ajudou-a a ficar de pé com o braço direito em torno dela. Então Cass se virou e fitou-me. Não sei se tive medo de ela contar a Jon e a Rafael o que Malcolm tinha dito a ela, e depois para quem quer que fosse, ou se estava exausta demais para conseguir esboçar alguma reação quando Cassandra me lançou aquele olhar assassino de *Eu Sei O Que* NACIONALIS - ACHERON

Você Fez No Verão Passado, respirou fundo e sorriu falsamente.

— Obrigada, Juliette. Por tudo o que fez por mim, você não precisava...

— Tudo bem — interrompi-a, levantando-me e mudando meu olhar sobre ela para algo mais frio, ergui meu queixo e nos encaramos por tanto tempo que Rafael sacou que tinha alguma coisa errada. Ela ergueu as sobrancelhas rapidamente.

— Vamos embora, por favor. Eu estou cansada.

— Você vai ficar bem? — Rafael me perguntou.

— Eu vou cuidar dela — Jon se intrometeu como um pai protetor e se meteu entre nós, então Rafael acabou entendendo o recado e se mandou — O que aconteceu lá? — ele foi incisivo e cruzei os braços na altura do peito.

— Nada, está tudo bem — falei ríspida — Eu vou ficar aqui hoje se estiver tudo bem para você.

— Claro, fique — ele cuspiu com escárnio — Eu vou levar esse livro amaldiçoado de volta para um lugar seguro... — assenti e saímos juntos do refeitório e fui diretamente para o quarto de Alex.

— Juliette — ele arregalou os olhos e me puxou para dentro do quarto escuro.

NACIONAIS - ACHERON

Sentei-me na cama de Rafael, uma que ele nem usava mais há muito tempo, e Alex se sentou na dele, ambos exaustos e preocupados, embora por motivos diferentes. Ele exigiu que eu o contasse detalhe por detalhe do que tinha acontecido, e dei a ele, acreditando que ele não merecia menos. Ao menos eu tinha alguém para contar tudo, despejar todos os meus dramas, embora ele não estivesse tão bem quanto eu. Alex sorriu quando eu terminei e disse que ela estava bem, só precisaria descansar e se sentou ao meu lado.

— Isso já me faz sentir melhor, saber que ela está bem — ele segurou minha mão — Eu vou vê-la amanhã — ele falou mais para si mesmo antes de se voltar para mim — Ela sabe que vocês estavam sob efeito de um feitiço do mal, não sabe? — ele franziu a testa suavemente e abriu a boca e tornei a fechá-la.

— Eu não acho que saiba, não deu muito tempo para explicar. Eu precisava sair de lá e quando acordamos... bem, eu não podia falar na frente de Rafael ou de Jon — ergui os ombros.

— Eu vou falar com Cass e convencê-la. Não sei

NACIONAIS - ACHERON

se posso te prometer alguma coisa, mas vou tentar.

— Obrigada. Você é a melhor pessoa que eu poderia ter ao meu lado em meio... a isso — sorri e funguei — Então... você disse que estava faminta — ele se levantou — Por que você não fica aqui hoje, dorme na cama de Rafael e eu pego umas bolsas de sangue para você?

Assenti com os ombros encolhidos.

— Obrigada, Alex. Por tudo — ele se aproximou, parecendo preocupado com meu estado de espírito abalado e beijou minha testa apoiando as palmas em meus ombros com cuidado — Eu te amo, você sabe.

Alex assentiu antes de sair.

ANA

Juliette definitivamente não era ela mesma quando nos encontramos no Loop na sexta a noite. Ela estava mais bonita do que antes, mais confiante, com certeza, com um vestido preto básico e sexy por baixo da jaqueta de couro. Quando saiu do carro, não fui só eu quem olhou em sua direção, foi o quarteirão inteiro, como em um filme de sedução

NACIONAIS - ACHERON

ou algo do tipo. Julies sorriu quando meu olhar encontrou o seu e caminhou até mim, seus lábios com um batom laranja e seu cabelo impecável. Eu quase não reconhecia minha amiga por debaixo daquela pele.

— Ana, você veio — ela quase pareceu surpresa e assenti, levantando do banco em que estava sentada esperando-a, e nos abraçamos brevemente — Você está bonita — seu sotaque era mais evidente do que nunca e duvidei se ela o escondera antes ou queria mostrá-lo agora.

— Obrigada, mas... você é quem está chamando atenção aqui. Vamos entrar, o show já vai começar — caminhamos lado a lado até a porta da casa noturna.

— Então, eu não faço a menor ideia de quem vai cantar aqui hoje — as luzes nos cegaram quando finalmente entramos, ou ao menos a mim já que ela parecia-se mais com uma deusa inatingível.

— Acho que *The draft that form the heart*. É um nome bem idiota, mas todo mundo diz que o som dos caras é bom — Juliette se virou com um sorriso enquanto penetrávamos a multidão até mais perto de onde começavam surgiu os primeiros sons dos NACIONAIS - ACHERON

instrumentos.

— Bem, Ana... nós estamos em NY, tudo aqui é bom.

Nada naquela noite estava sendo normal, e tudo piorou quando Juliette *convenceu* alguns barmans a nos venderem bebidas. Muitas bebidas. E nada poderia parecer normal às duas da manhã, depois de vários drinks de vodka e alguns carinhas nas baladas, mas tínhamos nos divertido. Uma diversão insana e cheia de aventuras.

— Vamos para casa agora? — ela desabou ao meu lado no mesmo banco em que a tinha esperado horas antes.

— Claro, eu não aguento mais nem um segundo nesses saltos, e preciso dormir — ela assentiu e se levantou, não parecendo nem um pouco bêbada, embora tivesse enchido a cara muito mais do que eu.

— Eu vou arranjar um táxi ou ligar pro meu pai — ela puxou a alça da bolsa e alcançou o celular. Franzi o cenho, questionando-me se ela tinha enlouquecido ou estava bêbada demais — Não se preocupe, não ligar *para o meu pai*, e sim para o NACIONAIS - ACHERON

motorista.

Respirei aliviada, embora não fosse tão reconfortante se o motorista trabalhava para Jon. Levantei-me e peguei o celular de suas mãos antes mesmo que ela conseguisse acertar a senha.

— Vamos pegar um táxi — ela piscou e assentiu.

— Claro — ainda tinha muita gente na casa noturna. Mesmo depois de a banda ter acabado de tocar, ainda tinha muito movimento por lá. Juliette sorriu e caminhamos juntas até o meio-fio e rapidamente conseguimos um táxi.

— Quando vai me contar o que tem acontecido naquele fim de mundo?

— Agora mesmo, Ana — ela sorriu diabólica e abriu a porta — Agora mesmo.

13 HORAS DEPOIS — RAFAEL

— Precisamos encontrá-la, você sabe disso — Cedrico falou entre um bocado de terra e outro e ergui os olhos até o seu, sem saber o que dizer, então, apoiei-me na pá e respirei fundo.

— Eu sei que precisamos, mas Juliette não é exatamente um problema agora. *Precisamos*
NACIONAIS - ACHERON

encontrá-la por causa do feitiço, não porque ela surtou...

— Ela matou cinco pessoas antes de sair da cidade — ele me olhou como se eu fosse louco e saiu do buraco raso que faltava jogar terra — Rafael, eu estou mais preocupado com o que Malcolm pode ter feito com ela. Ele esteve em sua mente duas vezes, e você mesmo disse que ela parecia estranha depois que trouxe Cassie de volta...

— Pode parar por aí, ta? — terminei minha parte e caminhei até além de Cedrico — Nós vamos encontrá-la, mas não faço a menor ideia de onde começar a procurá-la.

— Que tal começar por Alex, que disse que a deixou no quarto e ela sumiu quando ele voltou? — o sarcasmo transbordava em seu tom e ele voltou a aterrar, mais rápido e mais furioso que antes e voltei para o carro, mas não entrei nele, apenas me recostei, observando a floresta e pensando.

Eu tinha meu palpite sobre onde Juliette estaria, mas precisaria de uma ajuda improvável, que estivesse mais que disposto a ajudar, ela estava imprevisível e era poderosa o bastante para ser

NACIONAIS - ACHERON

perigosa. Eu não podia colocar Alex em perigo daquela maneira, mas era o único jeito. Mandeí mensagem para ele, que me respondeu antes de Cedrico voltar até a caminhonete, que tinha ficado na garagem por tanto tempo, jogar a pá lá atrás e entrar. Respondi-o e entrei no carro.

— Eu tenho um plano e vou colocá-lo em ação hoje a noite — falei simplesmente e saí com o carro.

—Qual o plano? — Alex olhou para Cedrico, depois para mim e por fim para o meu pai que estava atrás do sofá, distraído enquanto dobrava as mangas de sua camisa social, mas seus olhos azuis pareciam mais claros e mais atentos do que nunca.

— Não é exatamente um plano, mas eu posso contê-la se ao menos souber onde ela está...

— Acho que não entendo tanto disso quanto você — meu pai começou, com mais ironia para mim naquele dia e deu a volta no sofá até ficar de frente para nós três —, mas se ela se deu ao trabalho de bloquear seus feitiços de localização é porque não quer ser encontrada. *E...* necromante, conjuradora, bruxa, vampira... isso me dá uma ideia de que ela é

NACIONAIS - ACHERON

mais forte do que você pode conter.

— Eu sei o que fazer — ele manteve meu olhar e ergueu os ombros como se não se importasse.

— Tentou ligar para ela? — ele sacou o celular do bolso e discou, provavelmente o celular dela e me perguntei como sabia de cor.

— É claro que ela não iria atender se eu ligasse, mas com você... a coisa é outra — ele sorriu e esperou.

— Oi, Julies, como vai? — achei que tinha caído na caixa de mensagens e ele estava brincando, mas ficou em silêncio e sério — Está bem, eu entendo. Mas precisamos conversar, é só você aparecer... e resolvemos isso mais rápido que... — ele se virou e achei que fosse sair da sala, mas parou, alterado, perto da escada — Nem pense em fazer isso... tudo bem, dois dias.

Ele desligou e parou entre os dois sofás: — O que ela disse? — fui o primeiro a perguntar.

— Que precisa de tempo e não quer ser encontrada. Que volta no domingo a noite e está tão empenhada quanto nós em encontrar a chave do feitiço... dê esse tempo a ela ou... Juliette disse que se tentarmos encontrá-la ela vai deixar pistas.

NACIONAIS - ACHERON

Corpos ao longo do Mississippi, assim ela vai saber se conseguiremos encontrá-la.

JULIETTE

Joguei o corpo no chão como se fosse uma lata vazia de refrigerante, mas não estava morto e nem tinha a intenção de matá-lo, afinal, eu estava com fome, não tinha ficado burra. O que me fez parar foi a sombra que surgiu no início do beco. O corpo atingiu o chão num baque surdo e me virei com sangue escorrendo pelo canto dos meus lábios e empurrei seu corpo contra a parede do beco com o antebraço em seu pescoço.

— O que você está fazendo aqui? — ele não respondeu imediatamente e apertei sua garganta ainda mais.

— Você não me convence com essa sua pose de vampira sem humanidade então me mate ou me solte e me deixe falar — mantive seu olhar intenso e afrouxei até soltá-lo.

— Tudo bem, você me deu meu tempo. Vamos conversar na minha casa.

Coloquei as chaves na tigela ao lado da porta e as luzes acenderam, fechei a porta e mandei-o se sentar no sofá, fazendo o mesmo de frente para ele, separados somente pela mesa de centro.

— Então, o que você quer? — tirei o casaco e recostei-me no sofá.

— Descobri o que Malcolm fez com você. Essa sua fome... eu sei que você não machucaria ninguém se ele não tivesse mexido com você de alguma maneira e... porque me importo com você. Não sei se deveria nem sei por que, mas me importo e quero fazer alguma coisa a respeito — fitei-o por tanto tempo que Joseph me olhou como se achasse que eu fosse atacá-lo.

— Estou bem agora, sou eu mesma, não vou te atacar, mas o que eu sinto dentro de mim nos últimos dias... eu preciso matar mais e mais e... — soltei o ar, sem conseguir explicar o que eu sentia.

— Bem, segundo minha pesquisa, e foi rápida, precisamos matar Malcolm porque não conheço nada mais forte para quebrar isso... se você descobriu algo sobre o tal feitiço do *Liber Spiritus* — ele abriu os braços de maneira abrangente — essa é a hora de compartilhar.

NACIONAIS - ACHERON

— Bem, eu não descobri, e mesmo com um espírito assassino em mim, eu li mais mil vezes e sei quem pode descobrir o ingrediente — levantei-me e fui até a estante na parede atrás do sofá, tirei alguns livros de lá e peguei o tal livro — Eu tentei tudo o que pude — ele parou ao meu lado, bem perto e dei um passo a frente para lhe entregar o livro — Eu preciso confiar você. Não é só um livro, Joseph, é a minha vida porque não posso viver assim, então faça-o chegar até Elena e todo aquele *maldito covenant*... eles vão saber o que fazer.

— Tudo bem, eu te mantenho informada — ele o pegou, minha mão tocando brevemente a sua e soltando-o rapidamente.

— Eu confio em você. Por favor, não me desaponte e tenha cuidado com o livro — ele assentiu, sem saber o que dizer, assim como eu.

— Eu vou ter.

— E obrigada por vir até aqui... e por...

— Você não precisa, mas senti que precisava fazer alguma coisa, além disso, você se colocou em risco para salvar Cassie e por isso nunca vi conseguir agradecê-la, mas estou começando a tentar — sorri e ele sorriu de volta. Aproximei-me

NACIONAIS - ACHERON

de maneira estranha que o fez franzir o cenho; tão suave que foi quase imperceptível.

— Eu posso te abraçar sem parecer estranho? Ou inadequado? — pisquei para afastar as lágrimas e assenti, jogando os braços em torno do seu pescoço, lutando com todas as forças do meu corpo para ignorar seu cheiro e o pulsar de sua jugular perto dos meus lábios. Seu sangue era quase irresistível — Eu vou fazer tudo — afastei-me, assentindo involuntariamente — Eu devo ir agora. Te ligo se descobrir alguma coisa.

Parte 4

Eclipse total do
coração [\[22\]](#)

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Desapareço em você^[23]

OUTUBRO

Mordi o lábio trêmulo e Lauren se virou para mim.

— Eu falei com minha mãe — ela murmurou e passei a prestar atenção nela.

— Só agora? — seus ombros ficaram tensos e fitei-a com os braços apoiados na mesa, ela ficou ereta na cadeira tomando um longo fôlego.

— Eu tentei falar com ela antes, mas minha mãe... ela é muito sensível quando se trata de magia e essas coisas — ela se inclinou em minha direção, falando ainda mais baixo do que antes — Mas ela disse que não sabe de nada. Ela só usou um feitiço para prender Malcolm e isso esgotou sua magia. Eu não sabia que esse tipo de coisa acontecia, mas... acho que minha mãe não é a

NACIONAIS - ACHERON

resposta e os ancestrais estavam do lado de Malcolm até onde eu sei. Então tive uma ideia baseado no que minha mãe me contou.

— O quê? — ergui as sobrancelhas rapidamente, ansiosa.

— Acho que Friedrich sabe o ingrediente do livro — ela falou tão baixo que mal pude escutar — Mamãe canalizou dele para conseguir completar o feitiço. Eu sei, Friedrich também não é o mocinho da história, mas ele queria se livrar de Malcolm, assim como todo mundo. Então acho que ele pode saber a resposta, afinal, ele foi a pessoa que passou a vida inteira com o *Liber Spiritus*.

— Tudo bem, mas não podemos falar... — engoli em seco e tentei de novo — Quando ele me deixou sair, me mandou de volta... eu prometi que o mataria, mas estive muito ocupada nos últimos meses para cumprir minha promessa — Lauren deu um sorrisinho que não pude decifrar e se virou.

— Bem, você precisa superar isso — o sinal tocou e juntamos nossas coisas — E eu vou te ajudar.

Fui para o refeitório, faminta, e peguei uma
NACIONAIS - ACHERON

tonelada de comida enquanto Lauren me seguia com sua bandeja sem tirar os olhos de mim.

— Como você quer fazer isso? — ela perguntou sem tirar sua atenção da comida.

— Com magia, invocação... — peguei suco de laranja e ela continuou me seguindo até uma mesa.

— Ainda bem que você cortou com seus laços com os Hamilton — ela ironizou com um sorriso —, porque eles não podem saber disso nem em sonho.

— Claro, então quando podemos fazer? Elena me devolveu o livro e disse que tirou cópias, mas que não confia no original... pode ser em Essex ou...

— É, Essex é perfeito — ela se virou e acompanhei seu olhar no momento em que Alex se sentou ao lado dela, de frente para mim.

— Qual é a fofoca?

— Nenhuma. Ei, não é hoje aquela festa? — comi, desinteressada, mas era a ocasião perfeita, todo mundo estaria lá e não restaria tempo para descobrirem o que faríamos.

— É hoje, sim. Ainda não comprou seu vestido?

— Eu não vou vir, vou ficar com minha mãe — falei, lembrando-me que tinha dito a ela que iria
NACIONAIS - ACHERON

para casa.

— Oi? Ninguém vai vir nessa porcaria de festa — Lauren falou e fitamo-la, que olhou de volta para Alex e eu com o olhar incrédulo — Todo mundo vai para o Dia das Bruxas na casa dos Hamilton. *Eu sei* que você precisa estar com sua mãe, e nem está muito *amiguinha* deles ultimamente, mas... — ela ergueu os ombros e deixou a frase no ar.

— Tudo bem, eu não vou perder grande coisa mesmo.

— Certo, você deveria acabar com esse drama todo — franzi o cenho de maneira interrogativa e Alex remexeu-se antes de explicar: — Qual é! Essa coisa de *eu não quero te machucar* já encheu o saco de todo mundo.

— Encheu o saco? Desculpe se eu quis prezar pela segurança de...

— Rafael sabe se cuidar — Lauren me interrompeu e olhei para os dedos, unidos para me tirar do sério. Ela respirou fundo — Você se afastou por um tempo, ótimo, mas seu tempo já acabou e você insiste em afastá-lo com essa desculpa esfarrapada de que não quer fazer mal a

NACIONAIS - ACHERON

ele. Além disso, nos temos nos falado e, se você quiser ir, acho que ele não seria contra.

— Laurel, eu...

— Malcolm não vai escapar do inferno hoje — ela falou, insistente — E eu não tenho par, nunca frequentei essas festinhas com pessoas do colegial. Eu nem nunca estive no colegial, então vocês poderiam ir comigo — ela passou o braço em torno do pescoço de Alex, que a abraçou de volta.

— Eu vou pensar, mas não garanto nada.

—Mãe — chamei assim que fechei a porta e a vi, sentada no sofá mudando os canais na TV com uma expressão entediada.

— Oi, achei que ia chegar mais tarde — tirei a bolsa no ombro e me joguei ao seu lado no sofá.

— Quis passar um tempo com você — sorri e cheguei mais perto dela.

— Onde Jon está? E como está o bebê?

— Ele foi trabalhar, e não é *bebê*, é sua irmã, que tem nome... — ela sorriu e balançou a cabeça, voltando para a TV.

— Claro, eu só não consigo me lembrar — minha mãe pareceu ter ficado chocada e ofendida quando
NACIONAIS - ACHERON

eu disse aquilo, me olhando como se eu tivesse acabado de dizer uma barbaridade.

— É *Hope* — ela revirou os olhos — Você vai pra festinha do colégio hoje?

— Não sei — ergui os ombros, puxando as pernas para o sofá e mexendo na barra do meu vestido — Você acha que eu estou... pensando demais em proteger Rafael? Quero dizer, você acha que eu realmente poderia machucá-lo? Porque de repente todo mundo começou a me dizer que isso é bobagem, então preciso escutar de você.

— Uau, isso é difícil — ela repuxou os lábios suave e lentamente, mudando de posição para me olhar melhor — *Eu acho* que você tem autocontrole o bastante agora, e mesmo antes... eu o conheço desde que eu nasceu, Rafael não é nenhum ser indefeso como você o tem feito parecer, colocando-o em um vidro... então, sim, você está tentando protegê-lo demais. E *sim*, vocês dois tem trazido para si todo o peso e responsabilidades do mundo ultimamente, então quero que vá nessa festa e vou te dar o vestido, porque você não sabe se vestir — franzi o cenho e ela se ergueu, caminhando na direção da escada.

NACIONAIS - ACHERON

— Aqui está seu presente — ela pegou o Valentino e colocou sobre mim como que para ter certeza que cabia — O que acha de Ana Bolena? Se não der certo, você tentou — peguei-o e olhei-me no espelho.

— É perfeito. Quando comprou isso?

— Da última vez em que estive em Praga — seu sorriso estava radiante.

— Eu amei. E eu vou naquela maldita mansão e vou falar com Rafael o quanto eu sinto falta dele e o quanto tenho sido estúpida esse tempo todo — ela se aproximou e deslizou os dedos pelas pontas do meu cabelo.

— Então vá e espero que encontre o que procura — saí quase correndo até a porta — Tome cuidado...

Elena me ligou perto das sete, enquanto eu estava ansiosa demais, mas ciente que estava cedo demais para me arrumar.

— Oi, Elena. Tudo bem?

— Sim, claro. Precisamos conversar, você vem a festa mais tarde? — seu tom parecia desinteressado, mas notei que toda sua atenção

NACIONAIS - ACHERON

estava em mim.

— Eu não ia, mas... eu vou. Aconteceu alguma coisa? — perguntei enrolando meus cabelos nos dedos, distraída.

— Vai acontecer. Acho que as bruxas do *coven* estão planejando alguma coisa baseado no que descobriram e *acho* que tem a ver com você... só quero que tome cuidado.

— O que você sabe?

— Juliette, não quero exagerar, mas isso envolve sua família...

— Está me preocupando... ainda mais agora que minha mãe está tão vulnerável e que eu tenho essa coisa com o Malcolm, então, me diga exatamente o que você sabe — sentei-me, nervosa e impaciente.

— Eu *não sei*, apenas sinto isso errado. Como regente, eu sei que tem alguma coisa errada, mas teremos a chance de nos falarmos mais tarde. Eu te espero — ela simplesmente desligou e fiquei parada, olhando para a parede com o celular na mão.

Tentei ligar para Elena mais um milhão de vezes e fui até a cozinha onde Elena estava fazendo o jantar
NACIONAIS - ACHERON

e disse que eu deveria ir e falar com Elena, já que parecia tão importante no telefone. Peguei uma maça e liguei para Jon, que disse que já estava a caminho de casa, então fui tomar banho e coloquei a lingerie cara e o vestido de renda que deixava mais a mostra do que deveria.

Prendi as laterais do cabelo no topo da cabeça e coloquei um garfo de cabelo com formato meia-lua e uma pedra turquesa que Joseph me deu no meu aniversário de dezoito anos algumas semanas antes, e eu planejei o presente dele também e ele ficaria mais surpreso que eu. Coloquei os saltos pretos e me olhei no espelho oval e enorme mais uma vez, demorando-me no vestido longo de mangas, sem decote e eu só podia ver a lingerie por baixo, por isso escolhi uma que mostrasse o mínimo. Enfim, saí da frente do espelho e descí as escadas.

— Mãe, eu estou indo — peguei as chaves do meu SUV e ela assentiu no exato momento em que Jon entrou, fechou a porta e ficou parado, de terno e com a maleta na mão, então andou até mim.

— Você está bonita. Aonde você vai?

— Festa do Dia das Bruxas, preciso ir — despedi-me e saí.

NACIONAIS - ACHERON

Passei quase cinco minutos dentro do carro, estacionando na frente da mansão, nervosa. Hesitei se deveria entrar, olhando para a casa e me preparando ao mesmo tempo. De repente a porta do outro lado se abriu e me virei para ver Joseph entrar no meu carro.

— Eu recebi seu presente mais cedo — sorri, como eu quase nunca conseguia evitar quando ele estava por perto, nem conseguia explicar como ele fazia com que eu me sentisse tão estranhamente feliz ultimamente — O entregador ficou confuso sobre o remetente e começou a gaguejar *Hohenfels, von...* mas eu adorei. Como sabia que sou apaixonado por arte?

Ergui os ombros, sorrindo.

— Eu não sabia, foi uma aposta, mas o quadro... eu comprei em NY há uns dias na exposição da Srt^a Flemming — ele ergueu as sobrancelhas e seus olhos azuis claros se tornaram obscuros.

— Você está falando...

— Freya. Eu a conheci há algumas semanas em uma exposição. Você sabia que ela estuda na Universidade de Nova York?

NACIONAIS - ACHERON

— Como você soube dela? Eu não sabia... eu não a vejo há mais de quinze anos. Como a encontrou? — ajeitei-me no banco para ficar virada para ele e segurei sua mão.

— Eu não vou dizer o que você está pensando que eu vou dizer, então pode respirar — ele soltou o ar no peito, mas continuou tenso, assim como eu teria ficado no lugar dele, e como estava naquele momento — Você está pensando que eu vou dizer que você deveria contar a ela, eu posso ver isso em você, que deveria contar que é pai dela e blábláblá... mas não. Freya é a melhor pessoa que eu já na vida, e ela não seria assim se tivesse vivido com você, nem se nenhum Hamilton soubesse dela, então tê-la deixado foi a melhor escolha que você já tomou na vida. Eu sei o que você sacrificou — ele apertou sutilmente minha mão e retribuí —, e por causa desse sacrifício que você fez ela pode crescer saudável, feliz, sendo como ela é... então eu não estou te criticando, ta? Eu adoro a Freya e espero que você possa conhecê-la um dia e saber quão maravilhosa ela é.

Ele não me respondeu, parecia abalado demais até para conseguir respirar, por longos segundos e
NACIONAIS - ACHERON

soltou minha mão.

— É melhor irmos para a festa — assenti, sem saber o que dizer e saímos juntos. Andamos até as portas duplas e ele me ofereceu o braço — Aliás, você está bonita nesse Valentino.

Caminhamos até a entrada e engoli em seco, preparando-me mentalmente para o que quer que fosse acontecer: — Obrigada — inflei meu peito de ar e entramos juntos, de braços dados. Mesmo distraídos, os convidados se viraram quando nos viram, meio boquiabertos, meio desnorteados; chocados, todos eles. Os Hamilton começaram a aparecer em meio a tanta gente, mais do que eu já tinha visto naquela casa fantasma em um ano. Cassandra e Alex estavam de braços dados, Cedrico estava com Lauren e Elena estava conversando com um homem e uma mulher, mas se virou com o cenho franzido quando nos viu entrar.

— Bem, aqui estamos... — olhei para Joseph com um sorriso frouxo e ergui o queixo. A música calma parou e começou tocar uma mais agitada, dançável, e aos poucos as pessoas se dispersaram pela sala de estar gigante e deixamos de ser o centro das atenções.

NACIONAIS - ACHERON

Então Rafael surgiu nos degraus da escada e Joseph se afastou, soltando meu braço: — Boa sorte, querida — ele murmurou e desapareceu pela minha direita. Rafael terminou de descer, ajeitando o chapéu estiloso com o cenho franzido e se aproximou com um sorriso.

— Você está aqui — meus dedos estavam entrelaçados e eu estava mais que nervosa a sua frente — Há quanto tempo não nos vemos?

— É, tempo demais...

— Quer dançar? — ele falou de repente e aceitei. Estava sendo mais estranho do que achei que seria — Então... Lauren me disse que você vinha — ele entrelaçou os dedos aos meus e colocou o braço em torno da minha cintura.

— Eu senti sua falta — ergui o olhar até o dele, sentindo uma imensa conexão entre nós — e acho que me dei conta de que não deveria ficar tanto tempo longe de você — ele sorriu e segurou meu rosto entre as mãos antes de me beijar.

—Juliette, desculpe interromper — virei-me para Elena e Rafael me passou um copo com cerveja do barril do lado de fora da casa, nos fundos. A festa ia

NACIONAIS - ACHERON

até a piscina com barris de cerveja espalhados em torno dela, assim como os convidados — Mas preciso falar com você.

— Claro — peguei a cerveja e Rafael franziu o cenho enquanto enchia um copo para ele.

— Está tudo bem? — ele tomou um gole, tranquilamente, sem tirar os olhos de mim. Elena usava um belíssimo vestido longo azul-cobalto e de mangas longas, com um decote na parte de trás e na frente que deixavam um enorme espaço para a imaginação.

— Sim, tudo ótimo — Elena tentou agir tranquilamente, pegar uma cerveja, e sorrir, mas estava dando tudo errado e notei assim que ela passou pelas portas de vidro e caminhou até nós na beira da piscina — Podemos?

— Nos vemos daqui a pouco — falei com Rafael, peguei minha cerveja e segui Elena para dentro da mansão, até uma sala na parte de baixo que eu não conhecia ainda. Tinham vários caixotes que se assemelhavam a quadros no chão, empalhados, uma mesa e coisas antigas. Tudo parecia ter o cheiro de poeira e coisa velha e engoli em seco e fechei a porta quando entrei.

NACIONAIS - ACHERON

— Elas sabem qual o ingrediente — ela começou, sem rodeios — e fingem que não sabem e eu finjo que não sei que sabem. Mas eu sei que envolve você, de alguma maneira — ela me olhou com o queixo erguido.

— E o que acontece agora? Quero dizer, achei que elas também quisessem Malcolm morto e enterrado. Agora para sempre — Elena suspirou e me olhou como se eu não soubesse de nada.

— Eu não faço a menor ideia do que acontece agora, Juliette. Eu não sei quando elas vão dar um passo e não posso fazer nada para conter...

— Espere — virei-me na direção da porta — Meu celular está tocando, eu preciso atender — saí da sala e fui até meu carro, deixando Elena com uma expressão chocada na pequena sala.

— Pai, o que aconteceu? — perguntei, nervosa, embora sem motivos.

— Eu não sei. Fui atingido por algum feitiço que atingiu o tempo-espço, desmaiei e Izzie desapareceu — escutei o som da porta do carro dele sendo aberto e abri o do meu ao mesmo tempo.

— Merda! — esmurrei o volante e girei a chave — Eu achei que você pudesse tomar conta dela

NACIONAIS - ACHERON

enquanto eu estava fora por cinco minutos...

— Juliette, não foi minha culpa — revirei os olhos e saí com o carro a toda velocidade — Eu fiz um feitiço de localização e ela está na igreja. No centro, perto do Red.

— Eu sei onde fica, te encontro lá em cinco minutos — desliguei o celular e joguei-o no banco e freei o carro de repente quando Elena se colocou na frente — Que porra é essa? — ela deu a volta e entrou no meu carro.

— Eu vou com você. Se Izzie está em perigo e você está indo para lá, eu vou com você — dei de ombros e acelerei.

Parei o carro de qualquer jeito na frente daquela igreja praticamente abandonada e Elena me seguiu, demorando-se enquanto segurava o vestido.

— Me prometa que não vai matar ninguém, por favor — ignorei-a e continuei caminhando até a porta.

— Ou você me segue e cala a boca ou vai embora — a raiva tinha possuído meu sangue e eu não conseguia pensar em mais nada, só que estava com vontade de matar quem quer que ousasse em tocar

NACIONAIS - ACHERON

na minha mãe. Estendi a mão e a porta se abriu, e não consegui ver mais nada quando vi um monte de bruxas em torno dela com o bebê que tinham tirado dela.

Meu queixo caiu e fiquei sem reação por um segundo. Elena avançou e estendeu o braço, fazendo com que três, das quatro bruxas, caíssem com as mãos na cabeça, exceto a que estava com a bebê nos braços. Eu estava sem ar, então recobrei a consciência e fui até minha mãe, agachando ao lado dela e mordi o pulso para colocar em sua boca.

— Mãe, beba. Vamos lá — seus olhos estavam fechados e segurei sua cabeça, trêmula — Mãe... — meus olhos estavam cheios de lágrimas e meu corpo paralisado. Senti Elena abaixar ao meu lado e tocar meu antebraço.

— Juliette — seus dedos ficaram em meu pulso por mais tempo que o suficiente, mas meus olhos permaneceram na minha mãe, ou no corpo dela — Eu sinto muito, ela se foi.

— Não, você não sente — ergui-me e fui até as bruxas que Elena tinha derrubado com magia, com exceção da que estivera com Hope nos braços, que desapareceu magicamente. Agarrei-a pelo pescoço

NACIONAIS - ACHERON

e a coloquei de pé contra a parede com uma expressão assassina enquanto ela aparentava estar nada mais que amedrontada como se não tivesse acabado de matar alguém.

— Por favor — a mulher não passava de uma menina assustada de quinze anos que choramingava — Eu nunca tive a intenção, mas Malcolm... precisa ser detido — apertei mais seu pescoço, sentindo como se meu corpo tivesse vontade própria e quisesse matá-la estrangulada e sentir sua vida se esvair lentamente através dos meus dedos.

— O que minha mãe tem a ver com esse maldito? — perguntei com raiva e apertei-a ainda mais.

— O feitiço... ela é a chave — ela engasgou — O coração dela é a chave... elas levavam o bebê como uma segunda opção. O *sacrifício* era necessário — quando as palavras saíram da sua boca, o ódio me engolfou e mordi-a, drenando seu sangue até seu corpo amolecer em meus braços e deixei-o cair no chão.

— Juliette, controle-se. Eu vou achar a bruxa que está com sua irmã e vou consertar isso, mas você... — virei-me com o cenho retorcido em ira e sorri, com sangue no rosto, cobrindo-me.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu vou matar todas essas bruxas — Elena se ergueu com o cenho franzido, chocada —, *uma por uma* até que tudo o que reste sejam corpos. E nem pense que pode me impedir — antes que ela dissesse alguma coisa, eu já tinha saído da igreja e estava abrindo a porta do meu carro. Jon parou e notei o quanto ele estava arrasado quando entrei na SUV e ele correu até mim, mas não dei chance a ele de falar, deu um cavalo de pau e parei do lado oposto.

— Onde Izzie está?

— Ela se foi — e fui embora.

Sem mais corações partidos

Evitei pensar, o mínimo que fosse, porque senti que enlouqueceria se o fizesse. Ou me sentiria mal porque tinha acabado de largar o corpo da minha mãe morta. Ou sentiria remorso por ter matado uma adolescente pouco mais nova que eu, me sentiria mal por estar indo matar mais algumas dúzias delas. Então, para evitar pensar, acelerei a mais de 200km/h na pista reta. Meu celular começou a tocar e peguei-o no banco.

— Juliette, pare o que quer que esteja pensando em fazer — o tom de Rafael foi controlado, mas senti o nervosismo em sua voz — Onde você está?

— Rafael, eu não posso parar — as lágrimas
NACIONAIS - ACHERON

brotaram novamente em meus olhos — Eu... eu preciso de você e que me abrace o mais forte que puder, mas não agora. Eu não consigo controlar isso, e preciso... salvar Hope já que não pude salvar minha mãe...

— Não *se* escute. Você está colocando a culpa em si mesma, está confusa e triste... volte pra cá. Eu acabo com essa festa...

— Não, não, não. Eu disse que *preciso* de você, mas *não posso* tê-lo. Sinto muito — desliguei o celular e joguei de volta no banco para colocar as duas mãos no volante e apertá-lo com força, *fora de mim* eram palavras pequenas para me descrever.

Essex estava estranhamente vazio, mas eu sabia exatamente onde estavam aquelas malditas bruxas. Saí do carro, alisando meu vestido, e entrei no cemitério, andei e escutei o que se passava naquele silêncio abissal. Estava calmo, alguns grilos cantavam ao longe e parecia ser até em outra dimensão, mas escutei o som fraco de pulmões jovens e um choro descomunal de um bebê assustado que precisava de sua mãe e fechei os olhos por um momento, recostando-me em uma tumba empoeirada, finalmente dando-me conta de

NACIONAIS - ACHERON

que eu tinha perdido tanta coisa em tão pouco tempo e não conseguia desacelerar.

Eu queria matar aquelas bruxas malditas como se fosse me fazer sentir melhor, mas, reunindo toda a minha consciência e sanidade mínimas, quem eu queria enganar? Porque não estava funcionando nem comigo mesma. Virei-me e observei Rafael quando ele passou pelos portões e veio correndo até mim para me abraçar e me confortar em seus braços.

— Eu sinto muito — foi tudo o que ele disse e não consegui responder, apenas o agarrei com as minhas forças, deixando que todas as lágrimas saíssem de mim, que tudo o que eu sentia naquele momento saísse em uma velocidade e voracidade assustadoras. Funguei e afastei-me dele para secar o rosto com as costas das mãos — Julie, quer que eu te leve para casa? Ou... quer que eu faça alguma coisa?

— Você pode me ajudar com uma coisa — respirei fundo e ergui o queixo — Aquelas bruxas estão com a minha irmã e, não que eu me importe, mas... minha mãe teria feito qualquer coisa por ela, isso significa que eu preciso salvá-la antes que

NACIONAIS - ACHERON

aconteça alguma coisa...

— Claro, é. Sua irmã. Vamos encontrá-la.

Havia muito mais bruxas do que imaginei, mas eu não estava com medo quando às vi, ainda distantes na cripta dos Hamilton, só olhei para Rafael e seu celular começou a vibrar no bolso. Entramos em uma esquina de tumbas para que não nos vissem e vi que era Elena. Eu não deveria ter concordado em deixá-lo me ajudar, aquilo era uma missão suicida. Nós dois contra uma dezena de bruxos poderosíssimos parecia até ridículo de se dizer, e eu preferia morrer sozinha, se fosse o caso, à arrastá-lo comigo. Mas não parecia que eu tinha escolha.

— Mãe, o que houve?

— Você encontrou a Juliette? — ela parecia ter levado uma pancada na cabeça pelo som da sua voz.

— Sim, ela está comigo. O que aconteceu com você?

— Eu estava no telefone com seu pai, pedi a ele para chamar alguém... para tirar o corpo da Izzie daqui e... algumas bruxas apareceram, Jon e eu apagamos e quando acordamos agora... o corpo

NACIONAIS - ACHERON

dela tinha sumido. Joseph descobriu o que eles estão tramando e eu não posso me meter, nem vocês, então... seja lá o que ela estiver pensando em fazer, diga a Juliette que ela precisa parar — Rafael me olhou, preocupado, ciente de que eu estava escutando — ou muita gente pode se machucar no processo — depois da praga enigmática, Elena desligou sem mais explicações. Rafael não disse nada, ele esperou que eu decidisse e fiquei sem saber o que dizer por colocá-lo naquela posição.

— Deveríamos escutar minha mãe e... você sabe que é um risco e sei o quanto está triste e desolada, eu também estou. Izabel era uma segunda mãe para mim, eu a conheci minha vida inteira e ainda não consegui imaginar um mundo sem ela, mas...

— Eu quero que fique aqui — afastei-me, com cuidado para não me colocar na linha de visão dos bruxos que ocultavam a porta da cripta — ou que vá embora. Você precisa escutar sua mãe e eu não estou te pedindo para fazer isso, então... por favor, vá embora.

— Você está machucada e eles não vão machucar sua irmã — ele começou a se aproximar, e desta

NACIONAIS - ACHERON

vez fiquei parada — não tem mais nada por possamos fazer, tá certo? Eu queria ter estado lá e ter feito alguma coisa, mas agora é tarde demais e eles podem machucá-la também.

— Não faça isso — funguei e olhei para os lados. Talvez fosse por precaução, talvez porque quisesse evitar seus olhos naquele momento — Não seja o que eu preciso agora, eu *preciso* que você fique longe porque não quero que se machuque, então fique longe ou vou ter que me certificar para que o faça — não esperei resposta ou reação, apenas saí de onde estávamos escondidos e andei até a cripta, mais que rápido, depois de ter notado o esquema de segurança deles, que não parecia dos melhores.

Quatro homens guardando a porta aberta, dois de cada lado e de frente um para o outro, como se fingissem que estavam muito concentrados. Depois deles, tinha mais uma fileira do lado de dentro, em espiral, que levava a algo que eu não podia ver. Ainda. Tive o fator surpresa quando cheguei pela esquerda e quebrei o pescoço do que estava à direita, mas o outro me agarrou por trás com o antebraço se enroscando em meu pescoço como uma jiboia e chutei-o enquanto os outros dois

NACIONAIS - ACHERON

vinham até mim. O homem me soltou, mas antes que eu pudesse me virar, ele pegou uma estaca de madeira e cravou em mim, acertando meu estomago, bem abaixo do coração. Quebrei o pescoço dele também, surpresa comigo mesma por não ter um pinga de compaixão por nenhum deles, mas aquele era o momento em que eu precisava ser mais vampira e sem humanidade.

Não tive tempo de arrancar a estaca quando os outros dois vieram, como os brutamontes dos filmes de ação e arranquei o coração dos dois ao mesmo tempo, sentindo a dor intensa em meu estomago; não tive tanto tempo para respirar quando começaram a aparecer mais bruxos e bruxas. Seis ao todo, com uma postura de batalha mais que evidente, eu quase podia ver a sede de sangue no olhar dele. Arranquei a estaca e começou a curar, mais lentamente do que eu desejava, consertei o vestido que me atrapalhava e ergui a mão. Quatro deles caíram alguns metros à frente; virei-me para ver o que tinha acontecido com eles antes mesmo que eu sentisse a magia dentro de mim, e vi Rafael parado atrás de mim, de paletó e aquela postura que me dizia que estava pronto para

NACIONAIS - ACHERON

matar ou morrer, o que fosse preciso.

Fitei-o por dois segundos e nos entendemos com aquele breve olhar antes que os outros dois viessem até nós, com aquelas expressões típicas e falsamente enfurecidas, que me fez quebrar o pescoço de uma mulher, enquanto ela tentou usar magia contra mim, e Rafael sufocou outra. Eu sabia o que ele queria fazer, entrar, pegar Hope e sair, mas ele sabia o que era preciso. Ele *tinha* que saber que não permitiriam que levássemos nem o corpo da minha mãe, nem que pegássemos minha irmã, que tinha acabado de nascer, mas que tinha sido roubada do ventre da mãe, então tínhamos que matar um por um. E se ele tinha vindo atrás de mim é porque tinha concordado com meu plano, mesmo que não tivesse expressado em palavras. A enorme e úmida cripta dos Hamilton estava cheia de bruxos e bruxas, que entoavam um feitiço, velas acesas em todos os lugares possíveis e minha mãe, o corpo dela estava no chão.

Vacilei por um momento, mas sabia que tinha que ser rápida enquanto eles estavam conjurando e não podiam quebrar o feitiço para nos matar. Rafael foi pela direita e eu pela esquerda quando vi que

NACIONAIS - ACHERON

Hope estava largada no altar de pedra enrolada em um tecido branco, cercada por duas bruxas, que ergueram os braços para tentar me deter assim que me viram, mas ergui os braços e as duas caíram com as mãos na garganta, com sangue saindo da boca e dos olhos. Deixei Hope lá, sem nem olhar para ela direito, enquanto me certificava de que realmente poderíamos sair de lá com ela. Havia só mais quatro bruxos e me coloquei em posição de ataque, desta vez esperando que eles viessem até mim, e Rafael arrancou o coração de um deles pelas costas. Quando o corpo caiu, os outros abriram os olhos e entoaram o feitiço mais alto, quase gritando. As chamas nas velas se tornaram maiores e o chão começou a tremer. Eu podia afirmar com toda a certeza que os ancestrais estavam com eles naquela coisa, armando juntos.

*omnes in sanguine meo,
cogitas interficiam omnes qui in scalpendo*

Foi a vez de Rafael tentar, mas quando ele disse as palavras, foi como se algo estivesse bloqueando sua magia e ele franziu o cenho, pensando em um

NACIONAIS - ACHERON

plano B, assim como eu, mas os bruxos não nos atacaram, estavam ocupados demais no feitiço, sendo protegidos pelos ancestrais e pensei que talvez não tivesse nada que pudéssemos fazer, mas tinha. Eu era uma necromante, podia absorver a magia do meu corpo vampiro morto e contra isso os ancestrais, que eram só um bocado de ossos, não podiam fazer nada.

Rafael parou ao meu lado, tão confuso quanto eu, ambos não conseguíamos chegar até os bruxos, como se uma barreira invisível estivesse em torno dele, protegendo-os e respirei fundo, pensando. Hope estava se mexendo ao meu lado, mas calada, então ignorei-a.

— *O coração* — ele murmurou e nos viramos um para o outro ao mesmo tempo — O coração dela é a chave. O feitiço dizia “*O coração vivo e morto, o coração que bate, que vive, mas que está morto e se desfez. O coração que se decompôs*”, agora faz todo o sentido porque ela é uma necromante e seu coração é teoricamente morto, mas...

— O que vamos fazer? — fitei os bruxos, sentia a magia intensa naquele local, muito mais do que eles podiam suportar e tive uma ideia quando vi o

NACIONAIS - ACHERON

circulo desenhado em linhas fracas no chão — As linhas. As linhas no chão, eu as conheço — então fui até lá, mas as bruxas estenderam os braços ao mesmo tempo e quase me desequilibrei e voei para longe, mas me mantive forte enquanto um vento, mais parecido com um tornado, agitava meus cabelos. Abaixei e mordi o pulso para sangrar no chão e quebrar o círculo, que queimou lentamente ao se desfazer e partimos para o ataque, Rafael e eu, ao mesmo tempo.

As bruxas tentaram reagir e foram mais fortes, impedindo-nos de usar magia e um homem segurou meus braços. Estranhamente, não consegui me mover, nem usar minhas habilidades vampírescas, assim como Rafael quando uma bruxa estendeu a mão e ele caiu, parecendo estar desacordado. Lutei para me soltar, mas o feitiço estava funcionando, ficando mais forte e uma bruxa se sobressaiu e ergueu o queixo como se fosse uma espécie de líder.

— Preciso do coração, peguem-no — meu queixo caiu e quando pensei que talvez estivesse tudo perdido, uma ideia me veio a cabeça. Se não tivesse coração não teria feitiço.

NACIONAIS - ACHERON

Engoli em seco, juntando todas as forças que ainda restavam em mim depois de tanta coisa e me concentrei em seu corpo, por mais que doesse tanto, no último resquício de humanidade que eu tinha, vê-la daquele jeito. Seus cabelos negros espalhados pelo chão de pedra, suas pálpebras que nunca mais se abririam para revelar seus olhos verdes brilhantes, seu vestido preto e longo espalhado pelo chão, e com minha última força, ergui o braço e começou a queimar.

Todos começaram a se desesperar e tentar apagar o fogo que queimava seu corpo, mas minha magia o manteria aceso até queimar por completo e não sobrar mais nada. O bruxo do mal me soltou e me virei rapidamente para mordê-lo e beber seu sangue enquanto o corpo de Izabel ainda queimava; quando terminei e ele caiu morto, os outros começaram a cair um por um, em fileira e fiquei parada no meio de todos aqueles corpos. Por um momento, o silêncio foi tudo que escutei até me virar e ver Rafael, ainda desmaiado e voltei-me para Hope.

Ela se mexia em movimentos suaves, quietinha, e
NACIONAIS - ACHERON

peguei-a, fitando seus olhos verdes por um momento. Consertei-a em meu colo e imaginei que ela estivesse com frio enrolada naquele tecido fino, que se sujou de sangue quando a peguei. Seus cabelos, embora seus pais tivessem cabelos negros, eram tão loiros que doía de olhar, e me senti responsável por ela quando a peguei. Eu tinha ido até lá, matado todos aqueles bruxos por ela e agora ela não tinha mais uma mãe, o pai estava tão destroçado que eu não sabia se tinha condições de cuidar dela.

Olhei uma última vez para Rafael antes de sair do cemitério, correndo até o lado de fora, entrei no meu carro e fui embora, sem saber para onde estava indo.

Verifiquei Hope no banco do meu lado pela milionésima vez para ver se ela não tinha ido parar no assoalho do carro. Ela parecia bem e feliz, sorrindo com toda aquela inocência de quem não sabia que tinha acabado de passar por tanta coisa. Peguei o celular, voltando a atenção para a estrada e retornei a ligação de Joseph primeiro, embora aquilo talvez inutilizasse eu ter que retornar as

NACIONAIS - ACHERON

chamadas perdidas de todos os Hamilton e do meu pai.

— Eu estou bem e Hope também — comecei, sem dar a chance de ele falar.

— Fico feliz em escutar isso, mas não acho que esteja. Sei que quase nunca consigo te entender, mas sei que você não está bem depois de tudo o que aconteceu, então, volte para casa... Jon precisa de você.

— Joseph, eu... não consigo — peguei o celular, que estava apoiado no ombro e dirigi com uma mão só para segurá-lo — Eu ainda não consigo entender o que aconteceu essa noite, então vou passar a noite em algum lugar calmo para poder pensar, te ligo amanhã? — ele demorou um momento para responder e suspirou.

— Tudo bem, eu vou esperar — ele desligou e joguei o celular no painel do carro, apertei o volante e olhei fixamente para a estrada. Passando por Hartford, mudei de rua quando o GPS anunciou um acidente na I-95 S que causou lentidão no trânsito. Ainda faltava muito tempo e agradeci pelo carro ter insulfilm escuro o suficiente para ninguém notar que tinha uma criança, teoricamente roubada

NACIONAIS - ACHERON

no meu carro.

Além disso, como eu conhecia NY como a palma da minha mão, não era difícil evitar as avenidas mais movimentadas. Era sexta a noite e era tudo movimentado demais para me permitir respirar quando, além de escapar de bruxas, eu talvez precisasse escapar de humanos também. De Hartford até Manhattan eram cerca de duas horas, e embora eu fosse uma vampira que não precisava descansar, tinha meu lado humano que não dormia há mais de trinta horas. Hope estava dormindo enquanto eu dirigia pelo Bronx e meu celular começou a tocar incansavelmente e eu o ignorava, cansada demais para pensar ou para discutir com alguém. Falar com Joseph era uma coisa, nós conversamos e nos resolvíamos da melhor maneira. Sempre.

Mas quando peguei o celular e vi que era Rafael imaginei que as coisas ficariam feias porque sempre era discussão. Nunca conseguíamos nos entender e consertar as coisas, ainda mais naquele momento em que eu me sentia tão exaurida. Tanto mental quanto fisicamente, então apenas ignorei a chamada e joguei o celular de volta no painel, dei

NACIONAIS - ACHERON

mais uma olhada em Hope, que parecia uma bolinha naquele monte de tecido branco manchado de vermelho, adormecida, e voltei toda a minha atenção para a rua a minha frente, embora vez ou outra, Rafael e minha mãe voltassem a minha mente como fantasmas. Eu sabia que não deveria tê-lo abandonado no cemitério, desmaiado, quando tudo o que ele tentou fazer foi me ajudar, mas se eu esperasse que ele acordasse para ter certeza que estava bem, e só depois dar o fora, eu não teria ido para NY. Estaria presa naquela maldita cidade, e ficaria presa lá para sempre.

Passei pela portaria depois de conseguir explodir todas as luzes de dentro do meu carro para que o adorável porteiro do prédio não me visse e cumprimentei-o quando atravessassei o saguão e ele fazia milhares de ligações para tentar consertar as luzes, checava os painéis e avisava os superiores. E por isso, ele mal me notou. Entrei no elevador e apertei o botão do trigésimo sétimo andar, que demorou uma eternidade para chegar lá. Cada parte do meu corpo doía, parecia que tinham me passado por uma máquina de moer carne, depois mais e

NACIONAIS - ACHERON

mais até que não restasse mais nada. Fechei os olhos, com Hope nos braços, ainda lindamente adormecida, e meu celular e chaves na mão direita que estava nas costas dela. As portas se abriram, já no apartamento que ocupava o andar inteiro, com aquele som familiar.

Fitei o curto corredor que levava ao enorme apartamento e respirei fundo. Eu poderia ter ido para casa, que era tão perto, mas eu não queria ficar sozinha naquele lugar enorme, chorando e me lamentando por tudo, mas queria um colo pra chorar, embora a conversa fosse longa. As portas já iam se fechar e dei um passo a frente para sair quando Ana apareceu e franziu o cenho assim que me viu. E eu não fazia ideia do que ela deveria estar pensando de mim.

Com o rosto choroso, o Valentino ensanguentado e um bebê.

— Juliette... — ela suspirou, sem saber o que pensar quando se aproximou.

— Ana, eu preciso da sua ajuda — ela se aproximou, boquiaberta e assustada, usando somente camisola branca de algodão. Ela pegou Hope com uma delicadeza imensa; eu sabia que ela

NACIONAIS - ACHERON

adorava bebês e sempre criava um vínculo com eles, o que não foi diferente do que vi em seus olhos quando ela viu Hope.

— O que aconteceu? — ela me olhou com mais cuidado — Isso é sangue...

— É, é uma longa história. Podemos entrar? — estávamos paradas entre as portas do elevador e ela passou a língua pelos lábios, avaliando meu estado.

— Claro — saímos e as portas se fecharam enquanto íamos até a enorme sala — Não se preocupe, minha mãe não está — suspirei de alívio por Olivia estar fora para eu não precisar responder ainda mais perguntas do que já teria que responder à Ana — De quem é esse bebê? Não me diga que a sequestrou...

— Não, é claro que não. Ela é minha irmã.

— Graças a Deus — ela andou até o corredor e segui-a — Você precisa de um banho e ela precisa de roupas, depois vai me contar exatamente o que aconteceu.

Parei na porta do banheiro.

— Obrigada... — parei por um momento e fitei-a, que tinha os olhos tão inocentes e meus olhos encheram-se de lágrimas — Minha mãe morreu, Ana

NACIONAIS - ACHERON

— aquela realidade nociva parecia ter finalmente me atingido e acertado meus sentimentos e minha humanidade.

— Ah, meu Deus. Eu sinto muito... — ela me deu um meio abraço com um dos braços em meu ombro segurando Hope com o outro — Pode ficar quanto tempo precisar, tá?

— Obrigada outra vez, por tudo — afastamo-nos, já na porta do banheiro.

— Tem toalhas no banheiro e vou trazer umas roupas para você — ela falou confusa, gaguejando — E vou mandar alguém comprar roupas para... sua irmã.

Me dê motivos, mas não escolhas^[24]

Tirei o vestido e a lingerie. Em seguida, os sapatos antes de entrar no boxer e tomar um longo banho para me lavar de todo aquele sangue e também da sujeira que eu sentia por dentro depois de todas as coisas horríveis que eu tinha feito naquela noite e que, só naquele momento, começava a me dar conta. Mas não permiti que aquilo me consumisse, saí do chuveiro e Ana deu um short e camiseta de grife para eu vestir. Depois saí de lá, com o cabelo ainda molhado e fui para o quarto dela.

— Não foi fácil a essa hora da noite, mas comprei umas roupas pra sua irmã e agora você pode respirar. Seu celular está no criado-mudo e

NACIONAIS - ACHERON

não para de tocar desde que entrou no banheiro — caminhei até lá e tirei o celular na tomada. Joseph concordou que nos falaríamos de manhã, mas a família dele não parecia ter entendido que eu precisava de um momento bem distante deles. Eu entendia que precisava falar com meu pai, mas nem com ele eu tinha capacidade de lidar.

Mandeí uma mensagem para ele dizendo que precisava de um tempo e ele mandou um *tudo bem* de volta. Recoloquei o celular onde estava e voltei minha atenção para Ana, que estava com Hope, cuidando melhor dela do que eu poderia.

— Obrigada por tudo que você tem feito por mim hoje, Ana — ela colocou Hope na enorme cama, certificando-se de que ela estava bem e dormindo e se sentou ao meu lado e segurou minhas mãos.

— Você é minha melhor amiga, mesmo que eu tenha te visto quatro vezes nesse último ano, e se você precisa da minha ajuda... eu não sei o que te dizer, Julies, eu sinto muito pela sua mãe — ela estava quase chorando, assim como eu, mesmo com todas as minhas defesas, embora abaladas — eu queria poder fazer alguma coisa por você, mas sei que não posso. Não tem um jeito de amenizar isso,
NACIONAIS - ACHERON

eu sei. Você precisa de tempo, eu entendi, e pode ficar aqui o tempo quiser — anuí e ela sorriu — Como Jon está?

— Destroçado. Em todos esses anos separados ele nunca conseguiu se envolver com ninguém e acho que nunca mais vai conseguir... — desvencilhei-me dela e levantei-me — Eu estou cansada, posso ficar no quarto de hóspedes...

— Por que não dorme aqui comigo? A cama é grande... costumávamos dormir juntas antes...

— Claro, mas eu preciso dormir — retribuí seu sorriso — Eu vou te contar tudo o que você precisa saber amanhã — pulei na cama e rolei para o outro lado, fitando Hope, que ainda dormia, tão calma e em paz que tive uma centelha de inveja daquela calma toda.

— Então, tem aquele berço que minha mãe guardou... eu vou colocá-la lá. Pode ir dormir, eu sei que você não sabe nem o que os bebês comem.

Ela sorriu e pegou minha irmã e apagou a luz para me deixar descansar, coisa que eu precisava e muito. Na verdade, eu queria dormir por semanas até que aquilo tudo passasse. As lágrimas escorreram até o travesseiro por um longo tempo, NACIONAIS - ACHERON

no escuro. Quando Ana voltou ela notou que eu estava desequilibrada, mas não disse nada, só segurou minha mão até adormecermos.

Acordei confusa sobre onde eu estava e me mexi na cama antes que pude voltasse para mim e eu me sentisse meio deslocada quando me levantei e olhei para o quarto vazio, sentada na beirada da cama. Peguei o celular que começou a tocar, vi que era Rafael e atendi.

— Você está bem?

— Estou, obrigada por ligar, eu só precisava de um tempo — falei lânguida, com o sotaque acentuado.

— E não quero te pressionar a nada, só estarei aqui se precisar.

— Eu estou na casa da Ana, só não conte para ninguém. Nem para o meu pai, eu sei o quanto ele está mal, mas eu não... — as lágrimas me vieram aos olhos de repente — não consigo fazer isso agora porque se eu me permitir sentir eu não vou conseguir suportar... — cravei os dedos nos lençóis até os nós dos dedos ficarem brancos.

— Você vai precisar encarar isso. A dor, a perda,
NACIONAIS - ACHERON

o luto... eu sei o quanto dói, mas você não está sozinha. Eu não quero te incomodar, eu vou desligar...

— Não, Rafael... — puxei as pernas para a cama e respirei fundo — Acho que... queria que você estivesse aqui. Você não é só o homem pelo qual eu sou apaixonada, é a pessoa em quem eu mais confio, é praticamente da família, agora minha única família além de Jon. Eu queria que você estivesse comigo, e eu sinto falta da minha mãe, matei dezenas de bruxas ontem e ateei fogo à minha mãe e... sequestrei minha própria irmã — respirei, organizando meus próprios pensamentos — Eu preciso de você comigo, nem que seja para segurar minha mão...

— Eu vou pegar meu carro — ele falou mais calmo que eu e assenti, fitando o vazio, sem saber o que eu estava fazendo, só sabia o que estava sentindo e mesmo assim era tudo bagunçado — e vou chegar até você e segurar sua mão se você está com medo de fazer isso sozinha.

—Bom dia — Ana mordeu a metade de um croissant e fez uma caneca com café deslizar pela

NACIONAIS - ACHERON

enorme bancada até minha mão.

— Obrigada — falei com a caneca na altura do meu rosto e dei um enorme gole no café forte dela. Ainda eram 7h26, segundo o relógio na sala e me sentei. Eu precisava explicar a Ana algumas coisas, mas nem sabia por onde começar, então a fitei enquanto ela se movia em padrões elípticos pela cozinha — Então, você precisa de ajuda? — antes que ela respondesse, passei os olhos pela bancada e pelos meus dedos que tamborilavam sem parar na caneca branca — Estava pensando em ir para casa — ela se virou.

— Mesmo? — seu cenho estava franzido.

— É, eu... vou precisar voltar para Salém, cedo ou tarde, para ver como meu pai está... ele precisa ver a Hope também, mas...

— Tudo bem — seu tom soou estranho, como alguém que precisa de explicações e ela se inclinou na bancada —, vamos ter tempo para você me explicar tudo o que aconteceu que a fez vir parar aqui no meio da noite, coberta de sangue e com sua irmã. Jon ao menos sabe que você está com ela... ou ele permitiu isso? Porque você não faz a menor ideia de como cuidar dela.

NACIONAIS - ACHERON

— Nem preciso — ergui os ombros sutilmente — Ela não é minha responsabilidade, só durante esses dois dias. Mas ela é um bebê e dorme. Ana, precisamos conversar e vai ser uma conversa longa e demorada — ela pegou seu café e fomos para a sala, sentamo-nos no sofá, lado a lado, e fitei-a sem saber como começar.

— Você pode começar e não me diga que está fugindo da polícia.

— Eu não estou, mas poderia se estivéssemos sob circunstâncias comuns — levantei-me e coloquei o café na mesa de centro — Ana... o que eu vou te dizer é complicado, mas — engoli em seco — eu sou uma vampira.

Ela fez uma cara estranha, abriu a boca para falar alguma coisa e tornou a fechá-la, sem palavras. Eu sabia exatamente o que Ana estava pensando: que eu estava louca, o que qualquer pessoa minimamente normal pensaria se sua amiga dissesse uma coisa daquelas, e o pior é que *eu* não estava ficando louca. Abri a boca e voltei a me sentar ao lado dela, mas dessa vez mantive uma distancia segura: — Eu sei que isso é louco, coisa dos livros da Anne Rice... mas preciso que confie

NACIONAIS - ACHERON

em mim e...

— Por favor, me diga que você está ficando louca — sua voz não passou de um murmúrio em um tom assustado — ou que está se drogando enquanto faz *ménage a trois* naquele fim de mundo... porque a outra possibilidade é...

— É inacreditável, e eu não quero te assustar, mas posso mostrar se é o que precisa para acreditar.

— Julies, eu não... isso é real. A cidade, esse lugar, você e eu, mas o que você está dizendo... isso não existe — expirei lentamente, reunindo meu autocontrole e alonguei minhas presas lentamente enquanto meu rosto se transmutava para uma coisa completamente diferente. Ana ficou me olhando por um longo minuto, boquiaberta, e voltei ao normal com um longo fôlego — Certo... você é uma vampira. Completamente normal.

— Ana, eu... eu vim até aqui você porque precisava da minha amiga, mas agora é a hora que eu vou embora e te deixo pensar — levantei-me e respirei fundo — Estarei em casa se precisar...

— Você não precisar ir, apesar de tudo. Eu vou para o meu quarto — ela se levantou como se estivesse dopada e se afastou —, afinal, eu cuido da
NACIONAIS - ACHERON

Hope...

— Você não precisa — ela balançou a cabeça e saiu. Fiquei confusa por um longo tempo, então saí do estado de inércia e caminhei até o quarto onde Hope estava dormindo. Ana estava sendo a melhor pessoa com a qual eu poderia contar naquele momento, me ajudando, ou melhor, cuidado da minha irmã.

Mas eu não podia fugir para sempre, eu precisava voltar e encarar as consequências de tudo o que eu tinha feito na última noite. Desde ter matado os bruxos e bruxas até ter colocado fogo no corpo da minha mãe para interromper o feitiço, embora ela já estivesse morta aquilo talvez se tornasse um problema. Respirei fundo, apoiada no batente da porta e me virei para sair. Peguei o vestido que Ana tinha me emprestado e deixei um bilhete dizendo que tinha ido em casa e voltaria logo para pegar Hope e ir embora.

Fui a pé, uma vez que morávamos na mesma rua. Passei pelas portas e sorri em reconhecimento para James, o porteiro, e me inclinei sobre o balcão: — Oi, James — falei com um sorriso enorme, sentindo falta daquela familiaridade toda que havia

NACIONAIS - ACHERON

entre eu e aquelas pessoas que faziam parte da minha vida desde sempre.

— Julies — o homem de meia-idade se levantou para me abraçar e ficamos daquele jeito por quase um minuto — Uau, há quanto tempo não nos vemos?

— Acho que um ano — afastei-me — Você ainda guarda as minhas chaves aqui?

— Claro — ele deu a volta no balcão para abrir a caixa de correio do apartamento do meu pai e tirar lá do fundo um chaveiro e me entregar — Você vai ficar?

Mordi o lábio com as duas mãos apoiadas sobre a madeira antiga e pesada do balcão onde James ficava.

— Ainda não — sorri e caminhei até os elevadores, ansiosa por estar em casa novamente.

Lucilla estava no apartamento e eu tinha esquecido completamente dela, que ia colocar tudo em ordem em alguns dias da semana. Ela deveria ter uns quarenta e poucos anos, baixa e forte, com um humor que me levantava de qualquer tristeza que eu estivesse sentindo e quase me esqueci de como

NACIONAIS - ACHERON

era me sentir daquele jeito. Abracei-a assim que entrei e ela ficou surpresa demais nos primeiros segundos; eu não sabia se era por me ver ou por eu me lançar sobre ela com um abraço de urso.

— Luce, não sabe como senti sua falta — como ela era mais baixa, meus braços estavam em seus ombros e sua cabeça ia até meu pescoço.

— Não sabia que estaria aqui — ela sorriu e se afastou. Balancei a cabeça com a chave na mão, meio dispersa.

— Nem eu, mas não vou demorar — passei por ela.

— O Sr. Hohenfels vem para cá hoje?

— Não, Luce... ele não está muito bem — ela me seguiu pelo corredor — Você pode pedir a um dos empregados para comprar umas coisas para mim?

— Claro, o quê?

— Tudo o que um bebê precisar — peguei meu cartão de crédito em uma gaveta e ela me olhou desconfiada.

— Não quer que eu mesma faça? — anuí e abri meu closet. Ela colocou o cartão no bolso do avental.

— Obrigada, você é a melhor pessoa — peguei um vestido que não me fizesse parecer como uma menina mimada e tirei o de Ana para entregar a Lucilla — Devolva isso à Srta. Davenport... pede pro Dave levar se ele estiver por aí — enfiei o vestido pela cabeça e Lucilla fitou-me como se não entendesse o que estava se passando — Nos vemos mais tarde, eu preciso cuidar de algumas coisas.

Ela saiu e fechei a porta, lembrando-me que eu deveria ligar para o meu pai e ver como ele estava depois de ter largado tudo de uma hora para outra. Sentei-me na cama com as costas contra a cabeceira e peguei o celular.

— Oi — falei com o tom baixo, escutando o som de sua baixa respiração antes mesmo que ele respondesse.

— Juliette, onde diabos você está? O que aconteceu ontem a noite?

— Calma, eu... estou em casa, eu volto à noite para Salém. E Hope está bem. Pai... eu sinto muito sobre tudo — as lágrimas me vieram aos olhos no mesmo instante em que me lembrei de tudo aquilo.

— Amor, eu quero que você esteja aqui... *eu preciso* que você esteja aqui, então...

NACIONAIS - ACHERON

— Eu sei, mas... você sabe como eu funciono. Isso me magoou tanto que eu precisei fugir e ainda não sei se está tudo bem em voltar... porque tudo nesse lugar me faz lembrar da mãe que eu só tive por um ano e que aqueles malditos bruxos tiraram de mim. Eu não quero mais viver naquela casa, pai. Não quero lembrar dela a cada segundo. Sei que ainda é muito recente...

— Conversamos quando você voltar, está bem?
— sua voz estava abalada, assim como a minha, então parei e respirei fundo com as costas da mão pressionada contra os lábios com a respiração fora de controle.

— Tudo bem, eu amo você.

— E preciso que me explique o que aconteceu ontem a noite entre você e aqueles bruxos... Rafael não quis me contar.

— Certo — soltei o ar com força e desliguei.

—Srta. Juliette, você tem visitas — Lucilla abriu a porta do meu quarto para anunciar e levantei-me, saindo do meu estado depressivo, saí pela porta e esperei que fosse Rafael, já que ele tinha marcado comigo e esperei-o aparecer há mais de uma hora
NACIONAIS - ACHERON

— Ele se anunciou como Sr. Hamilton e pede desculpas por aparecer sem avisar — franzi o cenho enquanto caminhávamos pelo corredor e abri a boca, surpresa quando vi Cedrico parado na minha sala de estar.

Ele se virou para mim com um sorriso débil, que parecia poder quebrar a qualquer segundo, e fitou-me com tanta intensidade que quebrou algo dentro de mim como se tivesse me esmurrado, com toda a força em seu punho, quando tudo que fez foi me olhar como se me desejasse. O desejo mais profundo de todos, que nunca deixou de existir, e aquilo me assustou.

— Cedrico... — seu nome escapou dos meus lábios num murmuro lento sem que eu pudesse contê-lo, emotivo, carregado de paixões que eu sentia tanto tempo antes por ele, e senti Luce ainda atrás de mim. Ela provavelmente notou que estava sobrando e se retirou, dando espaço a Cedrico, que se aproximou e me envolveu no abraço mais terno e reconfortante que eu já tinha sentido, e tive vontade de relaxar meus ombros e ceder ao seu toque, mas não consegui.

Antes que fizesse aquilo, lembrei-me de Rafael e
NACIONAIS - ACHERON

tudo o que eu sentia por ele, que ele estava vindo para mim, que estava em algum lugar entre o inferno e eu, e que viria mais cedo que eu pudesse imaginar ou sentir sua falta. Porque ele não quebrava suas promessas como Cedrico tinha feito quando partiu meu coração. Afastei-me, balancei a cabeça, confusa sobre meus sentimentos e sua aparição repentina: — O que você está fazendo... aqui?

— Desculpe, eu sei que não deveria ter vindo, mas você estava aqui sozinha e não conseguia pensar em nada pior que estar deixá-la assim depois de tudo — inflei o peito de ar e dei o sorriso mais sem graça de toda a minha vida. Não que eu não estivesse feliz em vê-lo, coisa que eu não deveria estar, mas eu não deveria. Minha mãe tinha acabado de morrer pelas mãos de bruxos, queimada pelas minhas e eu me sentia cada vez mais tirada do chão, flutuando, depois jogada de um lado para o outro e de joelhos. Presa naquele dilema com os Hamilton, mas eu não queria que ele fosse embora, não queria ficar tão sozinha quanto achei que precisava ontem a noite.

— Obrigada. Isso realmente significa muito para
NACIONAIS - ACHERON

mim — sim, significava muito, mas eu não sabia dizer *o que* significava. Ele tinha meio que terminado comigo, depois trabalhamos juntos, nos afastamos de novo e ele estava na minha sala de estar. Remexi em meus dedos, nervosa e confusa, com o olhar hesitante no seu.

— Eu devo ir agora... se precisar de alguma coisa, pode me ligar.

— Obrigada — eu não sabia o que dizer, então abracei-o novamente com força e uma hesitação enorme em soltá-lo. Seu perfume era delicioso, o cheiro do seu sangue ainda mais e senti meus braços envolvendo seu corpo sem que eu pudesse me controlar, agarrando-o com força, sentindo-me tão vazia por dentro que eu queria manter aquele abraço para sempre.

Assim como ele manteve seus braços em torno dos meus ombros tão firmemente que eu poderia derreter em seus braços; um gemidinho involuntário escapou da minha garganta e escutei o som familiar do elevador, mas não me afastei imediatamente, só quando me virei e dei de cara com Rafael. E foi daquele jeito que ele nos pegou em meu apartamento. Agarrados, abraçados de uma

NACIONAIS - ACHERON

maneira tão íntima e intensa, no meio da sala de estar. Afastei-me dele lentamente, meio atordoada e confusa, quase que anestesiada pelo que sentia. Pelo luto e pela dor crescente em meu peito.

— O que está acontecendo aqui? — ele deu dois passos e parei, esperando explicações que eu não podia dar. Eu só sentia tudo abalado a minha volta, inclusive meu estado de espírito.

— Nada — Cedrico falou antes de mim e soltei o ar em meu peito com o olhar baixo, sem conseguir encarar os dois como se aquilo significasse encarar todos os meus sentimentos desde que eu tinha conhecido cada um dos dois e aquilo parecia tão assustador. Achei que falar, definir aquilo em palavras, seria libertador, mas a simples ideia de colocar as coisas daquela maneira oprimia meu peito de tal maneira que eu nem conseguia respirar — Eu estava de saída — ele se inclinou para beijar minha testa e saiu, demorando-se cinco segundos mais do que gostaria ao entrar no elevador.

Foi a vez de Rafael se aproximar, mas ele não disse nada porque assim como todos os outros me via como algo quebrado que não podia ser tocado ou poderia se esfacelar e aquilo também me

NACIONAIS - ACHERON

assustava. Eu estava triste e quebrada e tudo que eu conseguia das pessoas a minha volta era mais sentimentos negativos que oprimiam meu peito.

— Você está bem? — ele colocou a palma direita em meu ombro e ergui o olhar até o seu, bem devagar para encontrar o verde-musgo assustador e apaixonante.

— Sim, eu estou. Só não quero voltar ainda — falei em um tom arrastado e fechei os olhos.

— Que bom. Você me chamou aqui... — ele estava prestes a dizer alguma coisa, então parou e reformulou seus pensamentos — Onde está a Hope?

— Está com a Ana, eu não... eu não pensei muito no que estava fazendo ontem a noite. Talvez eu devesse ter permitido que o feitiço continuasse porque agora temos mais problemas — abaixei os olhos.

— Julies, não era só um corpo. Era o corpo da Izabel, que eles queriam usar em um feitiço. Pode parecer tudo duro demais agora, mas você fez a coisa certa — funguei. O mundo parecia injusto demais naquele momento.

— Posso... — ele não esperou terminar e me

NACIONAIS - ACHERON

abraçou. Foi estranho me sentir envolvida por ele tão pouco tempo depois de ter sentido o corpo de Cedrico tão perto, tão familiar, ao meu. Era tão perturbador estar tão perto dos dois, mas ao mesmo tempo senti-los tão distantes de mim que me assustava. Ainda mais Cedrico, que geralmente era mais aberto com relação ao que sentia, e Rafael também estava mais fechado que ultimamente.

Mesmo enquanto seus braços estavam em torno de mim e eu sentia sua respiração contra meu peito e meus pensamentos disparavam em uma velocidade insana que me assustava. Meus sentidos estavam me deixando confusa, então meus instintos vampirescos assumiram o controle quase que contra a minha vontade. Meus braços se moveram de suas costas para o seu rosto, e assustei-o imediatamente, quando coloquei o antebraço atrás do seu pescoço e beijei-o. Seus lábios eram quentes e ternos colados aos meus, sem se moverem. Ele abriu a boca e moveu-a com cuidado como se nos experimentássemos pela primeira vez, explorando minha boca. Sua mão foi até minha nuca tornando o ângulo mais preciso enquanto sua língua penetrava minha boca.

NACIONAIS - ACHERON

Fiquei na ponta dos pés para alcançá-lo, beijando-o sofregamente, colocando mais paixão naquele beijo do que achei que tinha em mim. Meu corpo estava quente e achei que entraria em combustão a qualquer momento; meu pulso estava desacelerado, achei que meu coração iria sair pela boca pelo simples toque dos seus lábios nos meus que me provocou um êxtase tão intenso... achei que estava flutuando, que meu corpo sairia do chão e flutuaria, como um espírito livre e apaixonado. Minhas mãos foram involuntárias nos botões da sua camisa social branca e senti a hesitação em cada célula do seu corpo, depois o senti ceder a tentação e ao desejo mútuo que era latente entre nós, pulsante.

Foi apenas uma questão de segundos até ele ceder e me levar para o quarto enquanto tirava meu vestido pela cabeça em um gesto rápido e habilidoso. Dei um empurrãozinho na porta e fechei, arranquei sua camisa e joguei no chão, com uma pressa desesperada que vinha de dentro do meu peito e me consumia. Eu estava em chamas, assim como ele, que parecia ainda hesitar mesmo com tudo o que era óbvio entre nós, que me fazia

NACIONAIS - ACHERON

vibrar por dentro e por fora. Eu queria jogá-lo naquela cama, mordê-lo e beber seu sangue enquanto sentia sua adrenalina dentro de mim. Todos os meus pensamentos estavam fora de controle, nossos braços e pernas para todo o lado quando caímos na cama; minhas pernas estavam em torno dos seus quadris e tomei um longo, longo fôlego.

Eu *realmente* não queria ficar deitada e deprimida, embora estivesse mais que triste com o que tinha acontecido. Não conseguia nem me imaginar dali em diante sem minha mãe, embora eu tivesse convivido com ela tão pouco tempo; sentia mais falta dela do que senti a vida inteira sem tê-la conhecido.

E embora eu estivesse me sentindo tão triste, com o coração angustiado, parte de mim, aquela parte estranha que não possuía humanidade, estava feliz e saltitante. Eu estava sonolenta como nunca me sentia porque nunca me cansava, mas daquela vez era algo diferente e minhas pálpebras se abriram com dificuldade e um sorriso involuntário se formou em meus lábios. Pisquei algumas vezes,

NACIONAIS - ACHERON

relutante, para olhar Rafael ao meu lado, adormecido como um anjo, seu peito subindo e descendo lenta e regularmente; seus lábios de curvas perfeitas estavam entreabertos sensualmente e seu cabelo estava completamente bagunçado. Meus olhos desceram pelo seu peito, onde minha mão repousava tranquilamente e meus dedos se moveram, tamborilando e deslizando pela sua pele, sentindo sua textura macia, afundando nela e ele começou a despertar inocentemente com um sorriso lindo se formando em seu rosto pouco antes de ele abrir os olhos.

— Ei — Rafael permaneceu imóvel, só abaixou os olhos para mim com um sorriso fácil e bobo. Apoiei-me em meus cotovelos com o lençol me cobrindo e sorri ao traçar círculos em seu peito e ver seu sorriso.

— Você está bem? — ele sorriu e seus dedos tocaram meu rosto com delicadeza. Ele parecia tão vulnerável, que meu coração batia acelerado, fora de compasso e meu sorriso era tão largo que mal podia conter. Mordi o lábio e ele se ergueu para me beijar; abri a boca ao mesmo tempo em que ele saqueou meu lábio inferior, mordeu-o e soltou com

NACIONAIS - ACHERON

leveza natural e extasiante.

— Está tudo perfeito — ele deslizou o polegar pelo meu queixo com um olhar meio deslumbrado com o que via e deitei a cabeça em seu ombro.

— Então vamos ficar aqui para sempre.

1992

— A menos que queira voltar para Salém comigo mais tarde... — continuei.

— Tudo bem — ele mexeu no meu cabelo e fechei os olhos — O que estava acontecendo entre você e Cedrico quando eu cheguei?

— Nada, ele só apareceu... na verdade, nem achei que você viria mais.

— Eu fiquei preso na estrada, meu pneu furou — seus dedos se moviam suavemente pelos meus cabelos e inclinei a cabeça para trás para fitar sua expressão languida e suave — Além disso... eu sei o que você sente por ele.

— E isso não te incomoda?

— Eu não posso mudar isso, só o que você sente por mim me basta — apoiei meu cotovelo em seu
NACIONAIS - ACHERON

peito para olhá-lo nos olhos.

— Eu estou apaixonada por você, você sabe —
ergui os dedos para deslizá-los pelos seus cabelos
— Cedrico foi muito importante para mim e acho
que ainda sinto alguma coisa por ele, mas não
temos chance alguma. Porque não consigo pensar
em ninguém além de você. Acho que isso só piorou
em 1992...

— Quando? — ele perguntou meio confuso e
ajeitei-me para tentar explicá-lo.

— No mundo prisão, o tempo não é o mesmo que
aqui, nem o ano. Era o mesmo dia de 1992 que se
repetia sempre. 14 de outubro, de novo e de novo
— ele franziu o cenho como se aquilo doesse nele,
inclinou-se e beijou minha testa, puxando-me outra
vez para seu peito — Eu quero fazer uma coisa...
— murmurei, mudando de assunto — tem esse
lugar — meus dedos estavam em seu peito traçando
círculos — em Praga que minha mãe adorava, eu
pensei que poderia ir até lá e deixar as cinzas...

— Talvez seja uma boa — ele concordou em um
murmúrio — Eu conheci Praga em um verão, há
dois anos, quando fui passar algum tempo na casa
dela. Tínhamos essa relação meio próxima e ela só
NACIONAIS - ACHERON

trabalhava o tempo inteiro, embora tenha sido um dos melhores verões da minha vida... eu sinto tanto a falta dela. De procurar colo quando eu queria que ela fosse minha mãe ao invés de Elena, quando precisava conversar e ela sempre estava lá, nem que fosse pelo telefone... ela é a pessoa que eu mais vou sentir falta no mundo e sei que não quero perder mais ninguém que eu ame. E sinto muito que você não tenha tido o tempo que deveria para conhecê-la, que não tenha estado com ela a sua vida inteira como eu tive o privilégio, para saber que ela era a melhor pessoa do mundo inteiro — sem que eu tivesse consciência, lágrimas escorriam do canto dos meus olhos. Só me dei conta disso quando Rafael estendeu a mão e deslizou abaixo dos meus olhos, inclinando seu corpo sobre o meu e me olhou nos olhos com intensidade.

— Não me olhe assim, eu sei o que *esse* olhar significa — falei completamente vulnerável, de uma maneira que eu não estava acostumada a me sentir.

— Você não vai ficar triste para sempre, você vai ser a pessoa mais feliz do mundo e tem a eternidade inteira para isso — a respiração se perdeu em meu

NACIONAIS - ACHERON

peito.

— E se eu não quiser viver para sempre? — franzi o cenho e ele não pareceu ter a resposta para minha pergunta.

— Bem, você não tem mais escolha...

— Eu não quero mais que isso, Rafael. Não quero viver para sempre, nem mais que essa vida... a eternidade parece agonizante demais se você não estiver comigo, então eu quero viver bastante, mas uma vida humana e normal — havia uma expressão indecifrável em seu rosto e ele tirou o cabelo que caía em meu rosto.

— Mas e se você não precisar ser humana para estarmos juntos? — engoli em seco sem entender exatamente onde ele queria chegar. Esperei-o explicar, por cinco segundos, ao invés disso ele enfiou o rosto em meu pescoço e deslizou os lábios do meu maxilar até meu pescoço em uma trilha de beijos sensuais que me deixou mais alerta, tentando decifrar o que ele quis dizer.

— O que você quer dizer? — apoiei a mão em suas costas e ele me olhou outra vez apoiando o braço no colchão.

— Nada, podemos deixar essa conversa para
NACIONAIS - ACHERON

depois — e sorriu. Não consegui relaxar depois daquilo, e meus pensamentos voltavam constantemente a minha mãe, então apenas permiti-me deitar e observar Rafael adormecer sem conseguir fazer o mesmo, fitando a paz em seu rosto quando o sono chegou.

Levantei-me, tomei banho e coloquei uma roupa confortável, pronta para voltar ao inferno que era Salém, ao pandemônio que tinha se transformado nas últimas horas, mas quando estiquei-me para acordar Rafael, vi seu celular com a tela acesa, vibrando em meu criado-mudo, então não resisti. Deslizei o dedo pela tela para perceber que não tinha senha, indo direto para suas mensagens recebidas, que eram de Lauren. Poderia ser normal porque agora éramos todos amigos, ou qualquer coisa do tipo, mas eu tinha ciúme dos dois juntos. Comecei a passar as mensagens, das mais recentes às mais antigas.

Diga a Juliette que sinto muito. E conforte-a. Eu sei como é perder um dos pais.

Adorei a noite passada, a que ela respondeu: Que ótimo, quando vamos nos ver de novo?

Tudo equilibrado demais para o cara que tinha me dito que não gostava mais dela, que eles não dormiam mais juntos, mesmo que fosse de quatro dias atrás quando nem estávamos nos falando. Magoou-me o fato que ele ter dito que não a queria mais e que tivesse sido da boca para fora. Fechei os olhos por um momento, passei a língua pelos lábios e continuei lendo só para descobrir que eles estavam juntos desde muito tempo. Talvez ele estivesse dormindo com ela e com Eva enquanto eu agonizava no mundo prisão e aquilo me irritou de alguma maneira, por mais que fosse uma coisa irrelevante naquele ponto, não consegui controlar minha fúria. Joguei o celular dele na cama e saí do quarto com minha bolsa no antebraço. Despedi-me de Lucilla e pedi-a que guiasse Rafael até a saída quando ele acordasse, furiosa demais para fazê-lo.

Fui até a casa de Ana e quando o elevador abriu vi Olivia; loira, alta, elegante e de olhos verdes vibrantes e encantadores. Eu estava usando saltos e vestido verde de verão, a coisa menos quente e

NACIONAIS - ACHERON

sufocante que pude encontrar para aquele calor todo. Parei quando a vi e respirei fundo antes de caminhar até ela, fitando Hope com o canto dos olhos

— Juliette — ela veio me abraçar toda solícita e concluí que Ana tivesse contado a ela sobre minha mãe, embora eu não a visse em lugar algum —, eu sinto muito pela sua mãe, querida.

— Obrigada, Olivia — falei o mais docemente possível e ela se afastou com um sorriso suave e elegante — Espero que Hope não tenha te dado trabalho, eu precisei ir em casa pegar algumas roupas...

— Ah, por favor, Julies. Você é da família, é o mínimo que podemos fazer por você. Ana precisou sair, não sei ao certo para quê — ela se desvencilhou de mim e foi até a cozinha, oferecendo-me chá, que aceitei e me sentei para tomar o chá quente e delicioso — Como Jon está?

— Destroçado — murmurei e permaneci fitando seu sorriso benevolente.

— Você precisa de carona para casa? Você vai voltar para Salém?

— Não precisa, Olivia, obrigada por tudo —
NACIONAIS - ACHERON

levantei-me, terminando o chá. Peguei minha bolsa e despedi-me dela.

— Bem, de qualquer maneira, eu mandei colocar uma cadeirinha no seu carro — ela devolveu minhas chaves e sorri, pegando minha carteira — Nem ouse pegar sua carteira — ela pousou a mão na minha e devolvi a carteira à bolsa.

— Obrigada de novo — sorri rapidamente e peguei Hope, que estava quietinha, quando levei-a até o carro, prendendo-a na cadeirinha. Ela parecia grande demais para uma recém-nascida, mas para bruxa necromante devia ser algo normal; ela estendia os bracinhos em minha direção e sorria, com seus olhos verdes brilhando.

Peguei a estrada e meia hora depois meu celular começou a tocar na minha bolsa. Primeiro, ignorei, pensando ser Rafael, mas depois chequei e vi que era Joseph: — Você ainda está bem?

— É, estou — conectei a chamada ao carro pelo Bluetooth e respirei fundo, com as mãos firmes no volante — Acho que ainda estou no piloto automático, deixando meu lado vampiro assumir o controle como uma forma de autodefesa, e não faço a menor ideia do que vai acontecer quando meu

NACIONAIS - ACHERON

lado humano voltar ao controle — balancei a cabeça, percebendo as insanidades que eu estava dizendo.

— Bem, acho melhor estar aqui quando isso acontecer. As coisas estão estranhas, mas todos nós estamos aqui para confortá-la.

— É, eu também pensei sobre isso e acho que ficar sozinha não é a melhor ideia *agora* e meu pai precisa de mim, então devo chegar em algumas horas.

— Tudo bem, Jon está na mansão, mas entendo se quiser passar um tempo na casa de vocês. De qualquer maneira, estamos aqui para vocês — agradei e ele desligou. Eu me sentia culpada. Considerava Joseph mais que meu amigo e estava me aproximando de Freya pelas costas dele quando tudo o que ele mais quis foi mantê-la afastada dos Hamilton para preservá-la. A culpa era crescente em meu peito e doía assim como a dor da perda da minha mãe.

Todos os sentimentos me esmurravam por dentro e me dilaceravam naquele momento.

Fui direto para a mansão, parei o carro e peguei
NACIONAIS - ACHERON

Hope, meio sem jeito, sem saber como segurá-la, meio desconcertada quando ela começou a mexer no meu cabelo. Afastei o rosto e caminhei até a porta, que se abriu sozinha. Entrei e logo vi que todos estavam reunidos na sala, exceto por Cedrico. Jon estava com uma expressão desolada no sofá de frente para mim, Elena e Joseph estavam sentados de costas para mim e ela se levantou quando entrei e a porta fechou-se novamente atrás de mim.

— Juliette — Jon se levantou e caminhou até mim, pegando Hope dos meus braços, felicitando-me ao ver-me livre daquele ser perto de mim. Eu não conseguia sentir nenhum tipo de empatia por aquele bebê, não importava o que ela era minha; se eu tinha feito alguma coisa por ela, para salvá-la ou o que quer que seja, na última noite foi pela minha mãe — Onde você esteve?

— Em casa, em NY — Elena tinha uma expressão furiosa no rosto e cruzei os braços na altura do peito, lembrando-me do que ela tinha me dito na noite passada sobre as bruxas e de eu ter *desobedecido* suas ordens. Eu conhecia um pouco daquele seu lado autoritário e sabia como ela poderia ficar fora de controle quando alguém fazia

NACIONAIS - ACHERON

algo contrário a sua posição.

— Precisamos conversar — ela falou incisiva e mordeu o lábio — No meu escritório. Agora — ela foi até o escritório, ao lado da biblioteca, seguiu-a e ela fechou as portas duplas quando entrei — O que você estava pensando ontem a noite? — ela cruzou as mãos na altura do peito.

— Elena, aquelas bruxas mataram a minha mãe, eu não ia permitir que eles usassem o *coração* dela para um feitiço. Não pense por um segundo que vou aceitar seus sermões por fazer o que eu fiz...

— Elena estava no meio da sala e sorriu ao me interromper.

— Você *matou* pessoas por vingança e induziu o meu filho a compactuar com suas atrocidades, Juliette.

— Eu não o induzi, nem mesmo o convidei a isso. Se Rafael fez alguma coisa foi por livre e espontânea vontade, mas acho que você o considera um santo — meus braços caíram ao lado do corpo e girei-o — Talvez devêssemos esperar até que ele esteja aqui para que possamos discutir isso.

— Você pertence a esse *coven*, indiretamente você responde a mim pelos seus atos. E não
NACIONAIS - ACHERON

importa o quão poderosa você seja, sua magia está completamente fora de controle...

— Você quer falar de *coven*, ancestrais e magia com tudo isso que está acontecendo? Sério? Os ancestrais estão do lado de Malcolm, eles só se importam com seus próprios interesses, então devemos cuidar com dos nossos. Malcolm ainda está por aí...

— Malcolm está por aí porque *você* decidiu que seria prudente interromper o feitiço e matar as bruxas — ela franziu o cenho enquanto falava e gesticulava e aproximei-me, tentando entender onde ela queria chegar com aquilo.

— Enquanto elas tentavam arrancar o coração da minha mãe. Sua amiga, a propósito — eu estava gritando —, então me desculpe se eu perdi a cabeça, mas eu estava tentando proteger a *minha* família. E algo me diz que você sabia de tudo isso e não fez nada, o que te torna tão culpada quanto estas bruxas — sua expressão era calma e inabalada, mas seu olhar era furioso.

— Eu tentei fazer alguma coisa, Juliette. Izabel era a minha melhor amiga, eu não teria feito isso com ela; não teria feito com ninguém, embora eu

NACIONAIS - ACHERON

veja em seus olhos que você está me considerando culpada sem nem pesar o que estava em jogo.

— Você sabia — afirmei com os olhos queimando, mas incapaz de derramar uma lágrima enquanto fitava aqueles olhos frios, desprovidos de emoção — Você sempre soube, não foi? Aquele teatrinho todo de *tomar cuidado com as bruxas* foi só uma desculpa para me distrair. Meu Deus, como eu fui burra em acreditar naquilo, em acreditar em você — Elena abriu a boca para se explicar, mas repensou suas palavras por um segundo.

— Nós precisávamos parar o meu pai e o feitiço requeria o coração de uma necromante, porque era um coração morto, mas vivo. As bruxas queriam você, mas o seu não era perfeito porque você não nasceu em solo consagrado... como Izabel — as lágrimas inundaram meus olhos e meus braços estavam envoltos em meu corpo num gesto de autopreservação e eu estava parada de frente para Elena; simplesmente paralisada sem conseguir acreditar no que escutava — Eu sinto muito... mas são sacrifícios que todos nós temos que fazer — ela falou lentamente.

Eu não tinha o dizer, parecia que eu estava

NACIONAIS - ACHERON

morrendo devagar por dentro. Soltei meus braços e deixei-os cair ao lado do corpo. Eu estava maquinando meu próximo movimento quando escutei a porta se abrir atrás de mim e me virei para ver Joseph parado atrás de mim: — Está tudo bem por aí? — e fixou seus olhos em mim, que balancei a cabeça sutilmente.

— Eu preciso ir embora — falei, mas não me movi. Joseph continuou com seus olhos em mim, e em Elena por sob meu ombro, esperando que eu fizesse algum movimento. Mas não consegui. Minha cabeça começou a doer como o inferno, a imagem de Joseph se tornou um borrão a minha frente. Levei as mãos à cabeça em reação instantânea a dor e Joseph lançou-se em minha direção; ele me segurou e desmaiei em seus braços.

Você se despedaçará e escurecerá^[25]

RAFAEL

Ela começou a abrir os olhos e segurei sua mão, mas ela nem pareceu ter consciência de onde estava durante meio minuto. Seus olhos verdes fixaram-se em mim, parecendo confusos e distantes.

— Rafael... — ela murmurou meu nome de maneira sonolenta, imóvel e apertou minha mão de volta instintivamente. Seu rosto estava meio inchado e ela franziu o rosto ao se esforçar para se sentar — O que houve?

— Você desmaiou, não se lembra? — ela fez que não e tirou o cabelo do rosto. Ela estava se lembrando, pude ver em seus olhos, e aquela

NACIONAIS - ACHERON

lembrança pareceu-lhe dolorosa — Está se sentindo bem?

— Eu... — Julie levou a mão à têmpora com o cenho franzido — Malcolm — seus olhos fixaram-se nos meus, finalmente, e ela estava apavorada — Enquanto eu dormia, eu estava no mundo prisão de novo falando com meu avô... eu contei a ele sobre minha mãe — ela falava devagar conforme suas lembranças voltavam. Eu preciso encontrá-lo, Rafael, ele sabe como prender Malcolm...

— Espera, você sabe o que aconteceu da última vez que invocamos Friedrich.

— Dessa vez é diferente — ela se desvencilhou de mim e chutou as cobertas, já na porta do quarto antes que eu pudesse ao menos piscar. Aquela coisa de vampira sempre me confundia; precisava que ela se explicasse porque não a deixaria correr aquele risco, então desci as escadas atrás dela.

Eu tinha chegado de Nova York há algumas horas, mas todos pareciam estátuas. Jon, de luto, minha mãe reflexiva como se tivesse mandando Jesus à cruz e Joseph sendo ele mesmo, nunca demonstrando sentimento algum em nada, apenas sendo sensato demais. Juliette passou pela sala e

NACIONAIS - ACHERON

achou sua bolsa na poltrona. Jon pousou a mão em seu pulso e ela parou, desacelerando um pouco.

— Para onde você vai?

— Para casa, eu preciso fazer uma coisa — sob a fraca luz da lareira ela parecia muito mais pálida do que no quarto; talvez por ainda estar se recuperando, talvez por não se alimentar há muito tempo — e preciso do *Liber Spiritus*.

Jon se colocou de pé num pulo.

— Não permitirei que toque aquele livro amaldiçoado outra vez.

— Você não pode me dizer o que fazer com tanta coisa em jogo... — sua voz demonstrou sua fraqueza e ela se sentou a contragosto na poltrona com a mão sobre a têmpora, a respiração profunda e a cabeça levemente baixa — Eu estou bem — ela falou para conter a aproximação de Jon e a minha. Eu sabia que devia estar acontecendo um conflito na sua cabeça, só tinha uma parte pequena de informações, ansiava por saber o que estava acontecendo —, só cansada. Eu preciso fazer uma coisa... e preciso ir embora — alguns segundos depois, Juliette se levantou com sua bolsa no antebraço — Por favor, não tente me impedir.

NACIONAIS - ACHERON

— Ao menos diga o que você quer fazer com ele.

— Preciso contatar Friedrich, ele sabe o feitiço para prender Malcolm outra vez — ela franziu o cenho suave e rapidamente. Jon parou e olhou em volta.

— Querida, eu não te mandei vir para cá porque não quero estar em casa. Te mandei vir porque há muitos bruxos por aí, que estão furiosos com você, além dos ancestrais que a querem morta há muito tempo, agora mais ainda pelo que você fez ontem a noite, e a magia deles está em cada pedaço dessa cidade. Exceto aqui.

— Eu não quero estar sob o mesmo teto que ela — inacreditavelmente ela gesticulou na direção da minha mãe; eu realmente estava por fora do que estava acontecendo porque na noite anterior a relação delas parecia ótima e agora Juliette parecia querer matá-la a sangue frio — Eu sinto muito, mas não posso ficar parada esperando... vocês mesmos dizem que foi minha culpa as bruxas não terem conseguido selar o feitiço. Eu *preciso* fazer alguma coisa.

— Juliette — finalmente falei e caminhei até ela —, fique aqui e descanse enquanto Jon pega o

NACIONAIS - ACHERON

Liber Spiritus. Por favor — ela fez contato visual e senti-a derreter, assentindo e aproximando-se e encostando seu rosto em meu ombro, tão fraca que eu sentia seu corpo tremular debilmente quando envolvi seus ombros com meu braço.

— Tudo bem, mas me prometa que não vai tentar me impedir? — ela falou com a voz sussurrada.

— Eu prometo — passei o braço pela sua cintura e seus joelhos se dobraram. Peguei-a no colo, porque estava quase caindo, e levei-a escada acima até meu quarto, de volta para a cama que ela tinha acabado de deixar. Seu corpo estava mole e tirei cuidadosamente seu cabelo do rosto; ela gemeu, meio sonolenta, com os olhos fechados, mas não estava dormindo.

— Você não teria uma bolsa de sangue por aí, teria? — ela murmurou.

— Por acaso, eu tenho — ela sorriu e abriu os olhos, ajeitando-se na cama. Peguei duas bolsas de sangue, uma controvérsia ter sangue numa casa de bruxos mas Juliette me levou a guardar algumas, voltei num segundo para o quarto e ela tomou as duas rapidamente, ficando mais corada.

— Obrigada — sentei-me ao seu lado — To
NACIONAIS - ACHERON

vendo que você quer falar alguma coisa. Sobre mais cedo — parei por um momento para olhá-la, apreciando cada detalhe do seu rosto perfeitamente delicado e modelado.

— Eu não sei como você consegue ainda pensar nisso com tudo isso acontecendo — ela pegou minha mão.

— Você mentiu para mim — ela falou simplesmente — Você disse que não queria mais estar com Lauren e estive com ela...

— Eu posso explicar — falei rápido demais e tirei minha mão da sua — Nós meio que estávamos dormindo juntos. Algumas vezes, mas não foi nada sério e acabou. Eu não sinto mais nada por Lauren desde que coloquei meus olhos em você no refeitório do colégio, você sabe disso — ela pareceu balançada, mas ainda não estava totalmente propensa a ceder.

— Eu não tenho nada a te oferecer e talvez nem tenha sobrado nada de bom de mim.

— De que você está falando? — seu tom sombrio estava me assustando.

— Eu ter me tornado uma vampira me mudou mais do que eu estaria disposta a admitir, eu não

NACIONAIS - ACHERON

sou mais a garota por quem você se apaixonou antes, quando me conheceu — sua voz saiu mais enfraquecida e hesitei, não por que eu tivesse dúvidas, mas porque eu precisava calcular minhas próximas palavras.

— Eu sei, eu também mudei muito depois de tudo pelo que passamos. Sei também como você se sente com relação a ser uma vampira, que nunca quis isso e imagino o quão difícil é para você. Mas nada disso importa para mim, só você; você é a única pessoa que me importa, a única garota que eu quero no mundo — Juliette me olhava de um jeito estranho, então peguei sua mão direita e segurei entre as minhas com cuidado.

— Eu esperava que você fugisse... — ela murmurou.

— Eu não vou a lugar algum — respirei fundo e baixe os olhos, traçando círculos na parte de cima da sua mão, sentindo o contorno de suas veias — Agora não é o momento mais apropriado para termos essa conversa — ergui os olhos quando ela levantou a cabeça, olhando em volta com um sorriso apreciativo, fitando as paredes e o teto de madeira antiga.

NACIONAIS - ACHERON

— Aconteceu tanta coisa com nós dois aqui, Rafael. Eu *morri*, literalmente. Foi aqui, nesse quarto, que eu realmente comecei a te conhecer e descobrir que você não era o babaca que aparentava ser. Foi *aqui* onde eu disse que te amava... e além disso, passamos por tantas outras coisas que poderiam ter nos separado definitivamente, mas que acabaram por nos unir ainda mais, acabou tornando meus sentimentos ainda mais fortes — eu sentia aquela sensibilidade e sinceridade na maneira como ela falava calmamente, com seus olhos verdes brilhando, cheio de paixão e dor ao mesmo tempo; tudo aquilo se confundia dentro dela — E agora eu preciso fazer uma coisa e preciso que acredite em mim e que eu sempre vou voltar para você, não importa o que aconteça... o mundo prisão foi apenas a prova disso. Eu morri duas vezes, e em toda morte eu sempre vou encontrar vida o suficiente para voltar. Voltar para você — seus olhos estavam marejados pelas lágrimas e ela se aproximou com uma lágrima escorrendo pelo seu rosto. Juliette fechou os olhos e inclinou-se para que seus lábios pudessem tocar os meus.

Fiquei surpreso demais para reagir, sem entender
NACIONAIS - ACHERON

o que ela tinha dito, e movi meus lábios suavemente sob os seus por um longo momento, quase doloroso, e Julies se afastou e olhei para ela, que ainda tinha os olhos fechados.

— Eu prometo que vou voltar para você.

— *Sempre* — murmurei e ela sorriu, triste.

— Trouxe o livro? — ela mal chegou aos últimos degraus, acompanhando-me a uma velocidade humana, e perguntou a Jon quando ele passou pela porta. Ele fez que sim e tirou a bolsa a tiracolo de seu ombro para pousá-la sobre a mesinha de centro e tirar o tal livro de lá. Não gostava daquele livro, mas Juliette sempre acabava por encontrar um jeito de fazê-lo necessário.

A magia dele era completamente maligna, e nem precisava tocá-lo para saber. Juliette pegou-o e folheou suas páginas, procurando por algo que ela sabia onde encontraria, depois pousou-o na mesa de centro, aberto.

— Certo — Joseph estava sentado quase que de frente para ela, no sofá, eu estava atrás dele, Elena estava na poltrona, afastada e quieta e Jon ao lado de Juliette, com o cenho franzido e tão desconfiado

NACIONAIS - ACHERON

quanto eu — Vamos a segunda parte — ela falou decidida, com o tom frio, e foi até a cozinha em sua velocidade vampiresca, voltando meio segundo depois com uma estaca; a ponta estava apontada para seu próprio peito de maneira estranha.

Dei um passo a frente. Ela puxou a jaqueta e o colar que eu tinha usado para colocá-lo no mundo prisão, cuidadosamente para não tocar a pedra. A energia concentrada ali era terrível com toda aquela magia: — O que você está fazendo com isso? — falei mais rápido do que eu podia pensar quando vi aquele artefato maligno em sua mão. Juliette tirou-o e depositou sobre o livro aberto, olhando para seu pai, depois para mim.

— Eu não posso invocar Friedrich, eu preciso estar com ele. No mundo prisão. E para isso, eu preciso que você me mate — franzi o cenho no mesmo segundo porque ela estava olhando para mim como se eu fosse capaz de fazer aquilo.

— Você não está falando sério — Jon foi o primeiro a falar e tomou a estaca de sua mão.

— Sim, eu estou. É o único jeito para que eu possa cumprir a promessa que eu fiz a ele e conseguir acabar com essa ameaça que paira sobre

NACIONAIS - ACHERON

todos nós. Enquanto eu dormia, Friedrich falou comigo, mas Malcolm apareceu e não tivemos tempo para discutir o feitiço — ela olhou para mim rapidamente e voltou o olhar para seu pai — Eu fiz uma promessa a ele meses atrás e preciso cumpri-la — ela tomou a estaca de Jon sem dificuldade e afastou-se dele.

— Eu perdi sua mãe, não vou perder você também.

— Você não vai me perder. Eu faço o feitiço, morro e você me trás de volta em vinte minutos. É tempo o suficiente para eu fazer o que tenho que fazer — e caminhou na direção de Elena — Se ninguém é capaz de você, faça você. Você me quis morta primeiro, compactuou para isso antes, então faça.

— Juliette... — senti um tom de alerta em sua voz e notei que havia alguma coisa entre elas; um segredo.

— Faça, Elena — ela estendeu a estaca e minha mãe fitou-a, levantando-se. Inacreditavelmente ela a pegou.

— Mãe... — avancei na direção delas, mas minha mãe traçou um círculo no ar e me manteve

NACIONAIS - ACHERON

distante — Mãe! — falei mais alto sem acreditar no que ela estava fazendo — Parem com isso. Juliette — ela evitou meu olhar e ajoelhou-se diante da mesinha de centro para pegar um punhal sobre ela e começou o feitiço.

As velas acenderam e esmurrei aquela parede invisível enquanto Jon e Joseph tentavam quebrar o feitiço. A magia de Elena estava sustentando o feitiço, então eu não achava que seria possível quebrá-lo, nem impedir o feitiço que Juliette estava fazendo. Elena cruzou os braços atrás dela, esperando-a terminar. Estávamos correndo contra o tempo, a magia de Juliette praticamente fluía por toda a sala quando ela se levantou; a magia que supostamente a faria ressuscitar. *Se* desse certo e era tudo o que eu podia esperar naquele momento.

— Está feito — ela falou e esmurrei com mais força.

— Juliette, não faça isso. Juliette — gritei mais alto.

— Eu sinto muito — ela sussurrou com seus olhos em mim, então se voltou para Elena e fechou-os.

— Mãe — no segundo em que Elena fez um

NACIONAIS - ACHERON

movimento que iria realmente fazer aquilo, lembrei do feitiço que tentei usar na cripta na última noite, e Cassie e Cedrico entraram pela porta. Mas quando eu disse e eles notaram o que estava acontecendo, tudo isso foi tarde demais porque minha mãe matou-a sem nem hesitar e deixou que a pedra amaldiçoada sugasse sua alma para a escuridão.

Todos ficaram perplexos, boquiabertos, com um arrepio gelado pelo corpo quando seu corpo atingiu um piso de madeira num baque surdo e a estaca ficou na mão de Elena, que fitou o corpo de maneira fria, dizendo silenciosamente que precisava ser feito. Cedrico e Cassie ergueram os olhos até mim: — Mãe... — Cassie murmurou com sua voz doce e mamãe ergueu os olhos para ela, saindo de seu estado de inércia e quebrando o feitiço que ergueu uma parede invisível em torno dela.

— Temos vinte minutos para trazê-la de volta — ela agachou ao lado de Juliette, que tinha o corpo acinzentado, com suas veias saltadas de uma maneira que me traziam lembranças muito desagradáveis, embora eu acreditasse que o feitiço de ressuscitação pudesse funcionar, mas eram

NACIONAIS - ACHERON

variáveis demais para eu ter permitido que ela o fizesse se eu tivesse alguma escolha ou poder sobre aquela decisão.

Dei a volta no sofá e peguei seu corpo com cuidado para colocá-lo no sofá e tirar seu cabelo do rosto, revelando uma expressão terna; de uma paz infinita: — Vinte minutos, nem um a mais — chequei a hora, que era a coisa mais importante até que ela estivesse comigo de novo.

— O que aconteceu aqui? — Cedrico foi o primeiro a se aproximar para perguntar. Coloquei-me de pé, livrando-me rapidamente do choque inicial. Jon ficou ao lado dele e Cedrico, Cass e eu fomos para a cozinha. Minha mãe subiu as escadas e Joseph subiu atrás dela, aparentemente possesso.

— Juliette tinha tudo sob controle e espero que o plano dela dê certo — expliquei resumidamente tudo o que eu sabia enquanto servia café aos dois; a bancada era tudo o que nos separava, mas o choque deles ficaria evidente em qualquer lugar em que estivéssemos, não importando a distância.

— Como você e Jon puderam permitir isso? E o papai... — Cassandra estava em choque.

— Você viu o feitiço da mãe, eu não tive muita
NACIONAIS - ACHERON

escolha.

— Quando Juliette decide uma coisa é difícil tirar da cabeça dela — Cedrico falou com a propriedade de quem a conhecia muito bem. Intimamente. E em meio aquilo tudo, todas aquelas discussões de vida e morte, o ciúme veio instantâneo até mim só de pensar nos dois juntos, ao lembrar-me dos dois se beijando na minha frente e ao imaginar o resto.

— Precisamos nos concentrar em trazê-la de volta — falei, por fim, depois de uma longa reflexão, pousei a caneca na bancada e Cassie ficou me olhando, tentando decifrar de onde vinha todo aquele pragmatismo em minhas palavras.

— Você está certo. Como nós fazemos?

— Ela começou o feitiço do livro, só precisamos de um pouco mais de sangue e terminá-lo — saí da cozinha e voltei a sala, onde Jon estava sozinho ao lado do corpo de Juliette, parecendo ainda pior do que mais cedo. Ele tinha acabado de perder a mulher e agora segurava a mão da filha morta, esperando que pudéssemos trazê-la de volta.

Se o tempo era a grande questão, seria o maior empecilho a enfrentarmos. Ainda restavam doze
NACIONAIS - ACHERON

minutos e estávamos os quatro na sala de estar quando Joseph entrou na sala: — Temos problemas — ele puxou a cortina e olhou pelo canto da janela da sala a estrada do lado de fora — Tem *alguma coisa* tentando penetrar o campo de magia da casa.

Me virei para fitá-lo quando ele se virou.

— Quem?

— Precisamos começar agora — ele se aproximou dela.

— Não podemos — falei primeiro, atraindo primeira a atenção de Jon e depois a dos outros para mim — Ela não teve tempo o suficiente ainda, não podemos começar até que precisemos começar.

— E se não começarmos agora ela vai ter todo o tempo do mundo lá porque não vamos conseguir trazê-la de volta — engoli em seco quando ele se ajoelhou ao lado dela para sentir seus batimentos muito fracos.

— Ótimo — Cassie pegou o livro e passou os olhos pelas páginas. Começou a chover quando ela o fez, no mesmo segundo, seguido por um vento uivante que parecia que ia carregar o telhado da casa. Cassie foi a primeira a ficar assustada e olhar em volta enquanto Joseph fazia massagem cardíaca

NACIONAIS - ACHERON

em Juliette, o que magicamente começou a trazê-la de volta.

Seu corpo começou lentamente a voltar ao tom pálido normal em um lento processo.

— O que fazemos agora? — falei mais forte do que a chuva e o vento do lado de fora para me fazer ouvir.

— Comece o feitiço, não temos tempo a perder — de pé, Cassie e eu demos as mãos, murmurando as palavras do feitiço junto à Cedrico.

*revertetur sanguis
omnis de corpore exierit
revertatur*

Jon e Elena começaram a conjurar para fortalecerem os feitiços de proteção da mansão, mas seus esforços pareciam tão inúteis quanto os nossos. Joseph levantou a cabeça, interrompendo-nos: — Não está funcionando.

— Tem alguma coisa nos empurrando de volta do outro lado — Cassie falou mais alto quando a chuva se tornou uma tempestade, alta e clara como se caísse sobre nossas cabeças.

NACIONAIS - ACHERON

Recomeçamos o feitiço, falando com mais entonação, sentindo a magia, mas não seu resultado, pois todo o progresso de Joseph e nosso se desfez no segundo em que a porta da sala de estar abriu sozinha, começando a molhar o hall de entrada, e por ela, meu avô, ameaça sombria que permeava meus dias de medo como uma lenda urbana, entrou pela porta, completamente seco, de terno e um sorriso impecável.

— Alguém chamou o curandeiro? — ninguém o respondeu de imediato. A resposta veio somente de Elena, que intensificava seus esforços afim de derrubá-lo, mas ele nem parecia se abalar. Pelo contrario.

Malcolm estalou os dedos e ela e Jon caíram, seguidos pelo meu pai quando ele gesticulou em sua direção: — Estamos ficando sem tempo.

— Não pare — soltei a mão dela, largando o livro, e ela voltou a entoar o feitiço enquanto eu me aproximava de Malcolm.

— Você foi o escolhido para me vencer — ergui o braço na direção dele e com um movimento hábil, seus ossos do antebraço quebraram num estalo, fazendo-o cair. Seguido pelo outro braço, mas ele
NACIONAIS - ACHERON

ainda mantinha um sorriso hipócrita no rosto — Você não pode me bater assim, tão fácil. Ele recolocou-se de pé, colocou seu osso no lugar sem dificuldade alguma e fui em sua cabeça, concentrando-me no que fazíamos com vampiros, mas que podia ser letal para humanos que não se curavam facilmente.

Explodi seus vasos e provocando uma hemorragia que o fez cair, aos gritos, com a mão na cabeça.

— Não esperava que você fosse tão forte — ele falou entre dentes com a mão direita no chão, buscando por apoio, mesmo que eu soubesse, por experiência própria, que mal podia ver um palmo a sua frente. Nem eu esperava que fosse ficar tão forte com aquela pedra, mas magia negra tinha esse tipo de reação antes de entorpecê-lo. Gesticulei, tornando a dor ainda mais intensa, hesitando ao me aproximar.

Então parou e escutei os ancestrais falarem na minha cabeça, todos de uma vez só, como murmúrios de lamentação me bombardeando por todos os lados.

— Pare — todos começaram a dizer e tive uma

NACIONAIS - ACHERON

visão embaçada de todos a minha frente, com seus braços estendidos, proporcionando-me uma dor infernal e excruciante em cada célula — Ele está lutando em nossa causa agora, Rafael, assim como você.

— Ele é um monstro — consegui dizer.

— Não, ele tem um propósito semelhante ao nosso — várias vozes falaram ao mesmo tempo e meus joelhos se dobraram involuntariamente; minhas mãos estavam nas têmporas, como se fosse fazer tudo parar. Tanto a dor quanto todas aquelas vozes. Tudo o que eu esperava era que Cedrico e Cassie conseguissem trazer Juliette de volta, pois eu não podia vê-los atrás de mim, tampouco escutar suas vozes para saber se alguma coisa estava dando certo enquanto Malcolm se erguia — Juliette tem uma magia forte demais, mesmo sendo uma vampira. Isso não é natural, ela deveria ter morrido na primeira vez.

— Por que?

— A profecia, Rafael — uma voz falou enquanto as outras continuavam murmurando coisas ininteligíveis, aquela se destacou; feminina e doce — Ela precisa morrer, a profecia não pode se

NACIONAIS - ACHERON

cumprir ou todos cairemos. Toda a sua família, *todos nós* — ela se aproximou, apenas um vulto desfocado e desbotado, colocou a mão na minha cabeça e parei de lutar e resistir.

A escuridão que colore seus olhos^[26]

JULIETTE

Caí de paraquedas no meio da mansão dos Hamilton no mundo prisão com uma dor de cabeça, mas me colocou de pé rapidamente. Friedrich estava parado no caminho até a cozinha com uma caneca de café e o cenho franzido.

— O que está fazendo aqui tão rápido? Achei que uma invocação funcionaria.

— Círculos são frágeis e eu não confio totalmente em você. Temos muito pouco tempo, então pode começar a falar — caminhei até ela, sendo mais prática que o comum. Ele ergueu os ombros e seguimos para a cozinha, sentando-nos.

NACIONAIS - ACHERON

— Vamos aos meus interesses primeiro — olhei no relógio, calculando que tinha perdido cinco minutos, aproximadamente, para atravessar para o outro lado — Meu corpo está em algum lugar de um lago que fica em Šeberák, na República Tcheca. Encontrar a localização é tarefa sua.

— Como foi parar lá?

— Seu pai jogou. Acho que ele queria que nunca pudessem me encontrar para eu passar a eternidade aqui... de qualquer maneira — meus olhos não saíam do relógio — Você deve encontrá-lo e quebrar o feitiço que preserva meu corpo, e o que me prende aqui para só depois queimá-lo, assim como também precisa quebrar o colar de magia negra que está conectado ao mundo prisão para destruí-lo. Isso é importante para que não possam mandar ninguém mais para este lugar — assenti.

— Você tem onze minutos, comece a falar do feitiço para matar Malcolm.

— Bem, você sabe que não pode levar nada daqui para o mundo físico, então precisa decorar o feitiço.

— Se o feitiço estava aqui em 1992, onde ele está em 2014? — ele deu de ombros, levantando-se e esperando que eu o seguisse, o que fiz prontamente.

NACIONAIS - ACHERON

— Não faço a menor ideia. Alguém o levou, por isso você não poderia destruir Malcolm sem a minha ajuda. O feitiço existe aqui em lugar nenhum — ele foi até a prateleira da sala — Você fez o feitiço certo para voltar pra casa?

— Eu espero que sim — olhei no relógio pela última vez e peguei de sua mão o livro fino que ele retirou cuidadosamente da prateleira — Esse feitiço é enorme, não sei se consigo decorá-lo... espera. Tem um jeito de mandar objetos para o mundo real. Quando eu vim para cá, minha bolsa apareceu no quarto de Rafael — ele estava atendo a minhas palavras enquanto uma conclusão se formava na minha cabeça — Significa que alguém a mandou para cá porque não estava aqui em 1992...

— Pode haver um feitiço, mas, sinto muito, eu não o conheço — continuei passando os olhos pelas páginas.

— A resposta está em algum desses livros.

— Não temos tempo para procurar — ele agarrou meu pulso e arregalei os olhos, mas tudo que Friedrich fez foi olhar as horas — Você só tem oito minutos, concentre-se no feitiço que irá destruir Malcolm. Tenho certeza que não vai encontrar o
NACIONAIS - ACHERON

que precisa aqui — tentei me concentrar e gravar tudo, mas era um ritual complexo, cheio que passo a passo e ingredientes, com nomes de ervas que eu não conhecia.

Com quatro minutos restando naquele lugar, fechei o livro.

— Eu não consigo.

— Quem disse que não? Apenas concentre-se — ele abriu o livro em minhas mãos.

— Eu adoraria voltar e saber exatamente o que fazer para derrotar Malcolm, mas acabei de ler o feitiço dez vezes e não saberia repetir o nome de um ingrediente sequer. Acho que toda essa coisa foi em vão — fechei o livro e abaixei o braço — Isso não significa que eu vou desistir, e sim que vou continuar tentando. Os Hohenfels não desistem, sabia?

— Você vai procurar o feitiço, quando conseguir, eu mando o livro para você e você me mata — ele pegou o livro da minha mão e guardou-o cuidadosamente entre os outros, espremido — Espero que os Hamilton sejam tão bons em feitiços quanto você é em manter suas promessas — ele deu um sorriso de lado e fomos para a sala, parados no NACIONALIS - ACHERON

meio dela. Inconscientemente, agarrei sua mão, sentindo um frio na barriga de que aquilo não desse certo.

— Tem um milhão de pessoas com as quais eu preferia estar agora, mas...

— Para com isso, você queria estar com seu namoradinho — sorri e baixeí a cabeça, levemente envergonhada e corada — Eu acredito que ele vai te trazer, talvez espero que acredite nele. Você confia?

Fiz que sim: — Acho que confio nele mais do que em mim mesma — murmurei e ele ficou me olhando enquanto eu olhava no relógio para calcular que faltava somente um minuto.

E ele se passou, arrastado e rápido ao mesmo tempo. Ergui os olhos para Friedrich quando o tempo acabou e eu ainda estava lá.

— Tem alguma coisa muito errada — ele falou muito lentamente e meu queixo caiu. Eu não entendia nada, mas esperava que o pior não tivesse acontecido e tivesse sido apenas um erro *meu* de cronometragem, não deles. Eu poderia viver com aquilo, mas se eles se atrasassem um minuto sequer o feitiço não funcionaria.

NACIONAIS - ACHERON

— É, muito errada — soltei sua mão e me afastei para subir as escadas, curiosa demais para conseguir me conter e ficar parada esperando por algo que talvez não acontecesse. Fui até o quarto de Rafael e parei diante do espelho, pouco antes de Friedrich.

— Você precisa mesmo fazer isso? — ele parecia, pela primeira vez na vida, receoso e assenti ao começar o feitiço que me permitiria ver as coisas acontecerem do outro lado; do lado dos vivos.

Uma névoa cobriu o espelho oval e dei um passo para trás quando a imagem da sala de estar dos Hamilton apareceu no espelho. Primeiro não entendi por que Joseph estava tentando me ressuscitar quando já deveria ter feito. O pânico de ele ter calculado um minuto a menos começou a me invadir e meus lábios entreabriram, sem emitir nenhum som. Rafael estava com o livro, murmurando as palavras do feitiço, embora eu tivesse acabado de concluir, em choque, que era tarde demais. Que eles não conseguiriam me trazer de volta nem com toda a magia do mundo. Respirei devagar e apoiei ambas as mãos nas laterais do

NACIONAIS - ACHERON

espelho, vendo finalmente que meu pai e Elena estavam desacordados no chão, mais distantes, assim como Cassie e Cedrico, que tinham chegado em algum momento entre minha morte e o ponto que eu estava realmente morta, no chão ao lado da mesinha de centro.

“Merda”, Joseph praguejou e afastou-se do meu corpo. De repente eu saí de lá e me vi realmente parada na sala, ao lado de Rafael observando meu corpo. “Ela se foi, não posso trazê-la de volta, Rafael”.

Escutei o som de uma respiração profunda, presa na garganta e me virei quando Cedrico levantou-se do chão com o olhar arregalado e assustado. “O que aconteceu? Malcolm...”.

“Ela se foi”, Rafael anunciou como uma sentença com o olhar por sob o ombro, bem perto de mim, mas sem realmente conseguir me ver. Respirei fundo e fechei os olhos.

“Parece que, afinal, meu plano não era tão bom assim”, olhei para Rafael que quase me olhava. “Tinham mesmo muitas variáveis”, e voltei a atenção para meu corpo e baixeí minha voz para quase nada: “Eu sinto muito por ter quebrado
NACIONAIS - ACHERON

minha promessa”.

Joseph levantou-se e se retirou, tocando o ombro de Cedrico para que o acompanhasse e, de alguma maneira que eu ainda não conseguia entender, ficamos sozinhos e ele ajoelhou-se ao lado do sofá e pegou minha mão fria.

“Você mentiu para mim”, ele falou de maneira amarga, porém sofrida, cheia de dor.

“Eu disse que sinto muito”, falei um pouco mais alto, sentando no sofá ao lado do meu corpo e de frente para ele, que olhava um pouco mais alto, para meu rosto.

“Você disse que sempre voltaria para mim quando se atirou nesse plano maluco e agora eu vou ter que contar ao seu pai que não pude trazê-la de volta, pior que isso... eu não fui capaz de trazê-la de volta”, ele acariciou a parte de cima da minha mão com os lábios encostando os lábios nela. Seus olhos verdes estavam brilhando com as lágrimas que ele não derramava.

“Eu voltaria para você agora mesmo se eu pudesse, Rafael, sem nem pensar eu vou sempre escolher você. Mas não estou nessa posição agora”, fiquei de pé afastando as lágrimas.

NACIONAIS - ACHERON

“Eu deveria ter podido matá-lo...”, dei um sorriso fraco sabendo que nenhum de nós podia, e debrucei-me para depositar um beijo em sua bochecha, deixando-o atordoado, sem saber o que o tinha atingido, virando-se repentinamente.

“Adeus, Rafael”.

Caí com força, com um baque surdo contra o piso de madeira, no quarto de Rafael, de frente para o espelho e Friedrich abaixou ao meu lado.

— Você está bem? — ele perguntou preocupado e demorei algum tempo para responder.

— Eu preciso falar com Rafael — levantei-me e balancei a cabeça, abrindo um monte de gavetas até achar papel e caneta.

— Vai... *escrever* para ele? — ele perguntou descrente.

— É, eu vou. Eu não sei como mandar nada para o outro lado, mas posso fazer com que *isso* chegue até ele — sentei-me na escrivaninha e comecei a escrever rapidamente, sem pensar muito.

— Tudo bem — ele ficou olhando pelo espelho as imagens que se seguiram — Ele vai tentar de tudo...

— Eu sei — interrompi-o.

— Assim como eu. Você sabe, as coisas não são como antes, mas não vamos ficar aqui para sempre.

— Não tenho tanta certeza — levantei-me e voltei-me para o feitiço do espelho, retornando à sala da mansão e tentei deixar o papel lá com um feitiço, que falhou algumas vezes, mas eu consegui na quinta sobre o meu corpo. Rafael não estava mais lá; na verdade, ninguém estava, o que achei estranho, mas eu estava fraca demais para me delongar procurando pelos habitantes da casa, então voltei para o mundo prisão, fechando o espelho e sentando-me na cama de Rafael, respirando fundo.

—Eu ferrei tudo dessa vez. Ferrei tudo muito mal — falei, sentando-me a mesa bem cedo na manhã seguinte — Mas podemos pensar pelo lado bom. Primeiro, seu café é o melhor do mundo e agora podemos fingir que somos amigos de novo. Segundo, eu terei tempo para aprender o feitiço enquanto estiver aqui, só me preocupo com o fato de não existir feitiços para me fazer viver de novo, mas positividade é tudo — falei com aquele toque de humor e ironia. Friedrich colocou as mesmas

NACIONAIS - ACHERON

panquecas, com olhos e boca de chantilly e nariz de cereja, na minha frente, tendo surgido atrás de mim — Obrigada — falei em um tom meio surpreso por ele continuar seus rituais com comida todo dia.

— É o melhor que eu posso fazer por você — ele se serviu de outro prato e se sentou de frente para mim, pegando seus talheres — Sabe, eu tive meio que uma ideia. Se você estivesse realmente morta, Rafael poderia consagrar seu corpo e revivê-la com um feitiço que eu conheço.

— Os ancestrais me odeiam. Eles arrastariam minha alma para a escuridão, ou o que quer que seja — comi um pedaço da panqueca, refletindo sobre aquilo — Nem sei por que eles me odeiam tanto e me querer morta, para começar.

— Eles são bem rancorosos, tem certeza que não fez nada que os desagradasse?

— Assim que eu descobri que era bruxa, já estavam tentando me matar. Eu nem tive tempo de descobrir e eles me mataram de novo. Agora que meus esforços estavam voltados para Malcolm e essa coisa toda, eles interferiram de novo — peguei uma torada e passei geleia nela — Eles estão mancomunados com Malcolm, é tudo que sei.

NACIONAIS - ACHERON

— Então vamos descobrir o que mais estão tramando. Você faz essa coisa do espelho de novo e vemos o que está se passando com as bruxas em Essex.

— É, eu também tenho que te contar isso. Ontem, no sonho, não deu. Quando as bruxas mataram a minha mãe... você não achou que ficaria por isso mesmo, achou? — Friedrich franziu o cenho, esperou pacientemente que eu continuasse — Eu matei todas as bruxas que encontrei na minha frente. Elena me disse que o *coven* ainda está de pé, mas poucas bruxas restaram.

— Uh — ele fez um som de surpresa, encarando-me — Você acabou com eles sozinha? Foi o que eu sempre sonhei. Que bom que alguém honra o nome da família.

— Não tem graça, eu fiz o que precisava fazer. Além disso, eles estavam com Hope; não que eu me importe com ela, mas minha mãe se importava. Eu acabei estragando o feitiço, mas não podia deixá-las fazer aquilo com o coração da minha mãe. Eu coloquei fogo no corpo dela. Mas podemos ir a Essex; terei uma conexão mais forte se estivermos lá.

NACIONAIS - ACHERON

— Claro. Eu vou dar uma lida em algo que acho que pode resolver nossa pequena situação — ele tomou um gole de café e fez o mesmo — Eu te dou duas semanas para tirá-la daqui e mais duas para você resolver seu problema com Malcolm e *me* tirar daqui.

— Fechado. Vou treinar o feitiço, nos vemos no almoço e depois faremos uma visitinha aquele belo cemitério — sorri e terminei de tomar meu café.

RAFAEL

Não tive coragem imediata para ler a carta deixada por Juliette sobre seu corpo, sabe-se lá Deus como, em meu nome. Dobrei-a, meti no bolso e juntei-me aos outros para tirar seu corpo de lá, mais uma vez, e colocar na cripta. Desta vez, não poderíamos colocá-la na nossa por conta do *incidente* com as bruxas na noite anterior. Cedrico e Cassie estavam cuidando dos corpos e tinham colocado tudo na picafe que ninguém nunca usava.

Deixamos o caixão de Juliette na cripta da família de Lauren, a cripta *Claire* e fomos para a mata, Cedrico e eu, com aquele clima estranho depois de

NACIONAIS - ACHERON

tudo o que tinha acontecido, enterrar uma dezena de corpos de bruxas e bruxos mortos. Passamos parte da noite e a madrugada cavando, depois jogamos os corpos e aterrando-os num ritmo até meio deprimente, silencioso. Juliette dominava meus pensamentos e eu sabia que os de Cedrico também.

— Mamãe está escondendo alguma coisa — falei de repente quando terminamos e apoiei o cotovelo na pá, fitando Cedrico, que terminou no mesmo momento que eu — E Juliette sabia. Por isso ela concordou quando Juliette propôs aquele plano insano.

— O que você acha que é? — ergui os ombros.

— Eu não sei, mas quando Juliette falou com ela, eu vi em seus olhos. Juliette disse que mamãe a queria morte *antes* e compactuou com alguém para isso, papai disse que elas estavam discutindo na biblioteca pouco depois que Juliette chegou de Nova York. Preciso descobrir o que é e preciso de você para isso — jogamos as pás e entramos no carro. Cedrico saiu quase que imediatamente.

— Eu sei que nos distanciamos muito no último ano, principalmente por causa da Julies — ele

NACIONAIS - ACHERON

começou a falar e olhou-me rapidamente, prestando atenção a estrada escura e íngreme que saiu daquela floresta —, mas temos que nos unir para trazê-la de volta.

— Eu nunca quis que isso acontecesse, o fato de eu ter estado com ela... eu nunca quis que isso nos afastasse. Você e Cassie são minha família.

— Eu a amo, você sabe. E sei que você também a ama, entretanto, não quero que ela fique entre nós — ele tamborilou os dedos no volante, nervoso, tenso assim como eu.

— Nem eu. Nós deveríamos nos concentrar em trazê-la de volta, depois ela pode fazer a escolha dela, Cedrico...

— Ela já fez a escolha dela — ele sorriu cruelmente para si mesmo — Eu sei, entendi que ela escolheu você. Estou bem com isso, só não quero que isso fique mais entre nós.

— Tudo bem.

— Elena não vai nos entregar de bandeja o que quer que esteja acontecendo.

— E Juliette também estava muito próxima do pai nos últimos tempos, depois que ela voltou os dois não se desgrudaram. E Cassandra tem estado

NACIONAIS - ACHERON

estranha com Juliette desde que Malcolm esteve na cabeça dela.

— Já que não temos nada em mãos, podemos começar pela Cassie.

— O pai é muito... inacessível, vai ser difícil descobrir algo dele, mas a mamãe parece muito instável desde a festa.

— Por que não tentamos contatar Juliette do outro lado? Eu conheço alguém que pode ajudar — nós nos entreolhamos e balancei a cabeça permitindo que caíssemos no mais sepulcral silêncio até estarmos novamente em casa.

Tirei a roupa e deitei-me com a luz do abajur acesa e a carta de Juliette em mãos, ainda hesitante em abri-la, curioso por saber que de alguma maneira ela tinha estado comigo e talvez até escutado o que eu disse a ela.

Querido Rafael,

Gostaria que você soubesse que eu sinto muito por não ter conseguido cumprir minha promessa. Peço que me perdoe por este pequeno atraso cronológico que nossa relação irá sofrer, pois você
NACIONAIS - ACHERON

sabe o quanto eu adoraria estar com você. Friedrich e eu estamos tentando todas as nossas alternativas para que eu finalmente possa voltar para casa, para você. Diga isso ao meu pai, sei o quanto ele está abalado por tudo o que aconteceu; espero que ele encontre algum consolo em Hope.

Eu estou bem, apesar de tudo, Friedrich e eu estamos nos dando da melhor maneira possível e agora não sou mais tão ingênua às traições dele. Quero que saiba também que sempre estarei com você, mesmo que não possa me ver. E isso é tudo, espero que possa confortá-lo até que estejamos juntos de novo.

Com amor, Juliette.

Epílogo

Ela estava dormindo na minha cama.

Nua e de bruços, nas primeiras auras do dia, com o lençol cobrindo sua bunda e suas pernas e seus cabelos espalhados pelo travesseiro. Aproximei-me devagar, fitando seu rosto delicado. Deslizei meus dedos pela extensão de suas costas com delicadeza e beijei aquelas covinhas na base de suas costas e subi, aos beijos, até sua nuca. Juliette gemeu com um sorriso e deitei-me de lado para fitá-la.

“Você está na minha cabeça?”, perguntei assim que aquelas esmeraldas fixaram-se em mim. Ela assentiu timidamente e mordeu o lábio.

“Eu sinto sua falta do outro lado”, ela confessou enquanto seu sorriso se tornava cada vez mais
NACIONAIS - ACHERON

largo, assim como o meu. “O que aconteceu mais cedo? Com Malcolm, quero dizer...”.

“Ele apareceu e estragou o feitiço, nos fez perder tempo...”, foi tudo o que eu disse, pegando sua mão e desviando meu olhar do dela. Juliette puxou o lençol para cobri-la e apoiou-se no cotovelo para me olhar.

“Só isso?”, assenti e ela colocou o cabelo atrás da orelha. “Eu sinto tanto a sua falta, mas não posso sustentar isso por muito tempo. Esse sonho. Mas queria te ver”, Juliette deslizou os dedos pelos meus cabelos, penteando-os para trás.

“Eu também. Estou feliz em vê-la”, segurei sua mão e beijei seus dedos lentamente, mantendo meus olhos nos seus por um longo tempo. “Vou fazer de tudo para tê-la de volta”.

“Você não precisa, eu vou cuidar disso. Estarei de volta antes que você se dê conta de que eu fui a algum lugar”, ela sorriu e inclinou-se ao mesmo tempo em que eu me ergui e nos beijamos longamente; foi quase uma sensação real o toque de seus lábios sob os meus, sua boca se movendo sob a minha.

“Juliette...”, afastei-me com os dedos em sua
 NACIONAIS - ACHERON

nuca, fitando-a enquanto tomava coragem para falar o que eu precisava. “Preciso saber de uma coisa. O que estava acontecendo entre você e minha mãe ontem?”

“Rafael”, percebi que aquele era um assunto doloroso para ela, mas ao menos pude perceber que realmente estava acontecendo alguma coisa entre as duas, “eu não posso dizer ainda. Você vai saber em breve, mas não por mim. Pela sua mãe. Não quero tomar para mim essa responsabilidade”, ela fez uma pausa bem articulada, mordendo o lábio inferior. “Espero que você me entenda”.

“Eu entendo”, eu tentei entender, mas falei por falar só porque tínhamos pouco tempo e eu não queria desperdiçá-lo insistindo, brigando ou discutindo. “Vou falar com Jon amanhã”, mudei de assunto. Ela apenas sorriu e deitou-se novamente ao meu lado e entrelaçou seus dedos aos meus de maneira suave e ficamos ali pelos mais longos minutos da minha vida.

Tentei me recordar de tudo. Do calor da sua proximidade, da sua pele desnuda tocando meu peito e do seu braço sobre meu peito; meu braço
NACIONAIS - ACHERON

estava em torno dela de maneira quase protetora, então adormeci dentro do meu sonho sob aquela proximidade deliciosa e inesquecível.

Assim como eu tinha dito a Juliette, fui a casa de Jon pela manhã, que estava em seu escritório resolvendo coisas do trabalho enquanto tentava fazer Hope dormir. Ele desligou o telefone e colocou-o sobre a mesa: — Posso ajudá-lo com alguma coisa?

— Ahn... pode — entrei em seu escritório enorme — Eu falei com Juliette. Ela pediu para eu me certificar que você soubesse que ela está bem e... fazendo o melhor possível com seu pai.

— Eu estou fazendo minha pesquisa — ele pegou uma folha sobre sua mesa, fina e amarelada, e entregou-me.

— Devemos consagrar Izabel — passei os olhos pela folha. Jon franziu o cenho imediatamente quando terminei de falar.

— Ela não tem um corpo a ser consagrado — ele pegou a folha e pousou-a sobre a mesa, atento a minha explicação.

— Eu sei. Existe uma cerimônia para casos
NACIONAIS - ACHERON

especiais. Levamos as cinzas dela a Essex para os ancestrais. Sei que eles não são nossos melhores amigos nesse momento, talvez nunca tenham estado realmente do nosso lado, mas precisa ser feito. Pela Izabel. Para que ela encontre qualquer tipo de paz que exista do outro lado — falei no tom mais calmo e fúnebre que pude, sem saber se estava falando de maneira apropriada o suficiente quando Izabel tinha morrido há tão pouco tempo; menos de dois dias.

— Eu vou pensar nisso — ele falou seco — Era só isso?

— Na verdade, não. Preciso de um favor.

Tive que ir para o colégio na segunda porque tínhamos provas e trabalhos semestrais para entregarmos, mas minha cabeça estava o tempo inteiro no que Juliette tinha me dito e meu subconsciente repassava um milhão de coisas que Elena poderia estar nos escondendo, mas descartava-as rápido. Cedrico, Cass e eu almoçamos juntos no meu quarto. Cedrico e eu estávamos convictos de que Cassandra sabia alguma coisa e precisávamos arrancar dela a

NACIONAIS - ACHERON

qualquer custo.

— Cass, precisamos conversar — falei e coloquei a bandeja de lado sobre a cama. Ela estava de frente para mim, sentada ao lado de Cedrico na cama de Alex. Eles se entreolharam e ela me olhou, quase que em pânico, esperando-me continuar.

— Sobre o quê? — perguntou tensa.

— Sobre o que Juliette estava escondendo de nós e você sabe o que é. Pode começar a falar — ela abriu a boca para inventar qualquer desculpa e tornou a fechar para reformular suas palavras.

— Não é nada, vocês estão malucos — Cedrico fitou-a com aquela expressão que dizia que ele também podia ser o bad boy da história.

— Você estava estranha quando acordou, assim como ela. O que aconteceu lá? É tudo o que queremos saber — ele pronunciou as últimas palavras lentamente.

— Cedrico, Rafael, vocês sabem o que aconteceu. O feitiço, a falta de controle... que ela foi para NY depois do encontro frustrado com Malcolm por causa do sangue... — ela estava nervosa, porque, claro, não era só o que ela estava dizendo. Seus olhos me diziam que tinha mais, NACIONAIS - ACHERON

muito mais do que ela revelava.

— Não foi com Juliette, não foi a coisa do vampirismo — levantei-me para ficar de frente para ela — Foi sobre vocês duas. Sobre o que era o sonho, para começar?

— Era um... galpão. O Red, mas não era uma boate, só um lugar abandonado. Ele me prendeu pelos pulsos acima do chão e tinham marcas de presas do meu pescoço quando acordei. Ele só... tentou induzi-la a se alimentar de mim — ela falava mais baixo, soando mais emotiva que antes.

— E o que mais?

— Aconteceu alguma coisa, ta? — ela se levantou abruptamente, afastando-se de mim e de Cedrico — *Aconteceu*. Mas eu prometi a Juliette que eu não contaria porque ela salvou a minha vida naquele lugar, então... — ela continuou quase sem fôlego — eu devo isso a ela. Mas não importa o que Malcolm tenha me dito, eu sei a verdade agora e é o que importa. Se ela não contou foi porque nenhum de nós precisava saber; eu também não queria ter escutado nada daquilo para falar a verdade, mas... não insistam porque, a não ser que me torturem, não irão arrancar nada de mim —
NACIONAIS - ACHERON

com isso, ela saiu do quarto de maneira mais que dramática.

— Eu sei quem precisamos procurar — falei durante a última aula para Cedrico, que estava sentado ao meu lado — A mãe da Lauren, ela foi regente durante muito tempo.

— Juliette me disse que Lauren falou com ela. Katherine não sabe de nada — fiquei em silêncio e a voz do professor preencheu nossos pensamentos por um longo momento.

— Eu não sei se confio em Lauren, não completamente. Além disso, não acho que ela vá se incomodar se fizermos uma visita...

— Não podemos *fazer uma visita*. Você sabe que a mãe da Lauren vive em um asilo e não podemos simplesmente chegar e entrar no lugar — dei um meio sorriso de quem já tinha tudo resolvido.

— Eu sei. Mas sei como vamos entrar — peguei o celular e mostrei a ele a pesquisa que tinha feito mais cedo — Minha intimidade com Lauren me ajudou a descobrir onde a mãe dela vive, se chama *Schmerzhaus* — ele franziu o cenho quando pronunciei o nome errado, mas a única pessoa

NACIONAIS - ACHERON

fluente em alemão que eu conhecia estava morta — É alemão e o dono, coincidentemente, é Friedrich von Hohenfels. Como ele está morto, todas as suas propriedades foram para seu filho. Eu falei com Jon e ele adicionou nossos nomes à lista de pessoas autorizadas a visitá-la.

— Inteligente — ele teve de dar o braço a torcer —, mas ainda assim... — ele olhou em volta apenas para garantir e abaixou o tom de voz — Lauren fica lá quase o dia inteiro, e não podemos correr o risco dela nos encontrar lá. Você sabe como Lauren é protetora com a mãe — assenti.

— Eu estava pensando nisso. É aí que minha adorável gêmea entra, convidando-a para um café e uma tarde de compras para distraí-la enquanto fazemos algumas perguntas.

— Ótimo, e quando iremos? — consultei o relógio.

— Em cinco minutos.

O asilo era mesmo assombrado. Enorme, o céu acinzentado acima dele dava-lhe um ar macabro, juntamente aos portões altos de ferro. Parei o carro e uma voz eletrônico pediu que eu me identificasse,

NACIONAIS - ACHERON

liberando nossa entrada: — Não posso imaginar por que Lauren simplesmente largou a mãe nesse lugar — Cedrico falou.

— É o que vamos descobrir.

Respirei fundo e entramos pelas portas largas naquele ambiente deprimente. Assim que passei pela porta, senti-me invadido por todo o tipo de coisa ruim que existia no mundo, sentindo-me instantaneamente mal; muita gente tinha morrido naquele lugar e só estávamos na recepção quando senti a energia ruim dali. Uma mulher de face apática recepcionou-nos detrás de um balcão e falei o nome de Katherine, que ela buscou nossos nomes e entregou-nos adesivos para colocar na camisa com a identificação de visitante.

— Não fale com outros pacientes — ela falou seca e seguimos pelo longo corredor de cor creme até uma sala enorme de recriação com várias mesas espalhadas e pessoas realizando todo o tipo de atividades.

— Quem é ela? — Cedrico murmurou e balancei a cabeça.

— Não faço a menor ideia — falei de volta.

Olhei em volta para todas aquelas pessoas com
NACIONAIS - ACHERON

roupas iguais — camisa de mangas compridas e calça folgada — espalhadas pelas mesas, e, nem Cedrico nem eu, sabíamos quem era a mãe de Lauren. Andamos pela sala, olhando para todos os lados; talvez eu devesse ter calculado melhor antes de me despencar para aquele lugar.

— Eu conheço você — escutei uma voz ao meu lado, de uma mulher de aparentes sessenta anos, cabelos loiros apesar da idade, e olhos castanhos muito claros, e corpo magro e baixo, e notei que ela falava comigo quando se levantou de seu lugar à janela enorme e veio até onde Cedrico e eu estávamos, deslocados, e repetiu: — Eu conheço você. Quero dizer, nunca nos vimos, mas suas fotos...

Instantaneamente imaginei que fosse Katherine porque mais ninguém diria uma coisa daquelas para mim naquele lugar. A pequena mulher ficou diante de mim, analisando-me com o olhar astuto.

— Você é a Katherine?

— É, sou eu. Você parece perdido, está procurando por alguém?

— Sim, por você. Podemos conversar? — ela franziu o cenho e guiou-nos a uma mesa vazia no

NACIONAIS - ACHERON

fim da sala — De onde você acha que me conhece?

— Eu não acho, você é o ex-namorado da minha filha — franzi o cenho, surpreso por Lauren ter falado de mim para a mãe, mas depois refleti e aquilo era algo normal; o que não era normal era trancafiar a própria mãe em um lugar daqueles.

— Ah, Lauren te falou sobre mim... — concluí em um tom mínimo.

— É, ela falou — ela uniu os dedos sobre a mesa e inclinou-se.

— Eu gostaria de falar sobre... Malcolm — ela franziu o cenho e sua expressão mudou um pouquinho para algo mais sombrio — Sobre como você o prendeu no feitiço... até hoje.

— Vocês o perderam? — ela pareceu surpresa — Não acredito que depois de todos os meus esforços *vocês simplesmente o perderam*. Tudo isso é culpa da sua mãe — ela falou um pouco mais alto, então se conteve.

— Por que é culpa da minha mãe?

— Porque ela é a regente agora, Rafael — Katherine soltou o ar em seu peito e balançou a cabeça, em negação.

— Você tem o feitiço que usou para prendê-lo,
NACIONAIS - ACHERON

não tem?

— Até tenho, mas é inútil. É o tipo de feitiço que se usa a cada cem anos, aquele exauriu toda a minha magia e minha magia o manteve preso por todo esse tempo. Lauren me contou que os ancestrais estão do lado dele agora, então eles podem tê-la sugado, anulado... eu não sei. Os ancestrais deveriam ser justos, não compactuar com aquele monstro — meus lábios estavam entreabertos, mas eu não tinha o que dizer diante daquilo, tendo todas as minhas expectativas esmagadas em um segundo.

— Então é isso? — Cedrico se inclinou na direção de Katherine e franzi o cenho diante de seu tom agressivo e acusatório — Você não tem nada? Você foi regente por tanto tempo e não conhece os feitiços necessários para acabar com aquele bruxo maldito?

— Eu não disse que não tinha, eu disse que o feitiço que usei antes não servia mais porque requeria uma quantidade extraordinária de magia, à qual suponho que nenhum de vocês possui. Rafael conhece o feitiço e sabe o que tem de fazer — ela tinha o olhar tão incisivo quanto o de Cedrico e um

NACIONAIS - ACHERON

meio sorriso irônico.

— Qual? O feitiço no qual ele deveria morrer em nome do bem maior? — ele rebateu e fitei-os.

— Bem, eu jamais especifiquei que deveria ser ele a morrer no processo. Porque vocês não elegem um novo regente que não se importe com quem vai viver e quem vai morrer? Se Elena é tão fraca assim ela não deveria ocupar o posto que ocupa — ela era completamente fria em suas palavras e senti-me por fora da conversa, como se não possuísse frieza o suficiente para participar dela, apenas para ser um expectador.

— Você faria com a Lauren?

— Porque acha que eu abri mão do meu posto?

— Eu não sei, me diz você — ela recostou-se na cadeira, fitando-nos de uma visão privilegiada por um longo momento.

— Eu escolhi prender Malcolm ao invés de matá-lo porque simplesmente amava minha filha e precisava tomar uma postura, sendo pressionada por todos os *covens* de Salém, e também pelos ancestrais... — ela se inclinou novamente sobre a mesa — Existe outro feitiço que estava em poder da sua família, mas que desapareceu magicamente

NACIONAIS - ACHERON

há muitos anos. Eu sinto muito, mas não conheço outro.

— Era o feitiço que Juliette estava procurando em 1992 — Cedrico falou.

— Então vocês tem a solução.

— Na verdade, nós a perdemos porque Juliette está presa no mundo prisão. Eu pensei que você talvez tivesse um feitiço...

— Vocês não podem trazer nada de um mundo prisão, mas existe um feitiço que permite que o façam — ela olhou em volta e levantou-se — Eu já volto.

Cedrico e eu nos entreolhamos.

— Isso está ficando muito estranho — ele checkou o celular, assim como eu para ver se tinham chegado mensagens de Cassie, e praguejamos ao mesmo tempo — Não tem sinal aqui — ele voltou a guardar o celular no bolso interno da jaqueta.

— Merda. Precisamos sair logo, Lauren vai vir para cá... — antes que pudéssemos pensar, Katherine voltou com uma folha de papel e lápis, escrevendo alguma coisa; um feitiço.

— Esse é o feitiço para transportarem objetos — e deslizou, não para mim, mas para Cedrico — É
NACIONAIS - ACHERON

tudo o que eu posso fazer.

Depois das respostas rasas de Katherine saímos de lá quase correndo, cantando pneu quase que no meio de uma floresta de caminhos escuros.

— Ela é muito estranha — falei quando o asilo, ou o que quer que aquilo fosse, começou desaparecer lentamente.

— Eu que o diga. Mas nos ajudou, de um jeito ou de outro — ele me olhou, buscando por alguma confirmação e olhei rapidamente para frente quando os faróis iluminaram alguém na frente do carro.

— Cedrico, cuidado! — ele freou de repente e fomos jogados para frente no mesmo segundo em que o carro atingiu o homem num som horrível, jogando-o ao chão.

— Merda. De onde esse homem saiu? — ele tirou o cinto ao mesmo tempo em que eu e saímos do carro para ver o que exatamente tinha acontecido. O homem trajava roupas escuras e estava de bruços, com o rosto virado para o outro lado numa posição que, no escuro, foi impossível ver seu rosto — Ligue para o pai — peguei o celular e Cedrico

NACIONAIS - ACHERON

checou os sinais vitais dele, erguendo-se rapidamente em seguida.

— Pai, precisamos de uma ambulância — falei quando ele atendeu, e levei a mão até a testa com medo de que o tivéssemos matado — Eu não sei bem. Um homem atravessou na frente do carro.

— Onde vocês estão? Estou indo agora. Cass está com vocês?

— Não, só Cedrico e eu. Há um quilômetro do asilo, mais ou menos — ele desligou com a promessa que não demoraria.

— Que merda — Cedrico praguejou novamente, afastando-se do corpo quando o homem começou a se mover.

— Fique calmo — falei quando notei que ele estava meio que começando a surtar com aquilo. O homem se moveu e colocou-se de pé num pulo como se nada o tivesse afetado.

— O que... — Cedrico começou, mas ficou chocado demais quando viu o rosto do homem.

— Jeremy? — falei, concluindo o que ninguém conseguia dizer. Eu só conhecia meu tio através de fotografias, mas era ele; inegavelmente, era ele.

— O que diabos é isso? — ele ergueu o braço,
NACIONAIS - ACHERON

antes que pudesse se explicar, para cobrir o rosto dos faróis que se aproximaram, assim como nós. Inicialmente pensei ser meu pai, mas depois lembrei que ele não teria chegado e o carro parou, alguém saltou dele, desligando seus faróis, e caminhou até nós.

— Alguém vai contar o que está havendo? — Lauren trocou olhares entre Cedrico e eu, demorando-se em Jeremy — E você...

— Eu posso explicar tudo, mas antes... — e virou-se para mim — preciso falar com sua mãe.

Leia um trecho da aguardada
sequência da saga VERFLUCHT:

Apaixonados

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

JOSEPH

A senhora Thorne desceu seu vestido preto da cintura até suas coxas e alisou-o até que estivesse perfeito e olhou para mim pela última vez. Meu olhar era gelado, pousado em seu corpo e ela me olhou ajustando seu cabelo loiro e impecável no espelho, correndo os dedos elegantes para pentear sua franja de lado e retocou o batom vermelho.

— Pare de me analisar desse jeito — ela sorriu e limpou o batom borrado antes de se virar para mim.

— Não estou — sorri e Amanda caminhou debruçando-se sobre mim com as mãos apoiadas nos braços da cadeira giratória do meu escritório no hospital há alguns quilômetros de Salém, mas não longe o bastante para que eu respirasse — Eu vou para Nova York, fui convidado a palestrar, quer vir comigo? — ela sentou no meu colo com um sorriso encantador.

— Você está brincando, não está?

— Não, acho que não vou — ela emitiu um ruído

NACIONAIS - ACHERON

sexual de sua garganta.

— Você e seus problemas. Ainda quero saber como foi se meter com os Hamilton — então se levantou — Preciso ir embora.

Meu celular vibrou sobre minha mesa e peguei-o, suspirando. Amanda pegou a bolsa dela e despediu-se quando atendi Rafael, fechando minha camisa com uma das mãos, escutando-o falar que estava no meio da floresta com Cedrico e tinha atropelado alguém. Soltei o ar no peito e desliguei, pegando o paletó para me encaminhar até lá, mas, no meio do caminho ele me ligou de volta, do celular de Cedrico dessa vez e dizendo que a bateria dele morreu.

— Acho melhor você ir para casa — no mesmo segundo virei ao ver um retorno —, aconteceu... uma coisa. O homem... não morreu, mas precisamos conversar. Elena está em casa?

— Acho que sim, estou indo para lá. Espero que seja importante — joguei o celular no banco do carro e fui para a mansão.

Estava tudo calmo, um silêncio abissal, quando saí do carro e franzi o cenho. Sempre que aquele tipo

NACIONAIS - ACHERON

de coisa acontecia não significava boa coisa. Bati a porta do carro e o carro de Elena aproximou-se e esperei-a parar ao meu lado.

— O que está acontecendo? — ela desceu do carro com uma expressão calma e neutra.

— Eu sei tanto quanto você — ela falou com a voz aveludada, porém desprovida de emoções, e entramos na mansão lado a lado, quase parecendo o tipo de casal perfeito como eu sabia que era como todos nos viam.

Quando abri a porta, eu parei e fitei todos os que estavam na minha sala de estar e simplesmente fiquei parado ali, sem conseguir me mover ao ver Eleri e Freya ao lado de Jeremy. Perguntei-me o que diabos tinha dado nele para aparecer e ainda levar minha filha até ali, além da minha ex, do amor da minha vida. Eleri estava calma, sentada na poltrona e eu a vi de perfil, como um anjo, antes de ela me ver. Meus olhos deslocaram-se para Freya, que agitava o pé com os dedos unidos sobre o joelho, aparentemente nervosa, com seus cabelos loiros, no mesmo tom dos meus, caindo em cascatas sobre seus ombros até alguns centímetros abaixo dele; por ultimo fitei Jeremy com aquela

NACIONAIS - ACHERON

expressão cínica, muito parecido com o filho.

— O que diabos está acontecendo aqui? — perguntei a Rafael, que estava de pé ao lado do sofá.

Cassie estava de costas para mim, ao lado de Cedrico, sentada no sofá de frente para Jeremy e Freya, e se virou para mim, mas Cedrico parecia meio perdido sobre como tudo estava acontecendo. Elena estava chocada ao meu lado, sem conseguir acreditar que estava vendo seu irmão supostamente morto há quase dezoito anos.

— Eu posso explicar tudo — Jeremy se levantou e caminhou na direção de Elena, parando diante dela. Notei que Freya tinha os olhos fixos em mim, ao contrário de Eleri que não me olhou uma vez sequer — Mas primeiro... estou mais que feliz em vê-la, irmãzinha — ele abriu os braços. Elena tinha um junco entre suas sobrancelhas, sem entender nada e Jeremy puxou-a para um abraço diante da sua falta de atitudes e palavras.

— Jeremy, o que você está fazendo aqui? — ele soltou Elena com o olhar me fuzilando e os dois se viraram para mim.

— Você tem muito que explicar — ela

NACIONAIS - ACHERON

finalmente falou, afastando-se dele.

— Eu sei, mas estou aqui porque vocês precisam de ajuda — ele falou me olhando, depois voltou sua atenção para Elena ao seu lado a alguns passos de distância — Para derrotar o pai.

— Jeremy, tudo isso é uma loucura. Você está morto, eu... o incêndio, Amelia e tudo o que aconteceu depois — Elena falou, tentando entender ou organizar aquilo em uma ordem aceitável que coubesse dentro de seu discernimento — O que foi verdade nessa história?

— Bem, a parte do incêndio — ele falou como se fosse óbvio — A mãe de Cedrico realmente está morta. O que aconteceu depois foi uma pequena confusão que eu vou explicar, mas não agora — lancei-lhe um olhar ameaçador que dizia que ele deveria me manter longe daquela história, qualquer que fosse a versão que ele fosse contar.

O que eu mais queria saber era o que Eleri e Freya estavam fazendo lá, embora eu soubesse que ela tinha abrigado Jeremy em sua casa anos atrás quando ele fugiu, aqueles laços já deveriam ter sido quebrados.

— Pai, apenas faça o que tem que fazer —
NACIONAIS - ACHERON

quando Freya falou aquilo meu queixo caiu ainda mais. O que diabos estava acontecendo ali para que Freya, *minha filha* mesmo que ela não tivesse ciência daquilo, chamasse Jeremy de pai. Quis voar em seu pescoço e estrangulá-lo ali mesmo na sala de estar.

— Freya, por favor... — a voz macia de Eleri e o vislumbre do seu rosto terno e seus olhos castanhos, quase verdes, os cabelos loiros claríssimos, quase brancos, e sedosos, me fez parar e recapitular qualquer pensamento assassino que eu tivesse. Freya se levantou, usando calça e blusa pretas de mangas longas, da minha altura, e caminhou elegantemente até nós e ficou entre Elena e Jeremy.

— Estamos aqui para ajudá-los — e olhou para mim — Meu pai disse que vocês precisariam para lutar contra meu avô.

— Então você pratica? — a pergunta era minha, mas quem a fez foi Elena com o olhar intimidador sobre Freya, que pareceu imediatamente ofendida com a pergunta.

— É claro — ela mudou a postura e cruzou os braços na altura do peito — Eu sei que você precisa

NACIONAIS - ACHERON

de uma explicação do meu pai, embora não saiba o que aconteceu no passado de vocês ou por que ele se mudou sem se despedir de vocês, mas... se esse *Malcolm* for tão ruim quanto meu pai diz... nós devemos criar um plano o mais rápido possível.

— Ótimo — Elena caminhou até o meio da sala e cumprimentou Eleri, que se levantou para pegar sua mão — É um prazer conhecer a mulher do meu irmão e espero que essas tragédias ao menos tenham servido para nos aproximar.

— É um prazer conhecê-la também, Elena. Jeremy falava muito de você — e voltou a se sentar quando Elena se voltou para Jeremy. Meus três filhos ainda estavam sentado perplexos, mais Cedrico que os outros e Elena respirou fundo, girando nos saltos quadrados de sua bota de setecentos dólares.

— Jeremy, eu posso esperar todo o tempo do mundo para termos essa conversa, mas tem alguém que não pode — ela estava falando de Cedrico e ninguém se moveu, nem Jeremy, que só respirou lentamente — Você deve muitas explicações a Cedrico.

— Eu sei e eu vou fazer o melhor que eu puder.
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Mantenha contato com a autora através
de suas redes sociais:

 anneholtmuller9.webnode.com

 [instagram.com/ahmullerfc](https://www.instagram.com/ahmullerfc)

 [facebook.com/anneholtmuller](https://www.facebook.com/anneholtmuller)

 [amazon.com/author/anneholtmuller](https://www.amazon.com/author/anneholtmuller)

 skoob.com.br/autor/7924

 [goodreads.com/author/show/15449960.Ane_Holt](https://www.goodreads.com/author/show/15449960.Ane_Holt)

Se gostou do livro, não esqueça
de deixar sua avaliação ♥

Se quiser receber informações e novidades por e-mail, basta assinar a newsletter acessando o site ou enviando um e-mail para anneholtmuller@gmail.com, até mesmo com suas dúvidas e impressões.

Boa leitura!

[1] Referência ao trecho da canção “Blank Space”, Taylor Swift.

[2] Referência ao trecho da canção “My Life”, Lucy Rose.

[3] Referência à canção “Holding On And Letting Go”, Ross Coppermann.

[4] Canção da Taylor Swift.

[5] Referência ao trecho da música “The Power Of Love”, Gabrielle Aplin.

[6] Referência à canção “Holding A Heart”, Girl Named Toby.

[7] Referência à canção “For You”, Lucy Rose.

[8] Referência ao trecho da canção “Between The Bars”, Elliott Smith.

[9] Referência ao trecho da canção “Between The Bars”, Elliott Smith.

[10] Referência ao trecho da canção “Between The Bars”, Elliott Smith, continuação do capítulo anterior.

[11] Referência à canção “Pictures Of You”, The Cure.

[12] Referência à canção “Since You’re gone”, The Pretty Reckless.

[13] Referência ao filme “As I lay dying (2013)”.

[14] Foi originalmente lançada em 1995, parte do álbum “Batman Forever”.

[15] Referência à canção “The Ties That Bind”, Bruce Springsteen.

[16] Referência ao trecho da canção “Beating Heart”, Birdy.

[17] Referência ao trecho da canção “Lone Ranger”, Lucy Rose.

[18] Referência ao trecho da canção “Fade Into You”, Mazzy Star.

[19] Referência ao trecho da canção “Unbroken”, Birdy.

[\[20\]](#) Referência à canção “99 Problems”, Jay Z.

[\[21\]](#) Referência ao livro “Heart-Shaped Box”, de Joe Hill.

[\[22\]](#) Referência à canção “Total Eclipse Of The Heart”, Bonnie Tyler.

[\[23\]](#) Referência à canção “Fade Into You”, Mazzy Star.

[\[24\]](#) Referência ao trecho da canção “Same Mistake”, James Blunt.

[\[25\]](#) Referência ao trecho canção “Fade Into You”, Mazzy Star.

[\[26\]](#) Referência ao trecho canção “Fade Into You”, Mazzy Star.